



ANO 2009

VOL. 197

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS

JANEIRO A JUNHO DE 2009
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2009

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Diretor-Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*

Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*

Diretor dos Anais da ABL: *Eduardo Portella*

Diretor da Revista Brasileira: *João de Scantimburgo*

Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Produção editorial: *Monique Mendes*

Organização dos Anais da ABL: *Monique Mendes e Jane Rodrigues dos Santos*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2525 / Fax.: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no primeiro semestre de 2010)

ISSN 1677-7255

Capa

Victor Burton

Editoração eletrônica

ABL

Revisão

Jane Rodrigues dos Santos

A Academia Brasileira de Letras não se responsabiliza pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

SUMÁRIO

- Sessão do dia 5 de março de 2009.....09
 - Meu amigo Alencar – *Artigo do Acadêmico Antonio Olinto*
 - Homenagem a Villa Lobos – *Palavras do Acadêmico Luiz Paulo Horta*
- Sessão do dia 12 de março de 200925
 - Confisco literário – *Artigo de Affonso Romano de Sant’anna*
- Sessão do dia 19 de março de 200938
 - Vôlp no Senado – *Discurso do Acadêmico Marco Maciel*
 - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – *Discurso do Senador Marconi Perillo*
- Sessão do dia 26 de março de 200955
 - Prêmio ABL de Poesia/2009 – *Parecer da Comissão*
 - Doações – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
 - Alfredo Pujol – *Estudo do Acadêmico Luiz Paulo Horta*
- Sessão do dia 2 de abril de 2009.....68
 - Prêmio José Ermírio de Moraes /2008 – *Parecer da Comissão*
 - Menotti Del Picchia – *Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho*
- Sessão do dia 8 de abril de 2009.....82
 - Felicitações – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
 - Artur Orlando – *Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho*

- Sessão do dia 16 de abril de 2009 95
Mestre Vitalino, trancado vivo – *Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça*
- Sessão do dia 22 de abril de 2009 107
José Veríssimo e a educação feminina – *Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier*
- Sessão do dia 30 de abril de 2009 117
Dr. Alceu: da ‘Persona’ à Pessoa, de Candido Mendes de Almeida –
Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho
- Sessão do dia 07 de maio de 2009 125
Cadeira I, do Quadro dos Sócios Correspondentes – *Parecer da Comissão*
Prêmio Machado de Assis – *Parecer da Comissão*
Prêmio ABL de Cinema – *Parecer da Comissão*
- Sessão do dia 14 de maio de 2009 137
Fernando de Azevedo – *Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho*
Prêmio ABL de História e Ciências Sociais – *Parecer da Comissão*
- Sessão do dia 21 de maio de 2009 155
Análise do volume dos *Discursos Acadêmicos* – *Artigo de Wilson Martins*
Memórias Póstumas – *Artigo de João César de Castro Rocha*
Aurélio de Lyra Tavares – *Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 28 de maio de 2009 176
Discurso do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça
Marcos Vinícios Vilaça – *Palavras do Acadêmico José Sarney*
Marcos Vilaça, Servidor Público – *Palavras do Presidente da República Luís*
Inácio Lula da Silva
Feira do Livro, Lisboa – *Palavras do Acadêmico Carlos Nejar*
Agruras Democráticas – *Entrevista do Acadêmico José Murilo de Carvalho para*
Roberta Jansen
Renascimento de Lygia Fagundes Telles – *Entrevista da Acadêmica Lygia*
Fagundes Telles para Marcia Abos
As horas felizes de Lygia – *Artigo de José Castello*

– Sessão do dia 04 de junho de 2009.....	213
Miguel Couto – <i>Estudo do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho</i>	
– Sessão do dia 10 de junho de 2009.....	225
Cinzas do Espólio, de Ivan Junqueira – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	
José Candido de Carvalho – <i>Estudo do Acadêmico Moacyr Scliar</i>	
– Sessão do dia 18 de junho de 2009.....	235
Trânsito de Laudelino Freire – <i>Estudo do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	
– Sessão do dia 25 de junho de 2009.....	245
Machado de Assis: 170 anos – <i>Discurso do Acadêmico Ivan Junqueira</i>	
Prêmio José Ermírio de Moraes – <i>Discurso Sr. José Pastore</i>	
Um prêmio, um livro, um autor-editor – <i>Discurso do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	
Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – <i>Discurso do Sr. José Mário Pereira</i>	
BOLETINS DE INFORMAÇÃO	274

SESSÃO DO DIA 5 DE MARÇO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domicio Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 18 de dezembro, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos Lêdo Ivo, que aniversariou no dia 18 de fevereiro; Carlos Nejar, que aniversariou no dia 6 de janeiro; Sergio Paulo Rouanet, que aniversariou no dia 23 de fevereiro; e Evanildo Cavalcante Bechara, que aniversariou no dia 26 de fevereiro.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara solicitou um aparte para lembrar que o Presidente Cícero Sandroni também aniversariou no dia 26 de fevereiro, e para este pediu uma salva de palmas.

- Prosseguindo nas comunicações da Diretoria, o Presidente discorreu sobre a reforma do *Petit Trianon*, um trabalho de restauração que deverá durar três meses. São pequenas intervenções, aprovadas pelo Inepc, que vão dar uma nova visão do primeiro andar. Salientou que, quando foi feita a remoção da pintura antiga, descobriu-se que a original incluía um *bleu, blanc, rouge*, que eram as cores do pavilhão francês. Informou que no mês de junho a obra estará pronta para a sessão de comemoração dos 170 anos do nascimento de Machado de Assis e os 112 anos da Casa, a 20 de julho. Entregou aos Acadêmicos uma carta do Acadêmico Celso Lafer informando sobre a sentença que foi proferida na primeira instância da 21.^a Vara Cível de São Paulo, na ação que move contra a Editora Planeta, por danos morais, que tem por objeto o texto do livro de Fernando Morais *O Mago*, no qual, inveridicamente, está dito que interferiu na eleição para a Academia, disputada e vencida por Paulo Coelho, valendo-se do cargo de Ministro das Relações Exteriores, que então ocupava, em favor da candidatura de Helio Jaguaribe. A sentença deu-lhe ganho de causa, reconheceu a responsabilidade da Editora na matéria e arbitrou a indenização de R\$ 50.000,00. Na sua petição inicial, afirmou que a indenização que viesse a receber seria destinada às atividades culturais da Academia Brasileira de Letras. No mesmo bloco de informações, leu um e-mail da Senhora Jacqueline Penjon, Diretora do *Centre de Recherches sur les Pays Lusophones*, que fala sobre a atuação do Acadêmico Antônio Carlos Secchin durante os dois meses em que deu aulas naquela instituição; e, ainda, o artigo de Alessio Brandolini, publicado na *Revista Fili d'Aquilone* sobre o livro *Réquiem*, do Acadêmico Lêdo Ivo. Registrou ainda que o Acadêmico Lêdo Ivo recebeu o Prêmio “*Casa de las Américas*” por este livro. Comunicou que recebeu o livro *Coração Andarilho*, da Acadêmica Nélida Piñon, uma prosa de qualidade insuperável sobre suas viagens pelo mundo afora. Entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia uma tradução do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, feita por Nicolás Extremera Tapia, catedrático da Universidade de Granada, na Espanha. Este livro foi patrocinado pela Fundação Alexandre Gusmão, que solicitou apoio à Academia Brasileira de Letras para indicar um tradutor de qualidade. Informou o lançamento do Tomo IV dos *Discursos Acadêmicos*, continuação da publicação de todos os discursos acadêmicos. Este tomo tem início com o discurso de posse de Austregésilo de Athayde,

recebido por Múcio Leão, e termina com o discurso de posse de Marques Rebelo e a resposta de Aurélio Buarque de Holanda. Registrou que a Diretoria preparou as bases do ano cultural e programou dois ciclos sobre Euclides da Cunha. Este trabalho teve uma cooperação inestimável dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e José Murilo de Carvalho. Também trabalharam com a Diretoria os Acadêmicos Ivan Junqueira, Nelson Pereira dos Santos, Alberto da Costa e Silva e Murilo Melo Filho, que colaboraram com a elaboração do que se pretende fazer este ano.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que também o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco trabalhou na elaboração dos ciclos em homenagem a Euclides da Cunha.
- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se o Prêmio Euclides da Cunha foi aprovado em Plenário.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que o Prêmio Euclides da Cunha foi aprovado em Plenário.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que a Petrobras irá recebê-lo para conversar sobre o patrocínio dos “Ciclos de Conferências”. Registrou o intenso trabalho do Setor de Lexicografia, liderado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, para a elaboração da 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, já adaptado a todas as novas regras do Acordo Ortográfico. O lançamento será no dia 19 de março, na Academia Brasileira de Letras. Pediu uma salva de palmas ao Acadêmico Evanildo Bechara pelo belo trabalho feito com o *VOLP*. Registrou que o Senador Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras, fará uma visita à Academia, no próximo dia 12, para conversar sobre um programa conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia Mineira de Letras em comemoração aos cem anos desta instituição.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça registrou que saiu, em Portugal, o número mil do *Jornal de Letras*. Salientou que este jornal nasceu em março de 1981 e tem uma longevidade, uma periodicidade e uma abrangência muito significativa, pois defende a língua e abre espaço para os novos. Não é um

jornal exclusivamente de letras literárias, já que inclui sessões de cinema, artes plásticas, educação, música e cultivava a questão dos ilustradores. Lembrou que a Acadêmica Nélide Piñon disse que a alma deste jornal é José Carlos Vasconcelos, que tem inatacável temperamento moral, cívico e cultural. Um homem que sustentou a qualidade do *Jornal de Letras*, cuja abrangência, em toda a comunidade dos países de língua portuguesa, o tornou um jornal único. Considera que o jornal prestigia a ABL, com noticiário farto de suas atividades e com a abertura de suas páginas para muitos Acadêmicos. Pediu que o Presidente desse ciência ao Senhor José Carlos Vasconcelos de que a ABL muito se louva em aplaudir quem trabalha tão bem. Fez uma bela exposição sobre o centenário de Dom Helder Câmara, destacando a presença desse religioso no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Ressaltou que os padres têm uma face muito forte na história religiosa e política de Pernambuco, onde Dom Helder marcou presença. Lembrou o Padre Vieira, Frei Caneca, Padre Roma, Frei Jaboaão, Frei Damião e tantos outros. Finalizando, disse que se um dia tivesse que se tirar um pedaço de um Estado para representar Dom Quixote, este Estado seria Pernambuco, porque não faltam magreza, sonho e loucura, e Dom Helder, como cearense, foi um padre magro, um tanto louco e bastante sonhador.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida contou à Academia que o Primeiro-Ministro da Noruega lhe confidenciou que o único brasileiro que poderia ter recebido o Prêmio Nobel da Paz teria sido o Dom Helder Câmara, o que só não aconteceu por uma intervenção do governo militar, que ameaçou cortar as relações diplomáticas com a Noruega se isso viesse a ocorrer. Comunicou que o Instituto Histórico já está providenciando uma homenagem a Dom Helder, e a Academia não poderá deixar de fazê-la.
- O Presidente informou que já faz parte da programação do ano de 2009 uma mesa-redonda sobre Dom Helder, faltando apenas marcar a data.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que o grande poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, num dos seus mais belos textos dramáticos, *O Auto do Frade*, fala sobre a vida de Frei Caneca e sua tragédia.

- O Acadêmico Lêdo Ivo ressaltou que a exposição do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça só é comparável ao ensaio de Carlos de Laet, *Um Frade Estrangeiro*, que era uma das páginas mais apreciadas por Gilberto Freyre.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que teve notícia de José Carlos Vasconcelos por volta de 1962, quando ele ainda era estudante em Coimbra. Era conhecido como um extraordinário declamador de poesia, um dos mais destacados membros do teatro estudantil de Coimbra e uma pessoa estimada por seus colegas, por sua cultura e seu talento. Conheceu-o pessoalmente em 1985, quando se descobriram primos, já que também é Vasconcelos, e por primos se tratam até hoje. Seu parentesco fictício é um dos motivos que o fez acrescentar algumas palavras ao que disse o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, e testemunhar a presença constante de José Carlos Vasconcelos, quer no *Jornal de Letras*, quer na *Revista Visão*, que também dirige, em favor das relações entre Brasil e Portugal e, sobretudo, em favor da língua portuguesa, da permanência e da expansão do nosso idioma. É um trabalho excepcional, constante, que não deixou de lhe trazer algumas amarguras e alguns sofrimentos, como no caso da polêmica ocorrida em Portugal sobre o Acordo Ortográfico, na qual José Carlos Vasconcelos se destacou como um dos maiores defensores da necessidade da unificação ortográfica. Disse tratar-se de uma pessoa que tem sua maior admiração e carinho.
- O Acadêmico Carlos Nejar salientou que o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça tocou, no início de sua fala, em algo importante. Lembrou as ocasiões em que esteve em Portugal e recebeu hospitalidade fraterna de José Carlos Vasconcelos. Falou sobre os artigos que publica no seu *Jornal de Letras*, que é um jornal da língua portuguesa. Quanto ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça ter puxado para Pernambuco o direito de Dom Quixote, como gaúcho tem que puxar para sua terra. Carlos Drummond de Andrade disse certa vez: “este país, o Rio Grande, território de batalhas, de grandes lutas, território de verdadeiros ‘Dons Quixotes’, que foram os farrapos”. Acrescentou que divide a bandeira, mas não a entrega sozinha.
- O Acadêmico Moacyr Scliar lembrou que em Porto Alegre existe um bairro chamado Moinho de Ventos.

- A Acadêmica Nélida Piñon expressou sua profunda admiração por José Carlos Vasconcelos, segundo ela um ser totalmente empenhado pelas letras, tanto do Brasil como de Portugal, e salientou também a admiração e afeto que tem por sua esposa, Maria José.
- O Presidente Cícero Sandroni congratulou-se com a exposição feita pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e com os apartes que foram dados. Congratulou-se também com as palavras sobre o *Jornal de Letras*, José Carlos Vasconcelos e sua esposa Maria José. Sabe de todo trabalho cultural que José Carlos Vasconcelos vem realizando no correr dos anos em favor do estreitamento das relações culturais entre Portugal e Brasil. Em relação a Dom Helder Câmara, não poderia deixar de dizer todo o seu apreço e comoção ao lembrar o Padre Helder e o Padre Távora, que, antes de chegarem ao bispado, organizaram o “Congresso Internacional de 1952”. Lembrar Dom Helder não só pelo seu lado social e político, mas também por seu lado piedoso, por sua devoção e por sua entrega aos sacramentos.
- A Acadêmica Ana Maria Machado registrou a extraordinária exposição de Vik Muniz no Museu de Arte Moderna. Um artista que está abrindo novos diálogos da contemporaneidade e que a população do Rio de Janeiro está descobrindo. Comentou ainda o informe publicitário da *Revista Veja* do dia 11 de março, em que fala sobre uma ação coletiva, alegando que a *Google* violou os direitos de autores, editores e outros detentores de direitos autorais, digitalizando livros e encartes, e exibindo parte do material sem permissão. O Tribunal determinará se aprovará o acordo em uma audiência pública no dia 11 de junho de 2009, às 13h. Trouxe o texto para ser distribuído aos Acadêmicos e sugeriu que a Academia indique alguém especializado no assunto para preparar um parecer jurídico, num prazo de até o começo de abril, para que se tenha tempo de discutir o assunto.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que poderá indicar o Dr. Gustavo Martins de Almeida, advogado especialista em direitos autorais, que já colaborou com a ABL na gestão do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, para cuidar da questão.

- O Presidente Cícero Sandroni achou muito oportuna a informação que a Acadêmica Ana Maria Machado trouxe. Salientou que, por esse acordo, a *Google* passa a ter direito sobre todas as obras publicadas em todo mundo.
- A Acadêmica Ana Maria Machado ressaltou a importância do assunto, porque neste momento as autoridades brasileiras estão num processo de confundir direito autoral, quebra de patente e propriedade intelectual.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Rito Pagão*, de Rosalina Coelho Lisboa, editado pela Companhia Monteiro Lobato em 1921 e que recebeu, em 1922, Prêmio da Academia Brasileira de Letras. Um oferecimento extremamente simpático do Embaixador Pio Corrêa. Declarou ter lido o livro com bastante emoção e sugeriu que o Presidente agradeça ao Embaixador essa gentileza.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe disse que, ao se iniciar o novo ano ativo da ABL, seria oportuno lembrar recomendações procedentes do ano passado no sentido de que as sessões não sejam puramente burocráticas, mas que, em cada sessão, seja designado um Acadêmico para fazer uma pequena exposição acadêmica.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou a tradição de cultuar a memória dos antecessores, que são as Efemérides. Quanto à sugestão do Acadêmico Helio Jaguaribe, perguntou que tipo de assunto o Acadêmico sugere: literário, histórico, sociológico etc. Vai conversar com a Diretoria para encontrar uma forma de atender à sugestão do Acadêmico e, ao mesmo tempo, manter a tradição das Efemérides e as comunicações da Diretoria e dos Acadêmicos.
- O Acadêmico Antônio Carlos Secchin passou ao Centro de Memória da Academia dois documentos preciosos, que foram doados por bibliófilos. O primeiro, uma carta de Barbosa Lima Sobrinho, de 1936, em que ele escreve a outro Acadêmico postulando sua candidatura. Uma carta muito elegante em que comunica a sua inscrição para a vaga de Félix Pacheco. O outro é a única imagem existente da famosa “moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, que mais tarde se casaria com ele. Salientou a importância do marco histórico desse romance, que, do ponto de vista cronológico da nossa

ficção, foi publicado em 1844, antecedendo Alencar e Manuel Antônio de Almeida.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antônio Carlos Secchin pelas doações ao Centro de Memória.
- O Acadêmico Antônio Olinto entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Gli Atti del Comune di Milano - Fino all'anno MCCXVI*, doado pelo escritor Vittorio Romanelli. Um livro que tem o relato completo da cidade de Milão. Entregou a obra com muito prazer, porque nela está representada uma grande parte da civilização latina.
- O Acadêmico Moacyr Scliar registrou a viagem a Roma, em companhia da Acadêmica Ana Maria Machado e dos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Ivan Junqueira, onde participaram do “Colóquio Machado de Assis e Guimarães Rosa: um século de história”, organizado pela Embaixada do Brasil na Itália e pela Academia Brasileira de Letras, em homenagem a Machado de Assis e Guimarães Rosa.
- O Acadêmico Marco Maciel comunicou que o Projeto do Ano Joaquim Nabuco em 2010, proposto por ele e já aprovado no Senado Federal, encontra-se na Câmara dos Deputados, onde tem como relator o Deputado Luiz Couto (PR-PB), e espera que se realize ainda no primeiro semestre. Considera isso importante porque dará tempo para preparar os eventos em todo país para celebrar o centenário da morte de Joaquim Nabuco.
- O Presidente disse que o assunto do Ano Joaquim Nabuco vem sendo tratado na Academia desde a gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, quando foi nomeada uma Comissão composta pelos Acadêmicos Eduardo Portella (Presidente), Evanildo Bechara, Affonso Arinos de Mello Franco, Marco Maciel e José Murilo de Carvalho. A Diretoria resolveu, por unanimidade, integrar a essa Comissão o nome do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Declarou que a Diretoria espera que essa Comissão trabalhe em 2009 para que a Casa possa celebrar em 2010 o centenário da morte deste grande brasileiro que foi Joaquim Nabuco.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho solicitou a inscrição nos *Anais da ABL* do artigo do Acadêmico Antonio Olinto, publicado no *Jornal do Brasil*, no dia 1.º de março, sobre a recuperação da saúde do Vice-Presidente José Alencar. Comunicou ainda que, durante o recesso, a Biblioteca Rodolfo Garcia recebeu uma importante doação para o seu acervo. A Senhora Yvonne Montello, viúva do saudoso Acadêmico Josué Montello, doou 351 volumes da Coleção *La Pléiade*, todos encadernados e em excelente estado de conservação. Entre estes estão livros de Flaubert, Gide, Bernanos Claudel, Anatole France, Goethe, Baudelaire, Molière, Mauriac, Montaigne e Verlaine. Informou que D. Yvonne Montello sofreu um acidente em casa e vai submeter-se a uma cirurgia na próxima semana, razão pela qual não pôde ainda assinar um termo de doação, o que fará na primeira oportunidade, mas já lhe escreveu uma carta agradecendo este presente enviado em nome de seu marido.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e comunicou que a Diretoria fará uma visita à Sra. Yvonne Montello para agradecer, também em nome da Presidência, esta preciosa doação que fez à Academia.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta informou que, nesta data, está sendo comemorado o Dia Nacional da Música, que coincide com o aniversário de nascimento de Heitor Villa-Lobos. Lembrou também que neste ano se celebram os 50 anos de falecimento do nosso maior compositor, o que significa que o Brasil está num Ano Villa-Lobos, assim como o ano passado foi o Ano Machado de Assis. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com a Academia e com o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que hoje trouxe a esta Casa um som novo. Declarou que a Academia tem muitas vozes, todas dignas de serem ouvidas, mas hoje se ouviu a voz da música.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Luiz Paulo Horta por ter lembrado Villa-Lobos no Dia da Música. Lembrou que a Academia está preparando para novembro um ciclo de conferências sobre Villa-Lobos. Assinalou que o Acadêmico Luiz Paulo Horta citou o musicólogo Luiz Heitor nas suas palavras sobre Villa-Lobos e lamentou que as notícias que se têm sobre a

grande biblioteca desse musicólogo, instalada em Paris, são de que ela está inteiramente abandonada.

- A Acadêmica Nélide Piñon sugeriu que se fizesse um esforço para encontrar alguém que pudesse comprar esta biblioteca.
- O Presidente disse que acompanha esse assunto porque seu filho trabalhou com Luiz Heitor e não há nenhuma instituição no Brasil que tenha interesse em adquiri-la.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta disse que vai falar com o seu amigo Manuel Corrêa do Lago, também musicólogo, para tentar salvar essa preciosidade.
- O Presidente anunciou que pedirá ao Secretário-Geral para fazer a leitura de sua indicação para as Comissões dos Prêmios Literários da ABL de 2009. Declarou que, pelo Regimento Interno da ABL, estas comissões devem ser anunciadas na última sessão de março, mas, por uma sugestão da Acadêmica Ana Maria Machado, será feita esta pequena antecipação. Passou a palavra ao Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira.
- O Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, disse que considera muito oportuna a proposta da Acadêmica Ana Maria Machado, pois as Comissões seriam nomeadas no fim do ano anterior e os julgadores teriam mais tempo de conviver com as obras passíveis de premiação. Para isso teria que se alterar o Regimento, e no ano passado não se fez nada nesse sentido, assim a Diretoria resolveu antecipar a constituição das Comissões:

I. PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

Eduardo Portella

João de Scantimburgo

Tarcísio Padilha

Hélio Jaguaribe

Domício Proença Filho

2. PRÊMIO ABL – Ficção, Romance, Teatro e Conto;

Lygia Fagundes Telles
João Ubaldo Ribeiro
Ana Maria Machado

3. PRÊMIO ABL – Poesia

Lêdo Ivo
Ivan Junqueira
Antonio Carlos Secchin

4. PRÊMIO ABL – Literatura Infantojuvenil;

Arnaldo Niskier
Antonio Olinto
Murilo Melo Filho

5. PRÊMIO ABL – Tradução;

Carlos Nejar
Sábato Magaldi
Evanildo Cavalcante Bechara

6. PRÊMIO ABL – Ensaio;

Evaristo de Moraes Filho
Cândido Mendes de Almeida
Sergio Paulo Rouanet

7. PRÊMIO ABL – História e Ciências Sociais;

Alberto Venancio Filho
José Murilo de Carvalho
Celso Lafer

8. PRÊMIO ABL – Cinema;

Carlos Heitor Cony

Nelson Pereira dos Santos

Luiz Paulo Horta

9. PRÊMIO MACHADO DE ASSIS – Conjunto de obra:

Marcos Vinícius Vilaça

Nélida Piñon

Lêdo Ivo

Alberto da Costa e Silva

Moacyr Scliar

- O Presidente lembrou que o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes é uma láurea que vem do ano passado. Solicitou aos integrantes da comissão que indiquem o nome do premiado para que a Academia possa entregar o prêmio no dia 21 de junho, data do aniversário de Machado de Assis; os outros prêmios seriam entregues no dia 20 de julho, aniversário da Academia Brasileira de Letras. Agradecendo a atenção de todos, declarou encerrada a sessão.

MEU AMIGO ALENCAR

*Antonio Olinto**

O tempo, dizia Antonio Vieira, “tudo cura, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba”.

Sabemos, no entanto, que a memória vence o tempo. Como nos ensinou Proust, a memória é o antitempo, o remédio para as fissuras do tempo, e só na memória palpita uma possível imortalidade. Parafraseando Michelet, podemos dizer que memória é ressurreição. E acrescento que um país sem memória está morto e não sabe.

Pois há quarenta anos, o Ministro Magalhães Pinto, então titular do Ministério de Relações Exteriores (Itamaraty) me convidou para ser adido cultural do Brasil em Londres. Eu acabara de escrever meu romance africano *A Casa da Água*, que a Block Editores queria lançar no ano seguinte, 1970. Combinei que, nas minhas primeiras férias, viria para o lançamento. Antes de viajar, porém, telefonou-me Ozanan Coelho, então deputado federal e mais tarde Governador de Minas, que fora meu colega no Colégio Brasileiro de Dona Sinhá, em Ubá, para me dizer que um empresário local desejava oferecer-me um jantar de despedida na minha terra natal.

Disse-me quem era. José Alencar, dono de uma fábrica de camisas e dos mais ativos membros da indústria ubaense. Deu-me detalhes. Alencar fora o décimo segundo filho de uma família de quinze, de que apenas os três primeiros fizeram

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, do dia 1.º de março de 2009.

cursos completos, formando-se em Direito. Os outros haviam feito o primário e o secundário. Completou que Alencar fazia questão de me oferecer esse jantar de despedida e que levasse comigo quem eu quisesse do Rio de Janeiro. Resolvi que, além de mim e de Zora, iria meu padrinho de casamento, o escritor José Condé. De Belo Horizonte foi Vivalde Moreira, presidente da Academia Mineira de Letras e de Ubá compareceram escritores e professores da terra que mais tarde fundariam a Academia Ubaense de Letras. O jantar foi um sucesso, com notícias em jornais de Ubá e de Belo Horizonte, e Alencar me presenteou com perto de dez camisas de sua fábrica.

Creio que cinco anos depois, recebi em Londres a visita de Alencar. Perguntei: “Como vai a fábrica de camisas?” Resposta: “Fábrica de camisas? Agora eu tenho várias fábricas de tecidos, em Belo Horizonte, em São Paulo e no Nordeste. Vim a Londres porque desejo comprar máquinas na Escócia. Como não domino o inglês, gostaria que você me indicasse alguém da Embaixada para, como intérprete, me ajudar na Escócia.” Foi assim que a funcionária Regina o acompanhou. Na volta, perguntei: “Tudo bem?” Resposta: “A máquina que imaginei não existe, mas eles dizem que podem seguir a minha ideia e fazê-la. Paguei a metade do custo, e dentro de alguns meses a máquina estará no Brasil”.

Anos depois, vim ao Brasil em férias e fui visitá-lo em Belo Horizonte onde Alencar já tinha um prédio de doze andares e resolvera ser candidato ao Senado. Foi eleito e quando Lula precisou de um Vice mineiro, foi a Belo Horizonte convidá-lo.

No centenário do nascimento de Ary Barroso, em 2003, fui escolhido para Presidente da Comissão dos festejos da comemoração à data e resolvi escrever um livro, *Ary Barroso, História de uma Paixão*. Fui a José Alencar e pedi que aceitasse escrever o prefácio de meu livro, o que ele fez, e muito bem.

Agora, na sua luta contra uma doença mortal, estamos todos acompanhando seu modo de agir, com sua presença permanente nos problemas do país, dando-nos um raro exemplo de vida e de força moral. Muito obrigado, meu querido Alencar.

HOMENAGEM A VILLA-LOBOS

*Palavras do Acadêmico Luiz Paulo Horta**

Está sendo comemorado hoje o Dia Nacional da Música, que coincide com o aniversário de nascimento de Heitor Villa-Lobos. Este ano, também registramos os 50 anos de falecimento do nosso maior compositor, o que significa que estamos num Ano Villa-Lobos, assim como o ano passado foi o Ano Machado de Assis.

Para o povo da música, são datas muito significativas. Um musicólogo como Luiz Heitor Correa de Azevedo considera que Villa-Lobos é quase o inventor da música brasileira de concerto, em que pese o trabalho muito valioso de precursores como um Alberto Nepomuceno ou como o próprio Nazareth, que pertence a geração anterior à Villa-Lobos. Em Villa-Lobos, a gente tem a impressão de uma coisa plenamente realizada, do que os franceses chamam de *réussite*. E é interessante comparar esse esforço de Villa-Lobos com o dos outros modernistas que, com ele, participaram da Semana de Arte Moderna. Em termos de literatura, a Semana ainda transmite um certo ar de experimentação, de procura – o que é tão nítido na produção de um Mário de Andrade. Mas o Villa da Semana já tinha encontrado o que ele queria. Vale a pena analisar, por exemplo, os dois cadernos pianísticos que se chamam “A prole do Bebê”. O primeiro deles é de 1918, e traz a marca muito forte do impressionismo de Debussy, por baixo do qual a gente percebe algo como o nosso magma original fazendo força para vir à tona. Mas a segunda “A prole do Bebê”, que é de 1921,

* Proferidas na sessão do dia 5 de março de 2009.

não precisa de comparação: é Villa-Lobos por inteiro – e numa de suas partes, “O Boizinho de Chumbo”, eu sinto uma espécie de premonição de Piazzolla. Villa de corpo inteiro.

Eu não quero me alongar nessas considerações. Eu apenas diria que um dos temas que me parece mais fascinante, no estudo de Villa-Lobos, é o contrapon-to entre a tradição e a inovação. Villa-Lobos gostava de dizer que não admitia influência – ele dizia: “quando eu sinto uma influência, eu me sacudo todo”. Ele tinha esse lado vulcânico. E, no entanto, é só examinar um pouquinho esse grande fenômeno, e lá estão as influências. Por exemplo, a de Bach, assumido, na série das Bachianas, a do folclore, que traz com ela todo o nosso mistério brasileiro.

E aqui eu me permitiria um paralelo com Beethoven. Este também era um artista vulcânico, uma personalidade da força de um Michelangelo. Entretanto, ele acabou por canalizar toda aquela energia para as formas clássicas que vinham de Haydn e de Mozart. É verdade que ele transformou profundamente essas formas, alargou-lhes os limites. Mas eu sempre achei que esse esforço do gigante que quer caber numa forma é o que explica o dinamismo irresistível dessas grandes obras: a de Beethoven, a de um Villa-Lobos.

SESSÃO DO DIA 12 DE MARÇO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 5 de março, que foi aprovada. Declarou que a sessão desta data conta com a presença do Acadêmico Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras, que fará uma comunicação sobre o centenário daquela Casa. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos Carlos Heitor Cony, que aniversaria no próximo sábado, dia 14, e para o Pe. Fernando Bastos de Ávila, que aniversaria no dia 17 de março, cumprindo o seu nonagésimo primeiro ano de vida. Invertendo um pouco a ordem da sessão, deu a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para falar sobre o advogado Antonio Fernando Bulhões de Carvalho.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs à Casa uma manifestação de pesar pelo falecimento de Antonio Fernando Bulhões Carvalho, seu amigo há mais de cinquenta anos e companheiro de escritório de convivência diária durante quarenta anos. Declarou que poderia falar sobre o grande advogado, escritor, bibliófilo, homem ligado às letras, mas considera oportuno registrar uma página da Academia onde ele teve participação muito importante. Lembrou que o Presidente Austregésilo de Athayde, com o seu costumeiro zelo, queria doar à Academia um patrimônio que garantisse a solidez financeira da Casa, e, por muitos anos, teve uma luta inglória, primeiramente no governo de Juscelino Kubitschek, que fez uma doação à Academia do prédio do antigo Tribunal de Recursos. Essa doação, entretanto, foi revogada no governo Jânio Quadros. No governo Castelo Branco, a doação foi feita com várias restrições, o que impediria a construção do prédio. O Presidente Médici enviou uma mensagem ao Congresso, que foi aprovada, e ele sancionou a lei, doando o terreno sem nenhuma restrição. Para construir este edifício havia um problema difícil. Bulhões Carvalho era grande amigo de Marques Rebelo e este o indicou ao Presidente para encontrar a fórmula de construção do prédio. O Dr. Bulhões Carvalho foi várias vezes à Europa, às suas expensas, tentar um empréstimo em bancos europeus, mas eram exigidas condições que a Academia não podia atender. Finalmente, o Presidente Geisel autorizou o empréstimo da Caixa Econômica em condições favoráveis. Era um problema complexo, e precisava de um esquema jurídico e financeiro adequado; obtido o empréstimo, fazer o prédio dentro das condições do empréstimo que permitisse a sua amortização, dando à Academia recursos favoráveis. Dr. Bulhões, que era um grande advogado de empresas, com experiências em negócios, organizou o projeto para que o prédio se erguesse e a Academia tivesse as condições de tranquilidade financeira, com as quais o Presidente Austregésilo de Athayde tanto sonhava. Recordou a enorme gratidão que o Dr. Austregésilo tinha pelo Dr. Bulhões de Carvalho. Lembrou ainda que este recebeu, na gestão do Presidente Arnaldo Niskier, a Medalha João Ribeiro e, em 2004, na sua condição de escritor, o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, por seu livro *Diário da Cidade Amada*. Todos se perguntam por que Bulhões Carvalho nunca quis ser membro da Academia. O próprio Acadêmico Alberto Venancio Filho sugeriu várias vezes que se candidatas-

se. Na vaga do Acadêmico Deolindo Couto, o Acadêmico Josué Montello enviou-lhe uma carta insistindo para que o fizesse, mas ele alegou motivos de ordem pessoal. Acredita que, após a construção do prédio, tivesse escúpulo de ser eleito para a Academia, o que poderia insinuar recompensa pelo trabalho que fez durante muitos anos. Na verdade, ele recusou-se a receber um único centavo desta Casa. Está certo de que Bulhões Carvalho merece todo o apreço da Academia. Não quis ser acadêmico, mas pertence à memória desta Casa.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, associando-se às palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho, lembrou que foi o Dr. Bulhões de Carvalho que organizou juridicamente o Instituto Antonio Houaiss, e com isso permitiu a publicação integral, depois de uma longa e complicada tramitação, do dicionário que leva o nome desse saudoso confrade.
- O Presidente disse ter sido com grande emoção que ouviu o Acadêmico Alberto Venancio Filho, porque, como genro de Athayde, acompanhou todo o trabalho que o Dr. Bulhões de Carvalho realizou e tudo que Athayde falava dessa figura exemplar, não só do advogado exemplar, mas também do humanista, bibliófilo e grande escritor, tanto assim que recebeu o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes por aquela belíssima tríade sobre o Rio de Janeiro, depois de ter escrito um livro de contos e um romance de grande valor. Acrescentou que o Dr. Bulhões de Carvalho será permanentemente lembrado nesta Casa como um homem de grande valor. Agradeceu muito as palavras dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e Affonso Arinos de Mello Franco sobre esse homem em surdina, porque realizou tudo sem estardalhaço e sem aparecer. Mesmo como escritor assinava Antonio Bulhões, para fazer a diferença entre o advogado e o escritor, mas com uma presença constante na vida cultural do Rio de Janeiro e do Brasil. Fica registrado em Ata a lembrança deste homem que falece aos 84 anos e deixa uma lacuna enorme, não só como grande advogado que foi, mas também como grande amigo da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse ter conhecido rapidamente Bulhões de Carvalho e impressionou-lhe a profundidade, a seriedade, a maneira de ser da

sua personalidade e o seu humanismo. Ofereceu-lhe seu livro de ficção *Quatro Estações*, um livro admirável de estilista de um escritor de primeira água. Declarou que queria também manifestar a sua homenagem.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Carlos Nejar. Saudou o Presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, que aqui se encontra para dar uma palavra sobre o Centenário da Academia Mineira de Letras, fundada em Juiz de Fora, e também sobre a série de conferências e atos que serão realizados em 2009 para celebrar esta data. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Badaró.
- O Acadêmico Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras, expressou a honra que lhe cabe de estar hoje nesta Casa, ao lado de pessoas tão importantes da vida cultural brasileira, citando um verso do poeta e Acadêmico Lêdo Ivo. Disse que a sua palavra é breve, pois terá que voltar a tempo de assistir à missa em que se celebra os 70 anos de sacerdócio do Cardeal Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Serafim Fernandes de Araújo, que foi o primeiro cardeal mineiro. Disse que o motivo que o trouxera hoje a esta Casa foi convidar a todos os acadêmicos para a celebração do centenário de fundação da Academia Mineira de Letras, ocorrida em Juiz do Fora, onde serão iniciados os eventos. Durante o correr de todo o ano de 2009 serão realizadas solenidades que marcarão esse acontecimento. Declarou conhecer bem a história desta instituição e a da Academia Mineira de Letras, que tiveram em seus quadros figuras como Oscar Dias Corrêa, Afonso Arinos de Melo Franco, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Augusto de Lima, que foi presidente de honra, bisavô do Dr. Aristóteles Drummond, presente a esta sessão, o Presidente Afonso Pena, e Bernardo Guimaraens, que é o patrono da Cadeira 15. Disse que a ideia é fazer um ciclo de conferências com os Acadêmicos mineiros que são Afonso Arinos de Mello Franco, José Murilo de Carvalho, Antonio Olinto, Ivo Pitanguy e Sábado Magaldi. E, posteriormente, se faria em Belo Horizonte, com a presença dos membros da Academia Brasileira de Letras, um outro ciclo de conferências dessa mesma estatura intelectual. Sobre o assunto falou com o Acadêmico Murilo Melo Filho, que conviveu com alguns políticos mineiros, membros da Academia Mineira de Letras, como Juscelino, Tancredo, Pedro Aleixo, Milton Campos, Capanema e Paulo

Pinheiro Chagas. Afirmou que a presença da ABL traria um realce muito grande às comemorações do centenário da Academia Mineira de Letras e daria ao Brasil um exemplo de integração cultural muito importante, pois esse ciclo de conferências exaltaria os mineiros, e, de certa forma, a própria ABL. Esta é a sugestão, revestida de um apelo, que veio trazer à Academia. Disse que seria uma honra poder assistir à comemoração do centenário da Academia Mineira de Letras no plenário da Academia Brasileira de Letras. Declarou-se muito honrado e grato pela deferência do Presidente Cícero Sandroni por dar-lhe acento nesta mesa. Finalizando, convidou a todos para estarem no próximo dia 20, em Juiz de Fora para o início das solenidades comemorativas do centenário de fundação da Academia Mineira de Letras.

- O Presidente Cícero Sandroni disse ao Acadêmico Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras, que a sua presença no plenário da Academia foi motivo de honra e que sua ideia de reunir as duas Academias, para dar um relevo especial a essa data tão importante, terá o apoio de todo o plenário. Para elaborar o programa dessa comemoração, indicou uma comissão composta dos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho e Domício Proença Filho. Disse que a Academia Brasileira de Letras preza muito esse intercâmbio, que foi muito enfatizado pelo Presidente Marcos Vilaça com as Academias irmãs. A Academia Mineira está sempre num lugar muito especial para a ABL, pelo grande número de acadêmicos mineiros que aqui estiveram e os que no momento se encontram. Lamenta apenas que não mais esteja aqui Oscar Dias Corrêa, que realmente faz grande falta e teria muita alegria com a presença de V. Ex^a nesta Casa e também pelo que representa a Academia Mineira de Letras. Designada esta Comissão, acredita que teremos um ano muito rico, nessa troca de ideias e de estudos de um eixo importante da cultura brasileira, naturalmente sem deixar de passar por Pernambuco e pelo Rio Grande do Sul. Agradeceu a presença do Presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, e do jornalista Aristóteles Drummond, bisneto do Acadêmico Augusto de Lima. Declarou suspensão a sessão e pediu que a Comissão conduzisse os ilustres visitantes até a saída da Academia.

- O Presidente, reiniciando a sessão, informou que o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* será lançado oficialmente no dia 19, às 17h30, no Saguão do Centro Cultural da Academia. No dia 18, às 17 horas, em companhia do Acadêmico Evanildo Bechara, será recebido no Palácio do Planalto pelo Ministro Luiz Dulci, os Ministros da Educação, da Cultura e das Relações Exteriores. Disse que o Ministro Luiz Dulci sugeriu que se fizesse um lançamento oficial do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* no Palácio do Planalto, com a presença não só dele, representando o Presidente da República, mas também dos outros três ministros já citados. Comunicou que a Diretoria estava interessada em fazer o lançamento do *VOLP* também em Portugal, e, nas tratativas feitas pela Diretoria, a primeira correspondência foi dirigida ao Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Prof. Eng. E. R. de Arantes e Oliveira, que enviou ao Presidente da ABL a carta que está sendo distribuída aos Senhores Acadêmicos. Ficou marcado, assim, o lançamento em Portugal para o dia 14 de abril na Academia das Ciências de Lisboa. Informou também que, a propósito do assunto trazido aqui na sessão passada pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre Direitos Autorais, a Diretoria, por sugestão do Acadêmico Alberto Venancio Filho, enviou ao Dr. Gustavo Martins de Almeida uma carta e o Informe, publicado na *Revista Vêja*, e também enviará o artigo do poeta Affonso Romano de Sant’Anna sobre o assunto, pois acredita ser importante que o Dr. Gustavo também tome conhecimento desse artigo. Lembrou ao plenário que, na última sessão dessa Academia, em 18 de dezembro de 2008, foi declarada vaga a Cadeira I do Quadro de Sócios Correspondentes, com o falecimento de Antonio Alçada Batista. Como a Academia entrou imediatamente em recesso, o prazo para apresentação de candidaturas recomeçou no dia 5 de março, data do reinício das sessões plenárias desta Casa, e se estenderá até o dia 5 de abril. Informou já foi ter sido indicado um candidato, mas até 5 de abril estão abertas as inscrições. Passou a palavra ao Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez uma nota de pé de página ao que disse o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça sobre padres e bispos pernambucanos. Faz isso porque este ano se completam os 140 anos da morte do General Abreu e Lima, um grande patriota e escritor, que escreveu dois ou

três textos de História do Brasil. Filho do Padre Roma, participou da Revolta de 1817, em Pernambuco. Foi a esses padres revoltosos que o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça se referiu nesta Casa. Com 22 anos foi forçado, na Bahia, a presenciar, em 1817, o fuzilamento de seu pai. A partir daí foi para os Estados Unidos, onde se autoexilou, com a ajuda da Maçonaria e associou-se, na Venezuela, a Simón Bolívar. Era um militar brasileiro que estudou na Academia Militar do Rio de Janeiro e transformou-se no chefe do Estado-Maior do Exército de Bolívar. Com a morte de Bolívar e o fracasso de todas as suas tentativas, voltou ao Brasil, não sem antes passar pelos Estados Unidos e pela Europa, onde esteve com D. Pedro I, que já havia renunciado ao trono brasileiro. Volta ao Rio de Janeiro em 1832, e, para surpresa de muitos, transforma-se num Caramuru, tornando-se partidário daqueles que queriam a restauração de D. Pedro I ao trono brasileiro. Posteriormente, participou de todo movimento da Regência, da Revolta de 48, em Pernambuco, e faleceu em 1869. Lembrou que o General Abreu e Lima escreveu alguns textos importantes, inclusive sobre a língua portuguesa: *Bosquejo Histórico, Político e Literário do Brasil*, de 1835, onde argumentava a não existência de uma literatura propriamente brasileira, o que provocou um grande debate na época; em 1843 escreveu um *Compêndio de História do Brasil*, um dos primeiros a serem feitos após a Independência e *Sinopse ou Dedução Cronológica dos Fatos mais Notáveis da História do Brasil*, em 1846, a primeira coleção de efemérides que se conhece da História do Brasil; escreveu também *O Socialismo*, um livro surpreendente, 1867. O General Abreu e Lima entrou em polêmicas com católicos a propósito de vários assuntos, sobretudo o problema das bíblias falsas, o que levou, depois de sua morte, o Bispo de Pernambuco, Francisco Cardoso Aires, a proibir que ele fosse enterrado em cemitério católico, sendo sepultado no Cemitério dos Ingleses, em Pernambuco. Ressaltou que Abreu e Lima absorveu da luta ao lado de Simón Bolívar o ideal de manter unida a América espanhola, pelo menos a América do Sul. Chegando ao Brasil, já tendo conversado com D. Pedro I, na Europa, percebeu que foi D. Pedro I que realizou o sonho de Bolívar mantendo unida a ex-colônia portuguesa. Nesse sentido, disse que ele era um monarquista instrumental, não pela monarquia em si, mas pelo fato de que foi a monarquia e a figura de D. Pedro I que permitiram a manutenção dessa unidade. A seu ver, essa paixão

pela unidade nacional em Pernambucano é excepcional, e é isso que torna Abreu e Lima uma grande pessoa, porque mantinha a sua pernambucanidade. Finalizando, achou extraordinário quando, revendo aquela sinopse que ele escreveu de dedução cronológica, leu o tópico sobre a revolta de 1817, em que viu o pai ser fuzilado. Acha um exemplo notável de contenção britânica de sentimentos, porque ele relata os episódios e coloca, em nota de pé de página, os que foram fuzilados, inclusive o nome do seu pai, algo que só se encontra em ingleses. Em outra circunstância, ele escreveu muito emocionalmente sobre a morte do pai, porém neste livro fez isso com enorme reserva.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva ressaltou que a figura do General Abreu e Lima avulta ainda mais quando contrastada com seu companheiro, que também assistiu ao fuzilamento do pai, Domingo José Martins, filho do revolucionário de 1817, do mesmo nome. Domingo José Martins Filho jamais aceitou o governo de D. Pedro I e a Regência. Tornou-se republicano e exilou-se do Brasil na África, onde se transformou num dos maiores traficantes de escravos que a humanidade conheceu.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça vinculou a Academia Brasileira de Letras à figura do General Abreu e Lima, chamado em sua terra de General das massas. Lembrou que o Acadêmico Luis Viana Filho, em visita oficial na qual acompanhou o Presidente da República a Caracas, viu que no *Panteon* dos Próceres da Pátria, no Palácio do Governo e na galeria dos próceres, onde deveria estar o retrato de Abreu e Lima, havia apenas a placa com seu nome. Luiz Viana tomou a si a tarefa de mandar o retrato a óleo do General Abreu e Lima. Pediu ao pintor pernambucano Baltasar da Câmara e o retrato foi entronizado no Palácio Presidencial Mira Flores.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco recordou que foi dado o nome do General Abreu e Lima ao Centro de Estudos Brasileiros em Caracas, que é estreitamente ligado à Embaixada do Brasil.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que a figura do General Abreu e Lima é interessantíssima, especialmente pela leitura do livro *O Socialismo*, que foi reeditado pela Paz e Terra, com uma visão bastante avançada em relação

aos socialistas utópicos. Perguntou ao Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre a participação do General na Revolução Praieira.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que esse é um ponto polêmico na historiografia. O General Abreu e Lima foi preso, posteriormente condenado e defendido por Nabuco de Araújo, pai de Joaquim Nabuco, sendo depois absolvido. Aparentemente não se envolveu na luta, apenas a apoiou na imprensa. Lembrou que a Revolução Praieira de 1848 não foi uma revolta separatista, como as de 1817 e 1824. Ele se mantinha um liberal dentro da monarquia, desde que não ameaçasse a unidade do país.
- O Presidente Cícero Sandroni propôs ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos que fizesse um filme sobre o General Abreu e Lima.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos aceitou a incumbência, mas somente depois de terminar o filme “D. Pedro II”, baseado no livro do Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe entregou ao Presidente Cícero Sandroni o seu último livro: *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*.
- O Acadêmico Domício Proença Filho leu um trecho do texto de Affonso Romano Sant’Anna, em solidariedade às palavras da Acadêmica Ana Maria Machado, sobre o que está acontecendo em torno dos Direitos Autorais na Internet. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Cícero Sandroni informou aos Acadêmicos que está esperando uma opinião do Advogado Gustavo Martins de Almeida para que este oriente os Acadêmicos nesse sentido. Agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe pelo seu livro *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*. Ressaltou que a Diretoria vai aproveitar as sugestões do Acadêmico sobre o que se pode fazer nas sessões relativamente ao debate de temas voltados para a atualidade e a História do Brasil. Pediu aos Acadêmicos que sugerissem temas para o Seminário “Brasil, brasis”.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que a ideia de se reservar algum tempo nas sessões para a discussão de temas, livros e ideias já havia sido proposta pelo Acadêmico Celso Furtado. Acha que existe certa dificuldade de operacionalização. Sugeriu que cada autor, uma vez lançado o livro, dedicasse, numa sessão de livre escolha, 15 minutos do seu tempo para relatar o seu trabalho, e os acadêmicos que tivessem lido o livro poderiam tomar parte do debate. Acha que seria uma maneira simples e prática de pôr em funcionamento uma ideia tão construtiva.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida discorreu sobre a corpulência do livro do Acadêmico Helio Jaguaribe. Disse que o Acadêmico, de uma maneira extraordinária, jogou implicitamente com a força do silêncio e a curiosidade de todos. Um livro que mostra o látigo da nossa subcultura. Salientou a importância desse livro, que já é a grande fase schilleriana de Helio Jaguaribe. Ressaltou a importância de seu pensamento em toda região portenha e informou que se está criando um Instituto Helio Jaguaribe, em Buenos Aires.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho sugeriu que fossem restabelecidas as efemérides a fim de que, em cada sessão, se relembassem os Acadêmicos, muitos deles esquecidos. A Presidência designaria com antecedência um Acadêmico que faria essa comunicação.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe agradeceu as referências amáveis e generosas do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e mencionou o fato de que a existência do Instituto Helio Jaguaribe em Buenos Aires não tem nada a ver com a importância do autor, apenas com sua velha amizade àquele país.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que, nesse sentido, a Academia tem procurado organizar o seu ano cultural baseado nessas ideias que permeiam a cultura brasileira. Deu ciência ao Plenário de que a ABL vai hospedar, nos meses de agosto e setembro, um curso, organizado por Adauto Novas, sobre mutações do pensamento. A mutação pela qual o mundo todo está passando. A Academia está preparando um seminário, com a participação de especialistas da Europa, com o Instituto Goethe, sobre literatura e música, baseado na obra de Thomas Mann. Informou, ainda, que a Diretoria passou

os dois meses de recesso numa atividade fecunda, no sentido de trazer, não só para o Plenário, discussões de temas literários e atuais, mas, também, para organizar um ano cultural de grande alcance, que terá seu ponto alto nos seminários sobre Euclides da Cunha.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida salientou que é a primeira vez que a ABL sai do cânone das elites e está, de fato, chegando a uma nova geração, ou seja, a socialização da cultura brasileira. Nota-se que nunca existiu antes o grande número de estudantes, universitários e jovens que passaram a frequentar esta Casa.
- O Acadêmico Antônio Carlos Secchin entregou o livro *Réquiem*, do Acadêmico Lêdo Ivo, à Biblioteca Lúcio de Mendonça. Entregou ainda, à Biblioteca Rodolfo Garcia, dois livros do ensaísta e professor universitário José Maurício Gomes de Almeida: *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro*, livro que, quando lançado em sua primeira edição, mereceu um comentário entusiasmado de Alceu Amoroso Lima, publicado no *Jornal do Brasil*, onde saudou esse livro como clássico no tema, e prevendo uma continuação que contemplasse Guimarães Rosa. Isso acaba de materializar-se neste segundo livro chamado *Machado, Rosa & Cia. – Ensaaios sobre Literatura e Cultura*.
- O Acadêmico Lêdo Ivo agradeceu ao Acadêmico Antônio Carlos Secchin e, como Presidente da Comissão do Prêmio de Poesia, designou o Acadêmico Ivan Junqueira como relator.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier designou o Acadêmico Murilo Melo Filho como relator do Prêmio de Literatura Infantojuvenil.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antônio Carlos Secchin a doação dos livros e declarou encerrada a sessão.

CONFISCO LITERÁRIO*

Affonso Romano de Sant'anna

Vocês se lembram, acho que os mais jovens nem sabem disto! Pois já faz quase 20 anos, que no governo Collor houve o traumático confisco do dinheiro que as pessoas tinham na poupança. A ministra Zélia Cardoso e sua equipe alegaram uma série de motivos e, da noite para o dia, o governo bloqueou, meteu a mão no dinheiro que todo mundo tinha guardado. Teve gente que se matou, muita gente faliu e outros postergaram projetos de vida.

Eu não queria, não gostaria de pensar que algo semelhante está acontecendo agora em relação aos direitos autorais dos escritores, mas há uma coisa suspeita e estranha circulando por aí, propondo, em síntese, que todo texto que aparecer na internet passa automaticamente a ser de todo mundo e o autor perde seus direitos sobre ele.

Entendi certo? Ou será que está meio ambíguo e mal escrito o texto que aparece num insólito documento chamado “Carta de São Paulo pelo Acesso aos Bens Culturais?” Tal carta apresenta-se como sendo algo elaborado junto com entidades e pessoas da sociedade civil após o seminário do MINC que foi organizado na USP do Leste.

Que entidades são essas? Que sociedade civil é essa? Quem do MINC? E por que a USP do Leste? O que é isso?

* Texto lido pelo Acadêmico Domício Proença Filho na sessão do dia 12 de março de 2009.

Vejam como a internet é uma arma de dois ou três gumes: como acreditar neste texto, como saber de sua autenticidade ou de quem o elaborou? Dir-se-ia que ele tem um mal de origem e transforma-se no exemplo concreto de algo discutível.

O texto é meio enigmático, tem uma linguagem jurídica característica e um jargão de ONGs falando utopicamente de universalização dos bens culturais. Bonito isto, não é? Acho lindo. Desde que não seja o escritor, a parte menos favorecida no negócio literário, a pagar com seu sacrifício por uma proposta alheia.

O texto me leva a pensar o seguinte: eu e muitos escritores temos textos na internet. A maioria foi parar lá através de leitores bem intencionados. Então, me pergunto: basta que um leitor se apodere de um texto meu e o ponha na internet que, *bye-bye*, ele deixa de ser meu economicamente? E se alguém botar, como já botaram, um livro inteiro meu na internet, terei que ficar economicamente órfão desse texto para sempre?

E há outro problema que agentes literários como a Lucia Riff conhecem muito bem: volta e meia, aparecem textos modificados, adulterados. Como responsabilizar alguém por isto ou como oficializar o uso dessas distorções? E há uma coisa preocupante e pouco definida quanto à permissão da cópia integral privada sem finalidade de lucro. Isto é ambíguo, é uma caixa de pandora. Uma escritora me dizia: que tal decretar que as consultas médicas serão gratuitas para universalizar o tratamento da saúde?

Se aparecesse um texto como esse ameaçando os atores ou o pessoal de cinema, já tinham todos eles corrido a Brasília para protestar.

Pelo fato desta “Carta de São Paulo” ser um texto que já nasceu torto, é de se perguntar: o que a União Brasileira de Escritores tem a dizer sobre isto? O que o PEN Clube tem a dizer sobre isto? O que todas as academias e sobretudo a Academia Brasileira de Letras tem a dizer sobre isto?

SESSÃO DO DIA 19 DE MARÇO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 12 de março de 2009, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Moacyr Scliar, que aniversaria no dia 23 de março. Informou que entregou ontem, dia 18 de março, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* aos poderes da República. Não pôde entregar ao Supremo Tribunal Federal e à Câmara dos Deputados, porque estes dois órgãos não tinham horário disponível para recebê-los. Informou que, no Senado, foram recebidos com um belo discurso pelo Acadêmico Marco Maciel, e a entrega do *VOLP* foi feita durante uma sessão presidida pelo Senador Marconi Perillo, Presidente em Exercício, que também proferiu discurso saudando a Casa de Machado de Assis. No Palácio do Planalto, foram recebidos pelo

Ministro Luis Dulci, e, em seguida, participaram da reunião os Ministros Fernando Haddad, da Educação, Juca Ferreira, da Cultura, e a Ministra Eliana Zugaib, Diretora do Departamento Cultural do Itamaraty, representando o Ministro Celso Amorim. Ressaltou a preocupação do Ministro Luis Dulci com relação à receptividade do *Vocabulário Ortográfico* em Portugal. Razões não só discutidas por ele como também pelo Presidente da República, que demonstrou certo receio de que isso pudesse interferir nas relações com Portugal e com os países lusófonos. Logo a seguir, o Presidente da ABL informou que o diálogo entre Portugal e Brasil tem sido intenso e cordial. O Ministro Fernando Haddad mostrou sua preocupação com um artigo do Acordo Ortográfico que fala da necessidade de se fazer um vocabulário comum. Mais uma vez, o Acadêmico Evanildo Bechara informou ao Ministro que esse artigo diz respeito a um vocabulário técnico-científico, que será outro vocabulário, com nomenclatura unificada em termos científicos. Ressaltou que o Ministro Fernando Haddad está interessado em que duzentas mil escolas recebam o novo vocabulário. O Ministro Juca Ferreira sugeriu a realização de um encontro entre os representantes dos três ministérios do Brasil, os seus correspondentes em Portugal e a Academia Brasileira de Letras, para discutir problemas de lusofonia e aparar algumas arestas que ainda existam. (Por determinação do Presidente, os discursos do Acadêmico Marco Maciel e do Senador Marconi Perillo serão incorporados aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara procurou mostrar aos Ministros que havia certo desentendimento do texto oficial. Em primeiro lugar, corria o boato de que a ABL se tinha apressado em fazer um vocabulário ortográfico, quando o vocabulário comum, que estava previsto no Acordo, não tinha sido publicado. Ressaltou que o artigo do Acordo Ortográfico sobre o vocabulário comum diz respeito à nomenclatura científica e técnica, onde a ABL tinha pouco a fazer, a não ser no aspecto puramente ortográfico dos termos científicos. Um outro problema lançado em discussão é que, segundo opinião corrente em Portugal, este Acordo atendia muito mais ao Brasil do que a Portugal. Acredita que quem diz isso não leu o Acordo, porque as cedências brasileiras foram muito maiores do que a rigor a única cedência

portuguesa. Acrescentou que para um brasileiro é uma agressão deixar de acentuar palavras como **ideia** e **jiboia**, porque esses ditongos, na área lusitana e automaticamente africana, que é o seu reflexo, são proferidos fechados. Lembrou que o saudoso Acadêmico Antonio Houaiss com a sua habilidade e a sua eficiência optou por aceitar essa agressão à nossa pronúncia, e deixou que os portugueses continuassem a usar o acento agudo nas vogais nasais, quando no Brasil se proferem fechadas. É exatamente o mesmo problema de **ideia** e **jiboia**. Salientou que, como desde o Acordo de 1945, em Portugal, esses ditongos não eram acentuados graficamente nos paroxítonos, Antonio Houaiss concordou com essa cedência. Portugal desde 1945 não usava o trema e o homem comum sente falta desse trema, pois cedemos ao Acordo de 1945. Já em 1945, as terceiras pessoas de **crêem**, **lêem**, **dêem**, **vêem**, tinham perdido o acento circunflexo, e o Brasil usava este circunflexo, pois cedemos em deixar de usá-lo. A mesma coisa ocorreu com **vôo**, **enjôo**, **perdôo**. Ressaltou que hoje as escolas brasileiras aceitam que os alunos, que sempre disseram que o “Amazonas *deságua* no Atlântico”, tenham duas possibilidades: **deságua** e **desagoa**. Logo, o Acordo ultrapassou o terreno da ortografia e foi ao terreno da gramática. Finalizando, disse que as cedências brasileiras foram muito mais numerosas e, curiosamente, foram na direção do Acordo de 1945, que é o usado em Portugal. Não há razão para se dizer que a Academia Brasileira de Letras está muito apressada com o *VOLP*, porque ele atende muito mais ao Brasil do que a Portugal. A 5.^a edição do Vocabulário da Academia resulta de uma sequência de edições. Esgotada a edição de 2004, a ABL começou a se preparar para a edição de 2009, quando se deu o movimento político no sentido de que, tanto em Portugal como no Brasil, este acordo fosse adotado. Diante da premência de uma nova edição do *Vocabulário Ortográfico*, a ABL fez um levantamento exato das palavras contidas no *VOLP*, que são 381.128. O triplo do que existe no *Dicionário Aurélio* e quase o dobro do que existe no *Dicionário Houaiss*. Talvez seja a mais completa relação de vocábulos da língua comum, onde existem 379.619 palavras da língua portuguesa e 1.509 estrangeirismos. Não houve açodamento e a ABL cumpriu o seu dever que, desde o Governo de Getúlio Vargas, tinha como órgão oficial para tratar de problemas ortográficos.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Evanildo Bechara e informou que entregou dois *Vocabulários* ao Ministro Luis Dulci, para que sejam entregues ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha ressaltou que o início desta sessão foi um marco na trilha histórico-cultural da ABL. Salientou que a Comissão de Lexicografia e Lexicologia, cujos trabalhos vem sendo brilhantemente conduzidos pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, e a Diretoria, presidida pelo Acadêmico Cícero Sandroni, merecem um voto de louvor do Plenário. Lembrou que a Casa já vinha realizando e fazendo cumprir o dispositivo estatutário com relação à língua portuguesa, quando, na gestão do Acadêmico Arnaldo Niskier, publicou a primeira edição, depois vieram outras, com os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Ivan Junqueira e Marcos Vinícios Vilaça, nesse coroamento extraordinário. É um recado da ABL ao país inteiro, porque a Academia, medularmente e essencialmente, se volta para a sua língua dentro da compreensão de que esta é um processo dinâmico.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha em seu nome e no da Comissão de Lexicologia e Lexicografia, presidida pelo Acadêmico Eduardo Portella e integrada pelos Acadêmicos Alfredo Bosi e Evanildo Bechara, que foi o operador de toda a atividade. Disse que a ABL está cumprindo o seu dever com um sacrifício jubiloso. Acha que esse é um momento muito importante para a Academia porque está cumprindo um decreto da época do Presidente Getúlio Vargas.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha entregou ao Centro de Memória o diploma de posse do Acadêmico Rodolfo Garcia e a nota fiscal do alfaiate que confeccionou o fardão, adquiridos por seu irmão, Senhor Orlando Meireles Padilha, num leilão realizado no distrito de Itaipava, onde reside. Informou que, quando seu irmão disse ao leiloeiro que a intenção era doar à Academia Brasileira de Letras, o leiloeiro não quis receber por achar que a ABL era o lugar certo para este documento.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que irá agradecer ao Senhor Orlando Meireles Padilha e ao leiloeiro Miguel Salles Filho por esta doação que enriquece o patrimônio da Casa. Agradeceu a presença do Senhor Leslie

Bethell, que aqui se encontra para falar sobre o livro *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos*.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida passou à Biblioteca da ABL o livro *La Vie Éternelle – Eloge des incrédules* e leu, no final desta obra, o poema *Valsa Fúnebre para Hermengarda*, do Acadêmico Lêdo Ivo, traduzido por Fernando Savater.
- O Acadêmico Celso Lafer deu conta da missão que lhe conferiu o Presidente Cícero Sandroni de representar a ABL por ocasião da entrega do título de Professor Emérito da Universidade de São Paulo ao Acadêmico Alfredo Bosi, onde também esteve presente a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Discorreu sobre o belíssimo discurso feito pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o seu percurso intelectual, desde as suas leituras de poesia na juventude, passando pela dedicação à literatura italiana, à sua imersão na história da literatura colonial brasileira, o que foi e tem sido o seu trabalho como intelectual, e encerrou esta bela exposição com a sua contínua expressão da dedicação do Acadêmico Alfredo Bosi à obra de Machado de Assis. Finalizando, associou-se às palavras do Acadêmico Candido Mendes sobre a importância do livro *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*, do Acadêmico Helio Jaguaribe, que acaba de ser publicado. Disse tratar-se de um grande panorama das suas inquietações. Lembrou ao Plenário que este ano é o ano do centenário de Norberto Bobbio e Isaiah Berlin. Encaminhou à proposta no sentido de que se faça, no correr do ano, uma mesa-redonda sobre esses dois grandes pensadores, que também eram escritores.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Celso Lafer. Em relação à cerimônia na USP, disse que se desculpou com o Acadêmico Alfredo Bosi por não ter podido comparecer. Quanto ao centenário de Norberto Bobbio e Isaiah Berlin, acha uma excelente ideia e, provavelmente, no começo do segundo semestre se possa fazer uma mesa-redonda para a qual conta com a participação do Acadêmico Celso Lafer.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet associou-se ao que foi dito sobre o magnífico trabalho feito pelo Presidente Cícero Sandroni, o Acadêmico Evanildo Bechara e sua equipe na produção da 5.^a edição do *Vocabulário Or-*

tográfico da Língua Portuguesa. Com relação ao que disse o Acadêmico Celso Lafer sobre a possibilidade de se realizar uma mesa-redonda homenageando Norberto Bobbio e Isaiah Berlin, falou da importância desses dois grandes pensadores. Lembrou que Norberto Bobbio é um dos autores mais importantes do ponto de vista dos Direitos Humanos, e seu último livro publicado em português chama-se *A Era dos Direitos*. Com relação a Isaiah Berlin, um pensador nascido na Rússia que imigrou para a Inglaterra, foi professor e é, de fato, um dos pensadores da maior importância da linha liberal, na mesma linha do liberalismo moderno, avançado e lúcido de Norberto Bobbio.

- O Acadêmico Domício Proença Filho deu ciência do seu desempenho como representante da ABL na Comissão Julgadora do Prêmio da Fundação Conrado Wessel, que foi atribuído, na Área de Cultura, ao Acadêmico Ariano Suassuna.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho por ter representado a Casa no Prêmio Conrado Wessel.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que este livro *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos* (Correspondência 1880-1905), publicado pela Academia em coedição com a Topbooks, do editor José Mário Pereira, foi lançado durante o recesso da Casa e, por esse motivo, não foi possível apresentá-lo antes à Casa. Agradeceu ao Presidente a oportunidade de poder fazê-lo hoje. Apresentou o Prof. Professor Leslie Bethell, coautor, que foi quem iniciou a pesquisa. O Prof. Leslie já é conhecido pessoalmente por vários acadêmicos e outros o conhecem de nome graças ao acordo feito entre a Academia e o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, que ele dirigiu por dez anos. O Prof. Leslie Bethell, além de dirigir aquele Centro, foi também diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Londres, e é professor Emérito dessa Universidade e da Universidade de Oxford. Sua relação com o Brasil data da publicação de sua tese de Doutorado, “*The Abolition of the Brazilian Slave Trade*”, em 1970, cuja primeira tradução portuguesa data de 1976. Trata-se do primeiro trabalho acadêmico sobre o tráfico de escravos para o Brasil. O Prof. Leslie publicou várias outras obras, sendo que uma delas nos interessa particularmente, porque faz um levanta-

tamento da produção de autores britânicos e irlandeses sobre o Brasil. Sua obra principal é a monumental *Cambridge History of Latin America*, em 12 volumes, traduzida para o português, o espanhol e o chinês. O Prof. Bethell foi agraciado com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e é Sócio Estrangeiro da Academia Brasileira de Ciências. Lembrou que o conheceu em 1981 em Londres, quando fazia pós-doutorado na Universidade de Londres. Pediu ao Prof. Leslie Bethell que dissesse algo sobre o livro.

- O Prof. Leslie Bethell disse sentir-se muito honrado ao fazer a apresentação do livro *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos*, organizado por ele e pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, na sessão plenária da Academia Brasileira de Letras. Pensou que a entrega desta obra seria feita durante o Chá e não preparou um texto para ler. Agradeceu, em primeiro lugar, à ABL pelo apoio oferecido a este projeto de publicação da correspondência trocada entre Joaquim Nabuco e os dirigentes da *British and Foreign Anti-Slavery Society*, durante a luta pela abolição da escravidão no Brasil, numa coedição bilíngue com a Editora Topbooks. Informou que uma edição em inglês será lançada, no próximo mês, na Universidade de Londres. Discorreu sobre as origens do livro em 1974, quando iniciou suas pesquisas sobre a abolição da escravatura no Brasil no Arquivo Joaquim Nabuco e na Casa do Embaixador Maurício Nabuco, onde descobriu as cartas do Secretário da *British and Foreign Anti-Slavery Society*, Charles Allen, a Joaquim Nabuco. Parte da correspondência foi publicada num livro de José Tomaz Nabuco, filho de Joaquim Nabuco, pela Fundação Joaquim Nabuco, em 1985. Quando em 2007 o Acadêmico José Murilo de Carvalho passou uma temporada no Centro de Estudos Brasileiros, em Oxford, na Cátedra Machado de Assis, patrocinada pela Academia Brasileira de Letras, decidiram publicar toda a correspondência entre Nabuco e os abolicionistas ingleses em inglês, com tradução em português, com introdução substancial, cronologia, bibliografia e notas para os leitores brasileiros e ingleses. Ao todo são 110 cartas, a grande maioria da década de 1880. Porém, a correspondência entre estes dois grandes amigos, Joaquim Nabuco e Charles Allen, continuou até o falecimento de Allen, em 1904. Nessa oportunidade agradeceu, mais uma vez, o apoio da ABL para o Centro de Estudos Brasileiros e a Cátedra Machado de Assis, projeto que foi

desativado após a sua aposentadoria. A Universidade de Oxford fechou esse Centro sob pressão dos colegas que continuam pensando que o Brasil é parte da América Latina, quando todo mundo sabe que o Brasil não pode ser estudado e entendido no contexto universitário dos estudos latino-americanos. As cartas mostraram como Nabuco, conscientemente, mobilizou a opinião pública internacional, principalmente a britânica, com o apoio da *British and Foreign Anti-Slavery Society*, que foi fundada em 1839, especificamente para promover a abolição da escravidão no mundo, e, ainda, do *Times* de Londres. A estratégia de Nabuco era de risco, porque a classe dominante escravista no Brasil o acusava de falta de patriotismo pela exposição dos males brasileiros aos olhos do mundo. Nabuco priorizava a civilização, a liberdade e os valores universais contra os interesses estreitos, chamados nacionais, dos fazendeiros de café. O livro é uma contribuição, um pouco precoce, para a celebração do centenário da morte, em 2010, de Joaquim Nabuco, político, abolicionista, historiador, biógrafo, ensaísta e diplomata. Lembrou que Nabuco morreu em Washington no dia 17 de janeiro de 1910.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o Prof. Leslie Bethell foi bastante completo na sua apresentação. Assinalou outra contribuição da Academia, que foi a sua estada em Oxford, dentro do convênio desta Casa com o Centro de Estudos Brasileiros, na Cátedra Machado de Assis. Sobre o livro ressaltou apenas dois pontos: o primeiro refere-se à tática usada por Nabuco, que considerou extraordinária, quando, em 1880, sentindo a dificuldade da campanha no Brasil, num movimento, a seu ver, muito astuto, resolveu ampliar a arena do debate, levando-o para o exterior. Londres, na época, era o centro econômico do mundo e já existia a *British and Foreign Anti-Slavery Society*. A aliança entre ele e os membros dessa Sociedade foi profunda e criou-se, a partir daí, a conexão britânica. Esta Sociedade tinha contatos estreitos com o *Times* de Londres, o jornal mais importante na época, e no Brasil, segundo Nabuco, considerado a voz da civilização. Todas as matérias enviadas por Nabuco para a Sociedade eram mandadas para o *Times*, que as publicava, e a imprensa brasileira, principalmente o *Jornal do Commercio*, que, embora não tomasse posição, teve um papel importante, graças a Gusmão Lobo, que encontrava sempre um jeito de colocar essas matérias no jornal.

Outros jornais, como o jornal republicano *O País*, o jornal do Patrocínio, *Cidade do Rio de Janeiro*, começaram também a reproduzi-las, porque a reação contra a abolição crescia muito. A partir de 1880, a imprensa já começava a se movimentar em defesa da abolição. Além disso, o barão de Penedo, que era o Ministro brasileiro em Londres, em cuja casa Nabuco se hospedou várias vezes, mandava, por obrigação de ofício, para o Ministério dos Negócios Estrangeiros no Brasil o que saía no *Times* de Londres. Criou-se, então, uma rede de informações, opiniões e de propaganda da campanha abolicionista, que certamente o Governo brasileiro lia e era influenciado por isso, porque havia uma preocupação muito grande com a imagem externa do país. Quando Nabuco quis falar com o Papa, época em que a Princesa Isabel era Regente, e sabendo que ela era muito católica, pensou que, se o Papa fosse favorável à abolição, a Princesa Isabel imediatamente acataria. Por intermédio dos puritanos da *British and Foreign Anti-Slavery Society* conseguiu uma carta do Cardeal Manning, obtendo, assim, uma entrevista com o Papa. O Governo tentou adiar notícia do documento do Papa, entretanto ela foi logo parar na imprensa e todo o mundo ficou sabendo que a declaração seria favorável à abolição. Nabuco teve grande dificuldade de se defender da acusação de falta de patriotismo. A essa acusação respondeu, revelando seu espírito universal, que essa concepção de nação e de interesse nacional conflitava com o conceito de civilização, patrimônio ocidental que condenava a escravidão. Acrescentou que há muitos outros pontos que podem ser apreciados com a leitura dessas cartas, que, assim como Leslie Bethell, considera um aperitivo às celebrações do centenário de Joaquim Nabuco.

- O Acadêmico Moacyr Seliar cumprimentou o Prof. Leslie Bethell e o Acadêmico José Murilo de Carvalho pelo importantíssimo trabalho apresentado. Disse que viu recentemente em Londres, em muitas vitrines de livrarias, um livro que acaba de sair sobre a posição antiescravagista de Darwin, e indagou se existe alguma conexão com Nabuco.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o medalhão reproduzido na capa do livro foi feito pelo avô de Darwin.

- O Prof. Leslie Bethell considera que a oposição de Darwin à escravidão foi o resultado da sua viagem ao Brasil, quando presenciou cenas de escravidão na América do Sul. Os autores do livro não falam sobre o Brasil, mas evidentemente foi na Bahia que ele assistiu a cenas de extrema crueldade com os escravos.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida reiterou a alegria com que todos ouviram as duas esplêndidas exposições do Prof. Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho, que colocou muito bem a mudança da ribalta, Nabuco na Europa, criando a maior repercussão possível para a sua pregação, mas não foi só na Inglaterra. Referiu-se à pregação de Nabuco na França, que conseguiu mobilizar Victor Hugo, o que teve o efeito de gatilho na aceleração da abolição. Em 1880, o Imperador brasileiro, na Academia Francesa, levantou a mão para cumprimentar Victor Hugo, e este lhe disse: “*Je ne serre pas la main à un empereur negre*”. Este fato criou no próprio Imperador uma sensação de choque, dando origem a uma carta para a Princesa Isabel. Vitor Hugo teve uma influência definitiva no processo de aceleração da abolição, exatamente por essa posição franco-britânica de Nabuco. O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que esta Casa deveria, ao lado de toda a justificação abolicionista, lembrar a defesa do antiabolicionismo, mais brilhante, real e positivo, que é a de José de Alencar.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, a propósito das palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, disse ter saído recentemente a publicação da 2.^a edição do livro *Cartas a Favor da Escravidão*, de José de Alencar, que era contrário à maneira como se estava abolindo a escravidão. Informou que, com o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, na Comissão de Publicações, está pensando em sugerir à Academia a publicação de todas as cartas políticas de José de Alencar.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva informou que assim como foi feito em 2002, na Academia Brasileira de Letras, um colóquio internacional do qual participaram a ABL, a *Fundación Tres Culturas* e a *York University*, do Canadá, intitulado “Comparando as escravidões”, está sendo preparado, pelas três instituições, para 2010, um Seminário sob o título “Comparando as abolições”.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Prof. Leslie Bethell e ao Acadêmico José Murilo de Carvalho por essas esclarecedoras ideias, induzindo todos à leitura de *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos*. Declarou que a Academia se sente muito orgulhosa por ter realizado este convênio com a Universidade de Oxford, que permitiu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho realizar este trabalho, à Acadêmica Ana Maria Machado um livro sobre Jorge Amado e ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet um estudo sobre Machado de Assis. Declarou ter ficado feliz com a citação de Gusmão Lobo, jornalista, colaborador do *Jornal do Commercio*, que escrevia artigos sem assinatura e que Joaquim Nabuco considerava o maior abolicionista na imprensa brasileira. Disse que gostaria de saber mais sobre as pessoas que compunham a *British and Foreign Anti-Slavery Society*. Declarou ter sido esta uma sessão brilhante, prazerosa, como desejava o Acadêmico Helio Jaguaribe. Lembrou que às 17h30 será realizada no Teatro R. Magalhães Jr. uma apresentação da 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, para qual convidou os presentes. Agradecendo a presença de todos, encerrou a sessão.

VOLP NO SENADO

*Acadêmico Marco Maciel**

Exmo. Sr. Presidente desta Sessão, Senador Marconi Perillo, Exmos. Srs. Senadores, Exmas. Sr^{as} Senadoras, Ilustríssimo Sr. Cícero Sandroni, escritor, jornalista e Presidente da Academia Brasileira de Letras, Ilustre Professor Evanildo Cavalcanti Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, cujo trabalho foi muito importante para que pudéssemos estar aqui hoje lançando o *Vocabulário Ortográfico d Língua Portuguesa - VOLP*. Gostaria também de me referir a presença aqui do Dr. Luiz Alves Júnior, da Global Editora, que edita a obra, minhas senhoras e meus senhores;

O idioma é o principal fator de unidade de uma nação. O português, herdado por nós brasileiros, foi e continua cada vez mais enriquecido em sucessivas gerações. Sabemos também que é necessário zelar pelo idioma e cultivá-lo em normas flexíveis, porém rigorosas.

A Academia Brasileira de Letras sempre esteve presente na defesa e renovação da língua portuguesa em geral e especialmente da expressão brasileira. Os *Vocabulários Ortográficos*, pesquisados e publicados pela Academia, são prova disto. Aliás, devo salientar que a 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, significa importante etapa nessa caminhada.

Aqui está, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, o exemplar do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

* Discurso proferido no Senado Federal por ocasião da entrega do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Devo salientar, conforme declarou ontem o Presidente Cícero Sandroni em entrevista à imprensa, e está nos jornais de hoje, que o *Vocabulário*, em suas 976 páginas, traz a grafia de 349.737 palavras, parte delas alterada em razão das regras do acordo. O trabalho foi coordenado pelo filólogo Evanildo Bechara, também integrante da ABL.

Sucessivas modificações ortográficas, Sr. Presidente, foram efetuadas ao longo dos tempos através de Acordos entre Brasil e Portugal. O resultado recente do diálogo a respeito é o atual Acordo Ortográfico, discutido em 1986 pela Academia Brasileira de Letras e em 1990 pela Academia de Ciências de Lisboa.

Antônio Houaiss realizou pesquisas não só entre nós e os portugueses, quanto pela primeira vez na África e no Oriente lusófonos. Devo mencionar que Antônio Houaiss foi também membro da Academia Brasileira e é autor de um dos mais afamados dicionários de nossa Língua.

Cícero Sandroni, Presidente da Academia Brasileira de Letras, disse, com propriedade, que esta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - VOLP* se apresenta aumentada e corrigida com atualizadas soluções das dúvidas sobre o uso das novas normas ortográficas.

Esse resultado foi obtido através de longa e profícua colaboração das citadas academias. Nesse trabalho, muitos se destacaram os então Presidentes da ABL: Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva, Ivan Junqueira, Marcos Vinícios Vilaça e, hoje, Cícero Sandroni, em companhia dos filólogos Antônio Houaiss, a quem já me referi, e Evanildo Cavalcante Bechara, Coordenador da Comissão de Lexicologia e Lexicografia.

Considero importante registrar, nesta minha breve manifestação, que chamando ao seio da instituição o competente filólogo pernambucano, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, foi a Comissão de Lexicografia transformada em Comissão de Lexicologia e Lexicografia, que a esse trabalho se dedicou com muita determinação, em companhia de outros Acadêmicos e especialistas no assunto.

Gostaria de destacar que esse último produto lexicográfico é a 5.^a edição do *VOLP*, que, partindo de uma leitura crítica do texto oficial de 1990, adapta o

rico caudal lexical da obra ao novo Acordo Ortográfico. Com esse trabalho, a Academia Brasileira de Letras traz contribuição relevante ao sonho de unificação ortográfica acalentado por filólogos portugueses e brasileiros.

Depois do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, saído em 1943, esta histórica 5.^a edição do *VOLP* contribui para a elaboração do futuro vocabulário ortográfico comum da Língua Portuguesa, tarefa não só proposta pelos signatários do novo Acordo, mas também sonho dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897, ou seja, os fundadores da Casa de Machado de Assis.

Por fim, Sr. Presidente, gostaria de destacar que esse *Vocabulário Ortográfico* foi editado pela Academia Brasileira de Letras como contribuição que presta à sociedade brasileira, mas por que não dizer a todo o mundo lusófono. Já eram sete países e, agora, agregando o Timor-Leste, são oito nações que integram esse mundo lusófono.

A Academia Brasileira de Letras publica esse *Vocabulário* tendo assumido todo o ônus da produção da referida publicação, o que significa dizer que não recorreu a nenhum tipo de financiamento para esta publicação tão importante ao melhor conhecimento da Língua Portuguesa, prestando grande contribuição ao País, ao seu desenvolvimento educacional e cultural, e também a todos os países de Língua Portuguesa. Assim, o idioma poderá se projetar ainda mais no cenário mundial.

Evanildo Bechara observou que se trata de “contribuição relevante ao sonho de unificação ortográfica acalentado por tantos filólogos portugueses e brasileiros”. Outras importantes publicações prosseguirão com esse objetivo em diversos tipos de dicionários continuadores desse esforço inicial.

A Academia Brasileira de Letras realiza, portanto, mais um excepcional trabalho em prol da lusofonia que nos une no aquém e no além-mar.

Vem de Fernando Pessoa a justa afirmação de que a “Pátria é a língua”, portanto, a lusofonia, dentro e fora do Brasil, significa o nosso primeiro e mais essencial mundo de comunicação e expressão de sentimentos e ideias.

Esta 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* dá mais uma grande contribuição à nossa unidade tanto nacional quanto transnacional em Língua Portuguesa.

Então, Sr. Presidente, Senador Marconi Perillo, ao tempo em que faço este registro, eu gostaria de destacar, mais uma vez, o trabalho que a Academia Brasileira de Letras acaba de realizar e solicitar ao nobre Presidente da Academia, Cícero Sandroni, que faça chegar às mãos do Presidente Marconi Perillo um exemplar do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, para que, assim, a sociedade brasileira possa tomar conhecimento dessa notável contribuição que a ABL dá ao País e aos países lusófonos.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA

*Palavras do Senador Marconi Perillo**

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Senadores,

Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras,

A entrega do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, com as novas regras que emergem da reforma ortográfica, não pode ser vista apenas como um ato simbólico, porque a confecção dessa obra demonstra a preocupação de nossos acadêmicos em oferecer à sociedade resposta ágil e imediata.

Com efeito, todos nós ansiamos por saber como serão aplicadas, de forma prática, as novas regras ortográficas, sobretudo no que tange à acentuação dos hiatos do u precedido de ditongos, como em **baíúca**, e ao emprego do hífen, este, decerto, uma das maiores dificuldades para alunos e professores.

Embora um percentual pequeno do léxico da Língua Portuguesa seja atingido pela reforma, tanto no Brasil quanto em Portugal e nos demais países da

* Proferidas na sessão do dia 19 de março de 2009.

Comunidade de Língua Portuguesa, entendemos que levaremos, ainda, um bom tempo para nos adaptarmos às novas regras.

Por isso, o quanto antes dispusermos do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, melhor para que se abra o debate e se resolva qualquer dúvida sobre o correto emprego do idioma, o que é fundamental não só para o uso do português propriamente dito, mas também para a correção das provas nos diversos concursos públicos.

Recebemos, portanto, com grande apreço e curiosidade das mãos do Presidente da ABL, Cícero Sandroni, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, e esperamos que possamos, em breve, realizar um seminário com a presença da Academia e de todos os segmentos interessados no uso adequado do idioma pátrio, com as novas regras. Muito obrigado!

SESSÃO DO DIA 26 DE MARÇO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Nélide Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 19 de março de 2009, que foi aprovada. Informou ao plenário que, embora se encontre há duas semanas no Pró-Cardíaco, o estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto permanece estável. Informou sobre a presença na Academia do Cônsul-Geral da França no Brasil, Sr. Hugues Goisbault, nessa terça-feira passada para tratar das festividades do Ano da França no Brasil, que terá início no dia 21 de abril e terminará no dia 15 de novembro. Durante esse período a Comissária do Ano França Brasil e a Embaixada da França estarão promovendo uma série de atividades, comprometendo-se a dar ciência a esta Casa, por meio de um programa completo, e convidaram a Academia para participar destas atividades. A Academia informou também que já está preparando uma programação para acompanhar essas celebrações. Em primeiro lugar, no programa do mês de julho, as conferências

serão todas dedicadas às relações da França com a Academia Brasileira de Letras, que posteriormente serão comunicadas aos acadêmicos. No dia 23 de julho, uma quinta-feira, a Academia comemora os II2.º aniversário de sua fundação, com a entrega dos Prêmios da ABL, como se faz habitualmente. Ao mesmo tempo, como já estará pronta a restauração do *Petit Trianon*, a Diretoria resolveu ousar um pouco mais e convidar escritores franceses e membros da Academia Francesa para virem ao Brasil falar das relações do Brasil com a França ou vice-versa. A primeira convidada foi a Secretária Perpétua da Academia Francesa, Mme Hélène Carrère d'Encausse. A Academia tem a promessa, praticamente concretizada, de passagens em classe executiva e acredita que poderá fazer esse aporte ao Ano da França no Brasil. Como a Diretoria está ainda em fase de envio de cartas, pediu aos Acadêmicos sugestões de nomes de escritores, sociólogos e pesquisadores para que se possa trazer um grupo maior. Acredita que, nesse momento em que o *Petit Trianon* fica restaurado em sua beleza original, podemos retribuir como uma gentileza aos franceses, mostrando o presente que a França deu à ABL. Após a reunião com o Cônsul da França, houve um almoço íntimo muito proveitoso. Comunicou que a Academia adquiriu e está oferecendo nesta sessão aos Acadêmicos os livros: *A Democracia Traída*, de Raimundo Faoro, e *Empréstimo de Ouro – Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*, nota inicial de Antonio Candido, organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina Meireles de Oliveira, e ainda o discurso feito pelo Acadêmico Luiz Paulo Horta, ao representar a Academia Brasileira de Letras na sessão que deu início à comemoração do centenário da fundação da Academia Mineira de Letras, em Juiz de Fora. Passou a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira, relator da Comissão do Prêmio ABL de Poesia.

- O Acadêmico Ivan Junqueira leu o parecer do Prêmio ABL de Poesia que este ano indicou o livro *Lampadário*, de Denise Emmer. (O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente submeteu ao plenário o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de Poesia, que aprovou, com aplausos, a concessão da láurea a Denise Emmer.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou a iniciativa do jornal *O Estado de S. Paulo*, que organizou também um Ano Euclídiano e está reproduzindo todos os domingos reportagens sobre Euclides da Cunha. Como é do conhecimento de todos, a ligação de Euclides da Cunha com o jornal *O Estado de S. Paulo* foi muito grande. Logo depois do seu desligamento do Exército, por ato de rebeldia, foi adotado pelo círculo republicano de São Paulo e Júlio Mesquita o convidou para escrever no jornal *Província de São Paulo*. O fato interessante é que ele deu baixa do Exército no dia 4 de novembro e, já no dia 22 daquele mês, estava colaborando no Jornal. Seu reingresso no Exército ocorreu em 1889, mas Euclides continuou colaborador. Quando deixa o Exército em definitivo, em 1905, volta definitivamente ao jornal *O Estado de S. Paulo*. No início da Guerra de Canudos, escreveu artigos muito importantes como “A Nossa Venda” e é contratado por Júlio Mesquita para ser correspondente de guerra em Canudos. Essas reportagens constam do livro *Canudos (Diário de uma Expedição)*. De volta a São Paulo, escreve n’*O Estado de S. Paulo* sobre “Excerto de um Diário Inédito”. Após publicar *Os Sertões* continua colaborador do jornal; e em 1907 publica o artigo “O Brasil no Século XIX”, que foi incluído no livro *A Margem da História*, com o título “Independência e República”. A conferência “Castro Alves e seu tempo” é também publicada no mesmo jornal. Declarou que as reportagens realizadas n’*O Estado de S. Paulo* são muito interessantes e começaram com a ida ao Amazonas de dois repórteres de alto nível daquele jornal para refazerem a expedição ao Purus, da qual Euclides da Cunha era o chefe, e que foi uma epopeia notável. Discorreu sobre as reportagens que estão saindo n’*O Estado de S. Paulo*, que são de alto nível e merecem um registro nesta Casa. Acredita que, se o plenário estiver de acordo, a Diretoria deve manifestar a este jornal o seu júbilo por essa iniciativa.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho por essa lembrança. Disse ter acompanhado o que o jornal *O Estado de S. Paulo* está fazendo para comemorar o centenário da morte de Euclides da Cunha. Considera este um trabalho de primeira ordem e que, provavelmente, será premiado no fim do ano. A Diretoria terá o maior prazer em se mani-

festar, expressando o júbilo desta Casa pela atenção que está sendo dada a Euclides da Cunha, tão prematuramente falecido em 1909.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho comunicou ao plenário, com muita satisfação, que é grande o número de livros e de bibliotecas inteiras que estão sendo doadas às Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia. As mais recentes doações, entre outras, foram: 350 livros da coleção “La Pléiade”, doados por D. Yvonne, viúva do Acadêmico Josué Montello; 975 livros do baiano Júlio Vieira de Sá; 297 livros da Acadêmica Nélide Piñon; 110 livros do Acadêmico Cícero Sandroni, para não falarmos das doações feitas anteriormente, como os 285 livros da “Camiliana”, pelo Acadêmico Deolindo Couto; 276 livros de filologia doados por Antônio Geraldo da Cunha, por sinal atualmente muito úteis na discussão do Acordo Ortográfico; 234 livros, pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva; 136 livros de Stendhal e da *La Pléiade*, doados pelo Acadêmico Alberto Venâncio Filho, além de uma assinatura mensal da *Magazine Littéraire*. Temos ainda doadores históricos, como Marcos Carneiro de Mendonça, Guilherme Guinle, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Willy Levin, Sílvio Neves, Franklin de Oliveira, Henrique Baiana, Frederic Morot, Ary de Andrade, Fernando Nery, Caetano Dias, Agliberto Xavier e os Acadêmicos Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo, Afrânio Peixoto, Celso Vieira e Sérgio Corrêa da Costa. Tem adiado o recebimento de algumas, até que fiquem prontos os trabalhos de acomodação do prédio da ABL na Rua Luís de Camões, uma construção ampla e sólida, com um enorme gabarito, suficiente para armazenar 500 mil livros. (Por determinação do Presidente, o texto na íntegra será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Cícero Sandroni, a propósito das palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho, disse que exatamente hoje esteve no prédio da Rua Luís de Camões, em companhia do Administrador da ABL, de um arquiteto e do museólogo da Casa, examinando as condições deste prédio e as suas possibilidades para abrigar os livros que se encontram guardados numa empresa especializada, à qual a ABL paga um aluguel por este armazenamento. Expôs as providências hoje tomadas e espera que até o fim do ano já possam ser acondicionados todos estes livros. Esclareceu também que, além desse es-

paço, a Academia dispõe de dois prédios na Rua do Rosário, um de quatro andares e outro de cinco andares. O da Rua do Rosário, esquina com Uruguiana, é de acesso muito fácil e, como está vazio, seria ideal para abrigar uma grande biblioteca especializada em lexicografia. Deixa esse assunto à consideração das futuras Diretorias. Considera este prédio uma joia que precisa ser conservada. Esclareceu que todos os livros que se destinam ao depósito da Rua Luís de Camões passarão por uma seleção. Espera, no entanto, que a Coleção de Marcos Carneiro de Mendonça fique fora desta seleção, porque é uma pombalina perfeita. Acredita que seja a maior pombalina que existe no Brasil nos dias de hoje. Prosseguindo, o Presidente doou à Biblioteca Lúcio de Mendonça um número da *Gazeta Judiciária*, comemorando os 100 anos do nascimento de Rui Barbosa. Trata-se de uma peça importante, pois são 100 páginas com textos em corpo seis e fotos, uma verdadeira enciclopédia que a *Gazeta Judiciária* publicou em 1949. Lembrou que, como este ano se comemoram os 160 anos do nascimento de Rui Barbosa, a Academia terá que celebrar esta efeméride.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier congratulou-se com a Academia pela concessão ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, por Decreto do Presidente da República, Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, da Grande Medalha de Ouro do Serviço Público, considerando seus cinquenta anos de ininterruptos e relevantes trabalhos de servidor do governo brasileiro. Declarou ter feito essa comunicação com muita satisfação por considerar merecida a homenagem. A seguir, ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia, em nome do autor, José Antonio Severo, o livro intitulado *General Osório e seu Tempo*. Disse tratar-se de um livro muito bem feito, com mais de 800 páginas, de um excelente jornalista, que foi durante muito tempo editor da *Gazeta Mercantil*, de São Paulo.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier pela doação do livro e pela lembrança de registrar nesta sessão a concessão dessa comenda pelo Governo da República ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva informou que, por decisão do Presidente Cícero Sandroni, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* será também lançado em Lisboa, o que ocorrerá no dia 14 de abril na Academia

das Ciências de Lisboa, cujo Presidente, o Engenheiro Arantes de Oliveira, manifestou o maior interesse que esse lançamento fosse feito conjuntamente por ambas as Academias na capital portuguesa. Informou que, no próximo dia 10 de abril, estarão viajando para Lisboa o Presidente Cícero Sandroni, ele próprio e o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que permanecerão em Lisboa até o dia 15. No dia 14, às 14h30, o Presidente da República, Doutor Cavaco e Silva, vai receber solenemente um exemplar desta obra. Considerou curioso que a Academia, ao solicitar audiência com o Presidente da República portuguesa, estava certa de que iria demorar alguns dias para obter a resposta, mas, para surpresa da Diretoria, ela chegou no dia seguinte. Isso demonstra o interesse do Presidente português pelo assunto. A ABL oferecerá, provavelmente no dia 13, na Embaixada brasileira em Lisboa, um coquetel *buffet* à Academia das Ciências de Lisboa e aos Sócios Correspondentes portugueses da ABL e a algumas altas personalidades da vida cultural portuguesa. Informou ainda que estão preparados para receber manifestações de hostilidade dos inimigos do Acordo, mas está certo de que receberão também muito carinho.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva e ressaltou que, em conversa telefônica hoje pela manhã com o Presidente da Academia das Ciências, Engenheiro Arantes de Oliveira, que não é da Classe de Letras e sim da Ciência, demonstrou todo o seu júbilo pelo fato de o lançamento do *VOLP* ser na sede da Instituição que preside. Complementando, informou que as passagens para esta viagem não custarão nada à Academia, nem a hospedagem, que será paga pela Editora Global. A Academia só arcará com as despesas deste coquetel na Embaixada. Acredita que os amigos em Portugal estão se preparando para dar apoio a esta Casa, mas, se vierem as críticas, tentarão responder. Prosseguindo, o Presidente Cícero Sandroni deu a palavra ao Acadêmico Luiz Paulo Horta.
- No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Luiz Paulo Horta discorreu sobre a vida e a obra de Alfredo Pujol, nascido no Rio de Janeiro em 1865. Radicou-se em São Paulo, onde foi estudar Direito, tornando-se um advogado respeitado. Por conta da qualidade do que escrevia – sobretudo trabalhos forenses – foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1917,

depois de publicar o livro que reunia uma coletânea de sete conferências. Referiu-se e comentou o livro de Pujol, que tem introdução do Acadêmico Alberto Venancio Filho. (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado na íntegra aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Luiz Paulo Horta pela lembrança deste Acadêmico, que viveu tão pouco tempo e que, além de ter sido um grande especialista em Machado de Assis, foi também um republicano. Lembrou que Alfredo Pujol foi advogado da Academia na questão da herança de Francisco Alves, em São Paulo.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho informou que Alfredo Pujol foi realmente o responsável pela transmissão dos imóveis que Francisco Alves tinha em São Paulo para a Academia. Acrescentou, ainda, a informação de que Alfredo Pujol possuía uma Biblioteca notável e que, após a sua morte, foi retalhada. Com o auxílio do Embaixador Macedo Soares, esses volumes deram origem à Livraria José Olympio, em São Paulo.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho por mais esta informação, que enriquece a lembrança de Alfredo Pujol.
- O Presidente convidou os Acadêmicos para a importantíssima mesa-redonda sobre o livro do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, *Dr. Alceu: da Persona à Pessoa*, que se realiza às 17h30, no Teatro R. Magalhães Jr., e terá a participação dos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Luiz Paulo Horta e do jornalista Zuenir Ventura. Informou que o Sr. Alceu Amoroso Lima Filho não pôde comparecer, mas enviou uma mensagem que será lida por seu filho. Disse que esta mesa-redonda abordará um livro que o próprio autor considera sua obra magna, tendo a ela dedicado mais de quinze anos da sua vida. Indagou ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida se gostaria de fazer uma antecipação do que será tratado na mesa-redonda.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fez a antecipação, sugerida pelo Presidente, do que seria essa mesa-redonda sobre a sua obra, *Dr. Alceu: da "Persona" à Pessoa*. Disse acreditar que todos os companheiros já receberam o livro. Certificou-se de que o Presidente será o coordenador da mesa-redon-

da. Falou rapidamente sobre esta biografia, que é uma tentativa de discutir as representações da realidade de um homem de pensamento. O que era a representação da vida do Dr. Alceu, que em pouco mais de meio século transita de um polo ao outro, do que seja a visão da ordem e do homem dentro deste ser. Deteve-se mais no fenômeno bastante raro num homem: que é a conversão. Discorreu sobre esse assunto, que acredita ser o eixo do livro. A obra aborda também em que termos o Dr. Alceu se transforma no herói dos Direitos Humanos e num personagem fundamental da esquerda durante o Governo Militar. Afirmou não conhecer, na história do pensamento brasileiro, um tamanho desdobramento de posições, mantidas na constância de um pensamento e lucidez até a morte. Lembrou que Alceu faleceu às vésperas dos noventa anos pedindo para ouvir Mozart e Brahms antes de morrer. Disse que este livro o consumiu muito, mas espera que a alegria de vê-lo repartido com todos os amigos desta Casa é a compensação da sua vida.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Cândido Mendes de Almeida, renovou o convite para a mesa-redonda e encerrou a sessão.

PRÊMIO ABL DE POESIA / 2009

Parecer da Comissão

A Comissão do Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras propõe, por unanimidade, que ele seja concedido ao livro *Lampadário*, de Denise Emmer.

Afastada dos círculos editoriais desde 2002, quando publicou a sua *Poesia Reunida*, Denise Emmer retorna à poesia com uma coletânea de invulgar e irresistível força lírica. É bem de ver o timbre encantatório da música verbal desses poemas, que se afastam do anedótico e do narrativo, concentrando suas preocupações em temas universais como os do amor, da morte, do tempo, do sonho e da fugacidade da vida. De raízes simbolistas e filiada às origens imemoriais do Cancioneiro medieval da literatura portuguesa, a poesia de Denise Emmer, como bem observa Alexei Bueno no prefácio que escreveu ao volume, tangencia aquele conceito de “poesia pura” que raramente encontramos nos poetas contemporâneos. Acrescente-se, ainda, o pleno domínio que revela a autora no que toca a seus meios de expressão, cuja estesia parece aflorar de uma rara e inefável musicalidade intrínseca.

Rio de Janeiro, 23 de março de 2009

Lêdo Ivo – Presidente

Ivan Junqueira – Relator

Antonio Carlos Secchin

DOAÇÕES

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Cumpro o grato dever de comunicar a Vossas Excelências que estão aumentando muito o número e a qualidade de livros e de bibliotecas inteiras, cujos proprietários nos comunicam a decisão de doar seus acervos às nossas Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia.

As mais recentes doações, entre outras, foram: 350 livros da *Plêiade*, doados por D. Yvonne, viúva do Acadêmico Josué Montello; 975 livros do baiano Júlio Vieira de Sá; 297 livros da Acadêmica Nélida Piñon; 110 livros do Acadêmico Cícero Sandroni, para não falarmos das doações feitas anteriormente, como por exemplo: a de 285 livros da “Camiliana”, pelo Acadêmico Deolindo Couto; a de 276 livros de filologia doados por Antônio Geraldo da Cunha, por sinal atualmente muito úteis na discussão do Acordo Ortográfico; a de 234 livros, pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva; e a de 136 livros de Stendhal e da “Plêiade”, doados pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, além de uma assinatura mensal da *Magazine Littéraire*.

Temos ainda doadores históricos, como Marcos Carneiro de Mendonça, Guilherme Guinle, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Willy Levín, Sílvio Ne-

* Proferidas na sessão do dia 26 de março de 2009.

ves, Franklin de Oliveira, Henrique Baiana, Frederic Morrô, Ary de Andrade, Fernando Nery, Caetano Dias, Agliberto Xavier e os Acadêmicos Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo, Afrânio Peixoto, Celso Vieira e Sérgio Corrêa da Costa.

ALFREDO PUJOL

*Estudo do Acadêmico Luiz Paulo Horta**

Alfredo Pujol nasceu no Rio de Janeiro em 1865, e morreu em São Paulo no ano de 1930. Nós devemos a ele um ciclo de conferências pronunciadas em 1917, na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, que representam um primeiro esforço de consolidação do que se sabia sobre Machado de Assis, e do que representava aquela obra para a cultura brasileira. Quando ele recebeu o convite da Sociedade, que tinha poucos anos de vida, ele a princípio reagiu, disse que não era o homem indicado, que não era um crítico, mas acabou cedendo a essa proposta de desbravar um terreno ainda relativamente virgem. E nós devemos ser gratos a ele, porque ele trouxe contribuições muito interessantes, sobretudo no que se refere à primeira parte da vida de Machado.

Pujol era jornalista, e tinha 21 anos quando foi estudar Direito em São Paulo, onde acabou se radicando. Foi um advogado respeitado, e desenvolveu um grande amor aos livros. Por conta dessa paixão, e da qualidade do que ele escrevia – sobretudo trabalhos forenses –, ele foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em novembro de 1917, depois de publicar o livro que era a coletânea das sete conferências. Tornou-se o terceiro ocupante da Cadeira que pertencera a Machado de Assis, e elegeu-se na vaga deixada por Lafayette Rodrigues Pereira – o Conselheiro Lafayette.

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 26 de março de 2009.

Nós vemos, pela apresentação do livro de Pujol, que tem introdução do acadêmico Alberto Venâncio, que as pessoas ainda consideravam necessário combater por Machado, enfatizar-lhe a importância. Olavo Bilac dizia: Não o compreendeu ainda o seu país, porque ele foi de algum modo um homem superior à sua época e ao seu meio. Depois, foi o contrário: assistimos a uma espécie de canonização de Machado. E por isso é interessante um livro como o de Pujol, onde podemos encontrar, sobretudo na primeira parte, um Machado muito vivo, muito espontâneo.

Nós sabemos a importância que teve, para Machado, a amizade de Manuel Antonio de Almeida. Foi ele que, quando Machado era tipógrafo na Imprensa Nacional, mostrou-se compreensivo com aquele funcionário que outros queriam demitir, porque andava sempre lendo pelos cantos. Mas Manuel não se limitou a dar apoio àquele em quem ele percebia uma centelha especial: aproximou-o também de figuras que ajudariam no seu crescimento intelectual e afetivo. Uma dessas figuras foi Quintino Bocaiúva, o grande republicano, em quem Machado identificou, segundo Pujol, uma conformidade com o seu temperamento reservado, com a sua apurada sensibilidade, com o seu gosto sóbrio, com o feito e a disciplina do seu espírito, com o seu, segundo Machado, divino horror à vulgaridade.

Com Quintino Bocaiúva Machado teve intimidade. Possuíam idades próximas e combinavam perfeitamente de gênio. Também Quintino vivera uma adolescência atormentada e triste. Venceu, como Machado, apoiado no próprio valor. Escreve Pujol: “Naquela figura impassível de apóstolo, que tinha sempre no olhar uma infinita expressão de brandura e suavidade, mal se poderia vislumbrar o terrível adversário do Império, que havia de ser mais tarde a alma da propaganda republicana.”

Quintino não se conformava com o fato de que Machado, aos 21 anos, fosse mero revisor de provas na editora de Paula Brito, depois de ter deixado o ofício de tipógrafo. E naquele ano de 1860, ele abriu para Machado as portas da grande imprensa. Foi assim que o nosso patrono descreveu esse passo importante da sua vida.

SESSÃO DO DIA 2 DE ABRIL DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Antonio Carlos Secchin, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 26 de março de 2009, que foi aprovada. O Presidente pediu uma suntuosa salva de palmas para o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que foi agraciado pelo Presidente da República com a Grande Medalha do Serviço Público, considerando os seus cinquenta anos de ininterrupto e relevante trabalho ao governo brasileiro; e ainda a mesma salva de palmas para o Acadêmico José Murilo de Carvalho, que recebeu a mais importante honraria na área de ciência e tecnologia do Brasil, o Prêmio Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia. Declarou ser motivo de orgulho para esta Casa quando dois companheiros recebem o reconhecimento pela obra realizada, cada um no seu campo de atividades. Disse, ainda, ter boas notícias sobre o estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto, que vem apresentando sensíveis melhoras. Deu notícias do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que se

encontra nos Açores, onde participa de um Congresso de Filologia e Lexicografia que congrega estudiosos de Portugal e da Galiza. O Presidente relatou a conversa que teve com aquele confrade, por telefone, ontem pela manhã, na qual deu boas notícias sobre esse encontro e de como foi bem recebido. Disse, ainda, que os portugueses entenderam a necessidade, quase a indispensabilidade, dessa 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* já adaptado ao Acordo, embora este só preveja, conforme determina o Artigo Segundo, um vocabulário comum no que diz respeito à nomenclatura científica e técnica, o que não é o caso do *VOLP*. O Presidente declarou, também, que as notícias dadas pelo Acadêmico Evanildo Bechara são de que há um ambiente propício à visita dos três membros da ABL a Lisboa, ocasião em que serão recebidos na Academia das Ciências de Lisboa para apresentar o *VOLP*, e antes pelo Presidente Cavaco Silva, a quem será ofertado um exemplar desta obra. Comunicou que na próxima semana a sessão realizar-se-á na quarta-feira, dia 8, em virtude da Semana Santa, quando, tradicionalmente, a Academia não funciona nem quinta, nem sexta-feira. Pediu ao Acadêmico Domício Proença Filho, relator do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, para apresentar o Parecer da Comissão deste prêmio, referente a 2008.

- O Acadêmico Domício Proença Filho passou a ler o Parecer da Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes de 2008, que este ano indicou o livro *José Olympio, o Editor e sua Casa*, de José Mário Pereira. (O Presidente determinou que o parecer, na íntegra, seja incluído nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho pela leitura do Parecer da Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. Submeteu o Parecer à discussão do plenário e, como não houve nenhuma manifestação, submeteu-o à aprovação, que foi unânime. Comunicou então que o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes referente à obra publicada em 2008 será entregue a José Mário Pereira por seu livro *José Olympio, o Editor e sua Casa*, na sessão do dia 25 de junho de 2009, a quinta-feira mais próxima ao dia 21 de junho, data em que se comemora o 170.^o aniversário do nascimento de Machado de Assis. Informou que a Secretaria preparará a comunicação ao autor e também à família Ermírio de Moraes.

- O Acadêmico Moacyr Scliar apresentou uma proposta, que lhe foi sugerida por um produtor da Rádio Gaúcha – uma rádio muito ouvida no Rio Grande do Sul – no sentido de que a Academia Brasileira de Letras indique, semanalmente, aos ouvintes dessa Rádio, a leitura de um livro. Achou a ideia muito boa e hoje a está trazendo ao plenário. A indicação seria feita no *site* da ABL, pelos acadêmicos, especialmente dos clássicos da literatura brasileira, com um comentário sintético sobre a obra indicada. Acredita que isso aproximaria esta Casa do público e seria uma atividade muito útil.
- O Presidente entendeu que esta indicação deverá ser acompanhada de um comentário sobre a obra apresentada. Considerou ser uma excelente ideia e designou o Acadêmico Moacyr Scliar para coordenar este trabalho junto aos acadêmicos.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho também louvou a ideia, ressaltando apenas que não sejam indicados livros de acadêmicos vivos.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva acredita que a proposta do Acadêmico Moacyr Scliar é de criar uma seção dentro do *site* da ABL.
- O Presidente, no Capítulo das Efemérides, deu a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho para falar sobre Menotti del Picchia.
- O Acadêmico Domício Proença Filho apresentou um consistente trabalho sobre o Acadêmico Menotti del Picchia, no qual discorreu sobre a sua obra poética e sua vida. (O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho pela apresentação deste trabalho sobre o Acadêmico Menotti del Picchia e propôs ao plenário uma discussão sobre a obra do poeta.
- O Acadêmico Lêdo Ivo teceu comentários sobre a apresentação do trabalho do Acadêmico Domício Proença Filho sobre Menotti del Picchia, acrescentando informações relevantes.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que a análise poética de Menotti del Picchia, feita pelo Acadêmico Domício Proença Filho, foi exata e merece a admiração de todos.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que Menotti foi também pintor e, curiosamente, não pintava o que tinha dentro dele, mas antes imitava outros pintores, fazendo questão de citar o artista que estava imitando. Considerava-o um excelente pintor na imitação.
- Prosseguindo, o Presidente, Acadêmico Cícero Sandroni, teceu comentários sobre a obra e figura de Menotti del Picchia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, atendendo a uma sugestão do Acadêmico Murilo Melo Filho, contou uma história curiosa sobre Menotti del Picchia.
- A propósito do que disse o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, sobre a técnica de imitar os pintores, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet imaginou que Menotti del Picchia poderia ser considerado um pós-moderno. Acrescentou, ainda, sobre o vício de Menotti del Picchia de copiar quadros de pintores famosos e escrever em baixo: “à maneira de Picasso, à maneira de Monet etc.”, que se tratava de um procedimento pós-moderno porque uma das características do Pós-modernismo é a intertextualidade infinita. Ressaltou que Menotti foi profeticamente um pós-moderno.
- O Acadêmico Eduardo Portella congratulou-se com o Acadêmico Domício Proença Filho pelo levantamento minucioso que fez sobre a obra de Menotti del Picchia. Com relação a situá-lo como moderno ou modernista, disse ter a impressão de que o Modernismo não foi moderno, e tem dificuldade de aceitar a tese do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet de que Menotti seria um pós-moderno. Acredita que Menotti ficou plantado num manifesto modernista que era superficialmente de vanguarda e substancialmente de retaguarda. Está certo de que ele poderia ser incluído no painel diversificado do Modernismo, mas de modo algum na modernidade.
- O Acadêmico Carlos Nejar, prosseguindo nesse diálogo, considerou boas as observações dos Acadêmicos Eduardo Portella e Sergio Paulo Rouanet, mas pensa que Menotti não conseguiu se enquadrar em nada, porque na verdade ele era um ser antigo que queria ser moderno, um homem com muitos dons, pois também tinha trabalhos de escultura, mas não se identificou com um projeto de invenção.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que, apenas para tranquilizar o Acadêmico Eduardo Portella, quando classificou Menotti del Picchia como pós-moderno, na verdade não estava defendendo nenhuma tese, cedendo apenas a uma manifestação de bom humor, e não lhe passaria pela cabeça, em momentos mais sérios, defender a tese da pós-modernidade de Menotti. Discorreu a seguir sobre o Modernismo na Europa.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin está certo de que Menotti del Picchia poderia se situar na periferia da modernidade, alguém que põe a serviço da sua obra aquilo que de mais epidérmico possa ver como aparato externo da máquina do texto, mas não sustenta essa posição de modernidade.
- O Presidente Cícero Sandroni demonstrou o seu contentamento ao constatar este espírito acadêmico de discutir, sempre que possível, as efemérides quando um confrade se dispõe a lembrar uma figura importante da literatura brasileira, como o fez o Acadêmico Domício Proença. Considera importante a participação do plenário.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, a respeito do que foi aqui levantado, lembrou que Menotti del Picchia surgiu naquela época de transição entre um Parnasianismo triunfante, um Simbolismo mais ou menos oculto e também de um certo Impressionismo. Disse que, nessa época, Júlio Dantas descobriu Menotti del Picchia com um artigo consagrador. Lembrou que Menotti traz uma contribuição à poesia brasileira, que é a introdução do verso polimétrico. Quanto à contribuição do autor ao Modernismo, disse ter ele dois livros inteiramente modernistas que são: *Chuva de pedra* e *República dos Estados Unidos do Brasil*.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho deu um pequeno aparte sobre Menotti del Picchia.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony declarou não ser crítico literário, mas é contra essa ideia de rotular um artista como se fosse um frasco de farmácia homeopática. E a propósito contou um fato ocorrido com o Acadêmico R. Magalhães Jr. na Câmara dos Vereadores.
- O Presidente agradeceu aos Acadêmicos pela participação e pela demonstração da cultura literária que todos têm, o que terá de ser mais explorado

nesta Casa. Lembrou que, com relação à vaga de Alçada Batista, no Quadro dos Sócios Correspondentes, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva retirou o nome apresentado e fica valendo para essa vaga a indicação do Acadêmico Eduardo Portella.

- O Presidente lembrou, mais uma vez, que a sessão da próxima semana será quarta-feira, dia 8, às 16 horas, e declarou encerrada a sessão.

PRÊMIO JOSÉ ERMÍRIO DE MORAIS /2008

*Parecer da Comissão**

A comissão julgadora indica, para a concessão do Prêmio José Ermírio de Moraes-2008, José Mário Pereira, pela edição do livro *José Olympio, o Editor e sua Casa*, publicada pela Sextante –Artes, 422 p., de sua autoria. A obra, em edição cuidada e belamente ilustrada, desenha, a partir de documentos e imagens, o percurso da vida do livreiro José Olympio e da livraria que leva o seu nome e com que se identifica, afetivamente assumida pelos seus editados como a Casa. A J.Olympio, congregadora de notáveis escritores, converteu-se, de fato na Casa da Literatura Brasileira e, sobretudo, numa casa de amigos e o editor-livreiro ainda num raro estimulador de novos talentos, muitos dos quais receberam, no processo, o beneplácito da consagração. Mais do que o retrato de um excepcional promotor e divulgador de Cultura, o volume, a partir do corte sincrônico que nele se concretiza, registra um momento importante da vida literária no Brasil. José Mário conduz, com pena segura, o processo de contextualização em que livreiro e livraria se integram. A alta qualidade do texto e das ilustrações faz do livro um objeto de arte editorial. O autor é também editor, como o seu biografado. Navega na rota por ele sedimentada, sobretudo na revelação de novos autores de textos de literatura e obras culturalmente representativas. E conhece fundamente a matéria que trabalha. Seus textos deixam claro o alto nível de sua

* Apresentado na sessão do dia 02 de abril de 2009.

formação e das leituras com que a sedimenta. José Mário Pereira é um detalhista do rigor. A obra indicada para a premiação mais uma vez o comprova. A outorga do prêmio traduzirá o reconhecimento à sua dedicação ao livro, à divulgação da literatura e à causa da Cultura no Brasil. É o parecer.

A Comissão:

Domício Proença Filho – Relator

Eduardo Portella

Hélio Jaguaribe

João de Scantimburgo

Tarcísio Padilha

MENOTTI DEL PICCHIA

*Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho**

Senhor Presidente Cícero Sandroni,

Senhora Acadêmica,

Senhores Acadêmicos:

Atendo prazeroso ao convite do Secretário-Geral Ivan Junqueira para reverenciar, nesta Casa da Memória, o segundo ocupante da Cadeira 28, Menotti del Picchia, na comemoração dos 20 anos de sua eleição, datada de 6 de abril de 1989. Prometo que serei breve, como convém e se espera e deseja, na presente circunstância.

Começo por lembrar que seu poema “Moisés”, de 1917, junta-se aos textos prenunciadores da grande ruptura que então começa a concretizar-se na realidade cultural brasileira. O ficcionista e poeta paulista logo se tornará uma das militâncias relevantes na construção do Modernismo nas letras brasileiras.

Naquele mesmo ano, data literariamente afortunada, vêm a público *Há uma Gota de Sangue em cada Poema*, de Mário de Andrade, *A Cinza das Horas*, de Manuel Bandeira, *Nós*, de Guilherme de Almeida, *Carrilhões*, de Murilo Araújo. Anita Malfatti faz sua segunda e polêmica exposição de pintura. Aquela que tanta ce-

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 2 de abril de 2009.

leuma iria causar e que seria, inclusive, responsável, na sua repercussão, pelo mau juízo que muitos fariam da proposta modernista. Sobretudo pela violência da crítica de Monteiro Lobato, expressa desde o título do artigo dedicado à mostra e publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, edição da noite, em 20 de dezembro: “Mistificação ou paranoia”.

O ano de 1917 marca também o lançamento de *Juca Mulato*, onde se destaca o espaço concedido à sensibilidade da etnia afro-brasileira.

O poema, molhado de leite romântico, busca evidenciar a presença mestiça na cultura nacional, identificada a dor ingênua do personagem-título com o canto, na óptica do autor, do “gênio triste da nossa raça e da nossa gente”. Dor de amor. Sentimento impossível porque tem por alvo a “filha da patroa”.

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
 Uns alqueires de chão: o cabo de uma enxada;
 Um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
 O cafezal verdeengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,

o olhar indiferente
 da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?”
 Entretanto tem a noite lunar arrepios de susto;
 parece respirar a fronde de um arbusto,
 o ar é como um bafo, a água corrente um pranto.
 Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
 O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
 “Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa,
 e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...

O sentimento intenso mobiliza e fragiliza o vigoroso caboclo, “forte como a peroba e livre como o vento”. E ele sofre a coita amorosa, no limite. E com ele chora a natureza solidária e consoladora. E é essa mesma natureza que o livrará e ao poema de um trágico desfecho como demonstra a fala atribuída à floresta romanticamente antropomorfizada:

Juca Mulato olhou a floresta; os ramos, nos espaços,
Pareciam querer apertá-lo entre os braços.

Filho da mata, vem! Não fomos nós, ó Juca,
O arco do teu bodoque, as grades da arapuça,
O varejão do barco e essa lenha sequinha
Que de noite estalou no fogo da cozinha?
Depois, homem já feito, a tua mão ansiada
Não fez de um galho tosco, um cabo para a enxada?

(*Id, ib.* p. 41-2)

E Juca Mulato, conformado,

Consolou-se depois: O Senhor jamais erra...
Vai! Esquece a emoção que na alma tumultua.
Juca Mulato! volta outra vez para a terra,
Procura o teu amor, numa alma irmã da tua.

Esquece calmo e forte. O destino que impera,
Um recíproco amor às almas todas deu.
Em vez de desejar o olhar que te exaspera,
Procura esse outro olhar, que te espreita e te espera,
Que há por certo um olhar, que espera pelo teu...

(*id. ib.* p. 45)

O livro foi acolhido com entusiasmo pelo público-leitor e pela crítica.

O longo poema - permito-me aduzir - caracteriza-se por uma visão distanciada, um dos posicionamentos ligados à presença do negro no processo literário brasileiro. Literatura sobre o negro. Configurada em textos nos quais os representantes da etnia reconhecidos como tal são referidos como “personagens”. Ou em que aspectos ligados às vivências do negro e seus descendentes no Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve procedimentos simpáticos e solidários, mas que, implicitamente, com poucas exceções, indiciam estereótipos e reduplicam perspectiva ideológica tradicionalmente introjetada na sociedade brasileira. Inatingível a “filha da patroa”, por força do distanciamento social. Valoriza-se, entretanto, o mestiço, destacando o seu modo de ser sentimental, identificado com dimensões do jeito de ser brasileiro, da nossa gente, e por mobilizar a reflexão.

O amor ainda será, na obra do escritor, núcleo de *Máscaras*, de 1920, versos molhados de estética simbolista, em que dialogam “Arlequim, um desejo, Pierrô, um sonho, Colombina, a mulher”. Um texto também carregado de marcada hodiernidade, como explicita a fala de Colombina, conciliatória, num exemplo de multiplicidade existencial, singularidade do poema:

Pudesse eu repartir-me e encontrar minha calma
 Dando a Arlequim meu corpo... e a Pierrô minh'alma!
 Quando tenho Arlequim quero Pierrô tristonho,
 Pois um dá-me o prazer, o outro dá-me o sonho!
 Nessa duplicidade o amor todo se encerra:
 um me fala do céu... o outro fala da terra!
 Eu amo porque amar é variar, e em verdade,
 Toda a razão do amor está na variedade...
 Penso que morreria o desejo da gente
 Se Arlequim e Pierrô fossem um ser somente.

(PICCHIA, Menotti del. *Máscaras*. Ed. Nacional, s.d.s.p.)

O escritor logo se revelará, entretanto, um prestigiado ativista do Modernismo nascente. Nesse sentido, esclarecedora é a conhecida conferência que pronuncia, no dia 15 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo, terceira noite do festival de três dias que constituiu a Semana de Arte Moderna de 1922, texto intitulado “A arte moderna”, em que explicita facetas do ideário artístico do movimento. Na verdade o que seria o Modernismo ainda é proposta e propósito. A história demonstra que o movimento, no processo de sua instauração, seguiu caminhos múltiplos e vários.

Paralelamente, o jornalista faz da sua coluna no *Correio Paulistano* o mesmo que Oswald de Andrade da que assina no *Jornal do Commercio*: tribuna de divulgação das ideias renovadoras que agitam aquele tempo brasileiro. E logo fundará, com Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, o Verde-amarelismo e a Revolução da Anta, marcados pelo nacionalismo literário.

Na poesia, sua primeira incursão efetiva no Modernismo vem com *Chuva de pedra*, em 1925, com a imagística a marcar de novo forte presença, aliada à assunção do verso livre.

O verde-amarelismo explicita-se pleno em *República dos Estados Unidos do Brasil*, de 1928. Nesse livro, vários poemas ideologicamente coerentes exaltam a formação do nosso país, o patriotismo, a escola, a paisagem brasileira, além de retratar, à luz de juízos de valor, figuras históricas, como Anchieta, O Aleijadinho, Fernão Dias, Euclides da Cunha e Rui Barbosa.

Na obra do ficcionista, romances, como *Salomé* (1940), inspirado na Bíblia, em que a história se divide entre a vida agitada da cidade de São Paulo e a vida de uma fazenda do interior paulista, com destaque para o duplo relacionamento passional. Escreveu também contos. Em sua prosa, resalta-se a associação entre a ação e o quadro social.

Nem falta à sua prosa a presença do memorialista. Era consequência natural do dinamismo de sua profícua atuação cultural. E ela se corporifica em *A Longa Viagem*, de 1969-72.

Sobre o político e sobre suas posições, limito-me a transcrever texto iluminador em que, na Câmara Federal, o fundador do movimento Verde-amarelo refere-se a um Congresso Cultural realizado no Chile, diante da alusão de um jornal sobre seu posicionamento ideológico:

“nunca fui ‘integralista’ como poderão atestá-lo os que com todo o direito nesta Câmara o foram. Não sou ‘comunista’, porque, como o próprio Lênin, compreendo que a socialização integral é fruto de supermaturação econômica, etapa final de uma evolução material e cultural, que estabeleceria no mundo a utópica “idade do ouro”. Não se comuniza a miséria. Socializar o precário – isso que está aí – seria, entre nós, desorganizar o início de uma débil estrutura econômica que devemos, ao contrário, amparar e estimular de todas as formas. Minha posição doutrinária ficou expressa em livro, hoje superado, mas continua na necessária coragem de revisar valores procurando libertar-nos do medo de esquadrihar conceitos a que demos solenidade mística: ‘fascismo’, ‘comunismo’, ‘democracia’, ‘liberdade’, ‘liberalismo’, ‘sufrágio universal’, alusões que existem e não existem, que funcionam a meio do caótico ecletismo desta hora de transmutação de um ciclo histórico, hora crucial em que o homem, que demograficamente cresceu demais a mercê da ciência e da técnica, continua metido na roupa estreita de instituições que já não funcionam com muita fome, pouca comida e violentas contradições sociais entre a miséria que mendiga e o plutocrata que esbanja”.

Menotti del Picchia viveu de 1892 a 1988. Formou-se em direito. Além de escritor e deputado estadual e federal, foi editor, jornalista industrial, banqueiro.

Muito obrigado.

SESSÃO DO DIA 8 DE ABRIL DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 2 de abril de 2009, que foi aprovada. Falou das providências tomadas pela Diretoria sobre o assunto suscitado pela Acadêmica Ana Maria Machado, a propósito do informativo da *Google*, publicado na revista *Vêja*, sobre Direitos Autorais. Como a Acadêmica Ana Maria Machado não esteve presente à sessão em que fez a comunicação sobre esse assunto, volta a informar sobre o envio de carta ao Dr. Gustavo Martins de Almeida. Este advogado indicado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, que esteve na Academia para uma conversa com o Presidente da Casa, mostrou-se interessado em vir ao plenário fazer uma exposição sobre o que pensava a respeito do assunto. Pediu, então, ao Dr. Gustavo Martins de Almeida para esperar o regresso da Acadêmica Ana Maria Machado, a fim de que se possa convocá-lo para uma sessão, que pode ser a próxima ou a seguinte. Declarou ter sido ele muito afável e se colocou à disposição desta Casa para dar todos os esclarecimentos

necessários. Comunicou, ainda, que a Diretoria recebeu proposta do Acadêmico Eduardo Portella indicando um candidato à vaga de António Alçada Batista na Cadeira I, do Quadro dos Sócios Correspondentes. Segundo o *Regimento Interno da Academia*, o Presidente, na sessão de hoje, nomeará uma comissão, que, no prazo de 30 dias, deverá dar parecer sobre o nome proposto. Indicou para compor esta Comissão os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Antonio Carlos Secchin e Domício Proença Filho. Prosseguindo, informou que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara terminou a sua participação no “IV Encontro Açoriano de Lusofonia” bastante animado com as reações de seus colegas filólogos e lexicógrafos, não só sobre a vigência do Acordo no Brasil, mas também em relação à publicação do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, aqui no Brasil em sua 5.^a edição.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara deixou bem claro para os participantes desse Encontro que a preparação da 5.^a edição do *VOLP* ocorreu exatamente após o início da vigência do Acordo, a partir de 1.^o de janeiro deste ano, e, portanto, foi preparada segundo as regras do mesmo. Acrescentou que ficava em todos, especialmente em Brasília, a impressão de que a Academia estava fazendo um vocabulário em função do Acordo Ortográfico. Foi necessário explicar que se tratava da 5.^a edição, pois a Academia Brasileira de Letras há mais de 20 anos publicava periodicamente o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, tendo sua 1.^a edição ainda na presidência de Austregésilo de Athayde.
- O Presidente, a seguir, discorreu sobre a recuperação do *Petit Trianon*, que está correndo de acordo com o cronograma, mas são obras de restauração e não de reforma. Esclareceu que o dinheiro que a Academia dispunha não era suficiente para contemplar toda essa restauração. Recordou ainda que, na gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, foi aprovado um projeto no âmbito da Lei Rouanet, não só com um parecer favorável do IPHAN, como também aprovado na Comissão Nacional de Incentivo às Leis de Cultura. Esse projeto recebeu inicialmente um aporte do Banco Itaú no valor de R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais). Falta, no entanto, o complemento que viria do BNDES, mas este exigiu uma carta de apoio do IPHAN. Como é grande o número de prédios a serem restaurados, houve um acordo com

o BNDES segundo o qual este só aprovaria aqueles que, embora estivessem aprovados pela Lei Rouanet, recebessem um *nihil obstat* do IPHAN, e a Academia não é tombada pelo IPHAN, mas sim pelo INEPAC. Resolveu ir ao BNDES, relatou as dificuldades e, ao final da reunião, surgiu o Vice-Presidente de Cultura, Dr. Luciano Coutinho, que, diante desta dificuldade, abriu um espaço para que se encontrasse uma solução. Mostrou-se muito interessado em resolver o problema e disse que ia falar pessoalmente com o Ministro Juca Ferreira. O Dr. Luciano Coutinho é primo do Acadêmico Marco Maciel e muito amigo da Acadêmica Nélida Piñon, dando ao Presidente da ABL a impressão de que realmente está interessado em resolver o problema. Acredita que a Academia vai conseguir os recursos necessários para terminar essa restauração do *Petit Trianon*, sem ter que usar seus próprios recursos. Considera fundamental que os investimentos desta Casa cresçam para poder assegurar que, no futuro, a Academia não dependa mais de recursos externos. Acha que a Academia deve ter suas reservas preservadas para que possa fazer os seus projetos dentro das suas possibilidades.

- O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu ao Presidente solicitar a ajuda do Acadêmico Marco Maciel.
- O Presidente disse que, como o Acadêmico Marco Maciel é político, preferiu não fazê-lo, mas falou com o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que vai conversar com o Ministro Juca Ferreira, quando este regressar de viagem. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho congratulou-se com a Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes pela escolha do livro de José Mário Pereira para receber este ano o referido prêmio. Discorreu sobre esta obra, que traça a corajosa trajetória do jovem paulista José Olympio Pereira Filho, que começou a trabalhar aos 11 anos. Sua primeira livraria, inaugurada na Rua da Quitanda, em São Paulo, transferida depois para a loja da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, transformou-se numa espécie de quartel general de toda a intelectualidade brasileira. Felicitou José Mário Pereira por este livro com 421 páginas que, no próximo dia 25 de junho, receberá na Academia Brasileira de Letras o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes de

2008. (Por determinação do Presidente Cícero Sandroni, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre esse grande homem, grande editor que foi José Olympio, mas, em sua opinião, não foi o maior do Brasil. Há muitos outros que também foram grandes editores, basta citar Francisco Alves que foi também um importante editor e talvez, este sim, tenha sido um dos maiores e que deixou um legado a esta Instituição, que este ano lhe prestará homenagem.
- O Presidente Cícero Sandroni falou sobre Márcio Moreira Alves, o Marcito, que faleceu esta semana. Disse da sua emoção, porque começou a trabalhar no jornalismo com ele no *Correio da Manhã*, e, nessa ocasião, ele acabava de regressar de uma missão em Gaza, como correspondente que acompanhava a Força Expedicionária Brasileira. Falou da sua grande capacidade de entusiasmar as pessoas como jornalista e da sua coragem de se lançar em aventuras, chegando a levar um tiro em Alagoas. O artigo produzido nessa ocasião lhe valeu o Prêmio Esso de Jornalismo. Acrescentou que Marcito deixa um legado muito importante, do homem que se desencantou com a política. Recordou a sua coluna “Sábados Azuis” no jornal *O Globo*, que mostrava o lado bom do que acontecia no Brasil. Considera uma grande perda para o jornalismo brasileiro e acredita que ele tenha sido uma vítima da própria profissão. Assim, esta Casa perdeu alguém que um dia poderia ocupar uma de suas cadeiras.
- O Acadêmico Affonso Arinos disse ter ficado muito feliz ao ouvir as palavras do Presidente, porque não lhe agradaria falar em primeiro lugar por ter sido muito próximo de Marcito. Declarou que, ao ler a primorosa crônica do Acadêmico Carlos Heitor Cony publicada na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Commercio*, resolveu rabiscar um pequeno texto. Discorreu sobre a vida e a obra de Márcio Moreira Alves, dando ênfase ao fato de ter ele nascido em família próspera, trabalhado num ambiente político que usava os instrumentos do poder para tornar-se rico, mas era pobre. Nesse clima de oportunismo, foi sempre idealista. Diante dos interesseiros, mostrou-se invariavelmente desinteressado, altivo, corajoso e combativo. Permaneceu in-

corruptível entre os corruptos. Na amoralidade ou imoralidade reinante, se revelou quase ingênuo ao defender a utopia. Ao finalizar, disse que Marcito honrou a vida pública brasileira, o jornalismo e sua família, com valor, integridade e dignidade que poucos tiveram o brio e a coragem de imitar.

- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com as homenagens prestadas nesta sessão pelos Acadêmicos Murilo Melo Filho e Affonso Arinos de Mello Franco. Sobre Márcio Moreira Alves confessou que particularmente o conheceu pouco, mas como brasileiro conheceu muito. Disse que todos nesta Casa sabem da sua coragem nos momentos históricos do Brasil. Falou sobre a crônica do filho do Marcito na qual ele declara que o pai foi um mau político, mas um grande jornalista pela sinceridade que hoje escasseia. Associou-se, também, à justeza com que a Comissão escolheu o escritor José Mário Pereira para receber o Prêmio Senador Ermírio de Moraes, que, como editor, foi capaz de escrever um livro importante sobre outro editor. Disse ter tido a oportunidade de conhecer José Olympio, que também editou livros seus e lhe acolheu fraternalmente na sua casa editora. Sobre José Mario Pereira acrescentou que é um homem marcado pela generosidade, como editor. Segundo pensa, um dos editores mais cultos que conheceu e que o editou, na época em estava numa espécie de exílio diante do Brasil.
- O Presidente agradeceu aos Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Carlos Nejar pelas palavras que acabaram de proferir.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, a propósito das palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre Márcio Moreira Alves, fez uma pequena observação lembrando também que ele era casado com uma alagoana, filha do Diégues Júnior, um grande antropólogo e historiador da sua terra natal.
- No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Alberto Venancio Filho disse já ter pensado muitas vezes que Austregésilo de Athayde, que legou à Casa este belíssimo patrimônio e erigiu também o Mausoléu da Academia no Cemitério São João Batista, poderia ter pensado também em fazer ali o túmulo do Acadêmico Desconhecido, à semelhança do que existe na Praça da Estrela, em Paris, o Túmulo do Soldado Desconhecido. Disse que, ao perpassar a história da Academia encontra dezenas e dezenas de acadêmicos, ilustres na

sua época, e que hoje estão esquecidos, como é o caso de Artur Orlando, segundo ocupante da Cadeira 25. Acredita que Oliveira Lima, que o recebeu nesta Casa, pressentiu este fato no discurso: “A popularidade é ainda mais efêmera do que as amizades. A nossa imortalidade acadêmica, tão precária no geral, só possui a garantia do panegírico, embora crivada de epigramas e bordado de malícias, aqui pronunciado pelo que nos recolher a sucessão, leve ou pesada.” O Acadêmico Alberto Venancio Filho discorreu sobre a vida de Artur Orlando, pernambucano, formado pela Faculdade de Direito do Recife, e que logo em seguida desejou um cargo de Professor da mesma Faculdade, mas percebendo que a banca era contrária à sua tese, optou pela carreira de jornalista, de político e de escritor. Falou da sua obra jurídica e filosófica e citou dois dos seus principais livros: *Propedêutica Político-Jurídica* e *Ensaio de Crítica*. (O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni, ao agradecer, disse que o Acadêmico Alberto Venancio Filho presta um grande serviço a esta Casa mostrando a riqueza da história da Academia Brasileira de Letras ao lembrar acadêmicos falecidos que realmente estão esquecidos.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta pediu a palavra para um rápido comentário a propósito da acusação feita a Tobias Barreto de que seria o chefe de uma Escola Teuto-sergipana. Alguém de lá acredita que Silvio Romero disse que isso era um comentário típico da Escola Galo-fluminense.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu mais uma vez ao Acadêmico Alberto Venancio Filho por trazer esta sintética, mas profunda informação sobre Artur Orlando, segundo ocupante da Cadeira 25, na sucessão de Franklin Dória. Nessa expectativa é que esta Diretoria pretende continuar o programa de efemérides, lembrando os acadêmicos que passaram pela Casa e muitas vezes caem no esquecimento. Informou que estarão em Lisboa, na próxima semana, ele e os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Evanildo Cavalcante Bechara, para entregar a 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* ao Presidente Cavaco Silva e para apresentá-lo à Academia das Ciências de Lisboa. Pediu dispensa ao plenário da próxima sessão, que será de trabalho,

e de mais de uma outra que será de férias. Agradeceu as presenças, convocou a todos para a próxima sessão, que será na quinta-feira, dia 16, e declarou encerrada a sessão.

FELICITAÇÕES

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Cumpro o gratíssimo dever de me congratular com os Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcisio Padilha, João de Scantimburgo, Hélio Jaguaribe e Domício Proença, pelo judicioso voto que, como acadêmicos, reunidos em Comissão, tiveram a oportunidade de conceder ao livro *José Olympio: o Editor em sua Casa*. Com 421 páginas, escrito por José Mário Pereira, Editor da *Topbooks*.

Foi uma decisão unânime, que distinguiu uma obra realmente meritória, recebida com uma salva de palmas justamente consagradora.

Quando o imóvel foi vendido, José Olympio andou perambulando por vários endereços – Beco das Carmelistas, Praça XV, Rua Primeiro de Março e Avenida Nilo Peçanha, até chegar em 1964, à sua sede própria – a “Casa da casa”, na Rua Marquês de Olinda, 12, em Botafogo.

Ao longo de todos esses anos, passaram pelas suas estantes e pelos seus balcões quase todos os escritores brasileiros das últimas décadas e quase todas as gerações, que José Mário, em seu trabalho, registra com nomes e livros, cuidadosamente relacionados e ilustrados num trabalho de comóvente pesquisa, onde não é possível encontrar um só erro ou uma só omissão.

Nessa obra, José Mário traça em textos e fotos a corajosa trajetória de um jovem paulista de Batatais, chamado José Olympio Pereira Filho, que nasceu em

* Proferidas na sessão do dia 8 de abril de 2009.

1903 e que começou a trabalhar quase menino, aos 11 anos de idade, como lavador de vidros, ao qual se juntaram em seguida os irmãos Daniel Joaquim, Antônio Olavo e Gabriel Athos, o primo Moacyr, mulher Vera e o filho Geraldo.

A primeira livraria José Olympio foi inaugurada na Rua da Quitanda, em São Paulo, transferindo-se depois para a loja da Rua do Ouvidor, já no Rio de Janeiro, que se transformou numa espécie de Quartel General de toda a intelectualidade brasileira, que, não raro, ali se refugiava em busca de abrigo e de proteção.

ARTUR ORLANDO

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

A figura de Artur Orlando, segundo ocupante da Cadeira 25, sucedendo a Franklin Dória Barão de Loreto, só deve ser examinada no quadro de sua época como integrante da chamada “Escola do Recife”. A denominação é algo excessiva, pois não foi propriamente uma escola, mas representou novas tendências, uma linha de orientação com aspectos renovadores no campo das ideias. A figura mais expressiva foi Tobias Barreto, nascido em Sergipe e voltado para a cultura alemã, o que provocou a ironia de Carlos de Laet denominando-a “Escola Teuto-Sergipana”.

A outra característica da escola é o fato de Tobias de certa maneira ter feito discípulos, embora nem todos tenham conservado a orientação do fundador. Podem ser apontados, além de Artur Orlando, nascido em 1858; Clóvis Beviláqua, em 1859; Martins Júnior, em 1860; Souza Bandeira, em 1865, e Graça Aranha, em 1869, embora este tenha se destacado como romancista, ainda que fiel às ideias filosóficas do movimento.

A trajetória dos membros da “Escola do Recife” atesta que ela não foi realmente uma escola com unidade de pensamento, pois seus membros se conduziram por caminhos diferentes:

Martins Júnior foi adepto da poesia científica, autor do primeiro livro de História do Direito Nacional; Clóvis Beviláqua se voltou de preferência para o

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 8 de abril de 2009.

campo do direito, a partir da preparação, em 1899, do Projeto que se transformou no Código Civil em 1916, tornando-se figura sem par nos meios jurídicos; Souza Bandeira se dirigiu para a crítica literária e os trabalhos jurídicos.

Foi Artur Orlando quem mais se identificou com Tobias, seguindo a orientação e justificando a dedicatória de um de seus livros:

“A Artur Orlando, o amigo incomparável, o companheiro de batalhas, do qual bem pudera dizer o que disse Hugo de Lamartine: que somos uma espécie de par homérico, sendo ele quem traz a lança e eu quem dirige os corcéis”.

As obras principais de Artur Orlando são: *Filocrítica* (1886); *O Meu Álbum* (1901), prefaciado por Clóvis Beviláqua; *Propedêutica Político Jurídica* (1904); *Ensaaios de Crítica* (1904); *Novos Ensaaios* (1905); *Panamericanismo* (1906); *Reforma do Ensino* (1907); *Porto e Cidade do Recife* (1908); *São Paulo Bandeirantes e São Paulo versus Alexandre VI* (comunicação ao II Congresso Brasileiro de Geografia); *Clima Brasileiro* (comunicação ao III Congresso Brasileiro de Geografia); *O Brasil, a Terra e o Homem* (1914).

No livro *Propedêutica Político-Jurídica* (1904), um dos principais, Artur Orlando reúne ensaios eruditos sobre Filosofia do Direito, Sociologia e História. Outros estudos do mesmo gênero, versando sobre matéria filosófica, etnológica, jurídica e de ciência natural mais do que literatura – embora haja capítulos de crítica literária – foram colecionados nos *Ensaaios de Crítica* (1904) e nos *Novos Ensaaios* (1905).

Em *Propedêutica Jurídica*, Artur Orlando tem duas afirmações de grande interesse e altamente inovadoras. Examina a intervenção do Estado no domínio econômico e pela primeira vez no Brasil, de meu conhecimento, utiliza a expressão Direito-econômico (que hoje é corriqueira e tem uma análise bastante expressiva) ainda atual sobre a reforma do ensino jurídico.

Precisamos reformar o ensino do Direito; mas a reforma deve ser completa, obedecendo a um plano, com a consciência de um fim de atingir, e não desordenada, caótica, sem orientação, como até hoje tem sucedido.

Dissemos em princípio que o método a empregar no estudo do Direito era o histórico-comparativo. E apontando dois temas ainda hoje, daí segue-se que no ensino jurídico as principais cadeiras devem ser as de Legislação Comparada e de História do Direito.

São os dois polos sobre os quais deve girar todo o ensino jurídico.

A partir de 1907, Artur Orlando se desvia para outros temas sem que os biógrafos assinalem essa motivação. Em 1907, o livro *Pan-americanismo*, um estudo renovador sobre o tema de política externa, *Porto e Cidade do Recife* (1908), um estudo de geografia humana. Depois dois opúsculos sobre *Bandeirantes* (1910), um deles curiosamente refere-se a Pernambuco e a São Paulo e o último, incompleto, *O Brasil, a Terra e o Homem* (1916), um estudo pioneiro tratando de ecologia.

Martins Júnior, prefaciando um de seus livros, traçou a evolução da trajetória intelectual, espírito inquieto, à procura de novos caminhos:

Tenho-lhe acompanhado inteiramente a evolução do espírito e da atividade. Vi-o positivista com Emile Littré e Herbert Spencer; assisti a sua passagem para os arraiais do darwinismo e do haeckelismo puros, testemunhei a sua conversão ao monismo de Noiré, e vejo todos os dias o seu espírito irrequieto oscilar entre Schopenhauer e Dühring, entre Hartman e Lange.

Gilberto Amado, ainda estudante, ingressou no *Diário de Pernambuco*, e aí encontrou com Artur Orlando, redator-chefe do jornal e dele traçou o perfil:

Artur Orlando, redator-chefe de nome do jornal, sução, de carnes moles, roupas frouxas, voz frouxa. Com ele convivi mais, atraído por sua cultura, sobretudo por sua informação, pois era homem que tudo lia e de muita coisa podia falar. Aprendi, contudo, bastante com ele. Dele se desprendia, porém, um reflexo de uma vida voltada só para o estudo. Sentia-se naquele homem desprezioso e mal-amanhado que nada para ele valia tanto quanto o saber. Eu o esfuracava com a minha curiosidade, procurando blocos de mármore naquela pedreira, pedras preciosas naquela mina.

A síntese de Barbosa Lima Sobrinho espelha o papel de Artur Orlando na vida intelectual de seu tempo:

Artur Orlando seria entre Joaquim Nabuco e Oliveira Lima uma espécie de encruzilhada, a que iam ter todos os caminhos ou todos os destinos, mesmo os que pareciam e talvez fossem antagônicos. Creio que em linguagem rodoviária essa função coordenadora se traduziria num vocábulo adequado: o trevo. Mas um trevo a que se ligariam todos os caminhos que levassem ao conhecimento da Escola do Recife, nas suas figuras principais e secundárias, nas suas ideias básicas, nos seus livros, nas suas teses fundamentais.

SESSÃO DO DIA 16 DE ABRIL DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira, no exercício da presidência, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 8 de abril de 2009, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Tarcísio Padilha, que aniversaria amanhã, dia 17; e outra salva de palmas para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que comemora seu natalício no dia 19 do corrente. Prosseguindo, declarou que é com muito pesar que comunica o falecimento de Maurice Druon, que ocupava a Cadeira 16 do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia. Maurice Druon faleceu aos 91 anos, em Paris. Era Sócio Correspondente da ABL desde 1955. Druon era bisneto do escritor, jornalista e político maranhense Odorico Mendes. Entre os seus livros traduzidos para vários idiomas encontram-se *Os Reis Malditos*, *As Grandes Famílias*, que recebeu o Prêmio Goncourt de 1948, e *O Menino do Dedo Verde*,

publicado em 1957, com tradução, segundo o próprio Druon, primorosa de Dom Marcos Barbosa. Ocupava na Academia Francesa a Cadeira 30, desde 8 de dezembro de 1966. Foi Secretário Perpétuo dessa instituição de 1985 a 1999, quando renunciou à função. Segundo declarou Hélène Carrère d'Encausse, que o sucedeu como Secretária Perpétua, “Druon era a memória da Academia Francesa”. Declarou, então, vaga a Cadeira 16 do Quadro dos Sócios Correspondentes e abertas as inscrições até o dia 16 de maio.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, associando-se ao que disse o Presidente sobre Maurice Druon, acrescentou ser ele o Vice-Presidente da Academia da Latinidade e que, com seu prestígio internacional, muito ajudou aquela Instituição. Disse que talvez Druon tenha sido o último francês de uma *Belle Époque*. Discorreu sobre esse homem combatente, que sofreu na guerra de 1939 e uniu-se ao General de Gaulle. Falou sobre a sua obra, considerando realmente prodigioso ter ele participado com um só livro da literatura infantil, *O Menino do Dedo Verde*, e sobretudo de entrar no folheto de *Os Reis Malditos*, que chegou a ter uma circulação de mais de 150 mil exemplares, concedendo-lhe reconhecimento internacional. Recebeu o Prêmio Goncourt de 1948 pelo seu livro *As Grandes Famílias*. Contou, ainda, que Druon iniciou, aos 89 anos, a sua autobiografia. Muito amigo de José Sarney, foi também o Ministro da Cultura do Governo Pompidou.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier, reiterando o que foi dito sobre Maurice Druon, lembrou que ele foi um grande amigo do Brasil e da Academia Brasileira de Letras. Quando era presidente da ABL, em 1998, e Druon esteve nesta Casa, sugeriu, pela vez primeira, a existência da Academia da Latinidade, que hoje é uma realidade. E foi também com ele que a ABL conseguiu dar o primeiro Prêmio da Latinidade ao escritor mexicano Carlos Fuentes. Por tudo isso e pela amizade que os uniu, todas as vezes que estiveram juntos conversavam muito sobre o Brasil, gostaria de participar das homenagens que esta Casa lhe está prestando nesta hora.
- O Presidente agradeceu aos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Arnaldo Niskier as palavras tão justas sobre um grande amigo desta Casa.

- O Acadêmico Lêdo Ivo, ao associar-se às palavras aqui proferidas, lamentou que, no obituário do *Le Monde* e do *Le Figaro*, não seja invocada a condição de Maurice Druon como bisneto ou sobrinho bisneto de um brasileiro, Odorico Mendes, mas apenas como sobrinho neto do poeta Charlie Kroll, e ainda que a imprensa francesa oculte o fato dele ter nascido na Hungria. Disse também que Druon era muito esnobado e invejado pela intelectualidade francesa. Considera curioso o fato de que o romance dele, que teve sucesso internacional, reflete um novo tipo de romance chamado de atelier, um romance folhetinista. Mas acredita ter sido uma honra para a ABL ter tido Maurice Druon como Sócio Correspondente.
- O Acadêmico Ivan Junqueira disse que, embora possa parecer impertinente, se morrer antes do Acadêmico Lêdo Ivo, gostaria que ele redigisse o seu obituário.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que está prometido.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, deu notícias do estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto, que, segundo o Dr. Renato Kovac, é ainda delicado, mas estável. Comunicou ter recebido telefonema do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que no momento se encontra na Espanha, pedindo-lhe para apresentar, em seu nome, a candidatura do escritor José Saramago à Cadeira I6, do Quadro de Sócios Correspondentes, vaga com o falecimento do escritor Maurice Druon, e que, ao retornar ao Brasil, o fará por escrito. Prosseguindo, informou que o Presidente Cícero Sandroni, como todos sabem, vem trabalhando há muito tempo com afinco a fim de conseguir patrocínio para o Projeto das Atividades Culturais do Teatro R. Magalhães Jr.. Dois dias depois da última sessão, recebeu a notícia de que esse projeto já estava aprovado junto ao Ministério da Cultura (Lei Rouanet), no valor total de R\$ 1.396.400,00 (hum milhão, trezentos e noventa e seis mil e quatrocentos reais), e que foi também aprovado na íntegra pela Petrobras, pelo período de um ano, a contar da assinatura do contrato, provavelmente no início de junho. O projeto abrange todas as atividades realizadas no teatro: ciclos de conferências, seminários, peças teatrais, leituras dramatizadas, concertos de música erudita e popular, projeções de cinema e

mesas-redondas, entre outras. Embora este valor não entre no orçamento da ABL, sua aprovação constitui um significativo alívio nas contas desta Casa. A notícia foi recebida com aplauso.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça falou sobre Vitalino Pereira dos Santos, um dos maiores escultores em barro do Brasil, celebrando o centenário do seu nascimento. Vitalino nasceu em 1909, no lugarejo Ribeira dos Campos, perto de Caruaru. Mudou-se desse ambiente rural para o Alto do Moura, hoje um bairro de Caruaru, cidade do agreste pernambucano. A grande transformação e aceitação do seu trabalho na feira daquela cidade, famosa na região, obrigou-o a se mudar. Mas foi uma exposição organizada por Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro, 1947, prefaciada pelo poeta Joaquim Cardozo, que revelou pela primeira vez Vitalino aos olhos do grande público. Esse fato, um dos indicadores da “descoberta” das artes do povo pelas elites intelectuais, é consequência do processo histórico-cultural ligado às premissas do Movimento Modernista de 1922 e do Movimento Regionalista do Recife, em 1921. Acrescentou que o olhar radiográfico de Cardozo soube ver “uma riqueza formal e uma emoção particular e duradoura.”. Décadas depois de escritas, as palavras do poeta são válidas até hoje para quem se encontrar no pórtico do conhecimento da obra de Vitalino: “Aqueles que entrarem nesta sala, livres de conceitos prejudgados ou com o espírito cuidadosamente desprovido dos símbolos e expressões nele criados pelo automatismo da memória, verão que as formas puras da beleza nem sempre repousam nas terras altas da ciência e da sabedoria dos grandes artistas, mas descem, como pássaros divinos, sobre a igualdade dos homens comuns”. Concluiu dizendo que Vitalino conseguiu isto. (Por determinação do Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça por trazer mais esse pedaço do Nordeste para esta Casa, só que, no caso, é um pedaço do Brasil, pois tem a impressão de que ninguém neste país desconhece a beleza da arte de Mestre Vitalino. Acredita que cada um deveria ter em casa pelo menos uma peça dessa cerâmica admirável.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pediu uma informação ao Acadêmico Marcos Vilaça sobre o assunto que ele, com tanta categoria e tanta graça, acaba de dissertar sobre a obra de Vitalino. Disse ter passado uma temporada na casa de João Cabral de Melo Neto e que havia um grande debate dentro da família sobre quem era o maior de todos: se Vitalino ou Severino de Tracunhaém. Como a família Cabral de Melo tomava nítido partido de Severino, eu gostaria de saber qual é o parecer do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça sobre esses dois artistas.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça acredita que a família Cabral de Melo, como ribeirinhos, tomaram o caminho dos barranqueiros de Tracunhaém, e do Capiberibe, Severino e Zezinho, os dois grandes de Tracunhaém, que são dois ceramistas muito importantes, mas de uma linha inteiramente diferente. São ceramistas da monumentalidade, peças em tamanho natural e reprodução, sobretudo de santos e de anjos. Os Cabral de Melo provavelmente navegaram pelo caminho da fatalidade geográfica.
- O Presidente agradeceu por este esclarecimento e deu a palavra ao Acadêmico Luiz Paulo Horta.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta, a propósito das palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça sobre figuras do Nordeste, lembrou uma história pitoresca ocorrida naquela região, no campo da música.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony falou da sua participação, em São Paulo, num debate sobre arte popular e, numa discussão, Elio Gaspari declarou que toda obra do Vitalino poderia ser passada num moedor de carne, ou seja, transformar aquilo tudo em barro. Esse tipo de restrição é notadamente paulista, que não aprecia muito a arte dos nordestinos. Pessoalmente, tem sobre o mestre Vitalino uma recordação muito grande e possui em sua casa três ou quatro obras dele, que lhe foram dadas por Jorge Amado e não abdicaria delas, jamais as passaria num moedor de carne.
- O Acadêmico Ivan Junqueira contou também uma objeção feita por uma pessoa que não nasceu no Brasil com relação a essas obras de cerâmica do Nordeste. Álvaro Mendes, que militou durante muito tempo na imprensa,

nessa época trabalhava no Museu do Folclore, no Catete, e a todo instante estava sendo obrigado a recatalogar aquelas obras de Vitalino, de Severino e de outros tantos ceramistas do Nordeste, e lamentava muito que uma enchente no Catete não invadisse o Museu e levasse todas aquelas peças. Prosseguindo, passou a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que esteve num colóquio de linguistas e lexicógrafos nos Açores e depois rumou para Lisboa, onde participou da cerimônia, do último dia 14 na Academia das Ciências de Lisboa, onde foi lançada a 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara começou por dizer que esteve participando do IV Colóquio Açoriano da Lusofonia para representar a ABL, pois o Colóquio elegeu duas entidades patronas: a nossa Academia e a Academia das Ciências de Lisboa. Após o Colóquio, reuniu-se no dia 12 com o Presidente Cícero Sandroni e com o Acadêmico Alberto da Costa e Silva que, como antigo Embaixador do Brasil em Portugal, facilitava os entendimentos junto ao nosso Embaixador, Dr. Celso Marcos Vieira de Souza, para a visita no dia 14 ao Senhor Presidente da República, a fim de que este recebesse a 5.^a edição do *VOLP*. Às 17h, a nossa comitiva dirigiu-se à Academia das Ciências de Lisboa para entregar também ao Presidente da instituição, Dr. Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira, a 5.^a edição do *VOLP*. Durante o encontro, o Presidente Cícero Sandroni proferiu palavras de agradecimento pelo convite para ser a instituição irmã o local do lançamento do *VOLP* em Portugal. Com a palavra, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara leu um breve estudo em que manifestava sua esperança de que o texto de 1990 é a proposta mais próxima e, por isso mesmo, de fácil receptividade entre a nossa ortografia brasileira e a luso-afro-asiática. Enaltecendo o esforço do Brasil no sentido da operacionalização do Acordo, o Acadêmico Aníbal Pinto de Castro, indicado como organizador do *Vocabulário Ortográfico* da instituição, prometeu que a tarefa estará cumprida no menor espaço de tempo. Por fim, ressalta que, diante de tais declarações e demonstrações de apoio à efetiva implantação do novo Acordo, espera ter sido coroada de êxito a visita dos Acadêmicos à instituição irmã, apesar das vozes negativas que se ouvem nos dois lados do Atlântico.

- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante todos estes esclarecimentos, sobretudo de problemas que estão sendo discutidos do outro lado do Atlântico, porque aqui mesmo no Brasil já se registraram algumas objeções com as quais confessa que não contava. São objeções que ignoram que uma lei foi assinada e que não será possível voltar atrás, pois o *Vocabulário*, já concluído, está sendo distribuído e comprado de uma maneira vertiginosa, e não vê muitos problemas nas modificações que o Acordo traz. Deu o seu próprio exemplo: disse que na semana passada terminou uma conferência que fará em Belo Horizonte, na Academia Mineira de Letras, sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho. São 13 ou 14 laudas e, ao ler o texto, foi revisá-lo sob o crivo da nova ortografia e mexeu em apenas 3 ou 4 palavras. Acredita que é um pouco de tempestade em copo d'água.
- O Acadêmico Domício Proença Filho, sobre o assunto, declarou que, como se trata de um acordo diplomático, como disse muito bem o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, tem observado que as discussões ficam entre Portugal e Brasil. Acentuou tratar-se de um acordo da lusofonia e que, em nenhum momento, vê repercussão deste Acordo nos demais países da lusofonia, ou seja, nos países africanos ou no Timor-Leste. Embora, de acordo com o Protocolo II, todos ratificaram o que foi aprovado. Teme que se possa criar um problema diplomático ao serem esquecidas a participação e a opinião dos outros países envolvidos. Acredita que, sendo o Acordo diplomático e político, está muito concentrado nas divergências entre portugueses e brasileiros, até porque os outros países não se manifestaram até agora. Não poderia deixar de fazer esta referência por um dever de consciência.
- O Acadêmico Marcos Vilaça Vinícios Vilaça comunicou que a relatoria do Prêmio Machado de Assis ficou a cargo do Acadêmico Lêdo Ivo. A seguir, propôs que fique assinalado na Ata da sessão de hoje um voto de pesar pelo falecimento do Deputado Federal Carlos Wilson que, ao tempo em que era Presidente da Infraero, ajudou esta Casa, patrocinando a edição de vários livros nos anos de 2006 e 2007.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a propósito das palavras do Acadêmico Domício Proença Filho, esclareceu que recentemente ouviu uma declaração extremamente pessimista do Presidente de Portugal sobre a Guiné Bissau, que cada vez mais está falando francês. Considera ainda pior a questão de Moçambique que aderiu a *Commonwealth* e, nesse momento, em Maputo, a língua falada é o inglês e não o português. A presença inglesa, em Moçambique, e a francesa, na Guiné, torna extremamente improvável que esses países, na sua maturidade de independência, venham manter o português.
- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu por todos estes esclarecimentos e observou que, segundo foi dito pelo Acadêmico Evanildo Bechara, esses países da África não têm uma ortografia. Considerou verdadeiro o que foi dito pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida e pode ser até que ocorra, por parte dessas nações africanas, um absoluto desinteresse pela aprovação ou não do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que a Universidade Candido Mendes está também instalada em Mindelo, Cabo Verde, e lhe impressiona muitíssimo a perda do português naquele país, principalmente porque a estrutura universitária é feita por dotações internacionais e a maioria dos professores teve treinamento universitário nos Estados Unidos.
- O Presidente perguntou ao Acadêmico Arnaldo Niskier se ele pode fazer a sua efeméride sobre José Veríssimo na próxima sessão.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse preferir fazê-la na próxima sessão.
- O Acadêmico Domício Proença voltou a falar sobre a situação dos países africanos, porque, embora uma minoria fale o português, esses governos assinaram o protocolo e se comprometeram a ratificar junto à Assembleia Portuguesa os respectivos documentos do acordo. Assim, o que se vê no momento é o que aqui já foi dito, ou seja, que os africanos seguirão os portugueses. Considera isso uma questão diplomaticamente delicada.

- O Acadêmico Ivan Junqueira comunicou à Acadêmica Ana Maria Machado que vai entrar em contato com o advogado Gustavo Martins de Almeida para saber se ele estará disponível na quarta-feira para vir à Academia conversar sobre a questão dos Direitos Autorais. Convidou os presentes para o lançamento do livro do Acadêmico Helio Jaguaribe, *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*, no saguão do I.º andar do Centro Cultural do Brasil, às 17h30. Lembrou que, como a próxima terça-feira, dia 21, é feriado de Tiradentes, a conferência do Ciclo sobre efemérides, a ser proferida pelo Acadêmico Lêdo Ivo sobre “Raimundo Correia” será na quarta-feira, dia 22, às 17h30, logo após a sessão plenária. A ABL trabalhará no feriado municipal do dia 23, dedicado a São Jorge, mas não funcionará no dia 24, sexta-feira. Agradeceu as presenças e declarou encerrada a sessão.

MESTRE VITALINO, TRANCADO VIVO

*Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça**

Vitalino Pereira dos Santos, nascido em 1909, foi um dos maiores escultores em barro do Brasil. Nasceu no lugarejo Ribeira dos Campos, perto de Caruaru. Em seu depoimento a René Ribeiro, da Fundação Joaquim Nabuco, diz: “Eu, além de analfabeto, criei-me trancado vivo, (...) cismado que só saguim criado no meio do mato.” Seu pai era agricultor e a mãe, além de trabalhar em casa, ajudava nas lides da roça e fazia louça de barro na entressafra.

Mudou-se desse ambiente rural para o Alto do Moura, hoje um bairro de Caruaru, cidade do agreste pernambucano. A grande transformação e aceitação do seu trabalho na feira daquela cidade, feira famosa na região, obrigou-o a mudanças.

Quando menino, fazia a chamada “louça de brincadeira”, pequenos animazinhos e vasilhas, com as sobras de barro da louça que sua mãe produzia para vender na feira.

Na realidade, foi grande o sucesso que causaram na feira de Caruaru as suas “invenções”, como qualificavam as peças do seu ofício os companheiros ceramistas.

Com a sua chegada, passou a atuar como mestre entre os demais artesãos.

* Proferidas na sessão do dia 16 de abril de 2009.

Formou-se ali, em torno dele, a primeira geração de “bonequeiros”: Zé Caboclo, Manuel Eudócio, Zé Rodrigues e outros.

Vitalino foi o primeiro a retratar, na região, a vida no sertão e na cidade.

Inicialmente figuras isoladas, como “O Caçador de Onça”, a que se seguiram grupos, que retratam desde o trabalho agropastoril do camponês até o seu desterro, nas representações que faz dos retirantes, tão adequadas à sua linguagem dramática, solidária e expressionista. Fixa igualmente ritos de passagem – nascimento, casamento e morte – e ergue do barro figuras míticas de cangaceiros, bois, lobisomens sangrando homens, o diabo tripudiando sobre o bêbado.

A crescente popularidade, tanto local como nacional, trazida pelo seu trabalho inovador, em nada altera o seu comportamento. Homem religioso, expansivo na idade adulta e com gosto pelo convívio, Vitalino tinha prazer em conversar com o seu público na feira, em beber com os amigos, em tocar na banda de pífanos. Esse seu modo comunicativo e alegre de ser, contraposto à dura condição da sua vida material, reflete-se em composições como “Homem Foliando Samba”, “Vaqueiros”, “Queda de Braço”, “Banda”, que mostram o artista gostando de estar no mundo, entre os homens.

Foi uma exposição organizada por Augusto Rodrigues, no Rio de Janeiro, 1947, – prefaciada pelo poeta Joaquim Cardozo – que revelou pela primeira vez Vitalino aos olhos do grande público. Esse fato, um dos indicadores da “descoberta” das artes do povo pelas elites intelectuais, é consequência do processo histórico-cultural ligado às premissas do Movimento Modernista de 1922 e do Movimento Regionalista do Recife, em 1921.

Tratava-se de tornar visíveis, para a norma erudita, os valores das culturas do povo, que até hoje mantém com a primeira e entre si uma grande circularidade, que confere à civilização brasileira uma fisionomia plural, híbrida, única no mundo, conforme Lélia Coelho Frota, na costureira argúcia, observa muito bem.

O fato é que Vitalino alinha-se hoje entre os grandes artistas brasileiros, uma vez que estão ultrapassados os obstáculos epistemológicos que consideravam a arte do povo inferior à arte de tradição letrada ocidental.

A arte do povo tem, a partir do século XX, autoria, padrões de gosto e fruição estética próprias, de forte representação simbólica e invenção formal.

Em *Flauta de Papel*, o poeta Manuel Bandeira escreve várias páginas sobre Vitalino, e diz que a significação plástica dos bonecos de Caruaru “valia a de Lipchiz”, considerando-os realmente “obras de arte.”

Os trabalhos de Vitalino colocam-nos diante de “toda uma vida sentida e comentada”, como bem observou, lá em 1947, Joaquim Cardozo, na sua apresentação da primeira mostra de Vitalino e seus companheiros, no Rio de Janeiro.

Nesses até então desconhecidos escultores do povo, o olhar radiográfico de Cardozo soube ver “uma riqueza formal e uma emoção particular e duradoura.”

Tantas décadas depois de escritas, as palavras do poeta são válidas até hoje para quem se encontrar no pórtico do conhecimento da obra de Vitalino:

Aqueles que entrarem nesta sala, livres de conceitos prejudgados ou com o espírito cuidadosamente desprovido dos símbolos e expressões nele criados pelo automatismo da memória, verão que as formas puras da beleza nem sempre repousam nas terras altas da ciência e da sabedoria dos grandes artistas, mas descem, como pássaros divinos, sobre a igualdade dos homens comuns.

Apesar de ter a sua obra exposta no extraordinário Museu de Arte Popular de Viena e em grandes museus nacionais, em Fundações como a Joaquim Nabuco, no Recife, e Raimundo Castro Maia, no Rio de Janeiro, Vitalino, cujo centenário celebramos, morreu de varíola, em 1963, pobre e famoso, na sua casa do Alto do Moura. Hoje, mais de quinhentas famílias vivem ali da arte do barro, que ele inovadoramente implantou na cidade, considerada o maior centro de ceramistas existente na América Latina.

SESSÃO DO DIA 22 DE ABRIL DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

- O Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira, no exercício da presidência, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 16 de abril de 2009, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Helio Jaguaribe, que aniversaria amanhã, dia 23; e outra para o Acadêmico José Sarney, que comemora seu natalício no dia 24 do corrente. Prosseguindo, deu notícias do estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto, que, embora inspire alguns cuidados, permanece estável. A seguir, comunicou que esta Casa recebe nesta tarde o Dr. Gustavo Martins de Almeida, indicado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e que aqui se encontra para esclarecer algumas dúvidas que surgiram após o Informativo do *Google*, publicado na Revista *Veja* do dia 7 de março e que foi trazido à sessão do dia 12, pela Acadêmica Ana Maria Machado, que, na ocasião, se referiu a uma ação coletiva na qual o *Google* era acusado de violar os direitos autorais de autores, editores e outros detentores de direitos autorais, digitalizando livros e encartes com esses di-

reitos e exibindo parte do material sem permissão dos autores. Agradeceu a boa vontade do Dr. Gustavo Martins de Almeida, que concordou em vir hoje ao plenário falar sobre o assunto.

- A Acadêmica Ana Maria Machado declarou não ter dito que alguém tinha violado o Direito Autoral, apenas levantou dúvidas se não haveria uma violação, o que é bem diferente.
- O Dr. Gustavo Martins de Almeida agradeceu o convite, pela honra de estar nesta Casa, onde já esteve há cerca de dois anos atrás, falando sobre o mesmo tema, e sempre contou com a especial atenção de todos. Discorreu sobre Direitos Autorais no Brasil e, de uma maneira clara, sintética e abrangente, expôs o que pensa sobre a ação que o Sindicato de Autores Americanos está movendo contra o *Google*. Comunicou ter pesquisado, em profundidade, esse caso, porque o informe publicitário que saiu em vários órgãos de comunicação é mal escrito, e a linguagem muito sinuosa. Procurou a minuta do acordo para saber exatamente o que acontecia. Disse tratar-se de uma Ação de Classe, proposta por autores norte-americanos contra uma empresa norte-americana, ambas sediadas nos Estados Unidos e cujo conceito de livro não abrange obras no exterior. Portanto, fez um exame cuidadoso, bem sustentável, mas gostaria também de submeter à OAB, pois acredita que possam questionar, de maneira consistente, mas sem estardalhaço, com a austeridade que caracteriza os autores, até que ponto esse informativo não seria uma propaganda enganosa, porque do modo como foi redigido beira o estratagema, ultrapassa a linha da astúcia e da perspicácia. Em linhas gerais, fez esta exposição em breve espaço de tempo, acrescentando acreditar que, no momento, não seja necessário preocupar-se ou tomar uma providência mais afirmativa, apenas estar preparado para alguma eventualidade. Declarou que é da Comissão de Direito Autoral da OAB e crê que esta Instituição veria com muita simpatia a participação da Academia e de outros órgãos de classe respeitáveis para combater, na medida necessária, esse tipo de acordo. Acredita ser essa a sua primeira visão do assunto. Colocou-se à disposição dos acadêmicos para as dúvidas que certamente advirão desta exposição.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu ao Dr. Gustavo Martins de Almeida esta apresentação esclarecedora e brilhante. A seguir, indagou se os Senhores Acadêmicos desejam fazer alguma pergunta.
- A Acadêmica Ana Maria Machado disse ter sido um esclarecimento precioso e que a sua principal dúvida foi esclarecida, tendo gostado muito da sugestão de que se continue investigando junto com outras entidades, mas sem estardalhaço. Enfim, declarou que subscreveu e aprovou.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho perguntou sobre os escritores que têm livros publicados nos Estados Unidos.
- O Dr. Gustavo Martins de Almeida declarou que, quanto a esses, deveria haver um questionamento em relação à editora brasileira do escritor ou, no caso do contrato ter sido feito diretamente com uma editora estrangeira, uma consulta para saber a postura da editora americana à qual está vinculado.
- O Acadêmico Lêdo Ivo questionou sobre o caso de um escritor que tem o mesmo livro publicado, por editoras diferentes, nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Canadá.
- O Dr. Gustavo Martins de Almeida disse que nos Estados Unidos a resposta é a que acabou de dar ao Acadêmico José Murilo de Carvalho, mas quanto à situação dos outros países de língua inglesa não está muito clara no contrato. O modo de exposição deles refere-se apenas aos Estados Unidos, nos demais países lhe parece que haverá, certamente, algum movimento do mesmo tipo. O mais acertado é indagar das editoras se haveria algum envolvimento nesse sentido e sondar a postura das mesmas diante desse acordo.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho afirma saber que, nesse acordo, uma das partes seria o *Google* e gostaria de saber qual é a outra.
- O Dr. Gustavo Martins de Almeida informa que a outra parte é o Sindicato de Autores Americanos. Trata-se de uma ação coletiva contra o *Google*. Continuando, o Dr. Gustavo disse haver um ponto muito questionável nos dias de hoje, embora o Direito Autoral tenha um poder enorme: “Qualquer um

dos senhores aqui é dono da sua obra e pode usá-la livremente, mas há um artigo difícilimo na Lei brasileira, que está reproduzido também em outras legislações, que é o Art. 46, que fala das limitações do Direito Autoral. Este Artigo menciona 12 ou 13 incisos que são exceções à Lei brasileira de Direitos Autorais”.

- O Acadêmico Carlos Nejar parabenizou a lucidez da explicação do Dr. Gustavo Martins de Almeida, ressaltando o seu espírito de síntese, que foi uma lição de direitos e como diria Drummond, “uma lição de coisas”.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, declarou que, não havendo mais perguntas, queria dizer que esta Casa está muito honrada e confortada com a presença do Dr. Gustavo Martins de Almeida, que deu esclarecimentos muito importantes, e a decisão da Academia é acompanhar todo esse processo, porque outras instituições, como a OAB e a ABI, poderão também se preocupar com essa questão. De maneira que a Academia passará a fazer um acompanhamento pormenorizado relativamente à evolução desse caso.
- O Dr. Gustavo Martins de Almeida declarou que, na próxima sessão da Comissão de Direito Autoral da OAB, pedirá à instituição que se manifeste e prepare um estudo sobre esse caso.
- O Acadêmico Ivan Junqueira suspendeu a sessão por breves instantes para que o Dr. Gustavo Martins de Almeida pudesse ser conduzido à sala ao lado.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, retornando aos trabalhos da sessão de hoje, passou a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse ter a honra de apresentar o nome do escritor português José Saramago à Cadeira I6 do Quadro de Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada pelo escritor francês Maurice Druon. Disse ter certeza de que José Saramago terá uma grande alegria, um grande contentamento e honra em pertencer aos Quadros desta Casa.

- O Presidente disse que a candidatura está apresentada e obedecerá aos trâmites previstos pelo Regimento. Passou a palavra ao Acadêmico Carlos Nejar.
- O Acadêmico Carlos Nejar trouxe à Biblioteca da Academia o livro de ensaios do Acadêmico Ivan Junqueira, *Cinzas do Espólio*. Disse tratar-se de um livro que prende pelos temas, pela sabedoria da prosa e, sobretudo, pela lucidez crítica. Acrescentou que Ivan, como todos sabem, é um dos mais importantes poetas brasileiros e, segundo ele, é da condição do grande poeta ter também uma grande visão crítica. Isso é visível no seu livro, aparentemente sem grandes pretensões, porque são conferências, palestras, mas que tratam de assuntos importantíssimos da criação contemporânea, começando pelo texto sobre Dom Quixote, pela forma como chegou ao Brasil, quando no florescimento do Barroco, e pelo espírito do Quixote, que move toda nossa cultura ocidental. Falou também sobre o estudo que faz sobre Carpeaux, onde há algo de pessoal nesse estudo, porque o autor conheceu esse gênio enciclopédico da cultura ocidental que se exilou no Brasil. Neste livro, Ivan Junqueira não é apenas o poeta que escreve sobre poetas, mas também o crítico que escreve sobre o romance, quando trata da criação literária dos gêneros, citando o Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Entre os poetas estudados, há um estudo magnífico sobre Lêdo Ivo, que fala exatamente da desmedida e da opulência da criação lediana. Discorreu, ainda, a propósito do capítulo sobre a tradução. Concluindo, falou do estudo exemplar sobre Machado de Assis cronista, que dá uma dimensão de dignidade à crônica, ou o panorama da poesia no fim do milênio. Teceu considerações sobre o título do livro, *Cinzas do Espólio*, mas pensa que estas cinzas são brasas para o leitor, porque o poeta está aqui presente em cada linha e o crítico sabe acompanhar o poeta. Assim, o livro não diz bem do seu título, porque estas cinzas estão cheias de brasas e queimam de amor à criação.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu muito comovido estas generosíssimas palavras do poeta Carlos Nejar sobre o que diria que é um livrinho de sua autoria.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse só ter notado hoje, na relação das efemérides, a celebração, neste mês, do 170.º aniversário do nascimento de Tavares Bastos, patrono da Cadeira 35, mas não queria deixar passar em

branco a data. Falou da precocidade de Tavares Bastos, que escreveu seu primeiro livro, *Cartas do solitário*, aos 23 anos, livro que o Imperador leu e comentou. Morreu aos 36 anos. Em 1870, publicou *A Província*, livro de referência para o pensamento liberal no Brasil, no qual estabeleceu um debate com o *Ensaio sobre o Direito Administrativo* que o Visconde do Uruguai publicara em 1862. Esse debate, que dizia respeito ao sentido da liberdade em países como o Brasil, continua válido até hoje. Tavares Bastos, que partia de uma visão liberal mais ortodoxa, considerava o Estado um inimigo da liberdade. O Visconde do Uruguai sustentava, ao contrário, que, nas circunstâncias brasileiras, o Estado poderia ser um pedagogo da liberdade e não seu inimigo. A obra de Tavares Bastos transformou-se num ícone do liberalismo brasileiro. Nele se inspiraram muitos, não sendo o menor deles Raimundo Faoro em *Os Donos do Poder*. No entanto, o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, em seu livro *Ideias Fundamentais de Tavares Bastos*, recuperou um outro lado do pensador alagoano. Consultando a documentação dele que se encontra na Biblioteca Nacional, sobretudo discursos e correspondências, o autor encontrou em Tavares Bastos vários pontos de vista que se afastavam da ortodoxia liberal e nos quais se admitia e se pregava mesmo a interferência do Estado, sobretudo em áreas como a educação e a emigração. Acredita que a simpatia de Evaristo por Tavares Bastos não se daria se ele fosse apenas um radical defensor da liberdade sem simpatia pelo social. Por tudo isso, gostaria de deixar registrada a data em homenagem a um patrono que marcou nosso pensamento liberal, mas que não fechava os olhos à dimensão social da política.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse estar preparando uma publicação sobre Tavares Bastos e já pediu a colaboração do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Vai pedir agora ao Acadêmico José Murilo de Carvalho para ajudá-lo nessa publicação que será lançada ao ensejo dos 170.º do seu nascimento.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho esta recordação de Tavares Bastos, muito esquecido nos dias atuais e, de acordo com o pensamento do Acadêmico Alberto Venancio Filho, estamos aqui, na medida do possível, relembando estes vultos do passado.

- No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Arnaldo Niskier relembrou José Veríssimo num texto que tem como tema “José Veríssimo e a Educação Feminina”. Neste trabalho enfatiza que José Veríssimo defendeu a educação estética e afirmou, convictamente, que “se uma alma se abre realmente e honestamente ao belo, se o sente, se chega a perceber as suas relações íntimas e necessárias com quanto a comove e enleva, nenhuma outra espécie de educação poderia talvez ser mais útil à mulher.” (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier, sobretudo por esse novo ângulo sob o qual ele trouxe de volta a esta Casa um pouco de tudo o que fez José Veríssimo. Na verdade, de Veríssimo ficaram muito mais a crítica literária, a antropologia, mas houve um Veríssimo profundamente interessado nos problemas educacionais. Acredita que ninguém melhor do que Arnaldo Niskier para levantar esta questão aqui no plenário. Acrescentou que um livro da maior importância de José Veríssimo está completamente esquecido, *A Educação Nacional*, sem o qual não poderíamos entender o processo da educação brasileira.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho informou que vai haver uma nova edição do livro *A Educação Brasileira* pela *Topbooks*, para a qual teve a oportunidade de escrever a introdução. Concorde que se trata de um livro essencial e lembrou uma característica única de José Veríssimo. Ele foi um dos poucos pensadores do século XIX que, apesar de se ter formado longe do Rio de Janeiro, em Belém do Pará, de ter tido contato com a Europa sem passar pela corte, e de se ter transferido para o Rio de Janeiro após a proclamação da República, já trouxe em sua bagagem um livro profundamente brasileiro, *A Educação Nacional*. A visão nacional na época só era adotada pelos que se estabeleciam na corte e escreviam a partir da corte. Os que ficavam em suas províncias, com poucas exceções, não valorizavam o nacional. José Veríssimo constituiu uma dessas notáveis exceções. Era esta a característica que gostaria de ressaltar, em modesto adendo às palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Presidente agradeceu a chegada oportuníssima.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse, a propósito das palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que a primeira vez que teve nas mãos o livro *A Educação Nacional*, este lhe foi dado por Afrânio Coutinho, em sua Oficina Literária. Acrescentou que se trata de uma forma a que recorre para homenagear a memória de um dos grandes acadêmicos desta Casa.
- O Acadêmico Ivan Junqueira, no exercício da presidência, convidou os presentes para a conferência do Ciclo sobre Efemérides proferida pelo Acadêmico Lêdo Ivo sobre Raimundo Correia, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. Agradeceu as presenças e declarou encerrada a sessão.

JOSÉ VERÍSSIMO E A EDUCAÇÃO FEMININA

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier**

José Veríssimo, fundador e primeiro ocupante da Cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras, nasceu em Óbidos, no Estado do Pará, em 1857. No seu estado natal dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Em 1891, transferindo-se para o Rio de Janeiro, foi professor da Escola Normal (hoje Instituto de Educação) e do Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II). Dedicou-se intensamente à crítica e à história literária, nascendo daí a sua antológica *História da Literatura Brasileira*, escrita com o sentimento de que “criticar é compreender”, fugindo assim do cientificismo da época.

Autor igualmente do livro *A Educação Nacional*, discutiu intensamente, no *Jornal do Brasil*, a reforma da educação pública, a partir das ideias positivistas de Benjamin Constant, a quem ele atribui o máximo de liberalismo.

Dentre os estudos de Veríssimo convém destacar, nesta relembração, o valor que deu à educação da mulher, na época bastante discriminada. Defendia a criação de institutos especiais de instrução feminina e pretendia melhorar as escolas normais existentes, “para que as mestras delas saiam com maior competência, aprendendo de fato o que ali se promete ensinar.”

Para a língua e a literatura nacionais, sugeria que não houvesse abuso tão nosso de uma erudição gramatical impertinente e ao cabo inútil. O objetivo maior seria apurar-lhes o discernimento, “para nela se exprimirem simples mas

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 22 de abril de 2009.

corretamente, sem as afetações literárias das sabichonas e letradas. Um estudo assim devia pô-las em contato direto com os grandes autores da nossa língua, poetas e prosadores, educadores da razão, do sentimento, do gosto das gentes que a falam.”

José Veríssimo preconizava o bom entrosamento entre as literaturas do Brasil e de Portugal, “abandonando-se o sistema até aqui seguido das broncas e enfadonhas, e quantas vezes erradas e viciosas, notícias bibliográficas ou sutilezas críticas, pelo comércio direto dos escritores e sua apreciação simples, ingênua, despida de todo o pedantismo escolar.”

Defendeu a educação estética e afirmou, convictamente, que “se uma alma se abre realmente e honestamente ao belo, se o sente, se chega a perceber as suas relações íntimas e necessárias com quanto a comove e enleva, nenhuma outra espécie de educação poderia talvez ser mais útil à mulher.”

Para concluir que “no ensino da música, em vez de fornecer às educandas ideias e sentimentos convencionais, o mestre tivesse o necessário tato para simplesmente despertar-lhes e estimular-lhes a inteligência na curiosidade e interesse das obras-primas e na maneira de as interpretar com pureza e exatidão, cuja primeira condição é bem compreendê-las e senti-las. Uma educação estética assim dada, que não mobiliasse apenas a memória de conceitos corriqueiros e no ar, sem nenhuma objetivação, e de opiniões feitas, mas de fato ornasse o espírito, despertasse as puras emoções do gozo artístico, criasse uma matéria de simpatia humana e um interesse permanente pela arte, seria, estou certo, um estímulo para uma vida espiritual e moralmente superior, que ainda é a mais forte garantia e a melhor defesa da mulher.”

José Veríssimo faleceu no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1916. O discurso de adeus foi proferido pelo acadêmico Filinto de Almeida.

SESSÃO DO DIA 30 DE ABRIL DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 22 de abril, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Arnaldo Niskier, que aniversaria hoje, e para a Acadêmica Nélida Piñon, que aniversaria no próximo dia 3 de maio. Agradeceu ao Secretário-Geral, que o substituiu nas duas semanas em que esteve na Europa. Deu conhecimento ao Plenário do ofício do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional informando sobre o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, vinculado ao Ministério da Cultura e sobre o Edital, que ficará na Secretaria à disposição dos interessados. Disse que a ABL celebra a reedição da obra completa da Acadêmica Lygia Fagundes Telles pela editora Companhia das Letras. Uma obra que mostra todo o poder da ficção da Acadêmica, com ensaios introdutórios de especialistas e Acadêmicos. Solicitou às comissões dos prêmios literários que apresentem seus pareceres.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier leu o Parecer do Prêmio de Literatura Infantojuvenil da ABL, propondo a divisão deste entre Chico Salles e Ciro Fernandes, respectivamente autor e ilustrador do livro *Cordelinho*.
- O Presidente Cícero Sandroni colocou em discussão o Parecer do Prêmio de Literatura Infantojuvenil da ABL, que foi aprovado. Informou que os prêmios serão entregues no dia 20 de julho. Lembrou à comissão formada pelos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Antônio Carlos Secchin e Domicio Proença Filho que devem ler o parecer sobre o candidato à Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes, na vaga de Antonio Alçada Batista, até o dia 8 de maio.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho agradeceu as manifestações de carinho que recebeu durante os 15 dias em que esteve hospitalizado. Discorreu sobre o livro do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, *Dr. Alceu: da "Persona" à Pessoa*. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni disse ao Acadêmico Murilo Melo Filho que todas as manifestações sobre o seu estado de saúde foram o resultado do carinho que cerca a sua pessoa na ABL.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, no Capítulo das Efemérides, fez um trabalho consistente sobre o Acadêmico José Guilherme Merquior. Lembrou que, além do vínculo intelectual com o Acadêmico, havia um vínculo afetivo muito grande. Numa de suas vindas ao Itamaraty, foi à divisão consular para falar com ele. Sua juventude era extrema, tinha um ar de menino saliente, estudioso e que todos aprenderam a admirar. Foi um usuário desinibido da erudição de Merquior. Lembrou a polêmica com Merquior a respeito do Iluminismo, sobre o qual tinham posições opostas, porque, a seu ver, o Iluminismo era uma força permanente, que não tinha nascido e nem se esgotava no século XVIII, era uma força crítica, uma defesa da razão contra a tradição e o *status quo*. Para Merquior, o Iluminismo era algo que tinha acontecido, uma página importante, mas virada. Recentemente releu essa polêmica, que foi divulgada na *Folha de S. Paulo*, e chegou à conclusão de que José Guilherme Merquior estava absolutamente certo. Lembrou o texto

de Merquior, que permite sintetizar muito bem as posições teóricas quando ele diz que é possível não ser marxista, não gostar da psicanálise e detestar as vanguardas estéticas sem ser reacionário em política, em ciências humanas ou em arte. A partir daí pode-se sintetizar o pensamento dele nesses três blocos temáticos. Merquior, depois de ter flertado com o Marxismo como todos os intelectuais no Brasil, sofre uma reviravolta teórica e política e, a partir dessa guinada, passou a contestar o marxismo ocidental. Discorreu sobre a amizade de Merquior com Leandro Konder. Lembrou que Merquior, com relação à Psicanálise, era absolutamente intransigente no seu horror a ela. Em seu racionalismo, achava que Freud havia combatido a razão, era retrógrado porque tinha dito que a modernidade se baseava num substrato pulsional, e era irracional, porque dava uma voz excessiva aos inimigos da alma consciente, que eram as outras instâncias inconscientes. Finalizando, lembrou que o terceiro inimigo de Merquior era a vanguarda estética. Ele não era a favor da arte acadêmica, mas era contra os modismos gauleses. Merquior achava que era preciso voltar ao período áureo em que os escritores eram arautos da modernidade ou, pelo menos, tinham se reconciliado com a modernidade. Tudo isso pode ser discutido, mas a verdade é que, num certo sentido, a história deu razão a Merquior, porque era contra o Marxismo, que ruuiu sobre os escombros de um muro; era contra a psicanálise, que hoje está sendo superada por várias outras doutrinas e, sobretudo, por orientação farmacológica que substituiu as neuroses por transtornos. As vanguardas também já foram, num certo sentido, abaladas pelo Pós-modernismo. Uma das lutas do pós-moderno é a luta contra o elitismo das vanguardas do século passado. Merquior ganhou em todas as linhas, mas tem a impressão de que ele não se daria por satisfeito, continuaria as batalhas nos três eixos. A sua visão da psicanálise, que hoje foi substituída por remédios ao contrário da visão freudiana, e, finalmente, o caso das vanguardas estéticas, que teriam sido substituídas por um pós-moderno, um pós-colonialismo politicamente correto. Talvez Merquior preferisse recomeçar a guerra.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a propósito das palavras que acabou de ouvir, declarou que, com esses dois diplomatas que falavam alemão, Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior, foi possível ter um

acesso direto à Escola de Frankfurt no Brasil. Acesso que considera extraordinário e, nesse caso, citou Walter Benjamin dentro desse conjunto. Afirmou que José Guilherme Merquior é, sob esse aspecto, a marca da contemporaneidade no sentido direto e imediato, e, somando-se ao que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet acabou de dizer, acrescentou três ou quatro testemunhos subsequentes. Disse ter tido a alegria de estar com Merquior em Londres, quando ele serviu com Roberto Campos, e participou um pouco dos debates em Oxford, exatamente nessa polêmica que começava a partir do desconstrutivismo dentro do linguajar da modernidade. A obra *Razão do Poema* era um elemento fundamental a esta crítica e a esta análise, e uma perspectiva seminal de José Guilherme Merquior no patamar mais exigente que se poderia ter, naquele momento, para chegar a essa linha. Evidentemente, quando Sergio fala na vanguarda estética, nos perguntamos onde estamos neste aspecto. Está certo de que se trata de uma polêmica da qual não será possível escapar, mesmo na sequência do Ano da França no Brasil. Indaga, ainda, como se pode falar do Pós-modernismo e como essa matéria, além dos hífens e próclises, pode se transformar num conteúdo objetivo. A propósito do Seminário que se está realizando, Merquior é citado ao lado de Baudrillard e Lyotard como uma contribuição fundamental para o que seja hoje a revolução epistemológica, já na própria linguagem e no próprio ementário do dizer. Afirmou que estamos dentro desta linha, e esse arcano da modernidade está se desdobrando e se desenvolvendo onde, cada vez mais, Merquior é um pensamento crítico senão agônico dentro desta revelação. Discorreu sobre a tragédia de Merquior, referindo-se à sua morte prematura que se compara à de Lyotard. Falou ainda desse Merquior que, ao contrário de quem tem uma obra acabada, vamos ter diante de nós, adejando ou não esta sala, como um pensamento rigorosamente prospectivo na sua capacidade de capturar o sentido do nosso tempo.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva declarou que José Guilherme Merquior foi seu amigo de muitos anos e acredita ter sido uma das últimas pessoas a falar com ele antes de sua morte. Falou da sua inteligência invulgar, mas, neste momento, queria lembrar aqui o amigo excepcional que ele foi e, mais do que isso, o grande comprador de livros. Lembrou que estava

na Nigéria e fazia os seus pedidos de livros em Londres a José Guilherme Merquior, que lhe atendia, mas os livros demoravam um mês para chegar por conta da burocracia e também porque ele os lia e comentava, antes de enviá-los. Têm vários desses livros anotados com os comentários de Merquior e, em especial, uma obra de Jack Goody, *Technology, Tradition, and the State in Africa*, com três páginas de José Guilherme contendo as mais percutientes e importantes análises sobre um livro que se ocupa da formação do Estado na África. Sobre este, que é importantíssimo, José Guilherme escreveu páginas preciosas que talvez tenham sido a melhor resenha que Jack Goody jamais mereceu.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco declarou que não pensara em falar, queria apenas apreciar a exposição de Sérgio Rouanet e as palavras de Alberto da Costa e Silva, que, juntamente com ele, haviam sido companheiros de José Guilherme Merquior no Itamaraty. Percebera, no entanto, que não podia deixar de acrescentar uma palavra de saudade sobre esse querido amigo e colega. Considera Houaiss, Merquior e Jaguaribe gigantescos trabalhadores intelectuais, dos maiores que conheceu, e sente muita falta dos dois primeiros, que já se foram. Lembrou haver conhecido Merquior, adolescente ainda, em casa de Odylo Costa, filho, onde se reunia, em ambiente hospitaleiro, generoso e brilhante, a nata da intelectualidade residente no Rio de Janeiro. Lá também conheceu José Sarney, então jovem deputado pelo Maranhão, que mais tarde, elevado à Presidência da República, os galardoaria com três dos postos mais desejáveis e desejados da carreira diplomática: a UNESCO para Merquior, Lisboa para Costa e Silva, e o Vaticano para ele. A primeira vez em que José Guilherme serviu em Paris foi por recomendação de Afonso Arinos a Bilac Pinto, que havia sido nomeado embaixador na França, ressaltando: “Bilac, não lhe estou pedindo um favor, estou fazendo um favor. Você vai levar a Paris o mais competente, o mais capaz, o mais culto dos assessores que possa imaginar”. E foi esse o papel que Merquior exerceu na França ao lado de Bilac Pinto. Disse nunca haver esquecido conversa que presenciou num bar em Paris, entre admirado e divertido, de Afonso Arinos com José Guilherme. Via Merquior como uma lâmpada ligada a uma corrente de voltagem superior à sua, brilhando em demasia.

Teve a premonição penosa de que um brilho assim tenderia a se apagar. E se apagou aos 49 anos de José Guilherme. Lembrou o apoio emocionante que Merquior, então um jovem de 20 anos apenas, prestara a sua mulher, por ocasião de enorme golpe que a família havia sofrido. Contou que estava na Holanda quando falou com José Guilherme pela última vez. Este o chamara de Paris, por telefone, fazendo um pedido singular: queria ver o seu *Michel Foucault, ou o Nihilismo de Cátedra*, que havia sido traduzido para o neerlandês, e editado naquele país. Embora nada entendesse da língua, o autor tinha justa curiosidade de conhecê-lo. E conseguiu fazer, então, esta coisa rara: dedicar a um autor, seu amigo, um livro dele, que nunca o vira, publicado em língua que desconhecia. Depois disso, foi a tragédia, não incomum na medicina europeia. José Guilherme foi mal cuidado até o fim, erroneamente diagnosticado como anêmico, quando tinha, de fato, um câncer que se foi tornando terminal. Quando o descobriram, era demasiado tarde, e viajou para morrer nos Estados Unidos. Afirmou que poucas vezes testemunhara uma presença cultural, intelectual e humana tão merecedora da admiração, do afeto e da saudade de seus amigos quanto a de José Guilherme Merquior.

- O Acadêmico Carlos Nejar disse que José Guilherme Merquior marcou a sua geração com o seu primeiro livro *Razão do Poema*, pela forma lúcida com que enfrentou autores e temas. Poucos estudaram tão bem, em livros posteriores, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, e poucos foram tão eruditos como ele. O tempo combateu contra a inteligência e a inteligência contra o tempo. Sua vida foi pequena diante da intensidade de conhecimentos e de buscas. Era uma inteligência imensa, com uma mente relampejante, mas que não pôde chegar à grande síntese, que só o tempo lhe daria. Porém, o que conseguiu nessa agônica busca ficou como um legado importantíssimo em vários campos da nossa cultura. Lembrou que, quando houve oportunidade de se candidatar à Academia, Merquior foi um dos primeiros que lhe apoiou e lhe deu o voto. Afirmou que, ouvindo falar sobre ele, se emociona, porque ele tinha a bondade da inteligência e a inteligência da bondade.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a todos os Acadêmicos que se manifestaram: Sergio Paulo Rouanet, Candido Mendes de Almeida, Alberto da Costa e Silva, Affonso Arinos de Mello Franco e Carlos Nejar. Disse que

gostaria de dizer algumas palavras sobre Merquior, mas que tudo já havia sido dito. Atendo-se ao final da intervenção do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, acredita que, se José Guilherme Merquior tivesse vivido mais, talvez as suas visões sobre o Marxismo, a Psicanálise e a Vanguarda mudassem um pouco, ou, talvez até, desse razão a Rouanet. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Moacyr Scliar.

- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que o seu assunto é um pouco mais prosaico, mas necessário. Alguns colegas pediram-lhe para que falasse aqui sobre a gripe suína, talvez pela sua experiência em Saúde Pública. Baseado nessa experiência, disse que a mídia está informando corretamente. Portanto, o risco de uma pandemia é real, pois vai chegar a todos os países, inclusive ao Brasil. Aconselhou aos colegas que se vacinem contra a gripe comum. Essa vacina já foi devidamente testada. Tem algumas contraindicações, mas são poucas. O grau de proteção dela não é 100%, mas é razoável e há alguma possibilidade de que ela dê algum grau de imunidade à gripe suína. Lavar as mãos também ajuda a se proteger. Não tomar remédios sem indicação clínica. Não adianta vitamina C e homeopatas antigripais, pois nada disso vai funcionar. O que pode funcionar, mas não é para tomar sem indicação médica, é o Tamiflu. É bom ter em casa porque, se a gripe suína realmente chegar, ele vai desaparecer das farmácias.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar pelos esclarecimentos. A seguir, convidou os presentes para o lançamento do livro *Vozes da Educação*, do Acadêmico Arnaldo Niskier, hoje, às 18h, no Edifício do Centro Cultural do Brasil, e declarou encerrada a sessão.

DR. ALCEU: DA "PERSONA" À PESSOA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Agradeço as manifestações de carinho que recebi durante os 15 dias em que estive hospitalizado, ressaltando que essas espontâneas demonstrações de interesse pelo meu estado de saúde serviram apenas para comprovar as profundas convicções da fraternal amizade que me liga hoje a todos os meus companheiros da Academia.

Sobre a obra *Dr. Alceu: da "Persona" à Pessoa*, do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, trata-se de um livro importante, no qual o autor faz um retrato de corpo inteiro do grande escritor e filósofo católico que foi a 'persona' de Alceu de Amoroso Lima, não apenas como membro da Academia Brasileira de Letras, mas também como agraciado com o Prêmio Marie Moors Cabot, da Universidade de Columbia.

* Proferidas na sessão do dia 30 de abril de 2009.

SESSÃO DO DIA 7 DE MAIO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 30 de abril, que foi aprovada. Informou aos Senhores Acadêmicos que na semana passada o Acadêmico Sábato Magaldi foi submetido a uma cirurgia com excelentes resultados. Ele se recuperou muito muito bem e talvez, na próxima sessão, já esteja neste plenário. Para o Acadêmico Sábato Magaldi pediu uma salva de palmas pelo transcurso do seu natalício no próximo dia 9 de maio. Deu também notícias sobre o estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto, que permanece estável. Para o Acadêmico Antonio Olinto pediu uma salva de palmas pelo transcurso de seus 90 anos no dia 10 do corrente. Pediu também uma salva de palmas para o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que comemora seu natalício na terça-feira, dia 12 de maio. Comunicou que os Acadêmicos Evanildo Cavalcante Bechara, Domício Proença Filho e

ele estiveram presentes à solenidade de entrega do Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia, concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ao Acadêmico José Murilo de Carvalho. Fez um breve comentário sobre o brilhante discurso proferido, naquela ocasião, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, que foi saudado pelo Presidente da Academia Brasileira de Ciências. No seu discurso, este último mostrou como as ciências estão hoje bem inter-relacionadas.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho informou que também esteve presente à entrega do Prêmio ao Acadêmico José Murilo de Carvalho. Não pôde ficar até o fim, mas o cumprimentou.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que fica também registrada a presença do Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para fazer a leitura do parecer da comissão do Prêmio ABL de Tradução, que indicou Paulo Bezerra pela sua tradução de *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski. Finda a leitura, o Presidente submeteu o parecer ao plenário que o aprovou.
- O Presidente Cícero Sandroni falou sobre a grande perda da cultura brasileira na semana passada com a morte de Augusto Boal. Lembrou este grande diretor de teatro, homem muito culto, indicado várias vezes para o Prêmio Nobel da Paz e criador do Teatro do Oprimido. Carioca, nascido na Penha em 1931, foi para São Paulo onde se formou em Engenharia Química e depois fez pós-graduação nos Estados Unidos, aí entrando em contato com o teatro, atividade pela qual se apaixonou. Estudou direção teatral e dramaturgia na *School of Art Dramatic*, de Nova York, com grandes personalidades do Teatro norte-americano e, de volta, passou a integrar o Teatro de Arena, em São Paulo. Foi um dos fundadores desse grupo, a convite do Acadêmico Sábato Magaldi e de José Renato. Sábato e Edla eram grandes amigos de Augusto Boal e de Cecília, sua mulher, que ele conheceu no exílio, na Argentina. Dirigiu várias peças, entre as quais "Ratos e Homens", mas o seu trabalho fundamental foi no Teatro do Oprimido. Sobretudo, a sua descoberta de que as pessoas que passavam a vida no seu labor de operário podiam reencenar suas vidas no palco e assim trabalhar com o imaginário

que, de alguma forma, até hoje é privilégio das elites. Atualmente, o Teatro do Oprimido está praticamente em quase todos os países. Lembrou também que Boal foi o diretor de um grupo de cantores amadores, os “Cantores do Chuveiro”, do qual o Acadêmico Affonso Arinos participou e que foi um sucesso absoluto. Disse que a “mão” do Boal conseguiu produzir um espetáculo muito interessante, embora esse grupo de cantores não tivesse nenhuma experiência de palco. Afirmou que, com a morte desse homem, perde a cultura brasileira, perde o teatro e perde o pensamento nacional, porque ele escreveu vários livros não só sobre o teatro e a arte, mas também sobre o destino deste país. Declarou que esta é a manifestação de pesar desta Casa e gostaria que constasse de Ata.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse desejar apenas solidarizar-se com as palavras do Presidente e manifestar sua profunda tristeza pela morte desse caro amigo que foi Augusto Boal. Considera-o um dos maiores homens de teatro, mais criativos, originais e corajosos, que o Brasil já teve, porque ele transformou sua arte, ao mesmo tempo, num instrumento de defesa contra o arbítrio e de combate pela liberdade. Falou da sua luta entre nós, no Teatro de Arena. Quando não pôde mais resistir no Brasil, sendo preso, torturado e exilado, lutou fora do país, com o Teatro do Oprimido, que foi e permanece um sucesso mundial. Quanto à referência feita pelo Presidente ao “Chuveiro Iluminado”, contou como teve início sua formação. Todos eram amadores, e só conseguiram chegar onde chegaram porque Augusto Boal dirigiu o grupo, onde a convivência e o trabalho foram extremamente agradáveis. Dentre os cantores do “Chuveiro”, estiveram, entre outros, ele próprio, Laura Sandroni e Cecília Boal, esposas do Presidente e de Augusto. Acabaram cantando em Paris, com casa lotada. Disse do pesar que sente ao relembrar, hoje, nesta Casa, esse grande homem de teatro e grande resistente da democracia, o grande brasileiro Augusto Boal, que deixa muito afeto, respeito, apreço e saudade na sua legião de amigos e admiradores.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fez um pequeno arremate sobre Boal. Lembrou que, nas homenagens que a UNESCO prestou a Boal, no dia 25 de março deste ano, disse ter ele seguido algumas ideias de Brecht, ocasião em que foi nomeado embaixador mundial do teatro na UNESCO.

Referiu-se então ao fazedor do teatro como uma profissão da modernidade. Queria apenas salientar isto como fundamental neste laço nacional e internacional que nos deu este grande brasileiro que foi Augusto Boal.

- O Presidente agradeceu aos Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Candido Mendes de Almeida e disse que vai enviar as palavras aqui proferidas para Cecília, a fim de que ela tome conhecimento dessa recordação que a Academia faz desse grande homem de teatro no Brasil.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para apresentar o parecer da Comissão composta pelos Acadêmicos Arnaldo Niskier, ele e Domício Proença Filho sobre o nome apresentado para a Cadeira I, do Quadro dos Sócios Correspondentes, na vaga de António Alçada Batista. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*)
- O Presidente comunicou que a eleição deverá se realizar no prazo de 30 dias. Portanto, no dia 10 de junho.
- A Acadêmica Ana Maria Machado fez uma consulta ao plenário antes de apresentar o Parecer do Prêmio ABL de Ficção.
- O Presidente pediu à Acadêmica Ana Maria Machado que apresentasse o parecer do Prêmio ABL de Ficção, depois da apresentação do parecer da Comissão do Prêmio Machado de Assis.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo para apresentar o parecer do Prêmio Machado de Assis. Feita a leitura, o Presidente comunicou que este prêmio pode ser votado nesta sessão e indagou se o plenário estaria de acordo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- Com a concordância do plenário, deu-se início a eleição para a escolha do escritor que este ano receberá o Prêmio Machado de Assis. Nomeou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Antonio Carlos Secchin. Encontravam-se presentes 23 acadêmicos e 3 votaram por carta, num total de 26 votantes. Procedeu-se a votação que teve o seguinte resultado:

Salim Miguel20 votos

Silvio Castro 3 votos

Francisco Marins..... 3 votos

- O Presidente Cícero Sandroni declarou que o Prêmio Machado de Assis de 2009 foi conferido ao escritor Salim Miguel.
- A Acadêmica Ana Maria Machado, a seguir, apresentou o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ficção, que indica para este prêmio o escritor Silvano Santiago, por seu romance *Heranças*.
- O Presidente submeteu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ficção ao plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comunicou que o parecer do Prêmio de História e Ciências Sociais será entregue na próxima semana.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que até o fim do mês apresentará o parecer do Prêmio de Ensaio.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Luiz Paulo Horta, que apresentou o parecer sobre o Prêmio ABL de Cinema, que este ano escolheu Rafael Conde pelo roteiro do filme “Fronteira”, baseado na obra homônima de Cornélio Pena. Concluída a leitura, o Presidente submeteu ao plenário a indicação feita pela comissão para este prêmio, que a aprovou. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida declarou ter distribuído nesta sessão o livro *Human Rights and their Possible Universality*, que tem profunda relação com o evento da Aliança das Civilizações, empreendimento internacional que teve início em Madri, na Espanha, continua agora em Istambul, na Turquia, e que se realizará em abril do próximo ano no Rio de Janeiro. Essa reunião associa o Brasil à Espanha e à Turquia na preocupação do nosso tempo, que é exatamente a guerra de religiões e o conflito das civilizações, elemento fundamental do debate em Istambul, com a presença do Presidente

Obama. Nesta ocasião, lembrou que os Estados Unidos têm a cultura da morte dos Presidentes. Discorreu, detalhadamente, sobre essa reunião e o desdobramento da mesma. Foi a partir dessa reunião que os Direitos Humanos passaram a ser a maneira como se pode realizar um efetivo diálogo entre as religiões e as culturas. Acrescentou também que o mundo islâmico considera os Direitos Humanos uma ideologia ocidental. Tudo vai ser encontrado neste livro que acaba de distribuir.

- O Presidente Cícero Sandroni declarou que essa visão do mundo islâmico sobre os Direitos Humanos não é recente e lembrou que em 1948 a Arábia Saudita, único país islâmico integrante da Assembleia da ONU, se absteve de votar a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O Presidente acrescentou, ainda, que isso ocorreu há sessenta anos e o Ocidente deixou de tentar um diálogo com o mundo islâmico, que agora surpreende a todos.
- O Acadêmico Carlos Nejar informou que houve uma homenagem no CIEE de São Paulo ao Hino Nacional Brasileiro e, sobretudo, à figura do Acadêmico Osório Duque Estrada. Falaram a respeito o Acadêmico Arnaldo Niskier e professores da universidade de São Paulo. Lembrou a importância do relevo dado à figura de Duque Estrada pelo fato de ter escrito a letra do Hino Nacional Brasileiro, que é o símbolo da nacionalidade.
- O Presidente Cícero Sandroni observou que a ABL não está “deitada eternamente em berço esplêndido” a respeito desse assunto e informou que será feito, no 2.º semestre, homenagem especial para comemorar os 100 anos da letra do Hino Nacional.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta falou sobre Francisco Manuel da Silva, parceiro de Osório Duque Estrada. Lembrou que a música do Hino Nacional existia muito antes da letra tendo sido objeto também de outras letras antes de fixar-se na de Duque Estrada. Lembrou que Francisco Manuel da Silva, muito esquecido hoje, é figura de proa da música brasileira, entre o Padre José Maurício e Carlos Gomes. Era um excelente músico, foi diretor do Instituto Nacional de Música e objeto do magnífico livro *Francisco Manuel e o seu Tempo*, de Aires de Andrade.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, referindo-se às palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, lembrou que não só os Estados Unidos têm a cultura da morte dos Presidentes, os islamitas também, já que o terceiro califa, Osman ibn Affan, e o quarto, Ali ibn Ai Talib, foram assassinados.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que esteve no *British Museum*, em Londres, onde visitou a exposição sobre Shah ‘Abbas. Trata-se de um momento de esplendor iraniano (de 1560 a 1590). Focaliza, sobretudo, a construção do Irã do século XVI por Shah ‘Abbas. Um líder que tomou o poder aos 16 anos após matar o pai; depois, no seu harém, matou metade e cegou a outra metade dos filhos, para que não fizessem com ele o que fez com seu pai.
- A Acadêmica Nélida Piñon disse que os Abbas deram nascimento a uma linhagem extraordinária que foram os abássidas.
- O Presidente Cícero Sandroni, ainda sobre o Hino Nacional, perguntou ao Acadêmico Luiz Paulo Horta como foi adotada pela República a música que vinha do Império.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta esclareceu ao Presidente que a música do Hino Nacional já havia criado raízes como um símbolo da nacionalidade. Como a questão da letra não estava bem resolvida, foi feito um concurso para que escolhesse uma letra oficial, tendo a ele concorrido vários textos.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que existe um opúsculo de Magalhães de Azeredo denominado *Estrofes para o Hino Nacional*, o que revela que houve uma disputa até acadêmica para ver quem seria o laureado como letrista do Hino Nacional.
- O Acadêmico Domício Proença Filho disse que o hino que ganhou o concurso, mobilizado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, foi o famoso “Seja um pálio de luz desdobrado”, cujo estribilho é “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós...” Mais uma vez a vitória popular se fez presente porque o povo já tinha escolhido a música de Francisco Manuel com a letra de Osório Duque Estrada que se tornou então o Hino Nacional Brasileiro.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin lembrou que todos os grandes hinos brasileiros têm a coautoria direta de membros da ABL, como o Hino da República, cuja letra é de Medeiros e Albuquerque, o Hino Nacional, com letra de Osório Duque Estrada, e o Hino da Bandeira, com letra de Olavo Bilac.
- O Acadêmico Carlos Nejar ainda lembrou que a letra do Hino do Expedicionário é de Guilherme de Almeida.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier teve o prazer de participar e parabenizar o Acadêmico Carlos Nejar que, com seu jeito, arrancou aplausos no auditório do CIEE. Disse que estava presente uma bisneta de Osório Duque Estrada que se emocionou com a homenagem ao autor do hino. Explicou que o orador mais aplaudido foi um professor de língua portuguesa que, na sua opinião, seria muito mais palatável para a vida brasileira se o Hino Nacional tivesse uma música menos marcial. Empolgado com os aplausos, o professor disse que, em 1922, no Governo de Epitácio Pessoa, houve um decreto que oficializou o Hino e, mesmo concordando com esta oficialização, considera que provinha de um poeta “menor”, Osório Duque Estrada. Porque alguns intelectuais, sobretudo de São Paulo, se esmeram em qualificar Duque Estrada como um poeta “menor”.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que nenhum hino encomendado merece ser hino. Os grandes hinos que conhece foram feitos antes de virarem hinos, como por exemplo, a Marseillaise.
- Encerrada esta discussão, o Presidente convidou os presentes para o pré-lançamento do curta-metragem de Sérgio Fonta, baseado no livro de Clair de Mattos, *A Paixão da Casa Morta*, e declarou encerrada a sessão.



PARECER

Esta Comissão endossa a indicação do nome do escritor Dider Lamaison para o quadro de sócio correspondente, na vaga decorrente do falecimento do escritor Alçada Baptista.

Didier Lamaison destaca-se como excelente tradutor do português e do grego, além de ensaísta e ficcionista. Sua tradução de Carlos Drummond de Andrade, publicada pela Gallimard, recebeu na França o prêmio de melhor do ano, entre centenas de outras, provenientes das mais diversas línguas.

Viajante assíduo ao Brasil, conhecedor de nossas letras antigas e modernas, Didier Lamaison muito poderá colaborar para a difusão da literatura brasileira junto ao público francês.

Rio de Janeiro, 5 de maio de 2009.

Antônio Carlos Secchin
Arnaldo Linhares
Joaquim de Sá

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS

Parecer da Comissão

A Comissão do Prêmio Machado de Assis, reunida em 30 de Abril último, sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, apreciou as indicações dos seus integrantes, todas elas centradas no conjunto de obras de escritores representativos do nosso cenário cultural.

Em decorrência dessa apreciação, foram indicados, de acordo com o Art. 59 do nosso Estatuto, os seguintes nomes:

Salim Miguel
Sílvio Castro
Francisco Marins

As obras dos escritores ora indicados nos são familiares, o que dispensa maiores comentários.

Salim Miguel é autor de vasta obra, de mais de 30 volumes. Reconhecido como um dos nossos ficcionistas mais competentes, é também contista, cronista e ensaísta. Coube-lhe inserir o Estado de Santa Catarina em nosso mapa literário. Entre os seus romances, destacam-se, com particular relevo, *Nur na Escuridão*, em 5.^a edição pela Record, e *A Voz submersa*. Salim Miguel recebeu entre outros o Troféu Juca Pato, como intelectual do Ano de 2002 e o Prêmio Zaffary-Bourbon, para melhor romance publicado entre 1999-2001, entregue durante a “9.^a Jornada Nacional de Literatura, de Passo Fundo, RS”, em 2001.

Silvio Castro, poeta, ensaísta e professor na Faculdade de Letras de Pádua, Itália – onde atua há vários decênios – desenvolve um trabalho acadêmico voltado para o estudo e a difusão das nossas letras, e do qual resultaram uma valiosa *História da Literatura Brasileira* e numerosos ensaios sobre nossos poetas e romancistas.

Quanto a Francisco Marins, é autor de uma vigorosa saga romanesca voltada para o ciclo cafeeiro paulista e aspectos marcantes da regionalidade de sua terra natal. A essa sequência de excelentes romances, acrescenta-se a sua vasta produção destinada ao público infantojuvenil.

São estes os nomes que esta Comissão submete ao alto juízo do Plenário da Academia, para a escolha em votação secreta, de acordo com os estatutos já acima invocados.

Rio de Janeiro, 7 de maio de 2009.

Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça – Presidente

Lêdo Ivo – Relator

Nélida Piñon

Alberto da Costa e Silva

Moacyr Scliar

PRÊMIO ABL DE CINEMA

Parecer da Comissão

A Comissão Julgadora do Prêmio da Academia Brasileira de Letras, destinado a Roteiros de Cinema 2009, avaliados os dez candidatos inscritos, decidiu conceder o prêmio a Rafael Conde, pelo roteiro do filme “Fronteira”. Considerou-se que, ao fazer esse trabalho, o roteirista conseguiu reproduzir a atmosfera densa, quintessência da mineiridade, do romance homônimo de Cornélio Penna, voltando as costas a clichês cinematográficos como os que se encontram em outro filme avaliado, “Ensaio sobre a Cegueira”.

Considerou-se também que, ao conferir esse prêmio, a ABL joga luz sobre a obra do grande mestre que foi Cornélio Penna, hoje em imerecido esquecimento.

Rio de Janeiro, 7 de maio de 2009.

Carlos Heitor Cony
Nelson Pereira dos Santos
Luiz Paulo Horta

SESSÃO DO DIA 14 DE MAIO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 7 de maio, que foi aprovada. Declarou que, para que os trabalhos da sessão se façam mais eficientes do ponto de vista do que se quer ouvir, pediu que o Acadêmico Alberto Venancio Filho desse início a esta sessão, com a efeméride sobre Fernando de Azevedo.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, no Capítulo das Efemérides, apresentou um consistente trabalho sobre a atividade intelectual de Fernando de Azevedo que se estende por vários campos: o latinista, o professor, o administrador escolar, o sociólogo e o escritor. Nesta exposição, destacou que nele se entrelaçam as vertentes do escritor e do educador. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho por esse trabalho realizado, pela pesquisa e bibliografia citada no mesmo, sobre o grande educador que foi Fernando de Azevedo, membro desta Casa a partir de 1978. Passando ao expediente, deu notícias sobre o estado de saúde de alguns confrades. O Acadêmico Antonio Olinto permanece no Pró-Cardíaco e seu estado é inalterado. O Acadêmico Lêdo Ivo foi submetido a uma cirurgia, encontra-se no Hospital Samaritano, mas passa muito bem. Quanto ao Acadêmico José Mindlin, recupera-se em casa de uma pneumonia. O Acadêmico João de Scantimburgo, que também esteve hospitalizado em virtude de um pequeno AVC, já se encontra convalescendo em casa. Comunicou que já foi entregue aos Senhores Acadêmicos a íntegra das palavras proferidas, na sessão do dia 22 de abril, pelo Dr. Gustavo Martins de Almeida sobre o informativo do *Google*.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, sobre esse assunto, informou que saiu na Revista *Serrote* um artigo do historiador e diretor da Biblioteca de Harvard. Nesse artigo, acredita que tenham algumas coisas que são novas, como, por exemplo, que o *Google* começou a digitalizar livros em 2005 e um grupo de editoras e escritores moveu uma ação coletiva contra o *Google*, alegando violação de *copyright*. No final do ano passado, após demoradas negociações, as partes envolvidas anunciaram um acordo, que está sujeito à aprovação do Tribunal Distrital dos Estados Unidos, em Nova York, e este pode levar de 1 a 2 anos para decidir. O acordo cria uma empresa conhecida como *Book Rights Registry* para representar os interesses dos detentores de *copyright*, que funcionará mais ou menos assim: o *Google* digitalizou, até 2008, 7 milhões de livros, dividindo-os em três categorias. Primeiro, os de domínio público, um milhão de obras; segundo, os livros em catálogos, protegidos por Direito Autoral, que continuarão sendo protegidos e somam mais ou menos um milhão de livros; mas o importante são os livros, cerca de cinco milhões, que ainda detenham direitos autorais, mas não estão em catálogos, de qualquer pessoa que tenha Direito Autoral nos Estados Unidos. Este é o problema mais sério. O *Google* vai passar a administrar e vender o direito de acesso, cabendo 37% para o *Google* e 63% para os autores. Segundo o historiador e autor desse artigo, o *Google* vai desenvolver

o monopólio da digitalização do livro. Quem no Brasil quiser ficar fora desse acordo tem que pedir para sair. Se pedir para sair, vai ter que negociar novamente se desejar que seu livro seja digitalizado. Essas dificuldades serão grandes, e a previsão é de que o *Google* vai montar uma biblioteca mundial gigantesca, pelo menos nos Estados Unidos, e deter este monopólio. Esse artigo do historiador Robert Darnton saiu no primeiro número da Revista *Serrote*.

- A Acadêmica Nélide Piñon indagou ao Acadêmico José Murilo de Carvalho, que trouxe estas preciosas informações, se são só Direitos Autorais ou também Direitos Correlatos.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o artigo não menciona esse aspecto, mas ele dá a possibilidade de acesso a todo o documento do acordo e imagina que, nesse documento, pode estar especificada essa dúvida da Acadêmica Nélide Piñon.
- O Acadêmico Cícero Sandroni perguntou se o Acadêmico José Murilo de Carvalho estava na sessão em que o Dr. Gustavo Martins de Almeida fez a sua apresentação. E se todos estes assuntos não foram aqui tratados por ele.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que havia uma dúvida que ele não conseguiu responder e que nesse artigo está a resposta. Era o caso dos autores brasileiros que tivessem *copyright* nos Estados Unidos.
- O Presidente indagou se os futuros livros que venham a ser publicados entram nesse acordo.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho respondeu afirmativamente.
- A Acadêmica Ana Maria Machado falou sobre o parecer do Dr. Gustavo Martins de Almeida que está sendo distribuído hoje e onde ele esclarece muito bem essas questões relativas ao *Google*. Depois disso, ele o apresentou na Comissão de Direito Autoral da OAB pedindo que essa Instituição fique especialmente atenta, não apenas à questão com o *Google*, mas a outras ameaças em relação ao Direito Autoral, que estão se configurando diante de uma insistência, em certos círculos oficiais, de que é preciso o Brasil refazer

a legislação em relação a este assunto. Depois estive com o Presidente da Comissão de Direitos Autorais da OAB, Dr. Sidney Sanches, que lhe contou como havia transcorrido a reunião da OAB na qual o Dr. Gustavo Martins de Almeida havia apresentado esse trabalho, que impressionou a todos. Acredita que a sociedade civil deve se mobilizar em defesa da cultura e considera importantíssimo que a OAB e a ABL, institucionalmente, estejam juntas nisso, e ficaram muito esperançosos com a possibilidade de que se fizesse uma ponte com a ABL. Seria uma maneira de fazer frente a uma pressão que está vindo de círculos oficiais para a modificação dos Direitos Autorais, em virtude da confusão que se faz entre Direito Autoral, Quebra de Patente, Direito Correlato, Direito de Intérprete e outros. Como os círculos oficiais estão tratando tudo de uma outra maneira, fazendo pretensas consultas populares por todo o Brasil e apresentando isso como sendo uma reivindicação da população, acredita que devemos estar preparados, pois vem por aí uma longa batalha jurídica.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que a Acadêmica Ana Maria Machado tem toda razão porque o assunto é muito complexo, não estando restrito ao Direito Autoral de um escritor, de um historiador, de um sociólogo, se não que envolve um grande e variado mosaico de direitos, que incluem as patentes farmacêuticas, que o Brasil tem de respeitar, em função de acordos internacionais. Acredita que seria muito importante esse contato com a OAB e com a ABL, até porque o Direito Autoral do jornalista é muito desrespeitado pelas empresas jornalísticas. Lembrou também que no Brasil o Direito Autoral nem sempre é respeitado pelas editoras.
- O Acadêmico Celso Lafer registrou que, na reunião ministerial de Doha, em 2002, fez-se uma declaração, com efeitos jurídicos, a respeito da possibilidade da quebra de patentes em torno de remédios de grande relevância e uso, em especial os ligados, na época, a pandemias e a AIDS. Esta quebra de patentes ficou consagrada no Direito Internacional. O Brasil tem se valido dessa declaração para a quebra de uma série de patentes, o que levou a uma produção de medicamentos genéricos, lastreando-se nesta conquista importante em relação a esse tipo de remédio de utilização mais ampla. Em sua opinião, o caminho encontrado através dos genéricos tem sido algo importante no sentido de baixar os custos do tratamento da saúde no Brasil.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou o que aconteceu com a Acadêmica Rachel de Queiroz quando, num dado momento, vendeu a uma editora americana alguns de seus livros, entre os quais o *Memorial de Maria Moura*, para ser utilizado como *paperback*, que é o genérico do livro. Acha o assunto complexo porque, no caso da Acadêmica, quando esta lançou seu último romance, vendeu os direitos para os Estados Unidos, que é a terra do *Google*, e, mais tarde, renegociou esses direitos com a TV Globo para a realização de uma minissérie muito bem feita. Fica perplexo diante desse exemplo porque imagina que um escritor brasileiro que tem o seu livro editado no Brasil vende os direitos aos Estados Unidos e, de repente, ele é levado a fazer outro acordo com uma televisão, que vai ao ar numa série bem sucedida, na maior rede de televisão do país. Como explicaria os direitos dados para que houvesse uma versão televisiva do seu romance? Reforçou a ideia de que esse entendimento com a OAB e a ABI deva provocar um grande movimento, pois tudo lhe parece uma violência contra a cultura do país, e se há meios oficiais interessados nisso é mais grave ainda, porque não é legítimo o que estão propondo, já que se trata de uma agressão aos direitos que pertencem aos autores das obras convencionadas. Acha que vale a pena um esforço especial, principalmente nessa complicação que é o meio eletrônico diante da mídia impressa. Há uma multiplicidade de caminhos e que, se os escritores não se defenderem, haverá um prejuízo muito grande para a cultura brasileira.
- O Acadêmico Celso Lafer lembrou que se realizou na ABL, em 2008, uma mesa-redonda sobre os desafios que os temas novos dos direitos autorais colocavam. Uma das grandes questões era a mudança do suporte material, que antes era o livro e a medida era a apreensão da contrafação; naturalmente, lidando-se com meios eletrônicos, as sanções são muito mais complicadas, a efetividade do direito é mais complicada. No plano internacional, além dessa declaração que mencionou, que está ligada ao acordo de propriedade intelectual da OMC, existe a OMPI, que é a Organização Mundial da Propriedade Intelectual, lastreada na convenção de Paris, que foi a primeira grande convenção sobre direito autoral. Acha importante se debruçar sobre esse tema, porque interessa não só à cultura e aos escritores, mas também porque se trata de um tema que se põe como um dos novos desafios no campo do Direito, que resultam da mudança dos meios e da sua consequen-

ência, pois se daqui a 10 anos houver uma diminuição do papel do livro e o aumento da mídia eletrônica, o tema dos direitos autorais ficará ainda mais vulnerável, se para isso não se encontrar uma boa solução.

- O Acadêmico Domício Proença Filho lembrou que, na atual Lei dos Direitos Autorais, a respeito dos livros vigentes no Brasil, incluem-se obrigatoriamente os direitos conexos. Registrou o artigo, presente na maioria dos contratos, em que existe uma vinculação de seção de direitos para todos os meios existentes, ou seja, se o autor tem um contrato com determinada editora, ela detém o poder de negociar os direitos conexos com qualquer pessoa, inclusive com o *Google*. Esse aspecto não pode ser esquecido porque já está na lei vigente e na prática dos contratos que todos assinam. Não se pode dispor de um livro publicado por determinada editora e estabelecer um contrato para fazer um filme, sem que a editora participe.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho sugeriu que a ABL entre no *site* do *Google* e imprima esse acordo, que abrange mais de 130 páginas, para ser enviado a todos os Acadêmicos.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que esteve com o Professor Frederic Litto, da USP, que lhe disse que a *Amazon* já está vendendo um aparelho chamado *Kindle*, por US\$ 489 (quatrocentos e oitenta e nove dólares), que é capaz de armazenar um milhão e meio de páginas no formato de livro. A velocidade científico-tecnológica está de tal ordem que às vezes, a imaginação não acompanha. A *Amazon* já tem o monopólio para oferecer, por US\$ 489 (quatrocentos e oitenta e nove dólares), um milhão e meio de páginas de obras que estão sendo relacionadas, sendo que, até o ano que vem, essa empresa lança um outro *Kindle*, capaz de armazenar três milhões de páginas em sua memória. Acha que a ABL não pode ficar fora disto.
- O Presidente Cícero Sandroni registrou que o escritor Marcos Santarrita já tem há bastante tempo um aparelho, do tamanho de um maço de cigarros, que lhe permite dispor de mais de 300 páginas de livros para sua leitura. Acha que a forma e o formato não interessam, o que interessa é o conteúdo e o que o autor vai receber pelo seu trabalho.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva observou que, quando o Acadêmico José Murilo de Carvalho se referiu aos livros fora de catálogo, mesmo sem os meios eletrônicos, é possível obter cópia, tanto na Biblioteca do Congresso quanto na Biblioteca Nacional de Paris, de qualquer livro, mesmo fora de catálogo, ainda que protegido por direitos autorais. Paga-se uma pequena importância da qual uma parte vai para o espólio do autor.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet menciona que as explicações dadas pelos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Celso Lafer, com relação à atuação brasileira no campo da propriedade intelectual, indicam claramente que um dos principais destinatários desse trabalho seria o Ministério das Relações Exteriores, que teria de orientar suas delegações, em Genebra, junto à Segunda Comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas, ao Conselho Econômico e Social e à UNESCO.
- A Acadêmica Ana Maria Machado acha que a ABL está mantendo uma consultoria em relação ao *Google* e, independente disso, existe uma implicação nacional do Ministério da Cultura, vinculada à rediscussão da Lei Rouanet, que está convocando pessoas para fazerem reuniões, de modo a alterar a legislação vigente no Brasil em relação a Direitos Autorais.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que o Ministro Juca Ferreira esteve na ABL para uma conversa. Na ocasião, o Ministro fez algumas sugestões no sentido de um trabalho em conjunto na área de distribuição de livros para as bibliotecas.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que pretende se manter neutro com relação às mudanças da Lei Rouanet. Acha que já deu sua contribuição e, apesar da insistência do Ministro Juca Ferreira, tem preferido se abster de tomar qualquer decisão, o que não o impede de fazer sugestões informais que reflitam um debate ocorrido na ABL. Perguntou se a ABL gostaria de participar do processo de formulação de política cultural que será feito pelo Conselho Nacional de Incentivo à Cultura, que é um dos capítulos da antiga Lei Rouanet, capaz de contribuir com uma importante reformulação da política cultural. Quando foi Secretário Nacional de Cultura, elaborou uma relação de entidades que deveriam integrar este colegiado, fazendo questão

de incluir a Academia Brasileira de Letras. Perguntou se seria interessante fazer chegar ao Ministro da Cultura que a ABL teria interesse de participar desse colegiado, de uma maneira totalmente informal.

- O Acadêmico Eduardo Portella, a propósito das palavras do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre a alteração da Lei Rouanet, acha que a Academia deve manter uma distância regulamentar do Governo. Sobre esse fato disse que, no seu entendimento, não encontrou nada que realmente justifique a alteração substancial da Lei Rouanet. Referiu-se a debate recente do Ministro da Cultura na *Folha de S.Paulo*, que, em artigos sucessivos, vem negando as modalidades de alteração dessa Lei. Acredita que tenha procurado esta Casa porque, diante dessa reação nacional, precisava contar com a legitimidade da Academia Brasileira de Letras para poder prosseguir com o seu trabalho de dissolução da Lei. Declarou que, a seu ver, a Academia deve manter essa distância, se possível, e prestigiar uma iniciativa pioneira do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que tem mantido uma elegância excepcional. Continua achando que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet deve manter essa posição e que a Academia não deve se envolver numa operação perigosa, em final de governo. Não vê necessidade de se modificar a Lei Rouanet, pois o que se precisa são de modificações nos mecanismos de avaliação e de acompanhamento dessa Lei. Se existe alguma coisa a mudar, não é na filosofia da Lei, e sim um ou outro mecanismo operacional que pode ser aconselhável e que depende de um estudo mais aprofundado da própria Lei. Está certo de que a Academia não deve comprometer a sua tradição e o peso da sua condição de instituição referencial da cultura brasileira. Declarou ser essa a sua posição.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella e declarou que essa visita do Ministro da Cultura à Academia resultou de uma solicitação dele e que, em momento algum, o Ministro pediu o apoio da Academia para qualquer posição do Ministério da Cultura em relação à Lei Rouanet. Lembrou que a Academia teve e tem projetos fundamentais, elaborados na presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e nessa presidência, baseados na Lei Rouanet. Nesse sentido, o Presidente afirmou que gostaria de realizar um debate na ABL a exemplo do que já aconteceu em São Paulo sobre a referida Lei.

- Sobre o assunto voltaram a falar o Acadêmico Eduardo Portella e o Presidente Cícero Sandroni.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, que apresentou o parecer da Comissão do Prêmio de História e Ciências Sociais, a qual indicou o livro *Entre os Salões e o Laboratório – Guilberme Guinle*, de Gisele Sanglard. Concluída a leitura do parecer, o Presidente o submeteu ao plenário, que o aprovou. (O Presidente determinou que o texto do parecer fosse incluído nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, voltando ao tema anterior, agradeceu as palavras do Acadêmico Eduardo Portella.
- O Presidente Cícero Sandroni comunicou que está havendo, no primeiro andar do Centro Cultural da Academia, o lançamento do livro *Cartas entre Amigos*, de Gabriel Chalita e do Padre Fábio de Melo e que há, à saída do *Petit Trianon*, uma fila que poderá surpreendê-los. Informou ainda que, na próxima terça-feira, a conferência estará a cargo do Ministro Eros Grau, do Supremo Tribunal Federal, que abordará os “150 anos de nascimento de Clóvis Beviláqua”. Agradecendo as presenças, o Presidente declarou encerrada a sessão.

FERNANDO DE AZEVEDO

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

A atividade intelectual de Fernando de Azevedo se estendeu por vários campos, o latinista, o professor, o administrador escolar, o sociólogo, o escritor, o homem de pensamento, o homem de ação e do ponto de vista pessoal, na expressão pitoresca de Cassiano Ricardo, no discurso de resposta, “as do volante, o esportista, o aviador brevetado”.

Não seria possível no Capítulo das Efemérides tratar de todos estes temas, mas vale destacar um aspecto que se entrelaça: o escritor e o educador.

Ele afirmaria no discurso de posse:

Creio eu, quisestes premiar, com minha eleição para a Academia, sobretudo, e muito particularmente, minha obra de escritor. Minha vida, já longa, eu a passei a observar e a ler, a refletir sobre minhas observações e leituras, a escrever e a ensinar. E mais do que ensinar, a escrever, que é uma das formas mais eficazes de comunicação com públicos cada vez mais largos e diferentes. Eu me senti atraído, desde a mocidade, para o ofício de escritor.

E mais adiante:

Parece-me legítimo concluir que quisestes também, e, no meu caso, sobre tudo, prestar a homenagem de vosso apreço não só aos escritores

* Apresentado no Capítulo Efemérides na sessão do dia 14 de maio de 2009.

que somos, mas à classe abnegada de mestres e educadores a que nos orgulhamos de pertencer e em cujo contato costumam renovar-se as minhas energias e se fortalecem as nossas esperanças na obra, paciente e penosa, de reconstrução nacional. As letras, nos mais florescentes períodos da história, sempre fizeram boa e luzida companhia à educação. As letras, – as minhas poucas letras, se alguém o preferir –, tem sido postas desde a mocidade, sob o impulso da inspiração e pelo amor dos grandes ideais, a serviço da justiça e da liberdade, da reforma social e da revisão, em consequência, do pensamento pedagógico e da reorganização das instituições escolares, na sua estrutura e nas suas finalidades, nacionais e humanas.

Ao deixar a Companhia de Jesus em 1914, é designado professor de língua e literatura latina da Escola Normal de São Paulo, e vai exercer ao mesmo a crítica literária no *O Estado de São Paulo*, com a publicação de alguns textos no livro *Ensaio* (1929). É dessa fase os livros de literatura latina, de feição sociológica dos quais se destaca *No Tempo de Petrônio*, com capítulos a prenunciar o futuro educador “O ensino segundo Petrônio” e “A educação entre os romanos”.

João Ribeiro diria de *No Tempo de Petrônio*: “como o autor não cessa de comparar o antigo e o novo, é o seu livro um perfeito tratado das origens da nossa civilização, mostrando os liames que nos prendem ao pensamento, às ideias, às coisas de Roma. Nele temos a “imagem real da continuidade latina, retratada com arte delicada e profunda”.

Convidado pelo diretor do *O Estado de São Paulo* realiza em 1925 um inquérito sobre a educação no Brasil, e já na introdução, no teor das perguntas e nas conclusões, revela a profundidade com que encarava a questão. O inquérito foi depois publicado sob o título “A Educação Pública no Estado de São Paulo”.

No ano seguinte eleito Presidente da República, Washington Luís, Antônio Prado Júnior, o novo prefeito do Distrito Federal, convida Fernando de Azevedo para Diretor de Instrução Pública, escolha motivada pela repercussão do inquérito.

Os quatro anos de gestão (1926-1930) foram trabalho incessante de reforma completa do ensino público vencendo sérias resistências, e que serviria de modelo para outros estados. Destacava-se na reforma ainda a modernização dos prédios escolares em estilo colonial e de que é modelo o majestoso prédio do Instituto de Educação. A reforma teve repercussão no exterior e Ribeiro Couto publicou em Marselha, no ano de 1930, o opúsculo a respeito “*L’Enfant et l’École Nouvelle au Brésil*”.

Junto com a reforma de Fernando de Azevedo outras reformas se realizaram nos Estados: Lourenço Filho no Ceará, Anísio Teixeira na Bahia, Carneiro Leão em Pernambuco e Francisco Campos no Estado de Minas Gerais. É um momento de esperança.

A Associação Brasileira de Educação fundada em 1924 organiza Conferências Nacionais para estudos dos problemas pedagógicos e na Quinta Conferência, realizada em Niterói em 1931, o Presidente Getúlio Vargas conclamou os educadores brasileiros a propor um programa nacional. Sob a liderança e com a redação de Fernando de Azevedo surge o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (1932), assinado por trinta e quatro educadores, entre os quais dois Acadêmicos, Afrânio Peixoto e Roquette-Pinto, além do futuro Acadêmico Hermes Lima.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (A Reconstrução Educacional do Brasil – ao Povo e ao Governo) apresentava um programa de reformulação completa da educação, dando primado ao ensino público, e com fundamentos na laicidade, na gratuidade, na obrigatoriedade e na coeducação. Nessa época de radicalização ideológica, este programa de completo alcance democrático foi considerado “bolchevismo intelectual” não apenas o patente, mas também o latente.

De volta a São Paulo, centro de suas atividades, não vindo mais a residir no Rio de Janeiro, Fernando de Azevedo é convidado por Júlio de Mesquita Filho, diretor do *O Estado de S. Paulo*, ligado ao Governador do Estado Armando Sales de Oliveira, para participar da criação da Universidade de São Paulo, redigindo os estatutos da instituição. Tais documentos criam junto às escolas profissionais

tradicionais uma nova unidade, voltada para o ensino de alto nível e para a pesquisa, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

No período de 1941 a 1943, dirigiu a Faculdade dando também rumos novos àquela nova instituição de ensino e, até a aposentadoria, ocupou o cargo de professor de sociologia daquela unidade universitária.

Nesse magistério formou gerações de alunos que iriam se destacar, dentre outros: Lourival Gomes Machado, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes e, aquele que tem escrito sobre ele páginas extremamente afetuosas, Antônio Cândido de Melo e Souza.

Nesse período, o trabalho literário é de militância pedagógica: dois livros *Novos Caminhos e Novos Fins* (1932) e *A Educação e seus Problemas* (1937), este com três capítulos relevantes sobre política e educação difundindo as ideias renovadoras. Como resultado das atividades docentes, dois livros de caráter didático de alto nível *Princípios da Sociologia* e *Sociologia Educacional*, de inspiração durkheimiana, que foram instrumentos importantes na organização, em bases sólidas, dessa disciplina universitária.

Agradecendo a oferta do livro *Princípios da Sociologia*, Levi Strauss, então membro da Missão Francesa junto à Universidade de São Paulo, teria esta frase significativa: “eu confesso estar um pouco confuso, pois ao ler-vos me perguntei muitas vezes porque o Brasil nos havia chamado quando possui sábios do vosso valor”.

Convidado pelo Presidente da Comissão Censitária Nacional, encarregado da organização do censo de 1940, aceitou o encargo de escrever o volume *A Cultura Brasileira* (1940). É surpreendente que uma só pessoa tenha podido preparar volume de mais de 450 páginas no curto período de três anos, sozinho e sem colaboração direta. Quaisquer que sejam as reservas ao conceito de cultura exposto no livro, é um trabalho completo e até hoje referência obrigatória nos estudos brasileiros.

Para o censo de 1920, Oliveira Viana escrevera o livro *Evolução do Povo Brasileiro*. Os livros têm certa semelhança de estrutura. A obra de Oliveira Viana, publicada sob o título de *O povo brasileiro e sua evolução* e, em edição comercial, *Evolução do povo brasileiro*, era dividida em três partes: I) Evolução da sociedade; II)

Evolução da raça; III) Evolução das instituições políticas: o período colonial. Já o livro de Fernando de Azevedo era dividido nas seguintes partes: Os fatores da Cultura, A Cultura, A Transmissão da Cultura, esta uma síntese da história da educação no Brasil.

No campo de estudos sociológicos, escreveria dois livros de sociologia aplicada. O primeiro, *Canaviais e Engenhos na vida política do Brasil* (1955), um estudo sobre as elites políticas na civilização do açúcar, escreveu convidado pelo nosso confrade Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool. O outro, *Um Trem marcha para o Oeste*, escreveu a convite do Coronel Lima Figueiredo, diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, mostrar a influência da ferrovia no desenvolvimento do sistema da viação nacional.

A vida e a obra de Fernando de Azevedo para serem melhor compreendidas é preciso compulsar a sua extensa correspondência: mais de um milhar de cartas a Frota Pessoa, Paschoal Leme, Anísio Teixeira, Abgar Renault, onde de coração aberto se expressa em confidências e revelações. No ano passado, ofereci ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, sede do arquivo de Fernando de Azevedo, cerca de 300 cartas no período de 20 anos (1926-1946), dirigidas a Francisco Venancio Filho, meu pai.

O seu perfil intelectual se ajustava ao estilo acadêmico e desde há muito foi considerado o seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. Coelho Neto, em 1922, insistiu para que reunisse estudos em livro a fim de possibilitar a inscrição. Mais tarde Humberto de Campos declarou que desejaria como sucessor nesta Casa Fernando de Azevedo ou Múcio Leão, e este ingressa na Academia.

Quando da obtenção do Prêmio Machado de Assis em 1943, Pedro Calmon liderou um movimento pelo seu nome.

Em 1955, um amigo reuniu em sua casa no Rio dez acadêmicos que instaram para que ele se apresentasse, mas não concretizou a inscrição. Mas em 1968, na vaga de Carneiro Leão, seu amigo, colega e companheiro nos ideais educacionais, afinal candidatou-se e foi eleito com 25 votos, tendo como competidor Di Cavalcanti.

Se fosse possível sintetizar o pensamento tão rico de Fernando de Azevedo, este seria definido como o primado do humanismo. Um de seus livros de ensaios, um dos mais importantes, chama-se justamente *Na Batalha do Humanismo* e sua vida intelectual pode ser caracterizada como uma batalha pelo humanismo. Vindo das letras clássicas ele compreendia a necessidade de atualização do humanismo para o mundo atual com base científica.

Citou várias vezes a frase de Léon Brunschvicg: “Nós não seremos os dignos continuadores dos gregos senão na medida em que conseguirmos ser os contemporâneos da nossa civilização, como eles eram da sua . . .”.

E acrescentava:

Com os gregos aprendi a ser do meu tempo, como eles o foram do seu, vivendo tão dentro do espírito da época e da civilização que eles criaram, que, se pudéssemos pedir a gregos e latinos redivivos uma sugestão, eles nos dariam, com seu exemplo e suas palavras, o conselho de respirarmos a plenos pulmões, para sermos nós mesmos a atmosfera, vibrante e inquieta, da civilização atual, em que se cruzam ventos que sopram de todos os pontos do horizonte, se irradiam as luzes de constelações já distantes, mas ainda vivas, das civilizações antigas.

No livro *Fernando de Azevedo – Educação e Transformação*, a Professora Maria Luisa Pena definiu com precisão o conceito de humanismo de Fernando de Azevedo:

O alcance e a amplitude do pensamento educacional de Fernando de Azevedo encontram em seus estudos sobre o humanismo seu ponto máximo e justificativa teórica mais completa. Se o sociólogo-educador deu grande importância ao problema da formação das elites, pontas de lança em um processo de transformação e reconstrução nacional, ênfase ainda maior conferiria à articulação dessa elite com um ideal neo-humanista, sem o qual o país desembocaria em uma subumanidade. Na opinião de Fernando de Azevedo, o que se anuncia por toda parte, tendo em vista os processos da ciência, da técnica e penetração crescente do espírito e dos métodos científicos, é o humanismo científico, que disputa

o lugar às formas tradicionais do humanismo clássico, conservando, porém, dele sua contribuição mais permanente.

Nessa época de explosão científica, de técnica avassaladora e de perda dos valores humanos, é oportuno nesta Casa lembrar o humanismo de Fernando de Azevedo.

PRÊMIO ABL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – 2009

Parecer da Comissão

A comissão do prêmio ABL de História e Ciências Sociais indica o livro *Entre Salões e o Laboratório: Guilherme Guinle, a Saúde e a Ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*, de autoria de Gisele Sanglard, publicado pela Editora Fiocruz em 2008. A obra trata de uma personalidade extraordinária e de uma atividade rara entre nós. A personalidade é Guilherme Guinle, a atividade é a filantropia empresarial. Empresário de êxito, ao lado do sócio Cândido Gaffré, Guilherme Guinle distinguiu-se por colocar parte de sua substancial riqueza a serviço da construção de hospitais, como o Gaffré e Guinle, a financiar laboratórios de pesquisa, como o dos irmãos Alvaro e Miguel Osório de Almeida, o Instituto Oswaldo Cruz e o Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil a apoiar Carlos Chagas na luta em prol da saúde pública, além de vários outros patrocínios. Foi, por essa razão, comparado a John D. Rockefeller. E realizou tudo isso sem abandonar a atividade empresarial e mantendo ao mesmo tempo intensa vida social nos salões e clubes frequentados pela elite carioca, onde se apresentava invariavelmente vestido com a elegância de um lorde inglês. Gisele Sanglard fornece ainda um panorama da sociedade da época, com ênfase nos avanços na pesquisa científica e na política de saúde pública. Pela originalidade e relevância do tema, pela qualidade da pesquisa e pela contribuição que traz a nosso conhecimento das relações entre saúde,

ciência e filantropia no Brasil, o livro é merecedor do prêmio ABL de História e Ciências Sociais.

Rio de Janeiro, 14 de maio de 2009.

Alberto Venancio Filho – Presidente

José Murilo de Carvalho – Relator

Celso Lafer

SESSÃO DO DIA 21 DE MAIO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 14 de maio, que foi aprovada. O Presidente comunicou que a propósito do pedido do Acadêmico José Murilo de Carvalho, com relação à íntegra do Contrato do *Google*, ainda não foi possível atender porque o mesmo não se encontra disponível no *site* daquela empresa. Informou ainda que vai falar com o Dr. Gustavo Martins de Almeida para saber se ele tem e se pode disponibilizar uma cópia para a Academia. O Dr. Gustavo enviou também para a Academia um breve histórico do Direito Autoral no Brasil no século XIX. São 25 laudas, e os Senhores Acadêmicos que estiverem interessados comuniquem à Secretaria para que se possa providenciar cópia. Comunicou que a partir de amanhã, dia 22, já será possível marcar a data da eleição para preenchimento da Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes na

vaga de António Alçada Batista. Informou que foi distribuída aos confrades a proposta do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça ao Ministro Juca Ferreira para que a Academia Brasileira de Letras seja distinguida com a Ordem do Mérito Cultural. Disse que esta Ordem é conferida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura está recebendo propostas. Os Acadêmicos poderão fazer propostas de nomes ou instituições. Foi também distribuída a carta do Embaixador do Brasil em Roma, José Viegas Filho, em que este propõe dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo realizado pelo Embaixador Ademar Bahadian e o Ministro Paulo Marcos de Moraes, que virá na próxima terça-feira à Academia para conversar sobre propostas de intercâmbio cultural, que a ABL poderá fazer, como já fizera no passado, durante a gestão do Embaixador Bahadian. O Presidente deu ciência sobre a criação do Prêmio de Poesia Manuel Alegre, do Instituto Politécnico de Leiria, que será concedido, pela primeira vez, este ano. Maiores informações na Secretaria da ABL. Em seguida, passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho apresentou o livro do escritor maranhense Welinton Carvalho, *Geometria do Lúdico*, entregando um exemplar para a Biblioteca Rodolfo Garcia. Disse tratar-se de uma obra volumosa e que mereceu elogio do crítico Ivo Barroso. Um outro crítico sublinha sua linhagem de poeta maranhense, como Bandeira Tribulzi e Ferreira Gullar. O autor se considera na linhagem intelectual de Josué Montello, tendo um poema dedicado a esse saudoso confrade. O livro foi-lhe entregue pela viúva do Acadêmico Josué Montello, D. Yvonne Montello. A seguir, solicitou a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo de Wilson Martins publicado no sábado, no *Jornal do Brasil*, sobre *Os Discursos Acadêmicos*. O pesquisador Wilson Martins, que é sempre muito crítico em relação à Academia, desta vez se manifestou favorável à publicação dos *Discursos Acadêmicos*, Vol. 4, fazendo referência a alguns desses discursos e detendo-se, sobretudo, nos dois que considerou mais importantes: o de Álvaro Lins, sobre Roquette-Pinto, e o de Chateaubriand, sobre Getúlio Vargas. Considera, com certo exagero, que, neste último, Assis Chateaubriand se igualou ao memorialista Saint-Simon. É realmente um discurso muito importante. Em relação a esse artigo, acrescentou que, ao tomar posse na Cadeira 37, o Acadêmico Ivan Junqueira fez elogios ao discurso de Chateaubriand e, como

não consta do Vol. 4, Wilson Martins certamente desconhece o discurso do sucessor de Assis Chateaubriand, o poeta João Cabral de Melo Neto, que foi de alta categoria. Acha ser esse artigo merecedor de registro, sobretudo por terminar dizendo: “Eis como um volume de discursos acadêmicos se transforma no panteão da literatura brasileira.”

- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho e a oferta que fez do livro *Geometria do Lúdico*, de Welinton Carvalho, por intermédio da Sra. Yvonne Montello, à Biblioteca Rodolfo Garcia. A respeito do artigo de Wilson Martins, também notou a mudança no tom em relação à Academia. Disse que os elogios são bastante interessantes, especialmente àqueles discursos por ele salientados. Essa opinião, em relação aos Discursos Acadêmicos, era compartilhada com o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, que dizia que a melhor história da literatura do Brasil era a coleção dos *Discursos Acadêmicos*, na qual, até pelas omissões, podia-se dizer como a literatura evoluiu de uma forma nem sempre encomiástica, às vezes até ácida, como no caso do discurso de José Lins do Rego. De qualquer forma, é um apanhado muito importante da literatura brasileira, não só dos 112 anos da Academia, mas igualmente remetendo ao passado, porque os discursos falam também dos Patronos. Portanto, espera que o plenário aprove a inclusão desse artigo nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Recomendou, também, a quem não leu, que procure ler no suplemento “Mais”, da *Folha de S. Paulo*, praticamente uma página inteira sobre o livro que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet organizou sobre a *Correspondência de Machado de Assis*, mostrando a importância desse livro.
- O Acadêmico Candido Mendes comunicou que o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ensaio será apresentado na próxima quinta-feira.
- No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Murilo Melo Filho apresentou um trabalho minucioso sobre a vida e a obra do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares. Falou também sobre a convivência dele com os seus pares, durante os 28 anos que, nesta Casa, ocupou a Cadeira 20. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu muito ao Acadêmico Murilo Melo Filho, o sucessor do Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares nesta Cadeira. Como muito bem acentuou na sua fala, Lyra Tavares fez parte da Junta Militar, durante a ditadura militar. Lembrou ainda a sua eleição para a Academia, que gerou muita controvérsia na Casa. Assinalou que Lyra Tavares tem um livro que considera muito interessante *Brasil-França ao Longo de Cinco Séculos, História*. Disse tratar-se de um livro de referência muito importante, principalmente neste ano em que estamos celebrando o ano da França no Brasil. Entre os militares citados pelo Acadêmico Murilo Melo Filho está o major Urbano Duarte, fundador desta Casa. Contou que ele era jornalista, mas também major da ativa nos quadros do Exército Brasileiro, e escrevia crônicas no *Jornal do Commercio*. Certo dia, escreveu uma crônica dizendo que Mato Grosso era muito longe, praticamente não existia e fazia comentários jocosos sobre isso. No dia seguinte, recebeu do Ministro da Guerra, um marechal de linha dura, que tinha combatido na Guerra do Paraguai, a convocação para servir numa divisão de Corumbá. Foi assim transferido do Rio de Janeiro para Corumbá. Com a intervenção de José Carlos Rodrigues, ele acabou conseguindo passar apenas um mês servindo em Corumbá e conhecendo o Mato Grosso.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho agradeceu ao Presidente Cícero Sandroni o elogio sobre o seu discurso.
- A Acadêmica Nélida Piñon disse que Lyra Tavares foi um dos homens mais gentis que conheceu. Lembrou que, no dia da sua eleição, uma jornalista lhe perguntou: “General, o Senhor não votou na Nélida Piñon?” Ele respondeu: “Votei na Nélida Piñon pensando no bem da Casa”. Acrescentou que esse homem, cujo convívio era tão amável, foi uma das pessoas que mais conheceu de perto geograficamente o Brasil, e manifestava um amor muito grande por este país. Declarou que diz essas palavras porque não desejaria, diante da sua própria pessoa, assumir uma postura covarde. Disse ainda ter feito questão de ir ao seu sepultamento, ocorrido uma semana depois da morte da sua mãe, e que a Senhora Lyra Tavares disse-lhe, por telefone, que ela estava dispensada de ir, mas ela própria não se dispensou. Observou que eles eram seres muito amáveis e que tem deles uma lembrança encantadora.

- O Acadêmico Carlos Nejar, depois de ouvir as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho e da Acadêmica Nélida Piñon sobre Lyra Tavares, não pôde deixar de exprimir a sua admiração por essa personalidade, como cidadão participante desta Casa, e, efetivamente, uma das pessoas mais gentis, humanas e fraternas no convívio acadêmico. Na Academia, foi um dos mais nobres acadêmicos, e puxando para o seu lado, como o Acadêmico Marcos Vilaça faz em relação a Pernambuco, acrescentou que Aurélio de Lyra Tavares era casado com uma gaúcha.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Moacyr Scliar para falar sobre a gripe suína.
- O Acadêmico Moacyr Scliar explicou que a gripe continua se disseminando, mas não se pode falar em pandemia. A surpresa é até agradável, pois a virulência não é tão grande quanto se esperava. A letalidade não é maior do que na gripe comum e a disseminação não é tão rápida quanto se temia. O que está se esperando é a preparação de um imunizante, que pode ser mais ou menos parecido ao que já existe por aí. Voltou a aconselhar que todas as pessoas se vacinem, lavem as mãos e aguardem a chegada deste imunizante para daqui a uns seis meses.
- O Presidente disse que, com relação à aplicação da vacina nesta Casa, chegou a falar com o Dr. Kovach sobre a possibilidade de se conseguir uma empresa que pudesse vir à Academia fazer essa imunização, mas depois pensou melhor e achou uma responsabilidade muito grande, acrescentando que o melhor seria cada um procurar o seu médico e tomar a vacina.
- O Acadêmico Marco Maciel deu notícias do andamento do Projeto de Lei que criou o Ano Joaquim Nabuco, por ele apresentado no Senado e que está sendo enviado para sanção do Presidente da República. A partir daí, a Comissão da Academia poderá começar a organizar o calendário de atos, eventos e publicação de livros para celebrar condignamente essa efeméride. Lembrou que o Presidente sugeriu a publicação de uma edição popular de *Minha Formação* para que possa ser distribuída a estudantes por duas razões: primeiro, pela luta de caráter social da sua obra, e, em segundo lugar, porque sua obra é sempre permeada por lições muito oportunas em relação à boa política.

- O Presidente Cícero Sandroni lembrou que a Comissão tem de começar a elaborar os seus projetos para 2010.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, neste elenco de notícias boas, a começar pela pouca virulência da gripe, que a princípio assustou a todos, referiu-se a alguns bons projetos no campo da lusofonia. Comunicou que há três meses foi inaugurado na Universidade de Genebra, graças aos esforços do filólogo italiano Maurizio Perugi, um Centro de Estudos Lusófonos, com a publicação do primeiro volume das Atas, que encerra esse primeiro encontro. Em seguida noticiou que, a partir da próxima semana, os Acadêmicos já podem contar no *site* da Academia com o *Índice Lexical da Obra de Machado de Assis*, que surpreendeu a todos com um léxico em torno de dezessete mil e poucas palavras. O Setor está também preparando o *Dicionário de Machado de Assis*. Terá início ainda este ano o *Índice Lexical da Obra de Euclides da Cunha*, que acredita ser ainda maior do que o de Machado de Assis dada a virtuosidade do seu léxico. Comunicou ainda que representou a Academia Brasileira de Letras na primeira reunião do IBGE referente ao levantamento dos topônimos brasileiros. Disse que esses topônimos fazem parte de um projeto antigo dos formulários ortográficos para que se tenha uma nomenclatura técnica e científica da Língua Portuguesa em todo o seu quadrante geográfico. Aliás, o Acordo de 1990, no seu Artigo Segundo, já lembra que, depois da unificação ortográfica, os países signatários têm que trabalhar junto às instituições competentes para um levantamento tão normativo quanto possível, e tão exaustivo quando necessário, da nomenclatura técnica e científica. Muitas pessoas contrárias ao Acordo têm se servido deste Artigo, dando uma interpretação errada e dizendo que a nossa Academia se adiantou, publicando a 5.ª edição do *VOLP*, já dentro da reforma de 1990, quando deveria esperar esse vocabulário comum dos países lusófonos. Assim, dão a entender que o Acordo propunha primeiro um vocabulário ortográfico comum para então depois vir a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Mas o Art. 2.º só fala num vocabulário no que diz respeito à nomenclatura científica e técnica, da medicina, da física, da química, da geografia, dos nomes geográficos etc. É de opinião que a Academia deve entrar neste vocabulário científico e técnico em segundo plano, pois o primeiro plano pertence às instituições científicas, somente depois a Academia irá falar da parte ortográfica relati-

vamente às decisões dessas instituições. Acrescentou que está havendo um grande movimento dos naturais do Acre, porque, devido a uma necessidade da ciência morfológica da nossa língua, o sufixo que vem do latim seja **iano**, e não **eano**. De modo que antigas grafias como **camoneano**, **ciceroneano** etc. já passaram há muito tempo a **camoniano** e **ciceroniano**. Automaticamente, açoriano e acriano. Disse que há uma reação muito grande dos acrianos que querem conservar o termo **acreano**. Citou outras cidades que querem também modificar o seu nome, como Parati, que quer escrevê-lo com **y**, quando todos sabem que na escrita portuguesa o **y** só deverá ser usado nos nomes estrangeiros, excluídos os indigenismos e africanismos. Afirmou que estes problemas dos topônimos só vão interessar à Academia no segundo momento. Declarou que acabou de expor três notícias importantes para esta Casa, porque se referem ao cultivo da língua, como desejaram os fundadores desta Casa no Art. I.º do Estatuto da ABL.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco indagou ao Acadêmico Evanildo Bechara como foi que o **h** voltou à grafia do topônimo Bahia.
- O Acadêmico Evanildo Bechara disse que o **h** voltou à Bahia, segundo se conta, em virtude de um trocadilho que se fazia entre **Bahia** e **baia**, e para mostrar que se tratava do nome do Estado, revivendo assim um procedimento que existia no sistema ortográfico antigo de indicar o hiato com o diacrítico **h**. Bahia ficou, mas os derivados, não.
- A Acadêmica Nélide Piñon disse tratar-se de uma aula magnífica, sendo um prazer ouvir o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que torna assuntos mais complexos tão naturais, como deve ser a língua. Em sua opinião, o que o que deve pesar, e muito, é a tradição afetiva, a tradição da memória. Deu como exemplo ela própria, às vezes criticada na Galícia por não conseguir dizer Galiza. Pois cresceu dizendo Galícia, seu coração reclama por essa designação. Lembrou que, no debate quando da formação da União Europeia, se pregava a abolição dos acentos. A Espanha se insurgiu porque ela perderia o nome do país, que ia ser **Espana**; tiveram que ceder porque não era só a perda de um acento, e ficou **España** com um til sobre o **n**.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que o caso de Espanha é interessante porque no latim não havia essas consoantes palatais, e cada língua românica tentou resolver o problema à sua maneira. Durante muito tempo escrevia-se no lugar de **lh** as letras **ll**, como fazem os espanhóis atualmente. Posteriormente, se passou a aceitar o modo provençal de representar as palavras com **lh**, **ch** **nh**. No caso de Espana, esse til era um **n** que se colocava em cima do outro **n** para mostrar a palatalização **nh**. Os ortógrafos medievais tiveram uma dificuldade muito grande porque só dispunham do alfabeto romano, que não tinha essas palatais. Já os romanos, por sua vez, brigavam muito, porque achavam que a letra **q** não deveria existir, pois o **c** era pronunciado **q**, diante de todas as vogais. Quintiliano achava que esse **q** era uma excrescência no alfabeto romano. Daí a dificuldade que os ortógrafos medievais tiveram para adaptar um alfabeto que não tinha nascido na România e aplicá-lo a fonemas que apareceram por lá e que não haviam no latim.
- Acadêmica Nélide Piñon disse que a Academia devia registrar a feliz coincidência de, justamente neste momento, quando se trava um debate extraordinário em torno do Acordo Ortográfico, afinal consagrado, que esta Casa tenha nos seus quadros o Professor Bechara. Isso é uma coincidência histórica, porque ele poderia ser esta maravilha que é, mas fora desta Casa. Assim, gostaria de registrar a sorte que a Academia teve de tê-lo como Acadêmico.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que a Acadêmica Nélide Piñon tem toda razão com relação ao convívio acadêmico com Evanildo Bechara, que dá a agradável sensação daquela pessoa que está sempre disposta a desenvolver qualquer tarefa que se lhe dê. Declarou que é bom lembrar que, além de todos os trabalhos por ele feitos, seja como coordenador do setor de lexicografia e lexicologia, coordenando os técnicos, e ainda respondendo às perguntas da imprensa, dos jornalistas que estão sempre questionando, ele é também um Diretor da Casa, ou seja, o Tesoureiro. Muitas vezes, D. Marlit diz que ele fica até duas horas da manhã trabalhando. Quanto à questão do IBGE, eles têm procurado a Academia insistentemente, pois o problema dos topônimos envolve uma política de segurança nacional, tendo assim a Academia um papel muito importante, que naturalmente já é uma função do IBGE. No Brasil, há vários rios com o mesmo nome, municípios também

com o mesmo nome. É um trabalho muito importante que o Professor Bechara desenvolve aqui, e a sua convivência com ele tem sido muito proveitosa.

- O Acadêmico Ivan Junqueira pediu a palavra, segundo ele mesmo, para uma minudência, mas uma minudência muito significativa. Disse que conhece Bechara há cerca de nove anos, quando ele apresentou sua candidatura à vaga de Afrânio Coutinho. Evidentemente, já o conhecia de nome e de proezas. Agora, vejam bem: ele é seguramente o maior gramático e filólogo deste país, um lexicógrafo admirável, e nunca viu neste homem um indício sequer de doutoralismo. Bechara, como todos sabem, é um homem simples. E os sábios são sempre simples.
- O Acadêmico Evanildo Bechara, com muito humor, declarou que depois de tantas gentilezas a solução era pagar um café, ao que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva imediatamente sugeriu que fosse um champanhe.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que todos os elogios a Evanildo Bechara ainda são poucos, mas ninguém se lembrou de dizer que ele é de Pernambuco.
- O Presidente lamentou precisar interromper uma sessão tão agradável, mas lembrou que se realiza a seguir, às 17h30min de hoje, na Sala José de Alencar, a mesa-redonda “10 anos sem Dias Gomes”, com a participação do Acadêmico Sábato Magaldi e dos Srs. José Dias e Sérgio Fonta, para a qual convidou os presentes, e declarou encerrada a sessão.

ANÁLISE DO VOLUME DOS *DISCURSOS ACADÊMICOS*

*Wilson Martins**

Recebendo Austregésilo de Athayde na Academia Brasileira em 1951, observava Múcio Leão que “um dos elementos que formam o encanto da Academia reside exatamente nisso, que chamarei o desencontro das sucessões, num feliz acaso mediante o qual vemos a substituição de um grande romancista, como Machado de Assis, fazer-se com a escolha de um jurista, a de um historiador político, a de um filósofo embebido de poesia, como Nabuco, fazer-se pela escolha de um guerreiro, um cronista de assuntos militares, a de um poeta soberano como Raimundo Correia, fazer-se pela escolha de um sábio, de um médico, de um sanitarista” (*Discursos Acadêmicos. Tomo IV, 1951-1965*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008).

Meramente exemplificativa, a lista poderá ser alongada, abrindo interessantes perspectivas para a vida acadêmica, a natureza humana e a história literária, tudo matéria de reflexão para o moralista, porque os membros da ilustre companhia sempre foram e continuam sendo homens a quem nada de humano será estranho. Assim, por exemplo, e para lembrar desde logo o grande escândalo acadêmico que foi a posse de José Lins do Rego na sucessão de Ataúlfo de Pádua. Social, literária e intelectualmente é impossível imaginar dois homens mais diversos, e até opostos, eu diria, dois homens provindos de galáxias diferentes, cujos corpos giravam em órbitas próprias, sem possibilidade de simpatia, nem mesmo de tolerância recíproca.

* Crítico literário. Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, em 16 de maio de 2009.

Homem conhecido pela generosidade de coração, Lins do Rego comportou-se, por inesperado, como aquele “sacrificador bárbaro” evocado por Lafayette Rodrigues Pereira em páginas célebres, “que veio lá das regiões Cimérias... Estudou retórica em alguma escola de província, fez um grosso pecúlio de teorias [...] queimam-lhe despeitos porque Atenas olha com um certo ar de desdém para os bárbaros [...]”. De fato, boa parte do seu discurso foi empregada em ridicularizar, com extrema agressividade, as boas maneiras de Ataulfo de Paiva, certamente o aspecto que mais o chocava, na resposta protocolar Austregésilo de Athayde sentiu-se obrigado a dizer: “O último a ocupar esta poltrona 25 [...] foi um leal servidor desta casa e todos aqui queremos dar depoimento de seus préstimos. O que lhe faltou em títulos literários quis sempre suprir em devoção aos interesses da companhia [...]”.

Registremos para a pequena história que as mesmas incompatibilidades, digamos, orgânicas, entre sucessor e sucedido já haviam ocorrido em 1918, quando o cinzento e mal-ajambrado Artur Orlando foi substituído pelo elegante e refinado Ataulfo de Paiva, que, como seria de esperar, encarou a dificuldade com fidalguia irônica e cavalheirismo, sem nenhuma das grosserias de que seria objeto em 1956, referindo-se à “fisionomia um pouco tediosa” do antecessor, embora “extremamente simpática, descuidada de ademanos, despida de convencionalismos, com o aspecto às vezes algo embuchado e bisonho [...] patenteando naturalmente e com sinceridade um largo desprezo pelas coisas fortuitas [...]”.

Há maneiras de dizer as coisas quando se fala a bons entendedores, a exemplo de Maurício de Medeiros, que descreveu com olho clínico o antecessor, Celso Vieira, pessoa misteriosa e secreta, que mandara suprimir a data de nascimento nos *Anais* da Academia, suspicaz e vingativo. Maurício de Medeiros traçou-lhe o retrato psicológico com tais sinalizações médicas que - quando, afinal, o aponta como “rebelde misógino” - somos tentados a entender esta expressão como simples eufemismo.

Entre o desencontro das sucessões a que se referia Múcio Leão, cabe mencionar a substituição de Cláudio de Sousa, cujo “elogio acadêmico” por Josué Montello é um modelo do gênero, tanto por ser um elogio quanto por ser acadêmico. Era uma formalidade, um momento penoso a passar, cuja maior

dificuldade estava em resistir honestamente à crítica negativa sem descer à retórica vazia e convencional, mas conservando a cortesia de estilo. Para o que ele se preparou com consciencioso espírito de dever moral, lendo todas as obras de Cláudio de Sousa (o que já era façanha), “colhendo aqui e ali, o pretexto para o louvor cauteloso”. Ou ainda: “Continuo a obstinada leitura dos livros de Cláudio de Sousa. Sinto-me na pele de um penitente que vai levando na cabeça a sua pedra” (*Diário da Manhã*, novembro 17/20, 1954).

No período coberto por esse volume há dois discursos particularmente importantes: o grande ensaio crítico de Álvaro Lins sobre Roquette-Pinto e o extraordinário retrato de Getúlio Vargas, no qual Assis Chateaubriand se igualou a Saint-Simon, mestre do memorialismo francês. São páginas frementes, sem nenhuma gordura retórica, escritas com a inteligência analítica que não se encontra nos “mediócrs charlatães que já o estudaram” e não “enxergaram o segredo de sua imensidade: Vargas, era ele, e o plus-que-todos os seus contrários. A sua prodigiosa glória é a de haver tantas vezes sacudido este cadáver obediente que é o Brasil. Ele não falava para o povo: oficiava como um sacerdote”. Getúlio Vargas era o homem do destino, “não era somente a América Latina e a Rússia; e Minas e o Rio Grande. Seu tato, a sua finura, as suas manhas, a sua solércia de gato, a sua sedução de demiurgo o identificam muito com o rei de Ítaca. Seu charme, o charme que emanava da sua pessoa, era irresistível. [...] Nele não havia um esforço de amabilidade, senão aquela elegante volubilidade, que punha nas conversas, ora ferindo um ponto, ora outro, conforme as tendências dos que faziam a sua roda”.

Com essas palavras e esse julgamento, Chateaubriand colocou-se, por assim dizer, acima de si mesmo, e, claro está, acima do homem comum que, bem ou mal-intencionado, procura reduzi-lo as suas próprias dimensões. Citações esparsas mutilam um ensaio que deve ser lido na sua organicidade e meditadamente. Ele e Getúlio Vargas saem engrandecidos de uma análise que, ao mesmo tempo, reconduz o ensaísmo brasileiro ao plano em que Joaquim Nabuco o havia colocado com os retratos dos nossos grandes estadistas. Resumindo, no discurso de resposta à extraordinária impressão causada por essas páginas magistrais, Aníbal Freire da Fonseca declarou: “Não sei como me atrevo a falar de Getúlio Vargas depois do vosso discurso”. Com elas, Chateaubriand redimia-se,

e redimiu a Academia, das suspeitas que lhe haviam cercado a eleição (e a de Getúlio Vargas).

Austregésilo de Athayde e Múcio Leão, Luís Viana Filho e Menotti del Picchia, Josué Montello e João Neves da Fontoura, José Lins do Rego e Magalhães Júnior, Afonso Arinos e Manuel Bandeira, Jorge Amado e Afrânio Coutinho, Gilberto Amado e Marques Rebelo – eis como um volume de *Discursos Acadêmicos* se transforma no panteão da literatura brasileira.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS

*João César de Castro Rocha**

Duas coletâneas reúnem cartas de Machado de Assis que tratam de temas como a gênese de *Memorial de Aires*.

A publicação quase simultânea de dois volumes da *Correspondência de Machado de Assis* representa um grande benefício para os estudiosos de sua obra.

É como se os volumes colocassem em cena o desejo de “atar as duas pontas da vida”, pois, se *Correspondência de Machado de Assis* revela os primórdios das atividades do escritor, *Empréstimo de Ouro* equivale a um réquiem, pois reúne cartas escritas nos seus últimos anos de vida.

Além disso, os dois volumes apresentam uma organização impecável.

O texto das cartas, fixado a partir da consulta a documentos e manuscritos, encontra-se enriquecido por notas esclarecedoras tanto das circunstâncias particulares mencionadas pelo missivista, quanto dos motivos mais gerais, associados ao contexto político e cultural do tempo.

Vale ainda mencionar que a edição de *Empréstimo de Ouro* é uma verdadeira obra de arte, incluindo a edição fac-símile dos manuscritos de Machado, além

* Professor de Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Artigo publicado no suplemento “Mais” da *Folha de São Paulo*, em 17 de maio de 2009.

de reunir uma rica iconografia, que não apenas ilustra, mas, a seu modo, oferece um comentário adicional ao conteúdo das cartas.

Sergio Paulo Rouanet esclareceu o critério adotado na organização de *Correspondência de Machado de Assis*:

Seriam incluídas as cartas propriamente ditas, tanto as expedidas quanto as recebidas; os telegramas; os cartões-postais; e mesmo os cartões de visita, quando tivessem alguns textos escritos [...], também as cartas abertas, publicadas em jornais, ou as cartas-prefácio, introduzindo livros.

O critério se justifica plenamente, permitindo ao leitor contemporâneo formar uma opinião mais completa acerca do jovem Machado. Cartas abertas tratando de temas políticos, nacionais ou internacionais, por exemplo, ajudam a compreender as preocupações do autor de *Helena*.

Situação no México

Destaca-se, aqui, a carta escrita em 21 de março de 1865, na qual Machado respondia as considerações de um “Amigo da Verdade” sobre a delicada situação política mexicana, após a invasão das tropas francesas e a imposição do imperador Maximiliano.

Trata-se, como se sabe, de um dos episódios mais bizarros da história latino-americana e que já havia inspirado ao jovem poeta os versos eloquentes e bem-intencionados de “Epitáfio do México”, publicado em seu livro de estreia, *Crisálidas* (1864): “E quando a voz fatídica /Da santa liberdade/Vierem dias prósperos/ Clamar à humanidade/ Então revivo o México/ Da campa surgirá.

O jovem articulista expressou opinião semelhante, embora em registro mais sóbrio:

Que o México mantenha o isolamento e inspire desconfianças é natural, é lógico, porque esse é o resultado da sua origem irregular. Mas o Brasil não pode ter comunhão de interesses nem de perigos com o México, porque sua origem é legítima, e o seu espírito é americano.

Compreenda-se: Machado refere-se ao México invadido pelas tropas francesas.

Por sua vez, as mensagens de caráter pessoal esclarecem, pelo avesso, a montagem de uma ampla rede de relacionamentos – tarefa que ocupou parte considerável dos exercícios do jovem escritor. Rede cordial mais tarde institucionalizada na criação da Academia Brasileira de Letras.

Autêntico personagem de seus futuros romances, o Machadinho da década de 1860 teceu com mão hábil amizades duradouras e conexões importantes. Nesse sentido, é importante mencionar o notável trabalho das pesquisadoras Irene Moutinho e Silvia Eleutério (em *Correspondência*), cujas notas compõem um livro à parte, oferecendo um panorama completo da vida cultural e política da década.

O estilo do Conselheiro

De igual sorte, Eduardo Coutinho e Teresa de Oliveira esclareceram o propósito da organização das cartas de Machado a Mário de Alencar: “Esperamos estar contribuindo não só com os estudiosos de Machado de Assis e os especialistas em crítica genética, como também para o enriquecimento dos estudos da literatura, da cultura e da história do Brasil”.

O objetivo foi plenamente alcançado, com destaque para as cartas que tratam da gênese do último romance de Machado, *Memorial de Aires*.

Em 18 de março de 1907, buscando consolar o jovem amigo, Machado prescreveu uma terapia muito particular:

“Por que não escreve alguma cousa? Ideias fugitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer espécie, tudo são cousas que o papel aceita e a que mais tarde se dá método, se lhes não convier o próprio desalinho”.

É como se descrevesse o estilo do Conselheiro e a fatura de seu último livro! Dez dias depois, nova missiva e uma referência nada velada à composição em andamento:

“O meu trabalho teve uma interrupção de dias. [...] Agora quero ver se acabo a leitura e faço o remate.”

O tom se torna menos cifrado em carta de 22 de dezembro de 1907: “Foi também por isso que achou o modelo íntimo de uma das pessoas do livro [...]”.

“Fica entre nós dois”

Em carta de 16 do mesmo mês, Mário de Alencar havia tocado o dedo na ferida: D. Carmo, personagem do *Memorial de Aires*, representava a última homenagem à viúva do escritor.

Em carta de 8 de fevereiro de 1908 (incluída no volume 3 da *Obra Completa*, organizada por Afrânio Coutinho, mas ausente nesta bela edição), Machado deixou a diplomacia de lado e pediu sem meias palavras: “Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de D.Carmo, nada confie a ninguém; fica entre nós dois”.

Em *Empréstimo de Ouro* convivemos com um homem enfermo, ciente do pouco tempo que lhe restava. Porém, fiel à lição de toda uma vida, Machado recomendou ao jovem amigo que se recuperasse da depressão com o trabalho: “A arte é remédio e o melhor deles”.

Isso disse em carta de 23 de fevereiro de 1908. Em 20 de abril, repisou o motivo: “Em duas palavras, busque o remédio na Arte”. Para Machado, recorde-se, arte significava sobretudo disciplina e dedicação. Felizmente, com a reedição das cartas, o método não ficará só entre os dois missivistas.

AURÉLIO DE LYRA TAVARES

*Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhoras Acadêmicas e Senhores Acadêmicos.

Se vivo fosse, o General Aurélio de Lyra Tavares estaria completando, nesta Efeméride, 104 anos de idade, porque nascido em João Pessoa, no ano de 1905.

Seu pai, João Lyra Tavares, foi Senador paraibano na República, e ele teve como irmãos o Reitor João Lyra Filho e Roberto Lyra, meu professor de Direito Penal.

Ele foi também o quinto paraibano a ter assento nesta Academia.

Quatro outros conterrâneos o antecederam: Antônio Joaquim Pereira da Silva, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego e José Américo de Almeida, além de mais dois, Ariano Suassuna e Celso Furtado, que lhe foram posteriores e aos quais fez questão de dar os seus votos.

Não foi o primeiro militar a empossar-se aqui. Antes dele, tinham sido fundadores e primeiros ocupantes, os militares: Visconde de Taunay, da Retirada da Laguna e o Major Urbano Duarte, além dos Acadêmicos: Tenente Euclides da Cunha, Coronel Gregório da Fonseca, os generais Dantas Barreto e Lauro Müller e o Almirante Artur Jaceguai.

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 21 de maio de 2009.

Mais ou menos nessa mesma época, a Academia Francesa era integrada pelos marechais Liautey, Franchet, Foch, Pétain, Joffre, Juin e pelo General Weygand.

Em 1925, foi declarado Aspirante na Arma de Engenharia do Exército.

Quatro anos depois, em 1929, formava-se em Direito pela Faculdade Nacional e depois em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil.

Era, assim, um militar, mas também advogado e engenheiro.

Em 1943, foi Observador Militar junto ao Exército norte-americano nas operações de invasão do norte da África. Em 1944, foi Membro do Estado-Maior especial na organização da FEB.

Em 1946, chefiou a Missão Brasileira na ocupação da Alemanha. Em 1948, comandou a Escola Superior de Guerra.

No dia 15 de março de 1967, já nos governos militares, foi nomeado Ministro do Exército.

Entre 1.º de setembro e 30 de outubro de 1969, em consequência de uma trombose que afastou o Marechal Costa e Silva da presidência da República, o General Aurélio participou da Junta Militar que governou o Brasil durante 60 dias – um período de muitas injustiças e violências – das quais a Justiça e a nossa História Política nos trazem recordações muito ruins e muito tristes.

Seus colegas do triunvirato militar ofereceram-lhe a presidência da República, que ele simplesmente recusou, preferindo ser Embaixador do Brasil na França, durante os quatro anos seguintes, quando, com seu prestígio entre os governos militares, conseguiu do então Ministro Delfim Neto, da Fazenda, o dinheiro suficiente para a compra da nova sede da Embaixada Brasileira em Paris, que se transferiu da *Avenue Montaigne*, 45, para o *Cours Albert Premier*, em frente ao Sena.

Antes de assumir a Embaixada em Paris, o General Aurélio elegeu-se em 23 de abril de 1970 para a Cadeira 20, desta Academia, que tem como Patrono Joaquim Manuel de Macedo; como Fundador Salvador de Mendonça e como seus Antecessores Emílio de Menezes, Humberto de Campos e Múcio Leão.

Tomando posse, o novo Acadêmico referiu-se ao discurso de Joaquim Nabuco, pronunciado na sessão inaugural, quando, como seu Secretário-Geral, e na presença de Acadêmicos monarquistas e republicanos, escravagistas e escravocratas, sustentou o seguinte:

“– Aqui não deve haver política, mesmo quando temos de concordar na discordância”.

E repetia uma opinião de Stendhal, citada pelo Confrade Josué Montello, que é, por sinal, o nosso maior estudioso da obra stendhaliana. Eis a opinião: “A política na literatura é como um tiro de pistola disparado num concerto”.

Coube ao Acadêmico positivista Ivan Lins, que fora o seu grande cabo eleitoral, saudar o Acadêmico Aurélio de Lyra Tavares, seu companheiro no Positivismo, dizendo o seguinte: “Autor de mais de 30 livros, numerosos artigos em jornais e revistas, além de ensaios, conferências e palestras, foi como escritor que a Academia elegeu V. Excia.”

Sua obra literária não é muito conhecida, mas um dos seus livros depois se tornou referência: *A Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil*, editado em Lisboa, sobre as fortificações construídas ao tempo do Brasil Colônia, na foz dos principais rios brasileiros. Escreveu também *O Brasil da minha geração*, *A Amazônia de Julio Verne*, *Quatro Anos na Alemanha Ocupada*, *Exército e Nação*, *Segurança Nacional* e *Problemas Atuais*, além de *Território Nacional*, que ele considerava o seu livro mais importante, citado por Gilberto Amado na *Guerra das Lagostas*, onde ele analisa os problemas das ilhas brasileiras no Atlântico, a Plataforma Continental e as 200 milhas.

O General Aurélio é autor de muitas poesias, como diletante, sem pretensão de ser um poeta, escondendo-se atrás de pseudônimos e assinando algumas delas com o codinome de Adelita, composto pelas primeiras letras do seu nome e dos seus sobrenomes: A de Aurélio, D de de, L de Lira e TA de Tavares.

No futebol foi um tricolor apaixonado, desde quando em 1920, tendo o Embaixador Décio Moura como goleiro, era meia-direita do Fluminense. (com licença aqui do nosso Acadêmico Marcos Vilaça).

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Josué Montello revelou-me que, certa vez, o nosso inesquecível Antônio Houaiss estava em Paris e, à noite, quando regressou ao hotel, teve a feliz surpresa de encontrar na Portaria um envelope com os votos do General e Embaixador Lyra Tavares para a candidatura de Houaiss a esta Academia.

Votou também depois em Antônio Callado e Darcy Ribeiro.

Poucos Acadêmicos aqui presentes foram seu confrade e contemporâneo. Mas os que falaram sobre ele, durante a “Sessão de Saudade”, foram unânimes em dizer que se tratava de um Acadêmico afável, cortês, cordato, de trato ameno e atencioso.

Esta foi a principal e mais importante imagem que dele nos restou, pois aqui entrara em meio a muitas restrições, mas seu corpo daqui saíra deixando muitas lembranças e saudades.

Ele soube, com discrição e equilíbrio, respeitar o posicionamento dos Acadêmicos que não concordavam com suas opiniões políticas e ideológicas.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Todos os nossos confrades se honraram então reciprocamente e assim conseguiram conviver em harmonia, de 1970 a 1998, durante os 28 anos em que o General Aurélio foi Acadêmico nesta Casa de tradições respeitadas, reverentes e democráticas.

SESSÃO DO DIA 28 DE MAIO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Lygia Fagundes Telles, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 21 de maio, que foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que se encontra presente à sessão. O Presidente comunicou ao plenário que compareceu, ontem, em Brasília, à solenidade de entrega da Grande Medalha de Ouro do Serviço Público ao Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça pelo Presidente da República, considerando seus cinquenta anos de ininterruptos e relevantes trabalhos prestados ao governo brasileiro. Discorreu sobre essa solenidade, à qual compareceram altos dignitários da República, os Acadêmicos José Sarney, Marco Maciel e ele próprio, representando a Academia Brasileira de Letras. Estavam presentes governadores e ministros de Estado, entre mais de 200 pessoas. O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça fez um belo discurso, foi saudado pelo

Acadêmico José Sarney e em seguida pelo Presidente da República, que, no seu discurso, se referiu ao trabalho realizado pelo Ministro Marcos Vilaça não só no Tribunal de Contas da União, mas também em outras atividades, e citou a importância da Academia Brasileira de Letras, como protagonista da cultura nacional. (Solicitou ao plenário a inclusão destes discursos nos *Anais da ABL*). Prosseguindo, pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que aniversaria no próximo dia 3 de junho. Informou que, terça-feira última, esteve na Academia para conversar com a Diretoria o Ministro Paulo Marcos de Moraes, que serve na Embaixada do Brasil em Roma, ao lado do Embaixador José Viegas Filho, que insiste na necessidade de dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo realizado pelo Embaixador Ademar Bahadrian, de prosseguir o intercâmbio cultural entre esta Casa e a Embaixada do Brasil na Itália. Com relação ao estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto, disse que se nota uma pequena melhora. Comunicou que a Diretoria marcou para o dia 4 de junho, a próxima sessão, a eleição para a Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes, na vaga de Antônio Alçada Batista. Nomeou uma Comissão composta pelos Acadêmicos Ivan Junqueira, Evanildo Cavalcante Bechara e Sábato Magaldi para dar parecer sobre o nome apresentado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva para a Cadeira I6 do Quadro dos Sócios Correspondentes, na vaga de Maurice Druon. O parecer deve ser apresentado no prazo de 30 dias. Na continuidade dos trabalhos, informou que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara foi submetido hoje à cirurgia de catarata do outro olho. Correu tudo bem e ele está perfeito, vendo melhor do que todos. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Eduardo Portella, que acaba de chegar à sessão. Passou a palavra ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida apresentou o parecer da Comissão do Prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária, que tem como Presidente o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, ele próprio como relator e o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Foi escolhido o livro *Machado, Rosa e Cia.*, do Professor José Maurício Gomes de Almeida. Propôs também uma Menção Honrosa para Maria Janaína Botelho pelo livro *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX, Práticas e Representação Social*.

- O Presidente submeteu ao plenário o parecer da Comissão do Prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pediu a palavra pela ordem, pois, havendo um Prêmio e uma Menção Honrosa, devia primeiro ser votado um e depois o outro.
- O Presidente acatou a sugestão do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e submeteu ao plenário em primeiro lugar a concessão do Prêmio ao escritor José Maurício Gomes de Almeida, pelo livro *Machado, Rosa e Cia.*, que foi aprovado.
- A seguir, o Presidente submeteu ao plenário a Menção Honrosa a Maria Janaína Botelho pelo livro *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX, Práticas e Representação Social*, que também foi aprovada.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida pelo trabalho da comissão. Comunicou que o Prêmio é no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) e a Menção Honrosa é apenas um Diploma.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que no futuro há necessidade de que seja reexaminado o Prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária, porque os dois gêneros são diferentes.
- O Presidente Cícero Sandroni ressaltou que isso será feito quando do prosseguimento da discussão sobre as alterações do Regimento da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Eduardo Portella acompanhou o voto para premiar o Prof. José Maurício Gomes de Almeida, porque se trata de um pesquisador sério, que tem feito um trabalho relevante na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste livro há referência à neutralidade histórica de Machado de Assis e com isso discorda do pesquisador, por considerar que Machado de Assis não foi neutro em momento algum, mas antes um expectador ativo e crítico, de forma que a neutralidade não era uma companheira de Machado. Quanto à divisão entre crítica e ensaio, é necessário se entender o que é Crítica e o que é Ensaio. Lembrou que, até recentemente no Brasil, o Ensaio era um

gênero pouco significativo, como se não fosse um gênero com admirável tradição no Ocidente moderno, a partir de Montaigne, que o criou, sem uma caracterização formal e com um volume de liberdade maior, mas por isso mesmo capaz de atravessar fronteiras. Existem obras que não têm fronteiras delimitadas, ocupam um território flutuante e, no mais das vezes, de difícil formalização. Ficou a Crítica Literária, no seu entender, de forma equivocada no espaço de um julgamento. Disse que fez crítica militante durante algum tempo, mas, quando se convenceu de que o crítico era um juiz auto-designado e que ninguém deu a ele esse direito, passou a fazer Ensaio. Até porque, todo julgamento de uma obra de arte é relativo, depende do olhar que é o seu instrumento de penetração e de avaliação, conseqüentemente já se faz Crítica Literária sem essa preocupação e próxima do Ensaio. Acredita também que não haverá problema em separar o Ensaio da Crítica Literária, o que valerá também para outros gêneros fronteirços, como a Crítica Social. Mas está de acordo com o Parecer.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella não só pelo seu voto, mas sobretudo pela aula que acabou de dar.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que qualquer mudança exige emenda regimental e lembrou que a Comissão do Prêmio de História e Ciências Sociais tem alternado o seu parecer, dando um ano para História e outro para Ciências Sociais.
- O Acadêmico Carlos Nejar deu notícias da viagem feita a Lisboa, onde representou a ABL. Participou da Feira do Livro, no dia 9 de maio, quando houve lançamento do seu livro *Pequena Enciclopédia da Noite*. Uma experiência muito feliz, com a presença de escritores portugueses e representantes da Academia das Ciências de Lisboa. Participou da conferência sobre o tema “Literatura e Música”, tendo como moderadora a escritora Inês Pedrosa. Houve dois eventos que considerou importantes: o primeiro, debate sobre a nova Coleção Caravela, com o apoio do Instituto Português do Livro, pela Editora Novo Século, que será dirigida por ele e pelo poeta Antônio Osório; o segundo, a conversa com a diretora da revista *Colóquio/Letras* sobre a possibilidade de uma grande homenagem a Machado de Assis. Aproveitou

para ressaltar o trabalho extraordinário do embaixador Lauro Moreira em favor da cultura brasileira, de Machado de Assis, dos autores brasileiros e da poesia contemporânea.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar pelo relatório feito e pediu que o mesmo constasse dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Antônio Carlos Secchin pediu a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do excelente depoimento do Acadêmico José Murilo de Carvalho, intitulado “Agruras Democráticas”, do jornal *O Globo*, do dia 23 de maio, uma entrevista na qual o historiador dá uma visão muito lúcida das origens dos males da corrupção do sistema político brasileiro.
- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se ao que disse o Acadêmico Antônio Carlos Secchin. Recentemente organizou um congresso intitulado “Reinvenção da Democracia”, não se trata de reler ou rever a democracia, mas de reinventar a democracia. Normalmente, o conceito de democracia baseia-se no tripé republicano francês: liberdade, igualdade e fraternidade. Esse tripé foi perdendo o pé no solo e ficou de tal maneira abstrato que só serve para os comícios eleitorais, mas não atende às exigências da prática cotidiana das relações interpessoais. Fez uma indagação sobre o que falta para se retomar o conceito de democracia. Primeiro, a fidelidade a esses elementos básicos deixarem de ser figuras de retórica e passarem a ser práticas cotidianas legisladadas ou codificadas como for o caso; segundo, o exercício da imaginação, falta imaginação à classe política brasileira. Houve um tempo em que se pensava que imaginação era o contrário da realidade, exatamente o oposto do que se quer, que é introduzir a imaginação dentro da prática democrática. A imaginação não é um obstáculo ou uma fuga da realidade, ao contrário, é um elemento de enriquecimento da realidade.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco solidarizou-se com o que foi dito sobre o artigo do Acadêmico José Murilo de Carvalho e falou sobre o gato Gregório que aparece na fotografia.
- O Acadêmico Cândido Mendes de Almeida pediu a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* da entrevista com a Acadêmica Lygia Fagundes Tel-

les, publicada no jornal *O Globo*, de domingo passado, e lembrou a frase de um estudante de Letras que disse, referindo-se à Acadêmica Lygia Fagundes Telles, “Esta é a noiva da Literatura Brasileira”.

- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles parabenizou o Presidente Cícero Sandroni pela competência e amor com que está dirigindo a Casa. Falou sobre a beleza do mar e do verde do Rio de Janeiro. Disse que fica muito comovida sempre que vem à ABL e recordou a frase de Santo Agostinho: “A casa da alma é a memória”.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que todos amam Lygia Fagundes Telles e que esta visão magnífica do Rio de Janeiro é a mesma que sente. Solidarizou-se com o que foi dito sobre a entrevista do Acadêmico José Murilo de Carvalho no jornal *O Globo*, pela lucidez com que ele tratou dos problemas brasileiros e com o que disse o Acadêmico Eduardo Portella, confirmando uma visão sua, pois hoje não há mais a arte da palavra, há falta de condições intelectuais e morais, com exceções, há só homens pequenos.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu as manifestações dos Acadêmicos e esclareceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco que Gregório é um pseudônimo, já que o gato pertence a seu filho, que não gosta que se deem nomes a ele. Lembrou ter sido este sábado glorioso para a ABL porque, além das duas páginas do *Prosa e Verso* dedicadas à Acadêmica Lygia Fagundes Telles, no “Caderno Ideias”, houve uma página inteira para o Acadêmico Carlos Heitor Cony e uma resenha muito elogiosa ao livro do Acadêmico Ivan Junqueira.
- A Acadêmica Ana Maria Machado, a propósito do nome do gato a que se referiu o Acadêmico José Murilo de Carvalho, lembrou a bela tradução do poema do escritor T. S. Eliot sobre o nome inconfessado do gato, feita pelo Acadêmico Ivan Junqueira.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou ao Acadêmico José Murilo de Carvalho que gato não tem nome, pode-se chamar o gato de qualquer nome que ele não vem.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva falou dos dois gatos que teve, um negro de nome Hegel e uma gata tratada por Lucrecia Borja, e ambos atendiam ao seu chamado.
- O Acadêmico Eduardo Portella acrescentou que, em sua opinião, acha que o gato é mau caráter, gosta muito do cão, mas o gato é ambicioso, no fundo o gato gostaria de ser gente e o cachorro quer ser só o amigo do homem.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que um dos sonetos mais belos de Baudelaire é sobre um gato. Com relação ao cão, contou que foi convidado pela filha do Acadêmico Helio Jaguaribe, Isabel, para dar um depoimento sobre seu pai e, quando chegou em sua casa, Isabel ainda não estava. Pegou então uma revista e começou a ler. Num determinado momento, uma cadelinha sentou-se no seu colo, e ele confessou que nunca viu cadelinha mais doce e mais suave. Quando Isabel chegou, perguntou-lhe qual a raça da cadela, e ela respondeu que era um Pitt Bull. Diante disto, acha que se deve repensar se o Pitt Bull é bom e são os proprietários que o corrompem. Com relação à Lygia Fagundes Telles, lembrou que uma emissora universitária fez uma entrevista com Eduardo Portella, na qual se falou sobre vários tipos de beleza. Quando surgiu o nome da Acadêmica, ele disse que Jorge Luis Borges, ao vê-la pela primeira vez, ficou deslumbrado. Essa afirmação do Acadêmico Eduardo Portella deixou o entrevistador confuso e este perguntou-lhe: “Jorge Luis Borges não era cego?” E Eduardo Portella respondeu: “A beleza de Lygia Fagundes Telles é tão fulgurante que até um cego enxerga”.
- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles lembrou que, na sua infância, teve vários cachorros e a sua babá pediu para que ela parasse de falar tanto com os cachorros, porque um dia eles iriam responder-lhe e ela cairia dura no chão. Falou que os cachorros sofrem junto com os donos e os gatos, não.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho afirma que o que o incomoda sobre os gatos é que eles dão a impressão de que tem um soberano desprezo pela espécie humana.
- O Acadêmico Domício Proença disse que os gatos são cheios de felinidades.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembra ter tido um gato com carência afetiva e toda vez que viajava o gato começava a mancar para chamar a atenção.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco recordou a fresa de Vinícius de Moraes: “O uísque é o cão engarrafado”.
- O Acadêmico Ivan Junqueira falou sobre a ambição do gato em tornar-se gente. Lembrou que em sua casa, quando foi levar para colocar nova moldura num quadro que havia caído, percebeu que seus três gatos estavam sentados em frente ao espaço vazio onde estava pendurado o quadro, provavelmente se perguntando “onde está nosso quadro”?
- O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou os presentes para um encontro com a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, quando haverá debates. Serão mediadores a Acadêmica Ana Maria Machado e o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A seguir ocorrerá o relançamento de três de seus livros.

DISCURSO DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA*

Este ato encerra para mim emoções diferentes e roupagem especial. Aqui estão a protagonizá-lo dois nordestinos dos agrestes pernambucanos. Do agreste meridional, o Presidente da República, de Caetés, vizinho de Lajedo onde nasceu o meu pai – o velho Vilaça, filho de um lavrador de fumo. Caetés em língua indígena significa mato verdadeiro, daí também se explicar ser terra de homens verdadeiros. Do agreste setentrional vem o homenageado, varzeano do Tracunhaém e do Capibaribe, nascido em Nazaré da Mata, terra da cana de açúcar, criado em Limoeiro, do boi e do algodão.

Essas são as nossas chancelas geográficas.

O nordestino de Pernambuco só se curva se for para agradecer. Por isso, estou curvado, agradecendo ao Presidente da República, para glória minha, um conterrâneo.

Presidente, estou honrado e honorado.

Sairei daqui com provisão de sol e sal, ciente de que não devo tolerar as ameaças de certo tipo de saudade. Neruda falou que saudade é amar um passado que ainda não passou. Por isso, sigo a lição do Padre Vieira: tenho é saudade do futuro. Guardo a fé, mas não encerro a carreira. Expulso sombras. Vou em frente. Para tanto, há de servir a imortalidade acadêmica.

* Proferido na solenidade de entrega da Grande Medalha de Ouro do Serviço Público, ocorrida em 27 de maio de 2009.

Vivi o meio século de servidor público compreendendo paixões, testado por provas, enlouquecido por fazer. Tenho horror à indiferença, do mesmo modo que me recuso a tolerar radicalismos de qualquer tipo. Aposto em convergências.

Portei-me assim na Assembleia Legislativa de Pernambuco – o primeiro emprego – na Fundação Joaquim Nabuco, na Faculdade de Direito do Recife, no IPEA, na Caixa Econômica Federal, no Gabinete da Presidência da República, na LBA e no TCU, onde completei os 50 anos de serviço, orgulhoso de estar ali pela indicação do Presidente José Sarney, meu confrade, meu compadre, meu amigo. Registro, em especial, o tempo da Secretaria da Cultura do MEC, pois lá vivi os melhores momentos de servidor. Aprendi muito. Aprendi menos do que deveria, mas aprendi muito. Em todo esse conjunto do espaço público fui servidor responsável.

No trabalho para o Brasil, segui a legenda de Goethe: não se vem ao mundo para fazer coisas grandes ou pequenas, mas para fazer coisas honestas. Não digo isto para dar-me títulos, pois é obrigação de todos, mas é o que tenho para deixar aos filhos e aos netos: coisas honestas. Entre elas, os vários livros que escrevi.

O tempo espichou-se sobre mim, mas a alma porosa esteve sempre inclinada aos afetos, pelos que me comandaram, pelos que comandeí. Com isto quero dizer que não armazenei mágoas, todavia não deixei de registrar o que me feriu.

Apostei no semelhante e acertei. Nélida Piñon tem razão: é preciso ter apetite de almas.

Não cuido da arqueologia das cavernas. Saio é em busca da luz. Ela sempre me chegou com a graça de Deus e de Maria do Carmo, e em razão deles, completarei em breve 50 anos de casado. Maria do Carmo, ressaltado, é medianeira de tudo de bom que recebi, de que são exemplos exponenciais os meus filhos e os meus netos. Luz que se completa com o entorno de bons amigos, da cumplicidade de confrades, de colegas generosos, da mãe nonagenária e muito lúcida.

Estou pronto para um novo depois. O Brasil pautou-me a conduta, Pernambuco é origem e destino. A condição de filho único não me deu tréguas, mas o bom casamento compensou.

Aguardo o futuro de pé. Não há esperança sentada. A Deus não pedirei mais nada, além de continuadas saúde e paz de espírito. Talvez ainda peça que reduza o temperamento ansioso. Deus escutou meu coração e me deu tudo, até mesmo força para enfrentar a dor da morte de um filho e de uma neta. Afora esses episódios de eterno sangramento, recebi Dele mais do que merecia.

Duzentos e tantos anos atrás, Domingos Caldas Barbosa, em Lisboa, ao voltar da Campanha do Rousillon, versejava:

*Sou soldado, sentei praça
Na gentil tropa de amor
Jurei as suas bandeiras
Nunca serei desertor*

Eu também digo ao Brasil, nunca serei desertor.

MARCOS VINICIOS VILAÇA

*Palavras do Acadêmico José Sarney**

Conheci Marcos Vilaça ainda em Pernambuco, ele chefe da Casa Civil de seu Estado natal, eu Governador do Maranhão, ambos jovens, mas ele muito mais jovem do que eu. Tínhamos um grande amigo comum, o poeta Mauro Mota, a quem sucedeu na Academia Brasileira de Letras e que o recebeu na Academia Pernambucana de Letras. Tínhamos ambos a dupla vocação das letras e da política.

Sua carreira de servidor público é exemplar, e nada o destaca mais que a homenagem que o Presidente da República lhe prestou recentemente como servidor público exemplar. Chefe da Casa Civil, Secretário de Estado em Pernambuco, foi diretor da Caixa Econômica Federal, Secretário de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Presidente da Funarte e, em meu Governo, Secretário para Assuntos Especiais da Presidência da República e Presidente da Fundação Legião Brasileira de Assistência, antes de assumir a função de Ministro do Tribunal de Contas da União, há mais de 20 anos, onde mostrou todas as suas qualidades de homem público.

Tendo acompanhado toda essa carreira, posso dar o testemunho de que ela é marcada, em primeiro lugar, pela idoneidade e correção absoluta no trato da coisa pública; e, em seguida, pela sua vocação de inovador e reformador, que lhe levou a introduzir novas dinâmicas e mudanças estruturais em todos os lugares por onde passou.

* Proferidas na solenidade de outorga da Grande Medalha de Ouro do Serviço Público ao Acadêmico Marco Vinícios Vilaça.

Essas qualidades o levaram, da área pública, às duas Academias de Letras, a Pernambucana e a Brasileira, onde foi Presidente que revolucionou e enriqueceu as casas, não só em suas atividades, como também no trato de suas sedes e nas cerimônias centrais de suas posses e eventos extraordinários.

Marcos Vilaça vem de uma família pernambucana tradicional, filho de Antônio Vilaça e Evalda Rodrigues Vilaça. Casou-se com uma das melhores filhas de Pernambuco, a quem Odylo Costa, filho fez “Baronesa do Limoeiro”, e tiveram três filhos, Marcantônio, grande talento falecido prematuramente, Rodrigo Otaviano e Taciana Cecília.

Antônio Vilaça, em seu delicioso livro de memórias, recompondo a sua experiência existencial, termina por dizer, tomado de compreensivo orgulho, que, como filho, Marcos Vinícios é sua realização mais destacada.

Autor de uma obra vasta, um livro, no entanto, se destaca na bibliografia de Marcos Vilaça como elemento nuclear de tudo que foi escrito sobre o sobre assunto, que é o *Coronel, Coronéis*, nunca assaz louvado, e que, sucedendo ao clássico *Coronel, Enxada e Voto*, de Vitor Nunes Leal, o superou e assinalou toda uma época dos estudos sociológicos no Brasil.

Professor em várias faculdades, tanto na área do Direito e da História do Brasil, Marcos Vilaça abandonou o magistério ao ser levado, pelas contingências do destino, a deixar de morar em Pernambuco. Não abandonou, no entanto, o gosto do conferencista que reúne as qualidades da erudição com a leveza da linguagem.

Devo fazer uma menção especial ao tempo em que Marcos Vilaça trabalhou comigo, primeiro fazendo as funções de meu Secretário num momento especialmente difícil da minha vida e da vida da República, com a doença e falecimento de Tancredo Neves, em que atravessamos noites sombrias na esperança desenganada de sua recuperação; e depois como Presidente da Legião Brasileira de Assistência, pedra angular de um trabalho social que foi um dos pontos centrais de meu Governo. “Tudo para o Social”, foi o lema que segui, e o trabalho da LBA atingiu todos os cantos do Brasil, com programas que ficarão na memória do atendimento social no Brasil.

No Tribunal de Contas da União, Marcos Vinícios Vilaça fez história. Nos 21 anos em que por lá passou – ele o está deixando agora por atingir a idade limite de 70 anos no próximo dia 30 de junho – e, sobretudo nos dois períodos em que foi presidente, substituindo nossa querida e saudosa Élvia Lordello Castelo Branco, o Tribunal se modernizou, passando de uma casa meramente receptora de contas vencidas para tomar uma atitude nova, avançando, quando necessário, até ao exame preliminar dos processos licitatórios. Acompanhou *in loco* as atividades da administração pública, abrindo portas para áreas desconsideradas, como o meio ambiente, e avaliando, não simplesmente a exatidão aritmética das contas, mas a relação de eficiência entre os objetivos buscados e os alcançados, propondo e impondo novas práticas de auditoria que são exemplo para toda a administração pública brasileira, até mesmo no exterior.

Na figura de Marcos Vinícios Vilaça se revela um servidor público exemplar. Nele se concretizam as qualidades de dedicação à causa pública, capacidade de trabalho, perseverança na busca de seus objetivos; um exemplo para as gerações futuras. Ao homenageá-lo, o Presidente Lula nos honrou a todos, por distinguir um homem de bem, admirado por todos e com uma rede de amigos que é testemunha positiva da justiça da homenagem.

MARCOS VILAÇA, SERVIDOR PÚBLICO

*Palavras do Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva**

Centro Cultural Banco do Brasil, 27 de maio de 2009.

Meu caro amigo Marcos Vilaça e sua companheira, Maria do Carmo Vilaça,

Meu caro companheiro José Sarney, Presidente do Senado Federal,

Michel Temer, Presidente da Câmara dos Deputados,

Tarso Genro, Ministro da Justiça,

Meu caro Sérgio Cabral, Governador do Estado do Rio de Janeiro,

Senador Francisco Dornelles,

Senador Marco Maciel,

Deputados Federais Albano Franco e Armando Monteiro,

Meu caro Cícero Sandroni, Presidente da Academia Brasileira de Letras,

Companheiros do Tribunal de Contas da União, da Academia Brasileira de Letras,

Filhos e filhas do Marcos Vilaça,

Companheiros da imprensa,

* Proferidas na solenidade de entrega da Grande Medalha de Ouro do Serviço Público ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, ocorrida em Brasília, no dia 27 de maio de 2009.

É uma grande honra homenagear um brasileiro que dedicou meio século de sua vida ao serviço público. E o fato de este brasileiro ser um homem com a estatura intelectual e o espírito republicano de Marcos Vinícios Vilaça me traz ainda muito mais alegria.

Todos aqui sabemos que o Estado só é capaz de cumprir suas importantes funções sociais e de promoção do desenvolvimento quando conta, nos seus quadros, com profissionais dedicados e competentes. Estou falando de homens e mulheres que tomaram como opção de vida trabalhar não apenas para si, mas para melhorar a qualidade de vida de toda a população brasileira, e que elegeram o bem comum como o norte de sua atuação.

O servidor público, afinal, é a pessoa a quem os cidadãos e as cidadãs podem recorrer quando precisam garantir o exercício dos seus direitos mais básicos. É a face humana que aproxima a todos os brasileiros, especialmente aqueles mais necessitados, da estrutura muitas vezes fria do Estado.

Pernambucano do interior, Vilaça assumiu desde cedo sua missão. Não vou nem falar da Assembleia Legislativa, porque o Sarney já criticou aqui a Assembleia Legislativa, então não vou falar. Mas, certamente contribuiu com a sua formação, por isso vou falar aqui.

Iniciou sua carreira como consultor jurídico da Assembleia Legislativa de seu estado. Nos 50 anos que se seguiram, ocupou todos os cargos que um ser humano competente pode ocupar – no governo estadual, no governo federal – tornando-se observador privilegiado e participante ativo das muitas mudanças históricas pelas quais passou o nosso querido Brasil.

É, há mais de 20 anos, ministro do Tribunal de Contas da União, casa da qual já exerceu a Presidência com muito brilhantismo e, nesta função, vem prestando inestimáveis serviços ao país e ao controle dos bens públicos. Escritor talentoso, a arte e a cultura ocupam parte importante da vida de Vilaça.

Nas mais diversas funções que ocupou, sempre buscou promover a apresentação e a difusão de nossos bens culturais, e pôde fazer isso com especial intensidade como secretário da Cultura, quando a gente ainda nem tinha Ministério da Cultura – tinha uma Secretaria ligada ao MEC – e também como presidente

da Funarte. Essa dedicação se mostra também com a participação na Academia Brasileira de Letras, sem falar de outras instituições acadêmicas do Brasil e do exterior, das quais ele é membro.

Lembro-me de quando participei, em 2007, do aniversário de 110 anos da Casa de Machado de Assis, àquela época presidida por Vilaça. Ali pude testemunhar o apoio da instituição e de seu então presidente aos esforços nacionais de difundir o livro e a cultura em geral.

Quero, portanto, elogiar este grande servidor pela trajetória repleta de contribuições ao serviço público e à nossa cultura.

Meu caro amigo Marcos Vilaça,

Feliz é o país que pode contar com quadros como você no funcionalismo público.

Meus companheiros e companheiras,

Eu acho que a gente deveria aproveitar este momento de homenagem ao Vilaça para a gente, eu diria, fazer quase uma homenagem a milhares de servidores públicos brasileiros, nos mais diferentes níveis da Administração, que são honestos, que são dedicados, que trabalham no horário de expediente e fora do horário de expediente, que nunca levaram um centavo furado do dinheiro público para a sua casa, para a sua conta bancária e que, muitas vezes, são achincalhados como se fossem ladrões porque, normalmente, quando se fala do servidor público se generaliza todo mundo e aí as pessoas começam a ser vitimadas.

Eu lembro quando, no Brasil, se tentou passar a ideia de que todo servidor público era “marajá”. As pessoas, no fundo, no fundo, confundem o ganhar um salário digno com ser “marajá”. Ora, que nós temos distorções, todo mundo sabe que nós temos distorções, mas que a maioria do servidor público brasileiro – não estou falando de instituições separadas, estou falando da maioria, do grosso do servidor público brasileiro – ele normalmente é mal remunerado, ele ganha menos do que uma empresa média paga para um funcionário da mesma qualidade dele. Menos, eu diria a metade, menos da metade, metade da metade se a gente quiser dizer assim. E, muitas vezes, ele é achincalhado, como se todos não prestassem.

Então, quando a gente tem a chance de homenagear um homem que completa 50 anos de serviço público, uma carreira extraordinária traçada pelo companheiro, me permita assim, porque hoje você é Ministro, eu sou Presidente, mas, daqui a um ano e meio, eu não serei mais Presidente e nós vamos tomar água de coco com uma pituzinha lá em Pernambuco, sem prestar contas à imprensa, sem prestar contas a nenhuma CPI da Câmara ou do Senado, apenas prestando contas ao que nós vamos fazer no futuro. Porque Pernambuco ainda vai ter que recuperar muito do que foi tirado dele, por ocasião da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, em 1924. A Coroa ainda vai nos devolver alguma coisa que tirou e, certamente, sem mandato, eu e você poderemos tramocar com muito mais liberdade do que exercendo cargos públicos.

Vilaça, é com uma alegria imensa, é com orgulho que eu posso enxergar brasileiros e brasileiras vendo, na sua fisionomia, na sua cara, a cara de uma boa parte das pessoas que ajudam a construir este país. Pessoas que hoje são tão ameaçadas que, se um servidor público mandar fazer uma coisa e alguém levantar uma suspeita, a primeira coisa que acontece é esse cidadão ser processado, ter os seus bens disponibilizados e ele tem que contratar advogado por conta própria, porque o Estado, que mandou fazer a obra, não consegue pagar o advogado dele.

Logo, eu diria para você que tem gente má e tem gente boa em todo lugar – tem na política, tem no Ministério Público, no Tribunal de Contas, na Presidência da República, no Senado, na Câmara – mas eu fico muito triste quando, muitas vezes, a quantidade de vezes que se fala apenas da coisa ruim é tão grande, que se passa para a sociedade a impressão de que tudo é ruim. Mas, na verdade, este país tem muita gente, não com a qualidade do Vilaça... Tem uma coisa, viu, Vilaça? Deus quando... De vez em quando, acho que Deus vai ter que pensar em fazer uma constituição sobre a vida, porque está muito simplista esse negócio de nascer e morrer, sem olhar a qualificação das pessoas que precisam viver mais ou viver menos. Você é um dos que poderia viver muito mais, muito mais, porque é a valorização da genética bem-sucedida. Quando o cidadão, além de ser pernambucano, bonito, bom servidor, é inteligente, merece viver mais do que um baixinho cabeçudinho e feio como eu. Merece viver mais.

Por isso, a alegria imensa, Vilaça. É com muito orgulho... Eu acho que você pode representar dignamente mais do que a média da dedicação do servidor público brasileiro, muitas vezes injustiçado neste país.

Parabéns. Esta medalha é pouco pelo tamanho da obra que você fez na prestação de serviços ao Estado. Mas eu não posso dar uma maior, porque se eu der uma maior, o Tribunal de Contas vai querer que eu faça uma licitação. Se eu fizer a licitação, eles vão pedir para anular a licitação e fazer outra. Então, desculpe [por] ser esta pequenininha.

Um abraço.

FEIRA DO LIVRO, LISBOA

*Palavras do Acadêmico Carlos Nejar**

Escrevo este Relatório da viagem a Lisboa,
 enquanto pousam in-fólio, gaivotas,
 gaivotas voam sobre o Tejo.
 E o que podem as gaivotas senão trazer sol no bico?
 Sem espólio,
 estribo, salvo-conduto,
 deixei o tempo na mão,
 e este rumor escuto
 de navios na cerração,
 tal em árvore seus frutos.
 Fui à feira e entre livros,
 como melões imprevistos,
 lancei o meu : pouco- muito
 e era Quasi a editora
 da Enciclopédia da Noite,
 que achei ser pequena, monte

* Apresentação, na sessão do dia 28 de maio de 2009, do relatório de sua viagem a Lisboa, onde representou à ABL, na feira do livro de Lisboa, realizada entre os dias 07 e 12 de maio deste ano.

de volumes junto à hora
também de uma quase-noite.
Ao redor de poetas, fico,
ao redor das letras, signos,
dedicatórias se escoam,
semelhando a espumas, ondas
que não se repetem. Boa
esta alegria de estar
na avenida Liberdade
e em liberdade vagar
num céu de tantas idades,
como se idades do céu
caminhassem sob a praça
das estantes e comparsas,
estes leitores fiéis.
Ou daqueles que por réis
de mel, sonhos nos entendem,
ou apenas bebem sem medo
em mais límpido regato.
E mais tarde, ali no Teatro
São Luís, pleno de convivas,
conferenciei. E era Inês,
não de Castro, mas Pedrosa,
de rosas, pedras de vez,
pedras de larvas palavras,
que a nós todos mediava.
E falei: éramos três –
sobre a música no texto
e como a dor é pretexto
de ser poesia. Depois

referi quanto no verso
sabe a música a universo,
sabe, sabe e é a mesma voz.
E pensei na Academia
E Machado, mestre excelso,
com a Colóquio-Letras quando
a direção tem aberto
suas portas. Sem excesso,
com discernimento alado,
trato das coisas. Não nego
minha paixão a esta Casa,
que de longe é inda mais vasta
e dá vistas ao “eu” cego
nesta glória que não passa
e no consolo carrego.
Também sairão do Tejo,
um bando de Caravelas,
autores, todos a bordo,
rumo ao Brasil. Pois a escrita
sob a portuguesa língua,
sem a espera de algum soldo,
é aventura, não pátria –
que me perdoe, o Pessoa,
velho amigo! O que coroa
a língua, é amor, não pauta
de compromissos sem data.
O que coroa esta língua,
é a aurora que, sem minguia,
por sobre nós se desata.

AGRURAS DEMOCRÁTICAS

Historiador fala das raízes da corrupção e da desigualdade no Brasil

*Entrevista de Roberta Jansen**

A corrupção e as desigualdades sociais remontam ao Brasil império e à formação das próprias monarquias ibéricas, aponta o historiador e cientista político José Murilo de Carvalho. Nesta entrevista ao *O Globo*, ele fala sobre as raízes profundas de escândalos cada vez mais corriqueiros e banalizados no país, como o das passagens aéreas no Congresso e o do castelo de propriedade de um parlamentar mineiro. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Ciências, Carvalho acaba de ser agraciado com o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, considerado a mais importante honraria na área de ciência e tecnologia do país.

O GLOBO: O recente escândalo das passagens aéreas no Congresso é mais um numa enorme lista de corrupção. Trata-se de algo diretamente relacionado à própria história do nosso país? Ou se tem essa impressão por conta da liberdade de imprensa e do aumento das denúncias? A corrupção é igual em todos os países?

JMC: Certamente não é igual em todos os países, sobretudo os protestantes, em que a ética pública é mais rigorosa. Mas é comum aos países de origem ibérica por conta do patrimonialismo, em que a distinção entre o público e o

* Entrevistadora do Acadêmico José Murilo de Carvalho para *O Globo*, de 23 de maio de 2009.

privado é pouco nítida. A distinção que existe é de que ou é meu ou é do Estado, e, se for do Estado, eu posso meter a mão. A ideia de que o público é de todos os que pagam impostos não faz parte da nossa cultura.

O GLOBO: Por quê?

JMC: Isso ocorre pela própria formação das monarquias ibéricas, caracterizadas por um estado intervencionista e protetor. Uma pesquisa da qual participei há uns anos mostrou que os brasileiros não têm grande consciência de seus direitos civis e políticos, mas conhecem bem seus direitos sociais, que é exatamente aquilo que o Estado provê: saúde, educação etc. É diferente dessa outra tradição, em que o Estado é o produto da ação dos indivíduos, em que há a ideia de um pacto entre o cidadão que paga impostos e o Estado que devolve em serviços. Essa nossa tradição dificulta a criação de uma ética no serviço público.

O GLOBO: Mas sempre foi tão disseminada?

JMC: Não. Até 1930 era bem mais rigoroso. No Império, sem dúvida alguma, era mais rigoroso, até porque o imperador estava sempre vigilante.

O GLOBO: O senhor acha que no Império realmente havia menos corrupção? Ou ela só não era tão divulgada como hoje?

JMC: Havia algum tipo de clientelismo, claro, característico da nossa tradição, mas não grandes escândalos. Até porque era um grupo menor, não havia praticamente povo na política, só elite, não mais que 10% da população tinham direito ao voto

O GLOBO: E o que mudou a partir de 1930?

JMC: A partir de 1930, e sobretudo depois de 1945, com o fim da ditadura e o processo de democratização, o número de eleitores aumentou muito, e muito rapidamente. Em 1946, para se ter uma ideia, 13% da população votavam. Hoje são 70%. Ou seja, houve uma enorme invasão de povo na política. Nada contra, tudo a favor. Mas foi uma mudança radical. O outro ponto é que 50 milhões de pessoas começaram a votar durante a ditadura militar. Ou seja, estamos ainda nos ajustando ao sistema representativo.

O GLOBO: E como isso leva à corrupção?

JMC: Boa parte da elite de hoje foi formada durante a ditadura, período em que várias instituições eram democráticas só na fachada, e reinava um clima de impunidade, com a imprensa censurada. A corrupção depende também do tamanho do Estado, e ele cresceu muito nos últimos tempos. Então, de um lado você tem a falta de formação de uma elite política pouco responsável, por conta da ditadura. E, de outro, a imprensa livre de hoje, com mais transparência, mais denúncia.

O GLOBO: Mas não estaria havendo uma banalização da corrupção? A impressão que se tem é de que ninguém mais se choca, ninguém se revolta.

JMC: O governo Lula tem muitos méritos, mas trata várias dessas práticas com condescendência, o que, de certa forma, as naturaliza e reduz a reação. Ninguém estranha mais o que está acontecendo. A consequência é uma desmoralização enorme, principalmente do Legislativo, mas também do Judiciário e do Executivo. Eu me pergunto como esse sistema pode sobreviver. Não deixa de ser um risco para o amadurecimento democrático.

O GLOBO: Mas a reação da população não deveria ser mais raivosa? Sobre tudo numa sociedade ainda tão desigual?

JMC: Uma das políticas para reduzir a desigualdade, que era o bolsa escola no governo de FH e agora virou o bolsa família, atinge quase um terço da população do país. Isso gera duas opiniões: a pública e a popular. A pública é aquela veiculada na imprensa, por uma parcela da população que tem um nível de escolaridade mais alto e que, em geral, não depende das benesses do governo. Mas para os que dependem diretamente das políticas públicas é diferente. Tenho certeza de que a maioria dessas pessoas nem concorda com essas práticas corruptas, mas age por pragmatismo. O que é totalmente justificável, já que elas vivem num mundo de necessidades. Então é por isso que aquele sujeito (o deputado Sérgio Moraes, PTBRS) diz que está se lixando para a opinião pública. É bem possível que ele se reeleja porque ele é execrado pela opinião pública, mas não necessariamente pela popular. Veja, a democracia é um luxo que funciona bem com igualdade.

O GLOBO: O senhor vislumbra solução a curto prazo?

JMC: Vai demorar. De um lado, você tem uma impunidade escandalosa. Um Congresso que não pune ou pune de forma inadequada. Esse foro especial é um absurdo. Isso favorece o crescimento das práticas corruptas. Só vai melhorar quando os eleitores passarem a punir com o voto, o que ainda vai levar um tempo. Mas a gente não deve se irritar com isso. É preciso lembrar que o nosso processo de democratização foi muito rápido se comparado ao de outros países, que levaram séculos.

O GLOBO: A oposição POVO X ELITE sempre foi uma marca forte da nossa história. Porquê?

JMC: No Império, a elite política era “uma ilha de letrados num mar de analfabetos”, conforme uma expressão que usei numa dissertação. Naquele período, 85% da população era de analfabetos, enquanto que toda a elite tinha curso superior. Isso só começa a se alterar a partir de 1930 e, mais substancialmente, a partir de 1945, como eu disse antes, com a democratização e o aumento do número de eleitores. Durante o regime militar, um período de industrialização muito pesada, houve uma grande migração do campo para a cidade o que também ajudou, de certa forma, a reduzir a desigualdade porque a situação no campo era muito precária. Mas o país ainda apresenta um dos mais altos índices de concentração de renda do mundo.

O GLOBO: O senhor acha que as cotas poderiam rever desigualdades históricas como a dos negros?

JMC: Não acho que cotas sejam a forma mais adequada. Elas engessam muito a situação. Eu defendo ações afirmativas para levar benefícios a setores historicamente prejudicados, como ocorre nas grandes universidades americanas com sucesso. Falar em cotas raciais é ainda mais complicado. Porque se joga fora a grande tradição de miscigenação do país, o que sempre diferenciou o Brasil dos EUA e da África do Sul. Não, a miscigenação não acabou com o preconceito. Mas eu não acho que a melhor forma de combater um preconceito racial seja reforçando a raça.

O GLOBO: Do ponto de vista histórico o que levou a essa diferenciação que o senhor aponta?

JMC: O ponto-chave, como indica Joaquim Nabuco, é que a escravidão no Brasil foi mais arguta, não obedeceu à linha da cor. Ela conseguiu romper essa linha e fazer com que libertos e mulatos também tivessem escravos. Isso teve um efeito bem ruim, enraizando a escravidão mais profundamente na sociedade. Mas o lado positivo é que não houve a estratificação da linha da raça, que não ficou tão marcada quanto nos EUA.

O GLOBO: Até que ponto a chegada de Lula à Presidência rompeu essa tradição histórica da formação da elite nacional?

JMC: Quando Lula foi eleito, eu usei a expressão “um grande orgasmo político nacional”. Era gente diferente no poder, gente mais próxima do povo. Era um partido que se diferenciava dos demais por ter uma ideologia e por defender uma ética política. Mas a verdade é que para vencer, para passar daquele patamar histórico de 35% dos votos, Lula teve que assumir determinados compromissos, sobretudo com a manutenção da política econômica do governo anterior. No escândalo do mensalão, ficou claro que a chegada ao poder tinha corroido a tão trombeteada ética petista, e que as posições ideológicas do PT estavam sendo abandonadas. O escândalo o colocou no mesmo saco dos demais. O que, na verdade, é só mais uma evidência dessa nossa forte radiação clientelista. Mas há muitos pontos positivos no governo Lula

O GLOBO: Quais?

JMC: A ampliação do bolsa família e a sua enorme capacidade de comunicação com a opinião popular. Ele hoje é imbatível. E está diante de um teste muito sério para a consolidação democrática. Frente à ameaça à candidatura de Dilma (Rousseff) por conta de sua doença, Lula certamente sofrerá fortes pressões para um terceiro mandato. Vamos ver se ele vai resistir à tentação. Se resistir, ele se firmará como estadista e fará uma grande contribuição à consolidação democrática. Se ceder, será um retrocesso grande. Ele se aproximará dos Chávez da vida.

RENASCIMENTO DE LYGIA FAGUNDES TELLES

*Entrevista de Marcia Abos**

Aos 86 anos, Lygia Fagundes Telles inicia, com *As Meninas, Antes do Baile Verde* e *Invenção e Memória*, o relançamento de seus livros por uma nova editora, a Companhia das Letras. A escritora conta que sua “separação” com a editora anterior, a Rocco, foi cordial, mas se revela encantada com a nova parceria. “É uma espécie de renascimento da minha obra. Estou renascendo junto. A impressão que tenho é que acabei de escrever estes livros. Estou oferecendo ao leitor frutos renovados”. Lygia falou para *O Globo* em sua casa, em São Paulo e, numa conversa pontuada pela emoção, contou sobre seus planos para um novo livro, as dificuldades em ser uma pioneira na literatura brasileira e sobre seu processo de criação.

O GLOBO: A senhora fala de seu ofício como uma missão e deseja transmitir uma mensagem a seus leitores. Qual seria esta missão, esta mensagem?

LFT: Quero passar para o próximo esperança. Eu acredito muito nas três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade. Então, procuro passar o sonho para o próximo. O escritor, pelo menos o da minha linha, pode ser corrompido, mas não corrompe o leitor. O escritor pode ser louco, mas não enlouquece o leitor. Ao contrário, pode afastá-lo da loucura. O escritor pode ser triste, solitário, mas vai acompanhar o leitor que está na solidão. Quero dizer que o escritor tem sim uma missão mais profunda do que esta coisa superficial, como é tomada no Brasil.

* Entrevistadora da Acadêmica Ligia Fagundes Telles para o caderno “Prosa e Verso”, de *O Globo*, de 23 de maio de 2009.

O GLOBO: Qual sua relação com os leitores?

LFT: O leitor não é meu parceiro, é meu cúmplice. Ele vem, toma satisfações, conversa comigo. Outro dia, andando na rua, veio uma senhora e perguntou: “A senhora é Dona Lygia? A senhora escreveu um livro chamado *Meus contos preferidos*. Mas a senhora não pôs aquele conto, “A confissão de Leontina”. Esse conto é o melhor que a senhora escreveu. A senhora não sabe seus contos melhores”. Ao que respondi: “desculpe”. Meu cúmplice veio tomar satisfações. Depois, em uma universidade, eu estava falando e vi que o pessoal estava desatento. Aí disse: “olha, não sei o que estou fazendo aqui, isso é uma loucura. Vocês gostam de futebol, de balada. Agora, de escritor brasileiro, zero”. Quando fui dar autógrafos, chegou um rapaz cabeludo e me atirou um bilhete. Ainda perguntei se queria uma dedicatória e ele respondeu que não, era só para eu ler o bilhete. Chegando em casa fui ler, estava escrito assim: “não é loucura não. Alguns contos seus já me afastaram do desespero”. Guardo até hoje este bilhete.

O GLOBO: Além das revisões das obras relançadas, está trabalhando em um novo romance?

LFT: Estou pensando em um novo romance sim, antes de ir embora. Ainda não dá para contar nada. Escrevo tudo na cabeça, depois passo para o papel. É meu processo de criação. E neste romance quero me despedir.

O GLOBO: A senhora é religiosa?

LFT: Acredito em Deus. Não frequento igreja, mas amo meus anjos e santos. Tenho muita fé. Acho que além dessa nossa passagem aqui, há alguma além. Acredito muito em Cristo, nesta certeza de que há algo além da morte. Não sei bem como é, mas existe sim.

O GLOBO: Na releitura de suas obras para a reedição, a senhora fez alguma mudança?

LFT: Revendo *As Meninas* (1973), com a ajuda de minha neta Lúcia Telles, percebi, além de vírgulas em excesso acrescentadas por revisores ao longo dos anos, a falta de um trecho. Disse a Lúcia que havia algo errado. A personagem Lorena conta uma história de sua infância para Lia e Ana Clara: seu irmão

Rômulo foi morto pelo outro irmão, Remo, em uma brincadeira de bandido e mocinho. Foi um tiro acidental. Remo não sabia que a carabina com que brincava estava carregada. Sem querer, puxa o gatilho e o irmão cai morto. Um dia a Lia vai à casa da mãe de Lorena, a “mãezinha”. A mulher conta que o filho, Rômulo, morreu bebê. Lia fica sem saber qual é a versão verdadeira, se a da mãezinha ou a de Lorena, mas não falou mais nisso. Quando reli o livro, não quis que Lia soubesse quem mentiu, mas ela tinha de falar nisso mais uma vez. E antes das meninas se separarem, no final do livro, acrescentei que Lia olha para Lorena, se lembra da história de Rômulo, e fala: “Vou embora e ainda não sei”. Lorena pergunta: “não sabe o que, Lião?”. E Lia responde, misteriosa: “o resultado aí de uma pesquisa”. É uma coisa tão mínima, mas fiquei devendo na primeira edição.

O GLOBO: Teve novas impressões sobre seus textos ao relê-los?

LFT: De repente, cheguei à conclusão de que meus livros estão prontos. Fiz o melhor que pude. Estava terminando *As Meninas*, na chácara do meu irmão em Barra de São João, quando todos dormiam. Quando acabei caí em prantos, estava me despedindo de minhas personagens. Elas conviveram comigo, falaram, discutiram o tempo todo e estavam indo embora. Ia perdê-las, mas depois pensei: “elas vão voltar, com máscaras, mas vão voltar”. As personagens são como nós mesmos. Nós gostamos da vida, queremos viver até a última gota.

O GLOBO: Como se sente com o relançamento de sua obra?

LFT: É uma espécie de renascimento da minha obra, estou renascendo junto. A impressão que tenho é que acabei de escrever estes livros e eles estão saindo lindos. Estou oferecendo ao leitor esses frutos renovados, renascidos. Acredito no próprio renascimento pessoal e no de minha obra. Estou muito contente na Companhia das Letras. O editor (Luiz Schwarcz) acreditou em mim, apostou alto. Os livros estão lindos. Um escritor precisa disso, ser cuidado.

O GLOBO: Por que seus três primeiros livros são desconsiderados no conjunto de sua obra a ser relançado?

LFT: Comecei a escrever muito jovem. Foi muito difícil. Tive uma juventude pobre. Estava ainda no curso fundamental (Lygia tinha 15 anos quando

publicou o livro de contos *Porão e Sobrado*) quando publiquei um livrinho. Mas foi prematuro, errado. Chamo isso de juvenilidades. Arrependi-me de meus primeiros livros (*Porão e Sobrado*, de 1938; *Praia Viva*, de 1944; e *O Cacto Vermelho*, de 1946, todos de contos). Cortei-os da minha obra e começo a considerar minha carreira a partir do romance *Ciranda de Pedra* (de 1954).

O GLOBO: Como é ser escritor no Brasil?

LFT: Minha literatura é engajada. Sou uma escritora do Terceiro Mundo, onde a saúde e a educação são um desastre. Quando eu era estudante de Direito disse uma coisa muito importante e que vale até hoje: quando o Brasil tiver mais creche e mais escolas, ele terá menos hospitais e cadeias. Claro que estou sempre escrevendo, querendo passar para o meu leitor essa verdade sobre o meu país. Então não vou disfarçar. É muito duro um país como o nosso, mas assumi meu ofício.

O GLOBO: O fato de ser mulher em algum momento tornou essa escolha mais difícil?

LFT: Um professor da Faculdade de Direito, Miguel Reale, dizia que a mais importante revolução do século XX foi a revolução da mulher. As mulheres estavam muito na sombra, sem coragem de assumir suas vocações. Eu demorei muito para assumir minha vocação, que era escrever. Quando entrei na Faculdade de Direito, eram 7 meninas para quase 200 rapazes. Quer dizer, assumi minha vocação e ousei. Em uma conferência na faculdade, um rapaz perguntou para mim: “o que vocês vieram fazer aqui? Casar?”

Eu respondi: “Também”. E acabei me casando mesmo... De um certo modo, as mulheres de minha geração foram a vanguarda. Agora é duro. Ainda em meu tempo de estudante, fiz uma tarde de autógrafa. Dois rapazes chegaram e disseram: “Ô Lygia! O que é esse negócio de você escrever um livro? Você já é bonitinha, perna bonita, cabelo bonito. Que besteira é essa?” E eu desabei a chorar. A Clarice Lispector, da minha geração, também tinha muito esses medos. Ela dizia para mim: “Lygia, não tira retrato rindo, que eles não levam você a sério”.

O GLOBO: O quanto é importante para a senhora ser tida como uma das maiores autoras nacionais?

LFT: Isso não tem importância nenhuma para mim. O importante é cumprir meu ofício, minha vocação com paixão, coisa que faço até hoje. Maior, menor, isso é coisa de político. O que importa mesmo é ser fiel ao sonho até o fim. Acertou? Não acertou? Não interessa.

AS HORAS FELIZES DE LYGIA

*José Castello**

Para o escritor, jornalista e crítico José Castello, colunista do “Prosa & Verso”, os livros de Lygia Fagundes Telles revelam uma “procura intensa da felicidade por entre as fendas de dor”. No texto abaixo, publicado no “Prosa & Verso” deste sábado, Castello desvenda um pouco mais da obra de Lygia falando de seus livros e lembrando histórias da escritora, que também ajudam a entender o fio da meada de sua literatura.

Lygia Fagundes Telles costuma recordar uma frase que leu no mostrador de um relógio de praça, em Paris: *Horas non numero nisi serenas* (“Conto somente as horas felizes”). A máxima estabelece uma difícil noção de felicidade: a que carrega em seu fundo a infelicidade. O importante, sugere, é, mesmo sem negá-la, não se submeter à infelicidade. Saltar sobre elas, e fixar-se nas horas felizes. Momentos que, para Lygia, tomam corpo na literatura.

Agora que sua obra recebe uma edição de luxo com o selo da Companhia das Letras – o lançamento no Rio será na próxima quinta-feira, dia 28, na Academia Brasileira de Letras – a frase volta a se oferecer como guia para seus leitores. Seus livros são uma procura intensa da felicidade por entre as fendas de dor. Nessa luta, o escritor conta com a sensibilidade. Como escreve Ananta Medrado, personagem do romance *As Horas Nuas*, de 1989: “Eu me aproximo das pessoas como um ladrão que se aproxima de um cofre, os dedos limados, aguçados, para descobrir, tateantes, o segredo.”

* Artigo publicado no caderno “Prosa e Verso” de *O Globo*, de 23 de maio de 2009.

Para Lygia, o escritor precisa cultivar três atributos: a insatisfação, a percepção e a intuição. Dito de outro modo: nenhum escritor vive sem sua fome, seu faro e seus arrepios. Compara os escritores aos gatos, animais pelos quais é apaixonada. Não há outra maneira de avançar por entre os escombros da realidade: pisando levemente. A própria vida de Lygia está cheia de momentos em que a invenção e a alegria brotaram da dor.

Ano de 1971, em plena ditadura militar, Lygia rascunha as primeiras páginas de *As Meninas* – um dos três primeiros livros agora reeditados. Começa seus relatos tateando no escuro; a luz vem de onde menos ela espera e pode, até, vir das trevas. O porteiro a interrompe trazendo a correspondência. Entre as cartas, um panfleto anônimo. Impresso em um mimeógrafo, com rasuras e borrões, ele relata a tortura de um preso político.

Trêmula, Lygia o mostra ao marido, Paulo Emílio Salles Gomes. “O que faço com isso?”, pergunta. “Aproveite em seu romance”, ele sugere. “É arriscado, mas acho que vale o risco”. Nesse momento nasceu Lia, a “subversiva”, que, ao lado da “burguesa” Lorena e da “drogada” Ana Clara, protagonizam *As Meninas*. Moças de seu tempo, sempre em combate contra os limites estreitos da realidade. Surgia, em particular, a dolorosa narrativa de uma tortura, que se estende por duas páginas do romance (148 e 149). Depois de redigir a cena, Lygia a mostrou a Paulo. “Está ótimo. Perigoso, mas ótimo”, ele disse. Vendo o terror estampado em seus olhos, procurou tranquilizá-la: “Caso você venha a ser interrogada, dirá simplesmente que não pode responder pelas suas personagens, que são livres, completamente livres”.

Dois anos depois, a crítica recebeu *As Meninas* com grande entusiasmo. As posições se inverteram: Lygia não cabia em si de alegria, mas Paulo, agora, andava preocupado. Um dia, porém, chegou rindo em casa. Tinha um amigo que era próximo aos homens da censura política. Através dele, soube que o censor encarregado de ler *As Meninas* não conseguiu passar da página 40. “Ele achou tudo muito chato”. A preguiça intelectual o fez largar o livro 108 páginas antes daquele que é, talvez, seu momento mais forte. “Você escapou!”

Uma apreciação sutil veio, pouco depois, do poeta Carlos Drummond de Andrade: “Que matéria viva e lancinante”, escreveu. Em *As Meninas*, como em suas outras narrativas, Lygia não se limita a narrar a realidade brutal. Frequenta, também, zonas escuras que a carregam para além das circunstâncias. Aos que lhe perguntam sobre o que busca quando escreve, costuma responder com uma ideia do filósofo Henri Bergson: “Nunca saberemos até que ponto vamos atingir, se não nos pusermos imediatamente a caminho”.

Se o escritor é um peregrino da realidade, nos mostra Lygia, ele é também alguém que não dispõe de uma bússola e que só conta consigo mesmo. Ou, com aquilo que Bergson chamava de intuição, força inexplicável que nos carrega para o coração das coisas. A literatura se transforma, assim, em uma procura. Segue os versos célebres de Carlos Drummond: “Penetra surdamente no reino das palavras/ Lá estão os poemas que esperam ser escritos”. Lygia Fagundes Telles é uma leitora apaixonada de Drummond. Agarra-se a momentos assim: “Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra”.

Lygia sempre leu mais poesia que prosa. É não só uma escritora intimista, mas uma miniaturista, que se apegava às miudezas do humano – pequenas partes que, uma vez retiradas, porém, tornam o humano desumano. A literatura é um instrumento para esmiuçar o mundo. Esse gosto pelo menor, muitas vezes, é entendido como perversidade. Nada a faz, porém, perder a elegância. Em certo jantar, em São Paulo, ouviu de Jorge Luis Borges uma revelação. “Tenho um amigo que morreu quando deixou de sonhar”. Gosta de repetir a frase espantosa, mas sempre esconde o nome do amigo misterioso de Borges. “No exato momento em que Borges mencionou seu nome, alguém deixou cair uma taça, e não consegui ouvir”, explica.

O nome perdido do amigo de Borges é o ponto zero – ponto morto – sobre a qual ela tece seus escritos. Voltemos a *As Meninas*: romance solar, forte retrato de uma época. Muito bem. Mas quando o leitor resolve procurar em qual das três protagonistas Lygia se esconde, nada acha. Lygia não é nenhuma delas, mas um rombo – um zero – que entre elas se abre. Zero que sustenta a escrita. O zero é um número que não tem nuances; é um número desumano ou, com

outras palavras, é um ralo pelo qual o humano escorre. É sobre esse abismo que Lygia escreve.

Uma de suas personagens, Lorena, resume a visão de mundo dominante em sua literatura: “No fundo somos todos um pouco loucos”. Isto é: não somos intercambiáveis. Seus personagens não escapam da perplexidade e, por isso, parecem estranhos. Lygia trabalha em um mundo intermediado pelas sombras e pelos meios tons, em que a nitidez é uma mentira. Nada mais opressor que uma imagem nítida; elas estão banidas de seus livros. Era nisso, por certo, que o crítico Otto Maria Carpeaux pensava quando falou da “delicadeza atmosférica” de Lygia.

Quando visitou São Paulo, no início dos anos 50, o escritor William Faulkner passou a maior parte do tempo alcoolizado. “Ele nunca sabia onde estava, olhava para nós como se estivesse submergindo”, Lygia – leitora apaixonada de Faulkner – descreveu depois. Certa tarde, ela o acompanhou a uma visita ao Butantã. Depois de cumprimentá-la, Faulkner, muito sereno, perguntou: “Isso aqui é Chicago?” Com a placidez dos monges, Lygia respondeu: “Não, Sr. Faulkner, estamos em São Paulo, Brasil”. Recorda ainda hoje seu olhar de espanto. Pouco depois, Faulkner se virou e disse: “Você tem lindos olhos”. Sempre irônico, o escritor Mário da Silva Brito, que os acompanhava, resmungou nos ouvidos da amiga: “Não esqueça de colocar esse comentário na orelha de seu próximo livro. É o único comentário que Faulkner conseguiu fazer a respeito da literatura brasileira”. Lygia riu, mas estava em outra sintonia. Aquele instável Faulkner confirmava toda a grandeza que dele se esperava.

As zonas de mistério são, por definição, o cenário de suas narrativas. Não cede, porém, à sedução do fantástico, ou do espantoso. Para Lygia, o mistério – como em Julio Cortázar, com quem tem um vínculo secreto – se esconde nas pequenas coisas, nas insignificâncias. O surpreendente não é que existam extraterrestres, ou vampiros. O surpreendente, como já disse, é que, na Pérsia, todos os gatos sejam persas.

Escreve por impulsos – sente-se impelida a trilhar certa direção e simplesmente avança. A intuição a governa. Certa vez, durante um voo da Cidade do

México a Paris, o avião enfrentou uma fortíssima tempestade. Naquele avião que sacolejava, ela se sentiu como se estivesse escrevendo. “Não sei o que há lá fora. Não sei o que vai acontecer. Eu me entrego”, resumiu depois. Não escreve para chegar a esse ou àquele lugar. Gosta de uma reflexão de Cortázar: “Um livro é um gato. Você o joga para o alto e do jeito que ele cair, caiu”.

SESSÃO DO DIA 4 DE JUNHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a versão resumida da Ata da reunião do dia 28 de maio, que foi aprovada. Por sugestão do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, e diante da comoção em que todos se encontram envolvidos em face do desastre com o avião da *Air France*, pediu um minuto de silêncio em memória das vítimas desse acidente ocorrido na segunda-feira passada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico José Mindlin, que volta ao convívio desta Casa, tão bem de saúde. Deu uma boa notícia sobre o estado de saúde do Acadêmico Antonio Olinto, que já se encontra internado há noventa dias. Sugeriu ao plenário a inversão da sequência da sessão para celebrar de início a efeméride, escrita pelo Acadêmico Evaristo de Moraes Filho sobre Miguel Couto, que será lida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, no Capítulo das Efemérides, leu, a pedido do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, o trabalho que este enviou para celebrar os 90 anos da eleição de Miguel Couto. Nesse esplêndido trabalho, o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho fala da origem humilde e da vida do grande médico e Acadêmico Miguel Couto, nascido a 1.º de maio de 1865. Destacou duas das suas obras de professor, de médico, de cientista e de pensador social: *Clínica Médica* (3 vol.) e *Medicina e Cultura* (3 vol.). Enfatizou que Miguel Couto era marcado pela bondade e pela ternura humana. Disse que a 5 de junho de 1934 Miguel Couto começou a se despedir da sua pátria que tanto amara e que era por ela tão admirado e querido. Em sua homenagem, a Rua dos Ourives passou a chamar-se Rua Miguel Couto. (Por determinação do Presidente, a íntegra do texto será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e pediu que transmitisse ao Acadêmico Evaristo de Moraes Filho os agradecimentos desta Casa. Mencionou que, embora não seja possível contar com a presença dele nas sessões podemos, pelo menos, contar com a palavra escrita tão bem transmitida por V.Exa.

- O Presidente Cícero Sandroni, a seguir, deu início ao processo para eleger o sucessor do saudoso Antônio Alçada Batista na Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes. Nomeou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Antonio Carlos Secchin. Encontravam-se presentes 26 Acadêmicos, dos quais apenas 7 votaram pessoalmente. Por carta votaram 25 Acadêmicos num total de 32 votantes. Procedeu-se à votação, que teve o seguinte resultado:

Didier Lamaison	31
Em branco	1

- O Presidente, de acordo com a tradição da Casa, anunciou a eleição do escritor e tradutor francês Didier Lamaison, por unanimidade, para ocupar a Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras.

- O Presidente Cícero Sandroni lembrou que a Academia realizou uma exposição sob o título “Machado Vive” e recebeu de Portugal esta semana um convite para os “II Jogos de Lusofonia”, de Lisboa, a realizar-se em 2009, endereçado ao Exmo. Sr. Machado de Assis, Presidente da Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça manifestou o pesar pelo falecimento do Maestro Sílvio Barbato, grande trabalhador da cultura do Brasil e que realizou um significativo trabalho na Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília e no apoio a comunidades carentes, desenvolvendo uma orquestra com meninos da periferia. Discorreu sobre os 10 anos da morte de João Cabral de Melo Neto. Foi eleitor de João Cabral para a Academia Brasileira de Letras. Sua ligação com João Cabral, além do Rio Capibaribe, veio por conta do pai dele, o velho Luís, que lhe frequentava a casa paterna para conversar sobre o PSD, já que ambos eram próceres desse partido político e amigos de Barbosa Lima Sobrinho e Agamenon Magalhães. Lembrou que Dr. Luis chegava à sua casa sempre elegantemente vestido, num carro inglês. O assunto predileto de Dr. Luis, depois da política, eram os filhos. Certa feita, chegou à sua casa com um pequeno opúsculo, um trabalho de Evaldo Cabral sobre as cores do Recife, para falar das ligações de sua família com Mauro Mota e Múcio Leão. Tudo isso o aproximou da figura de João Cabral, que, de vez em quando, aparecia com o pai. Acabou se tornando amigo de Virgínio, irmão de João Cabral, funcionário do Banco do Brasil em Limoeiro, onde seu pai viveu. Lembrou que recebia sempre de seu pai a advertência de que deveria estudar para que pudesse se aproximar dos filhos de Luís. Falou sobre um engenho em Limoeiro que se chama Pedra do Sono, e que João Cabral passava por ali algumas vezes. Acha que isso chegou a influenciar o livro dele, porque ele foi um homem de engenho. Mais tarde, foi a Barcelona visitar o Museu de Arte Contemporânea, onde o filho, Marcantônio Vilaça, teve uma intensa atuação, realizando exposições de artistas brasileiros. Chegando lá, pode sentir a emoção de ver as folhas que João Cabral imprimiu com os versos de Juan Brosa e as ilustrações que ele reproduziu de Miró. Lembrou que João Cabral lhe disse que alinhava a sua cadeira na casa da Embaixada do Brasil em Dakar numa diagonal que, partindo da casa, ia

chegar ao Recife. Já não gostava mais de voltar a Pernambuco, porque todo mundo por quem perguntava já havia morrido. Finalizando, leu um verso de João Cabral que explica exatamente o que sente: “Sempre evitei falar de mim / Falar-me/ quero falar de coisas / mas na seleção dessas coisas / não haverá um falar de mim?”

- O Acadêmico Lêdo Ivo complementou o belo depoimento do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça lembrando que João Cabral de Mello Neto tinha extraído o título do seu livro *Pedra do Sono* do *Anuário Estatístico do Estado de Pernambuco*, porque havia um município chamado Pedra do Sono. Embora muito dos críticos tenham encontrado neste título uma conotação surrealista, na verdade foi uma das coisas mais concretas que houve.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta falou sobre o maestro Silvio Barbato, que era uma pessoa muito interessante no meio musical. Começou a se destacar em Brasília, onde fez amizade com Cláudio Santoro. Veio depois para o Rio de Janeiro, onde foi um dos diretores recentes do Teatro Municipal, e cumpriu uma boa trajetória numa casa difícil, graças ao seu temperamento afável e fazedor de amigos. Surpreendeu-o quando apresentou a ópera *O Cientista*, sobre a figura de Oswaldo Cruz, porque é muito difícil fazer uma ópera, e mais ainda uma ópera brasileira. Foi levada a outros lugares do Brasil e agora o maestro a estava levando para Ucrânia.
- O Acadêmico Moacyr Scliar registrou que, entre as vítimas da tragédia, estava o médico Roberto Chem. Muito estimado no Rio Grande do Sul, de grande generosidade, trabalhava na Santa Casa e foi um trauma muito grande para o Estado. Comunicou que participou em Curitiba do Paio! Literário, que tem a coordenação do jornalista Roberto Pereira e do crítico literário José Castelo. Na ocasião, foram lançadas duas publicações, *O Rascunho*, um jornal literário editado por Rogério Pereira, uma das melhores publicações do país em matéria de divulgação da cultura literária, cuja matéria de capa versa sobre a Acadêmica Nélida Piñon. A segunda é uma revista de contos que se propõe a lançar textos de autores nacionais e estrangeiros numa belíssima edição.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin lembrou que João Cabral sempre alegou que *Pedra do Sono* era o título de um município pernambucano. De um lado existe essa ambiguidade entre o local concreto, específico, e o lado surrealista que esse título pode evocar. De fato, *Pedra do Sono* é o único livro de João Cabral de Melo Neto nitidamente influenciado pelo surrealismo, mas também é um livro influenciado por Carlos Drummond de Andrade. Vê um procedimento análogo ao que fez Drummond de Andrade, em 1934, ao lançar *Brejo das Almas*, título que, no seu caso, vinculava-se a um município mineiro. No que se refere a Cabral, ele fecha um ciclo de sua obra em 1966, com o livro *Educação pela Pedra*, e é curioso constatar como duas pedras balizam as pontas do caminho, no caso de João Cabral. A sua primeira pedra, que é uma pedra do sono noturna e letárgica, de 1942, e uma pedra educada, didática, ativa e pedagógica, de 1966. Cabral tem a pedra no começo do caminho e no fim do caminho, e Drummond a tem no meio do caminho.
- O Acadêmico Lêdo Ivo chamou atenção para o fato de João Cabral ter, como Drummond, recorrido ao nome de um município para o seu livro de estreia. Lembrou ainda que antes de Drummond, no fim da década de 1920, Mário de Andrade publicou um livro chamado *Remate de Males*, que é o nome de um município amazônico.
- Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que João Cabral não pertencia à geração que lia Anatole France, talvez jamais o tivesse lido. Lembrou o livro de Anatole France intitulado *Sur la Pierre Blanche*, pedra branca que seria a pedra do sonho e da morte. As pessoas, quando iriam morrer, ou enfrentar a morte mais branda, deitavam-se nessa pedra e, através dela, iam para o portal da morte ou do sonho.
- A Acadêmica Ana Maria Machado lembrou que Albert Camus tem um belíssimo conto passado no Brasil que se chama *La Pierre qui Pousse*.
- O Acadêmico Moacyr Scliar lembrou que pedra tem uma significação psicológica muito grande. Na história da medicina, há um registro de que, na Idade Média, se fazia uma cirurgia chamada craniotomia; depois da cirur-

gia, se apresentava uma pedra sobre a qual se dizia que era o depósito da loucura. Daí vem a expressão “louco de pedra”.

- O Acadêmico Ivan Junqueira recordou um escritor do qual se fala pouquíssimo nesta Casa, e que se considera, pelo menos nos primeiros tempos de sua aventura literária, como um discípulo dele, que é Aníbal Machado. E a lembrança que lhe vem a propósito do caminho das pedras, como disse Ana Maria, é a seguinte: ele levou a vida inteira escrevendo um romance chamado *João Ternura*, que acabou sendo póstumo, e, no final do romance, a personagem central João Ternura se transforma numa pedra.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco adiantou tratar-se apenas de achega ao que disse Luiz Paulo Horta sobre a ópera de Silvio Barbato *O Cientista*. Lembrou que ele deixou pronta uma ópera que é uma fantasia musical inspirada em episódios da vida do cientista, Carlos Chagas e seu filho, Carlos Chagas Filho. Esta ópera estreia ainda este ano no Rio de Janeiro.
- O Acadêmico Domício Proença Filho fez uma reflexão sobre as pedras evocadas no plenário para dizer que os poetas são criaturas excepcionais, não importa a origem da pedra, não importa a origem do brejo, eles tiram leite de pedra, ouro de pedra e sabem minerar todas essas águas. Dito que o ponto de partida pode ser tudo isso, o mais importante é aquilo que, através das palavras, das pedras e dos brejos, foi criado por João Cabral, Drummond e por todos os poetas e romancistas em geral.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que, depois de toda essa pedreira das almas, não pode se calar, porque dentro da sua visão a *Pedra do Sono*, de Cabral, é a poesia de João Cabral. *Pedra do Sono* assim se intitula porque a poesia dormia, mas depois, em *Tebas*, a pedra foi capaz de construir uma cidade, e mais adiante ainda, em *A Educação pela Pedra*, a pedra começou a ser educada, polida, purificada.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho, que estava inscrito para falar, mas este preferiu deixar seu pronunciamento para outra ocasião.

- O Acadêmico Evanildo Bechara declarou que, por desejo do autor, é portador do livro de memórias de um natural de Óbidos, intitulado *Catalinas e Casarões*, enviado por Ademar Ayres do Amaral à Biblioteca Rodolfo Garcia. A seguir, lembrou que na segunda-feira retrasada a Livraria São José completou 70 anos. Considera interessante registrar o fato porque, de uns tempos para cá, o Rio de Janeiro está se enriquecendo com os sebos, livrarias de livros usados. Isto significa que o Rio a pouco e pouco está retomando a sua posição de uma cidade de leitores, de uma cidade de investigadores. Lembrou que, quando chegou ao Rio de Janeiro em 1940, os sebos, mais ou menos, ficavam entre a Rua São José e a Praça Tiradentes, e é justamente nas imediações desta praça que tais estabelecimentos vêm se multiplicando. Esta é uma notícia alvissareira para os que trabalham com a cultura e que podem encontrar nestas livrarias textos raros, que muitas vezes não se encontram nos alfarrábios estrangeiros. Declarou ter encontrado, quer na Livraria Kosmos, quer na São José, textos fundamentais na área da linguística e da filologia. Foi ainda na Livraria São José, no tempo de Carlos Ribeiro, que encontrou a tese de concurso de Ferdinand de Saussure publicada em 1878, e que ainda garimpou num humilde sebo da Rua Regente Feijó, no tempo em que fazia a faculdade, um livro de gramáticos latinos editado por Fernaiol, acrescentando que Serafim da Silva Neto procurou esse livro em toda a Europa e não conseguiu encontrá-lo.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, corroborando com as palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, lembrou que saiu na *Folha de S. Paulo*, nas últimas duas semanas, uma crônica muito bonita de Rui Castro sobre a Livraria São José, mostrando como ele, jovem e pobre, adquiriu cultura naquela livraria e, como disse o Acadêmico Evanildo Bechara, Carlos Ribeiro foi grande livreiro e editor. Editou Lêdo Ivo, Augusto Meyer e muitos outros.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Evanildo Bechara e fez algumas observações muito rápidas sobre o poeta João Cabral de Melo Neto, que não conheceu tanto quanto os companheiros que foram contemporâneos dele. Assinalou que João Cabral teve um destino marcado por duas mulheres maravilhosas que foram Stella e Marly de Oliveira. Fa-

lou também sobre Silvio Barbato, que conheceu bem, foi grande músico e maestro durante algum tempo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, regendo concertos e dirigindo também a Orquestra de Ópera daquele teatro. Considerou sua morte uma perda irreparável para a música brasileira. Com relação aos nomes tão poéticos que aqui foram mencionados de municípios brasileiros, lembrou um que o marcou muito, mas não mereceu nenhum livro, como tão pouco um verso. Esta cidadezinha fica no Rio Grande do Norte, perto de Mossoró, e chama-se Caiçara do Rio dos Ventos. A seguir, lembrou também Carlos Ribeiro, que deixou a herança do livreiro aberto às pessoas que o procuravam. Como editor, foi uma figura excepcional, sempre alegre, sempre amigo, e que tinha uma qualidade que considera fundamental. Numa reunião de boêmios com tendência para a música, ele tinha uma interpretação de "Trem das Onze", de Adoniram Barbosa, realmente insuperável. Referiu-se à sua ausência na conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que teve muito sucesso, com grande público, porque esteve em Belo Horizonte para receber a Medalha da Inconfidência, conferida pelo Governo de Minas Gerais. Estava a recepção marcada para o dia 21 de abril, mas ele se encontrava em Portugal; convidado agora pelo Governador de Minas, foi ao Palácio da Liberdade para receber esta honraria, sendo ali saudado pelo Senador Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras. Lá se encontravam vários outros acadêmicos, o ex-governador Francelino Pereira e o Governador Aécio Neves, que fez um belo discurso no qual se referiu à Academia Brasileira de Letras como a mais importante instituição cultural do país. Ouviu também várias referências à conferência brilhante que o Acadêmico Ivan Junqueira proferiu sobre Alphonsus Guimaraens Filho na Academia Mineira de Letras. Comunicou que, no dia 23 de agosto, a ABL fará uma sessão comemorativa do centenário da Academia Mineira de Letras. Comunicou, ainda, que a Diretoria fez uma modificação na administração da Casa: o Prof. Carlos Alberto Ebrenz de Freitas, que tem ótimo currículo, é homem muito ligado à contabilidade e às finanças e foi Professor em várias universidades, ficará como Diretor Executivo da Casa, enquanto o Senhor Nilson Candido de Souza passou a ser encarregado de todos os problemas dos Acadêmicos e também responsável pelo patrimônio. Disse que vai fazer uma experiência para ver se será possível passar para a futura Diretoria uma

transparência maior nas contas da Instituição. Lembrou a todos que a próxima sessão será antecipada para o dia 10, quarta-feira, em virtude de feriado de *Corpus Christi*. Agradeceu as presenças e declarou encerrada a sessão.

MIGUEL COUTO

*Estudo do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho**

Nasceu Miguel Couto na cidade do Rio de Janeiro a 1.º de maio de 1865, filho de Francisco Oliveira Couto e Maria Rosa do Espírito Santo. De origem humilde, foi uma criança sem infância, entregando remédios e varrendo a farmácia do irmão para poder manter os estudos. Era conhecido por “Miguelzinho da Botica”. Frequentou o Colégio Briggs, com grande queda para as línguas, destacando-se a portuguesa.

Ingressando na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, diplomou-se em 1885 com 20 anos de idade. Aos 33 anos, em memorável concurso conquistou a cátedra de Clínica Médica, imprimindo-lhe uma feição prática e objetiva. Exerceu a presidência da Academia Nacional de Medicina durante 20 anos, de 1914 a 1934, ano em que veio a falecer a 6 de junho. Depois de formado, trabalhou durante 13 anos em bairro pobre da Prainha, acostumando-se ao espetáculo da miséria e do sofrimento. Conjugou o verbo "servir" em todos os tempos e por toda a vida, nas palavras de Alceu Amoroso Lima ao substituí-lo nessa Academia, na qual Miguel Couto fora recebido como terceiro ocupante da Cadeira 40, a 2 de junho de 1919, respeitado e consagrado por toda a nação.

Marcado pela bondade e pela ternura humanas, dizia Miguel Couto, às primeiras palavras de sua posse, que a convivência do sofrimento lhe ensinara a

* Apresentado, a pedido, pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 4 de junho de 2009.

humildade e lhe fizera presente a cada dia que o homem nem ao menos é uma sombra, senão apenas “o sonho de uma sombra”, como advertiu Píndaro. Referindo-se a Afonso Arinos, a quem substituíra, escreveu ele, páginas adiante, que a verdadeira bondade é “a que faz o bem pelo bem que logra, porque sente o mal alheio como próprio”. Também a si mesmo caberiam tais palavras.

Preocupou-se desde cedo com a saúde e com a educação do povo, a fim de tirá-lo da miséria da subnutrição e da ignorância, elevando-o na escala social e lhe dando melhor qualidade de vida. Fixou-se na educação, enxergando nela o mais importante problema nacional: “Ensino e higiene são o mesmo e os nossos patrícios mergulhados nos sertões do Brasil não podem permanecer no desamparo dos poderes públicos”... “É dolorosa esta necessidade de repetir, monotonamente, a cada hora, que a maior riqueza de uma nação é o homem”. Propunha a criação de um Ministério da Educação, com dois departamentos, o de ensino e o da higiene. E no parágrafo único, para que não pensassem que era candidato: “Nunca, jamais, em tempo algum, sob nenhum pretexto será Ministro o Dr. Miguel Couto...”

Tudo isso se encontra na conferência que fizera em 1927 na Associação Brasileira de Educação. E mais: “No Brasil, só há um problema nacional: a educação do povo”. Tão grande fora a repercussão da conferência logo mandada imprimir a requerimento de Maurício de Lacerda, na seção do Conselho Municipal do Distrito Federal, de 8 de julho daquele ano, a fim de que fosse distribuída pelas escolas públicas, normal e institutos profissionais, para leitura pública a seus alunos, em classe aberta, segundo os termos da proposta.

Coerente e fiel à sua pregação. Eleito deputado à Assembleia Constituinte de 1933 pelo Estado do Rio de Janeiro, foi magna parte na elaboração do capítulo referente à educação e à cultura como direito de todos, com ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória, extensivo aos adultos, além da tendência à gratuidade do ensino educativo ulterior ao primário, a fim de torná-lo mais acessível. É do seu próprio punho a redação do artigo 156 da Constituição de 16 de julho de 1934, em mandamento pioneiro: “A União e os Municípios aplicarão nunca menos de 10%, e os Estados e o Distrito Federal nunca menos de 20% da renda resultante dos impostos na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos.”

Dentre suas obras de professor, de médico, de cientista e de pensador social, destacam-se *Clínica Médica* (3 vol.) e *Medicina e Cultura* (3 vol.).

Mas, agora, já é tempo de lembrar aqui as palavras de Alceu, no discurso de posse: “Como falar de Miguel Couto, que foi um mundo, nos escassos limites de alguns minutos?” No mesmo discurso de posse, ainda de Alceu: “Foi Miguel Couto um belo exemplar de humanismo científico ou de ciência humanizada”.

De sua morte, lembro-me bem da comoção nacional que constituiu. Tinha Miguel Couto o seu consultório num edifício à rua dos Ourives quase na esquina da rua do Ouvidor. Ao cair da tarde, chegava o grande brasileiro para sua tarefa diária, quando foi avisado que o elevador não estava funcionando por falta de energia elétrica. Resolveu então subir as escadas, o que lhe custou a vida, atingido que fora por um enfarte do miocárdio, por ele mesmo diagnosticado. Estávamos no dia 5 de junho de 1934 e o grande Miguel Couto começava a se despedir da pátria que tanto amara e que era por ela tão admirado e querido.

Em sua homenagem, a Rua dos Ourives passou a chamar-se Rua Miguel Couto.

SESSÃO DO DIA 10 DE JUNHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a versão resumida da Ata da reunião do dia 4 de junho, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin, que aniversaria no dia de hoje, e Ariano Suassuna, que aniversaria no dia 16. Deu notícias do Acadêmico Antônio Olinto, que teve uma melhora considerável. Comunicou ao Plenário que o jornal *El País* publicou matéria sobre o “Prêmio Internacional Dom Quixote de La Mancha 2009”, atribuído pelo Governo da região espanhola de Castela-La Mancha. A Acadêmica Nélide Piñon fez parte do júri que outorgou o prêmio ao romancista Mario Vargas Llosa e à Senhora Gloria Arroyo, presidente das Filipinas, na categoria de melhor trabalho institucional.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre o livro do Acadêmico Ivan Junqueira, *Cinzas do Espólio*, que considera serem cinzas que voltam à luz do dia, proporcionadas por um grande ensaísta, poeta e crítico, que as retirou do fundo do baú, de arquivos e gavetas, para dar vida a obras que estavam simplesmente esquecidas, mas que agora renascem, redimensionadas e vigorosas, reunindo prefácios, palestras, apresentações e textos inéditos, escritos ao longo de uma vida inteira dedicada à literatura brasileira. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por tê-lo transformado em uma Efeméride.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Estudos Contemporâneos das Ciências Criminais na Defesa do Ser Humano – Homenagem a Evandro Lins e Silva: o Patrono da Liberdade*, coordenado por João Luiz Duboc Pinaud e Roberta Duboc Pedrinha, com colaboração da Professora Maria Guadalupe Piragibe da Fonseca. O livro compreende estudos sobre Direito Criminal na linha da orientação do Acadêmico Evandro Lins e Silva pela abolição do regime prisional e do primado do júri. No início, tem estudos sobre a passagem do Acadêmico nas instituições a que pertenceu. Há um estudo sobre a sua passagem na Ordem dos Advogados, no Ministério das Relações Exteriores e no Supremo Tribunal Federal, além de um estudo sobre a atuação de Evandro Lins e Silva na Academia Brasileira de Letras, intitulado “O Outro Evandro”. Lembrou que, em 1997, quando a ABL comemorou os 100 anos e realizou uma conferência sobre “Os Juristas da ABL”, um assistente perguntou ao orador o que achava da pena de morte, e o orador fez algumas considerações: “Quem pode falar sobre o assunto é uma pessoa que está na plateia e que deveria estar entre nós: Evandro Lins e Silva”. E no ano seguinte ele foi eleito.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho pelo livro entregue à Biblioteca Lúcio de Mendonça. Falou sobre o Acadêmico Evandro Lins e Silva. Acha que o tema do livro, a abolição do regime prisional, é uma questão para ser discutida hoje mais do que nunca.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva passou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, do Sócio Correspondente Vitorino Magalhães Godinho. Trata-se de uma reedição de um livro famoso, *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos*, publicado em 1962. Quando foi editado, este livro foi um deslumbramento, e ele se lembra do assombro com que leu o livro, que abria novas perspectivas sobre o que havia sido o Quatrocentos português. Nesse livro, está a raiz da sua grande obra, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, em quatro volumes, essencial para o conhecimento da história nos séculos XV e XVI da Europa, da África e da Ásia.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva o livro do Sócio Correspondente Vitorino Magalhães Godinho, que fala não só nos séculos XV, XVI e XVII, mas muito também dos dias de hoje, e dessa relação em função da cultura e da humanização.
- O Acadêmico Moacyr Scliar, no Capítulo das Efemérides, falou sobre José Cândido de Carvalho, eleito em 23 de maio de 1973 para a Cadeira 31. Filho de lavradores vindos de Trás-os-Montes, Portugal, só 25 anos depois de sua estreia literária José Cândido publica, em 1964, pela Editora de O Cruzeiro, o romance *O Coronel e o Lobisomem*, um lançamento de enorme repercussão. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar pelas palavras sobre José Cândido de Carvalho.
- O Acadêmico Domício Proença Filho registrou que teve o prazer de trabalhar com José Cândido de Carvalho na direção da Rádio Roquette Pinto, e uma das preocupações dele era exatamente com o texto das novelas de Dias Gomes. José Cândido de Carvalho pediu-lhe que procedesse a um estudo comparativo entre o estilo da linguagem do personagem de Odorico Paraguauçu e a linguagem do personagem central de *O Coronel e o Lobisomem*.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho e encerrou a sessão.

CINZAS DO ESPÓLIO, DE IVAN JUNQUEIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Este *Cinzas do Espólio*, aqui comentado pelo Acadêmico Carlos Nejar, é o nome do novo livro de Ivan Junqueira, no qual estão reunidos 30 ensaios, entre outros, sobre Joaquim Cardozo, Fagundes Varela, Francisco Alves, José Veríssimo, Machado e Drummond, Jorge de Lima, Olavo Bilac e Augusto Frederico Schmidt.

Estas *Cinzas do Espólio* são cinzas que voltam à luz do dia, proporcionadas por um grande ensaísta, poeta e crítico, que as retirou do fundo do baú, de arquivos e gavetas, para dar vida a obras que estavam simplesmente esquecidas, mas que agora renascem, redobradas e vigorosas, reunindo prefácios, palestras, apresentações e textos inéditos, escritos ao longo de uma vida inteira, dedicada à literatura brasileira.

Este o décimo exemplar de uma grande produção ensaística, que vem enriquecer a bagagem do poeta Ivan Junqueira, um exemplar intelectual e discípulo de T. S. Eliot, Baudelaire e Dylan Thomas.

* Proferidas na sessão do dia 10 de junho de 2009.

Pelas 330 páginas deste *Cinzas do Espólio*, transitam autores importantes, como Bandeira, Carpeaux, Kafka, Croce, Vianna Moog, San Thiago Dantas, Câmara Cascudo, Augusto Meyer e Graciliano.

Ivan é um carioca da gema, que estudou Medicina e Filosofia, mas que não concluiu os seus dois cursos porque estava convicto de que sua vocação era mesmo a de ser poeta e escritor.

Trabalhou na *Tribuna da Imprensa*, no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil* e em *O Globo*, colaborando também nas Enciclopédias: *Barsa*, *Britânica*, *Delta Larousse*, *Mirador Internacional*, na *Enciclopédia do Século 20* e no *Dicionário Histórico-Biográfico da Fundação Getúlio Vargas*.

Foi Diretor-Executivo da Revista *Poesia Sempre*, da Biblioteca Nacional.

Recebeu quase todos os prêmios literários no Brasil – o Prêmio Jabuti, o do Pen Clube, o da Biblioteca Nacional, o do Memorial José Sarney, Nacional de Poesia, Nacional de Ensaísmo, os Prêmios Oliveira Lima, Assis Chateaubriand, Jorge de Lima e as Medalhas Cruz e Sousa e Pô Clôdel.

Onde quer que seja convidado, Ivan comparece como um dos conferencistas mais disputados pelas plateias do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, São Luís, Brasília, Santiago do Chile, Buenos Aires, Lisboa, Coimbra, a Cidade do Porto, Paris, Madri e Natal.

Sua vasta obra já está traduzida para o espanhol, alemão, francês, inglês, dinamarquês, russo e chinês.

Reconhece ele que a sua prosa não se filia a nenhuma escola ou mesmo tendência do esteticismo de Benedetto Croce.

Foi com os poetas que ele aprendeu (e continua a aprender) que a poesia é a mais difícil, complexa e misteriosa manifestação do espírito humano.

Aos 15 anos de idade, já lia os autores pré-socráticos. Interessava-se por tudo: música, arte, literatura, cinema e poesia. Aos 23 anos, apaixonou-se pelos “Quatro quartetos” de Thomas Eliot – o T. S. Eliot – e um ano depois convenceu-se de que devia traduzi-lo. Descobriu também que Eliot havia escrito

apenas 70 poemas e Leopardi apenas 40, num adequado e prudente exemplo de advertência aos *vates pródigos et perdulários*.

Perguntado certo dia se sua poesia era uma poesia de morte, respondeu Ivan: “Ao contrário, a minha é uma poesia de vida, embora reconheça que a morte não é uma zona de desaparecimento ou de extinção, mas sim um recomeço”.

O livro anterior de Ivan — *Sagração dos Ossos* — foi escrito após uma sucessão de perdas: a morte do pai, da mãe e de suas duas irmãs, um livro muito duro, penoso e muito sofrido, quando lamentou a precariedade humana diante de todo o espetáculo da vida.

Seu poema “Meu pai” é simplesmente comovedor:

*Eu vi meu pai nas franjas da neblina.
Eram tão frias suas mãos defuntas.
Eram terríveis suas órbitas vazias.
Eu vi meu pai, a voz quase inaudível,
Chamando-me ao seu colo desvalido.
E a frente me // cingindo ...como um /nimbo,
De flores e de ramos já sem viço.
Eu vi meu pai. E ele sorria.*

Ivan sustenta a tese de que a poesia não existe sem emoção. E pergunta:

“Quem foi mais intelectual do que Fernando Pessoa? hoje mais lido do que o próprio Camões. E Garcia Lorca, cuja poesia é profundamente intelectual, embora de uma insuperável beleza emotiva. E Jorge Luís Borges, com o melhor da criação sendo justamente a sua poesia”.

Um amigo seu, ao saber que ele nascera na Casa de Saúde Dr. Eiras, em Botafogo, que também era um asilo de loucos, ironicamente comentou sobre Ivan: “Então, agora, com esse abrigo de loucos, está tudo explicado”.

Ivan Junqueira empossou-se em nossa Academia no ano de 2000, sendo nela eleito seu Presidente, Diretor-Tesoureiro e Secretário. É gestor de uma administração simplesmente inesquecível, à qual sou particularmente grato pelo apoio dado à construção da nossa Biblioteca Rodolfo Garcia.

Na sua Cadeira 37, teve como antecessores alguns nomes importantes: Alcântara Machado, Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand e o seu antecessor direto, o grande poeta João Cabral de Melo Neto, que só poderia ser sucedido por outro correto intelectual, como é o caso de Ivan Junqueira.

O nosso querido Acadêmico Eduardo Portella, no discurso com o qual o saudou em sua posse nesta Academia, disse que “no rastro deixado por Charles Baudelaire, Ivan alegorizou a melancolia, conferindo-lhe um *status* crítico.”

Trata-se também de um consagrado tradutor, entre outros livros, de *Flores do Mal*, de Baudelaire, que verteu os termos franceses para as mesmas palavras do nosso idioma, todas elas rimadas em português.

Sem ser modernista, Ivan é antes de tudo um poeta, um crítico e um prosador moderno, sem concessões ao escândalo, à retumbância ou à estridência, mas, ao contrário, comedido e sensato, com uma enorme generosidade e grandeza.

É esta a lição que ele nos traz novamente com este seu *Cinzas do Espólio*, uma nova e modelar contribuição sua à cultura e à inteligência brasileiras.

JOSÉ CANDIDO DE CARVALHO

*Estudo do Acadêmico Moacyr Scliar**

Filho de lavradores vindos de Trás-os-Montes, Portugal, José Cândido de Carvalho (1914-1989) nasceu em Campos (RJ). Coursou escola pública e teve, desde a juventude, ocupações modestas: estafeta, ajudante de farmacêutico, co-brador de uma firma de aguardente e trabalhador em uma refinaria de açúcar. Seu trabalho em jornal começou pela revisão de *O Liberal*. Entre 1930 e 1939, exerceu funções de colaborador e redator em diversos periódicos de Campos. Influenciado por escritores como Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, escreveu seu primeiro romance, *Olha para o Céu, Frederico!*, publicado em 1939. Pressionado pelo pai, estudou na Faculdade em Direito do Rio de Janeiro, onde se formou em 1937. À exceção de um curto período como funcionário público (redator) no Departamento Nacional do Café, trabalhou a maior parte do tempo na imprensa: *A Noite* (que encerrou suas atividades em 1957), *O Cruzeiro* (onde substituiu Odylo Costa, filho, como editor internacional). Foi diretor da Rádio Roquette-Pinto e do Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC.

Vinte e cinco anos depois de sua estreia literária, José Cândido publica, em 1964, pela Empresa Editora de *O Cruzeiro*, o romance *O Coronel e o Lobisomem*, um lançamento de enorme repercussão. Obteve o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira, e o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Escrevendo sobre as duas obras, diz Wilson Martins que “José Cândido de Carvalho é um caso estranho.”

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 10 de junho de 2009.

Para dele, *Olha para o Céu, Frederico!* só foi aplaudido por causa da benevolência da crítica, pois era um “romance pobre de estilo, absolutamente desprovido de ritmo, com ação rudimentarmente tratada, sofrendo, enfim, de todas as limitações características do exército de epígonos que florescia à margem do ‘ciclo da cana-de-açúcar’ e do ‘romance social’.” Mas não hesita em rotular *O Coronel e o Lobisomem* de “extraordinário romance brasileiro, uma obra de arte sem falhas, que parece introduzir alguma coisa de novo na linha de Guimarães Rosa”.

O Coronel e o Lobisomem, cuja ação transcorre nas primeiras décadas do século vinte, narra (em primeira pessoa) a história de Ponciano de Azeredo Furtado, fazendeiro do interior fluminense, que vai residir em Campos dos Goytacazes, onde se dá muito mal; perde sua fortuna e enlouquece, depois de viver uma série de tragicômicas aventuras, incluindo o famoso encontro com o lobisomem. A influência de Guimarães Rosa é mais do que evidente, inclusive nos neologismos: “talqualmente”, “menasmente”, “pescoçoso”, nem todos bem sucedidos. Mas não resta dúvida de que José Cândido de Carvalho conseguiu criar um tipo: o coronel decadente que vive no limite entre duas fases da vida brasileira, a fase rural e a fase urbana. Ao contrário do que era comum na literatura “engajada” da primeira metade do século vinte, não se trata de uma obra panfletária, de simples denúncia; o drama humano do coronel está ali presente e culminará no seu desequilíbrio emocional.

Eleito em 23 de maio de 1973 para a Cadeira 31, sucedendo a Cassiano Ricardo, José Cândido de Carvalho foi recebido, a 10 de setembro de 1974, pelo Acadêmico Herberto Sales. A partir daí sua carreira na área da administração pública da cultura teve grande impulso. Em 1975, foi eleito presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Foi presidente (1976-1981) da Fundação Nacional de Arte (Funarte) e do Instituto Municipal de Cultura do Rio de Janeiro (Rioarte, 1982-1983). Ao falecer, deixou inacabado o romance *O Rei Baltazar*. Na verdade, publicou pouco; além das duas obras citadas, temos: *Porque Lulu Bergantim não Atravessou o Rubicon* (1971), *Um Ninho de Mafagafinhos Cheio de Mafagafinhos* (1972), *Ninguém Mata o Arco-Íris* (crônicas, 1972), *Manequinho e o Anjo de Procissão* (contos, 1974), *Se eu Morrer, Telefone para o Céu* (1979), *Os Mágicos Municipais* (1984, inacabado). Estas obras consolidaram sua posição como um ficcionista original pela fantasia, pela linguagem pitoresca

e pelo retrato de tipos populares característicos do “povinho do Brasil”. Da permanência de sua obra, dá testemunho o fato de que em 2005 foi lançado um filme baseado em *O Coronel e o Lobisomem*, com Diogo Vilela, Selton Mello, Ana Paula Arósio, Pedro Paulo Rangel, Andréa Beltrão e Tônico Pereira, sob a direção de Maurício Farias.

SESSÃO DO DIA 18 DE JUNHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a versão resumida da Ata da reunião do dia 10 de junho, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas, antecipadas, para o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que aniversaria no dia 30 do corrente, já que na próxima quinta-feira não haverá sessão plenária, em virtude da sessão comemorativa dos 170 anos do nascimento de Machado de Assis. O orador oficial da solenidade será o Acadêmico Ivan Junqueira, seguida da outorga do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor e editor José Mário Pereira, que será saudado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Prosseguindo, o Presidente lembrou que houve um tempo em que o jornal *O Pasquim* falava muito mal da Academia. Em 1973, eles pediram para Austregésilo de Athayde dar uma entrevista àquele jornal e ele aceitou. Mandou tirar cópia dessa entrevista

e está entregando-a nesta sessão aos Acadêmicos para que tenham ideia de como o Athayde se defendia dos ataques da imprensa. Informou, ainda, que no dia 15 do corrente foi sancionada pelo Vice-Presidente da República, José de Alencar, no exercício do cargo de Presidente da República, a Lei II.946, que institui o ano de 2010 como Ano Nacional de Joaquim Nabuco. Todos os Acadêmicos receberam cópia do *Diário Oficial*. Passou a palavra ao Acadêmico Marco Maciel.

- O Acadêmico Marco Maciel disse que, depois de aprovado no Senado e na Câmara, o projeto se transformou em Lei e acredita que este seja o momento da Academia já começar a pensar na celebração desse ano, talvez em conjunto com os Ministérios da Educação e da Cultura, no sentido de que se possa resgatar um pouco da memória de Nabuco, sobretudo nas duas grandes vertentes: a questão da Abolição e a política, porque Nabuco sempre foi um estudioso dessas grandes questões, e sobretudo preocupava-se em praticar a política com P maiúsculo, como costumava dizer. Declarou que isso talvez sirva de exemplo para as novas gerações. Lembrou que o Presidente Cícero Sandroni havia pensado que talvez se fizesse uma edição popular do seu livro *Minha Formação*, que, a seu ver, poderia ajudar os jovens de hoje a entender melhor a atividade pública e a política como virtude e arte do bem comum.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marco Maciel e lembrou que já existe uma Comissão nomeada e a Diretoria colocará à disposição desta Comissão as dependências da Casa e todas as facilidades, para que desempenhem as suas funções e planejem para o ano de 2010 conferências, mesas-redondas, seminários e publicações. Declarou que essa ideia de fazer uma edição popular de *Minha Formação* seria fundamental não só pela sua importância na obra de Nabuco, como também pela importância para os dias de hoje. Para que os jovens conheçam essa figura de abolicionista, de estadista, de Embaixador do Brasil em Washington — primeiro Embaixador do Brasil —, e que deixou obras tão marcantes também como Estadista do Império. Considera que *Minha Formação* poderá despertar o interesse da juventude para a presença de um homem que tanto deu ao Brasil e a quem este país tanto deve. Pediu ao Acadêmico Marco Maciel, Presidente da Comissão, para conversar com os outros membros a fim de que comecem esse planejamento já a partir do segundo semestre; ou mesmo desde agora, como

ocorreu no Ano de Machado de Assis e está sendo feito no Ano de Euclides da Cunha. Disse que hoje pela manhã, em companhia do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, observou a capacidade de organização do Acadêmico Marco Maciel como Presidente da Fundação Oscar Niemeyer, em Niterói. Neste Espaço, dirige com muita competência os trabalhos de um grupo que está desenvolvendo uma atividade muito importante para mostrar todo o trabalho do grande arquiteto não só na sua monumentalidade, mas também na parte de arquivos e organização. Ressaltou ainda que o Acadêmico Marco Maciel passou a presidir a Fundação Oscar Niemeyer substituindo José Aparecido de Oliveira. A seguir, deu notícias dos progressos da recuperação do Acadêmico Antonio Olinto, que, embora lentos, dentro em breve o levarão para Casa, assistido pelo serviço de *Home Car*. Afirmou tratar-se de uma boa notícia para todos os seus confrades.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida pediu a palavra apenas para relembrar o convite que está fazendo, em nome da Universidade Candido Mendes e do Fórum de Reitores do Rio, para um evento de importância histórica nesta cidade. Trata-se da entrega dos Salões de D. Maria, restaurados no Convento do Carmo, no próximo dia 23, às 11 horas. Disse que esperam a presença do Ministro da Cultura para a devolução deste espaço, que foi restaurado de acordo com a arquitetura da época, depois de toda uma pesquisa no local, e que será dedicado a uma sala de música, toda voltada para a época da Regência, do Padre José Maurício. Tem certeza de que vai compor a atmosfera do começo do século XIX. Informou que, na ocasião, teremos a oportunidade de ouvir o Acadêmico José Murilo de Carvalho, que vai dizer o que representa esta devolução no segundo andar do Castelo do Carmo.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, no Capítulo das Efemérides, fez um belo discurso sobre Laudelino Freire. Figurante do amplo cenário cultural que emerge ao redor de 1880, Laudelino Freire, nascido em 1873, em Lagarto, Sergipe, ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1923, aos 50 anos de idade, e morreu em 1937. Foi o primeiro Acadêmico eleito para a Cadeira 10. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo, que cumpriu exemplarmente o dever da evocação com uma bela página sobre Laudelino Freire.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet comentou que a análise feita pelo Acadêmico Lêdo Ivo da obra, da personalidade e da contribuição de Laudelino Freire que faz avivar a saudade do tempo em que havia galicismos, saudade do tempo em que havia galiparlas; hoje, infelizmente, só existem angloparlas e anglicismos.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho perguntou ao Acadêmico Lêdo Ivo se Laudelino Freire travou uma polêmica com Afonso Taunay sobre a Missão Francesa de 1816, que veio com Dom João VI ao Brasil. Afonso Taunay declarava que a missão era de fato uma missão, enquanto Laudelino Freire era de opinião que não se constituiu uma missão.
- O Acadêmico Lêdo Ivo respondeu que Laudelino Freire foi o precursor desta moderna Teoria de Schwartz e de vários historiadores que disseram que realmente não houve missão nenhuma, o que houve foi que, depois da queda de Napoleão, vários artistas franceses perseguidos e exilados vieram para o Brasil.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou que a sessão da próxima quinta-feira, dia 25 de junho, será às 17h, dedicada à comemoração dos 170.º aniversário de Machado de Assis e a outorga do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor e editor José Mario Pereira. O orador oficial da solenidade será o Acadêmico Ivan Junqueira, e o Acadêmico Antonio Carlos Secchin irá saudar o escritor premiado. Ressaltou que o *Petit Trianon* foi todo restaurado, faltando apenas terminar o subsolo. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

TRÂNSITO DE LAUDELINO FREIRE

*Estudo do Acadêmico Lêdo Ivo**

O esquecido e às vezes ridicularizado Laudelino Freire foi um dos meus antecessores na Academia Brasileira de Letras, na Cadeira IO, fundada por Rui Barbosa.

Estou que não posso evocá-lo como uma figura isolada ou solitária, e rodeada de si mesma, como se ele fosse um bailarino solto no ar.

O melhor caminho será situá-lo no cenário cultural e literário em que ocorreu o seu trânsito, o que nos remete ao dilatado período histórico que iniciado, nos fins do século XIX, com a emergência do Realismo e do Parnasianismo, só vai terminar no terceiro decênio do século XX, com o surgimento do romance nordestino. É o período da relusitanização da nossa literatura e de uma singular e às vezes aguerrida afluência dos chamados “cultores da língua” – isto é, de uma plêiade de escritores que se distinguiram pela arte de bem escrever e a busca da perfeição formal, estabelecendo fronteiras nítidas entre o idioma literário e o falario de todos os dias.

Coincidiu com a nossa independência política o início do processo de abasileiramento da língua trazida e implantada entre nós pelos colonizadores portugueses que moldaram a nossa civilização, com a adoção e a aceitação de incontáveis licenças e singularidades regenciais e sintáticas que poderiam parecer desleixos ou demasias, ou mesmo ignorâncias. Após o português hierático

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 18 de junho de 2009.

e espinhento dos colonizadores, surgia o doce e mavioso português de José de Alencar e Gonçalves Dias, de Castro Alves e Casimiro de Abreu, de Manuel Antonio de Almeida e Fagundes Varela – e surgia trazendo novas paisagens e seres, os céus constelados, as águas e as montanhas, as borboletas, os aromas da Pátria, os frutos e as flores, os guerreiros aborígenes e o frêmito da selva. Era uma língua matinal como o orvalho.

O empenho da implantação da nacionalidade imperava, impávido, nas bocas e nas consciências. Foi o nosso primeiro Modernismo e a nossa primeira modernidade. E a ele sucedeu, no último quartel do século XIX, um movimento literário que o desmentia e o censurava, em nome da própria atualização cultural. A literatura brasileira começava a aprender que a continuidade estética e cultural vive de colisões e rupturas, regressões e transgressões, e o sim de hoje é o não de amanhã; e nessas contendas é sempre pálido e incerto o lugar do talvez.

Os navios que nos trouxeram o Romantismo europeu começaram a depositar, no balcão literário, novos produtos renovadores. E assim nasceu o nosso Parnasianismo brasileiro, arditamente chefiado por Machado de Assis e largamente disseminado na poesia de Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa e Olavo Bilac, e na prosa do próprio Machado de Assis, de Coelho Neto, de Rui Barbosa, de Euclides da Cunha, de João Ribeiro, de Afrânio Peixoto e de incontáveis outros.

A todos os unia o propósito de escrever escorreitamente, se possível roçando ou atingindo a perfeição, de acordo com os preceitos das gramáticas portuguesas, e amparados pelas abonações dos clássicos lusitanos: de Gil Vicente a Garret, de Fernão Lopes a Eça de Queiroz, do Padre Antonio Vieira a Castilho. Esse bem escrever não se esgotava numa mão única. Pelo contrário, ostentava numerosas veredas, desde a prosa frugal ou aparentemente frugal de Machado de Assis ao prosar conciso e malicioso que Afrânio Peixoto foi beber em Dom Francisco Manuel de Melo; desde o esplêndido casticismo oratório de Rui Barbosa ao estilo vibrante e multicolorido de Graça Aranha e a prosa visual e fotográfica de João do Rio; do exuberante banquete vocabular do perdulário Coelho Neto ao aticismo luso/gaulês de Joaquim Nabuco; desde a lição de enxutez e exatidão estilística de João Ribeiro, Carlos de Laet, Aluisio Humberto

de Castro, Eduardo Prado e Gilberto Amado, ao fluxo documental de Aluizio Azevedo e Adolfo Caminha; da prosa dialogada de Artur Azevedo e a riqueza léxica de Euclides da Cunha e ao descritivismo de Afonso Arinos, Inglês de Souza e Alcides Maya.

O bem escrever então cláusula petúá também cadencia a ficção e a cronística de Lima Barreto, desleixado na vida pessoal, ele praticava uma prosa correta e fluente, e enriquecida de plebeísmo e suburbanismos. Ela, essa prosa, assegura-lhe um espaço cada vez mais dilatado em nossa história literária.

O processo de relusitanização da nossa língua – na qual se destacava a caça implacável aos pronomes fujões ou desgarrados – não se exauriu, conforme afirmam alguns juízos apressados, com a ocorrência do Modernismo.

Pelo contrário, atravessou esse movimento e talvez ainda hoje continue vivo. Em conúbio com o regionalismo, perpassa a prosa de Monteiro Lobato – o qual, em sua Correspondência, tanto se vangloria de abeberar-se nos clássicos portugueses, especialmente em Camilo – de Hugo de Carvalho Ramos e de tantos outros. Dá-me lembrar, a propósito, que o meu conterrâneo, o clássico Graciliano Ramos, não se apartava das lições de gramática do português Cândido de Figueiredo, e um bom dicionário luso estava sempre pousado em sua mesa de escritor, ao lado de um cálice de cachaça, uma régua para guiar o corte de palavras inúteis, e de um maço de cigarros Selma. E já que as lembranças me fustigam, não posso esconder a minha estranheza nem o meu reparo, diante do eruditismo predatório que, tisonando as nossas letras, esquece ou esconde que Coelho Neto foi um dos mestres escondidos ou mesmo ostensivos de Guimarães Rosa, um dos últimos e preclaros exemplos do contágio de coelhonetização da nossa literatura. Os que, a seu respeito, só invocam Joyce, ouviram cantar a galinha e pensaram que era o galo.

Mas voltemos a Laudelino Freire. Ou melhor: comecemos a falar dele.

Figurante do amplo cenário cultural que emerge ao redor de 1880, Laudelino Freire, nascido em 1873, em Lagarto, Sergipe, ingressou na Academia em 1923, aos 50 anos de idade, e morreu em 1937. Foi o primeiro Acadêmico eleito para a Cadeira 10.

Sucedeu-lhe, aliás, outro cultor da língua, o belicoso Oswaldo Orico, que tão aguerrida e amorosamente se estimou a si mesmo.

Não resisto à sedução de recordar aqui a polêmica travada, nas folhas volantes e até nas bocas desocupadas dos boêmios, quando do falecimento de Rui Barbosa. Não foram poucos os que, cobertos ou descobertos de razão, entendiam que a sua Cadeira nesta Academia deveria continuar vaga, e protegida por um cordão de cetim ou veludo. Propagavam essas vozes vadias que, no cenário intelectual de então, inexistia a figura do sucessor daquele que consideravam o maior brasileiro de todos os tempos. Após muito gasto de papel e tinta e muitas palavras escorridas de bocas inumeráveis, a Academia elegeu Laudelino Freire para suceder a Rui Barbosa. A escolha suscitou novos choques e polêmicas. E houve os que, gaitamente, louvaram a instituição pela sua infinita sabedoria, ponderando que ela ao mesmo tempo preencheria e deixara vaga a Cadeira de Rui Barbosa.

Evidentemente, o sal grosso da injustiça temperava a interpretação impiedosa. Um vínculo extremamente visível unia o novo acadêmico ao fulgurante defunto. Ambos eles eram cultores e sabedores e defensores da língua, sempre cativos às suas louçanias e primores, e de corações de manteiga derretida diante de um arcaísmo deleitável; ambos adeptos declarados e esclarecidos do apuro linguístico. O laço é sublinhado por Laudelino Freire no seu discurso de recepção, quando alude “à solidariedade espiritual no culto do idioma” que o afeiçoava a Rui. O panegírico admirável, juncado de fervor e louvor, merece, aliás, ser considerado, pela sua minuciosidade e fortuna documental, uma das primeiras biografias de Rui Barbosa. Nela, os Ruis múltiplos que compuseram o autor de *Cartas de Inglaterra* desfilam em sucessiva fulguração.

A bagagem literária de Laudelino Freire justifica a acolhida. Em seus livros iniciais, o jovem sergipano foi um demolidor de ídolos. Criticou acerbamente os dois pilares críticos da época, Silvio Romero (sergipano e, como ele, nascido em Lagarto) e José Veríssimo, e negou a Machado de Assis, a seu ver “um prosador correto”, a condição de poeta. No caso Silvio Romero/Laudelino Freire, um ódio de morte os uniu. Antologista, recolheu em *Os Sonetos Brasileiros* o nosso rico e diverso acervo sonetístico. No *Vocabulário*, revelou-se um inimigo acérrimo

dos galicismos e galipardas. No *Formulário* enxameiam receitas e achegas sobre a ortografia. Editor da *Revista da Língua Portuguesa*, naquele tempo em que se digladiavam as convicções fonéticas e as certezas etimológicas, não se limitou a disseminar, nela, os seus saberes pessoais, mas se faz rodear de uma vistosa galeria de filólogos, linguistas, lexicógrafos e gramáticos de muito boa água. Nessa Revista, ele editou a *Réplica*, de Rui Barbosa.

Em *Clássicos Brasileiros*, uma coleção por ele instituída, procede ao inventário dos escritores que, desde os tempos coloniais, se distinguiram pelo apuro linguístico, não lhe sendo estrangeiro o sentimento de nacionalidade e diferenciação. Os II volumes de seu *Notas e Perfis*, vasta coletânea de natureza filológica, reiteram a sua vigilância pela pureza do idioma.

Historiador e amador de nossas artes plásticas, ostenta em sua bagagem o livro *A Pintura Brasileira*, um clássico de nossa brasiliana.

Todavia, será o seu *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, obra grandiosa em cinco tomos, publicada postumamente e fruto de uma exemplar tenacidade, a referência indelével de labor intelectual de Laudelino Freire. Em nossas bibliotecas, ele merece figurar ao lado do *Dicionário de Moraes* e dos *Dicionários de Antenor Nascentes*, *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* e *Antonio Houaiss*.

O intenso labor intelectual de Laudelino Freire não o impediu de ser alvo das anedotilhas perversas, neste país em que até os que escrevem admiravelmente mal se vangloriam de ser futuros clássicos.

Quando, no longínquo e quase arqueológico ano de 1943, ingressei, vindo da província, no jornalismo carioca, nele ainda perduravam os consultórios gramaticais. A tradição do bem falar e do bem escrever, que matinara nas lições magistrais de João Ribeiro, Mario Barreto, Laudelino Freire, Said Ali e tantos outros, além de sua alta função social e civilizadora, nutria as discussões de bo-tequim e reduzia as ociosidades dos subúrbios. Depois, essas proveitosas aulas jornalísticas, dadas por mestres incontestáveis, foram sendo substituídas pelos consultórios astrológicos. A dicção vernácula cedía lugar à previsão mirabolante, ainda hoje vigente. Contudo, a elas se têm acrescido, nos últimos anos, as lições de gramáticos juramentados. As multidões apressadas e globalizadas

voltam a ter aulas de gramática, de acordo com as normas cultas da língua. Vejo nesse salutar retorno aos gramáticos e conhecedores do nosso idioma, presente até no jornalismo eletrônico, uma graciosa vingança póstuma de Laudelino Freire e de seus olvidados sequazes.

As efemérides da Academia Brasileira de Letras têm o dom de desenterrar e reviver, por um instante, os nossos antecessores sepultados, e fazer lembrar o que está esquecido. Cumprimos, assim, um dos nossos deveres: o dever da evocação.

Neste relâmpago, nesta súbita e breve iluminação, hão de residir o mistério de uma vida e a evidência de uma obra. Laudelino Freire foi um dos nossos. E o será sempre, recordado eventualmente como agora ou guardado numa história que é a nossa honra comum.

SESSÃO DO DIA 25 DE JUNHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta e Moacyr Scliar.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão solene comemorativa dos 170 anos do nascimento de Machado de Assis e entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor e editor José Mário Pereira, pelo seu livro *José Olympio: o Editor e sua Casa*, passou a compor a mesa que ficou assim constituída: Acadêmico José Pastore, da Academia Paulista de Letras, representando a família Ermírio de Moraes e o Grupo Votorantim; Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral da ABL; Acadêmico Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; e Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário. Disse sentir-se muito orgulhoso de estar presidindo esta sessão no *Petit Trianon*, pequeno palácio doado pela França ao Brasil, em 1923, graças aos esforços feitos pelo Presidente Afrânio Peixoto, que conseguiu do Embaixador da França no Brasil, Alexandre Conty, que o Governo francês doasse à Acade-

mia Brasileira de Letras um lugar onde esta Instituição pudesse realizar não só as suas sessões plenárias, como também as sessões solenes como a desta tarde. Este palácio está passando por uma restauração que ainda não acabou: apenas o Salão Nobre está finalizado. Registrou a presença do Acadêmico José Pastore, da Academia Paulista de Letras, que está representando a família Ermírio de Moraes e o Grupo Votorantim, que patrocina este prêmio entregue a uma série de intelectuais, historiadores e ensaístas brasileiros, numa demonstração do interesse deste Grupo para com a cultura brasileira. Ao dar prosseguimento aos trabalhos, pediu ao Acadêmico Ivan Junqueira para fazer a sua oração sobre o 170.º aniversário de Machado de Assis.

- O Acadêmico Ivan Junqueira, celebrando os 170 anos do nascimento de Machado de Assis, discorreu sobre a vida e obra do grande escritor nascido em 21 de junho de 1839, numa chácara do Morro do Livramento. Declarou ser esta a hora de agradecer ao mestre tudo o que ele fez para que a literatura brasileira passasse a ser vista como expressão cabal da nacionalidade. Também é hora de relembrar um pouco o seu empenho para que esta Academia “não morresse do mal de sete dias”, como observou certa vez Joaquim Nabuco. Ela lhe deve, acima de tudo, não propriamente a sua fundação, mas a sua definitiva consolidação num momento em que, pobre ou mesmo desvalida, ninguém supunha que pudesse vingar e transformar-se na pujante e operosa casa de cultura de que hoje todos se orgulham. Acrescentou ainda que, como Aleijadinho, Machado de Assis é um milagre, e digo-o aqui porque as épocas em que ambos viveram, aquele ao longo do século XVIII, este na segunda metade do século XIX, não pressupunham a obra que realizariam seja por seu ineditismo criador, seja por sua consecução formal. Explicam-se um Alencar, um Gonçalves Dias, um Castro Alves. Explica-se um Euclides. E explica-se até um Guimarães Rosa. É que suas épocas históricas os previam. E até os exigiam. Não é que Machado tenha vindo do nada. Sempre se vem de alguma coisa. Mas ele é oriundo de estratos sociais muito humildes e cujas condições não lhe permitiriam o desenvolvimento daquilo que entendemos como formação literária ou intelectual. Falou do romancista, do contista, do cronista, do poeta, do crítico literário e teatral, do dramaturgo e do tradutor. Enfim, foi um polígrafo numa época em que muito poucos podiam dar-se a esse luxo. Deteve-se no seu esforço e determinação de per-

petuar esta Casa. Como seu primeiro Presidente, durante II anos, com sua sabedoria, seu imenso prestígio e seu trabalho conseguiu que esta Instituição sobrevivesse. (O Presidente determinou que a íntegra deste discurso fosse incluída nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Acadêmico José Pastore, da Academia Paulista de Letras, ressaltou que seu contato mais profundo com José Olympio, tema da obra aqui premiada, veio por meio de Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Sergio Buarque de Holanda, Lourival Gomes Machado, Fernando Henrique Cardoso e outros professores que teve na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Faziam parte da leitura obrigatória Gilberto Freyre, Antonio Candido, Oliveira Viana, Euclides da Cunha, e quem estava nos pé das capas destes livros: Livraria José Olympio Editora. Conviveu anos a fio com todos esses livros, inclusive indicando-os aos seus alunos quando se tornou professor de sociologia. Mais tarde, por recomendação de seu pai, que foi professor de português, frequentou assiduamente as páginas de Machado de Assis, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Mario de Andrade e o mais lido de todos, Humberto de Campos. Novamente quem estava no pé das capas: Livraria José Olympio Editora. Aprendeu a saborear as ideias de Josué Montello, Ariano Suassuna, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Lygia Fagundes Telles, com quem tem o prazer de conviver na Academia Paulista de Letras. Qualquer brasileiro, que tenha entrado numa livraria, viu as produções belíssimas de José Olympio, um dos homens que mais ajudaram a construir, preservar e consolidar a cultura no Brasil. Se José Olympio foi o civilizador do Brasil, José Mario Pereira é o apóstolo da gratidão ao reunir, numa preciosa obra de arte, as várias formas de agradecimento que todos brasileiros desejariam enviar ao Olimpo de José Olympio. *José Olympio: o Editor e sua Casa* é um monumento de pesquisa rigorosa envolta no mais fino trabalho gráfico. José Mario deu ao Brasil um duplo presente, um denso conteúdo e uma superior expressão de beleza. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico José Pastore entregou o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Mario Pereira pelo seu livro *José Olympio: o Editor e sua Casa*.

- O Presidente deu a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para saudar o escritor José Mário Pereira, ganhador do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes de 2009 com o seu livro *José Olympio: o Editor e sua Casa*. Nesta ocasião, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin falou da importância do empresário e senador pernambucano José Ermírio de Moraes que honra atualmente, com seu nome, o prêmio hoje outorgado ao escritor José Mário Pereira. Disse que esta primorosa edição de *José Olympio: o Editor e sua Casa* é o resultado de seis anos de amorosa dedicação de José Mário Pereira, no sentido de perpetuar a memória de um dos mais importantes editores-livreiros do país. Assinalou que com José Mário Pereira convivem o leitor, o autor e o editor. Discorreu sobre estes três personagens e parabenizou José Mário Pereira. (O Presidente determinou que o texto desse discurso fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- Com a palavra, o escritor José Mário Pereira agradeceu à Academia Brasileira de Letras, à Votorantim, à Comissão Julgadora e aos acadêmicos que aceitaram a indicação do seu livro para o prêmio que hoje lhe foi outorgado. Disse o quanto lhe comoveu receber da Academia este prêmio, entre outras razões pelo fato de ter sido esta a Casa onde fez os primeiros amigos no Rio de Janeiro, em novembro de 1974. Declarou ainda que a sua pesquisa sobre José Olympio começou aqui quando, aos 16 anos, pelas mãos de Aurélio Buarque de Holanda, teve acesso à rica biblioteca desta instituição, cujo diretor na época, Barbosa Lima Sobrinho, ao perceber o quanto gostava de ler, fez um gesto pelo qual será sempre grato: assinou documento autorizando-o a pegar emprestado tudo que desejasse daquelas estantes a que só os acadêmicos tinham livre acesso. Lembrou que este importante prêmio leva o nome de um grande brasileiro, nascido em Nazaré da Mata, sertão de Pernambuco, em 21 de janeiro de 1900. José Ermírio de Moraes, empresário de larga visão, foi um dos precursores no campo da assistência social. Finalizando, agradeceu a presença dos que aqui vieram brindar à memória do fundador da Academia, Machado de Assis, do Senador José Ermírio de Moraes, de José Olympio e de todos os que fizeram a grandeza da editora que ele fundou. (Por determinação do Presidente, a íntegra deste discurso será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Senhor José Mário Pereira e pediu ao Acadêmico José Pastore, da Academia Paulista de Letras, que fosse o intérprete junto à família Ermírio de Moraes dos agradecimentos desta Casa de Livros por ter mantido o Prêmio Ermírio de Moraes e assegurado a sua permanência para os anos vindouros. Agradeceu, em seu nome e dos confrades, a presença de todos, que vieram prestigiar o premiado José Mário Pereira, um homem de livros, um escritor e um grande editor. Ao encerrar a sessão, convidou os presentes para um coquetel que será servido no Salão dos Poetas Românticos.

MACHADO DE ASSIS: 170 ANOS

*Discurso do Acadêmico Ivan Junqueira**

Durante todo o ano passado, esta Casa se mobilizou para comemorar, com exposições, ciclos de conferências, mesas-redondas, publicações, exibição de filmes, mostras de manuscritos e relíquias de toda ordem, o centenário de morte de Machado de Assis. E agora mais uma vez aqui nos reunimos para celebrar os 170 anos de seu nascimento, em 21 de junho de 1839, numa chácara do Morro do Livramento. Possivelmente, tudo (ou quase tudo) já se disse e se escreveu sobre a vida e a obra de nosso maior escritor, e não creio que seja esta a hora de tentarmos mais uma inédita ou sequer audaciosa interpretação do imortal legado literário que nos deixou o “Bruxo” do Cosme Velho. A hora é antes de recordá-lo como um dos nossos, de agradecer ao mestre, com carinho, tudo o que ele fez para que a literatura brasileira passasse a ser vista como tal numa época em que, apesar de já possuímos notáveis escritores, ela ainda não o era como expressão cabal da nacionalidade. E é hora, também, de relembrarmos um pouco o seu empenho para que esta Academia “não morresse do mal de sete dias”, como observou certa vez Joaquim Nabuco. Ela lhe deve, acima de tudo, não propriamente a sua fundação, mas a sua definitiva consolidação num momento em que, pobre ou mesmo desvalida, ninguém supunha que pudesse vingar e transformar-se na pujante e operosa Casa de cultura de que hoje todos nos orgulhamos.

* Proferido na sessão solene comemorativa dos 170 anos do nascimento de Machado de Assis e entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, do dia 25 de junho de 2009

Como Aleijadinho, Machado de Assis é um milagre, e digo-o aqui porque as épocas em que ambos viveram, aquele ao longo do século XVIII, este na segunda metade do século XIX, não pressupunham a obra que realizariam seja por seu ineditismo criador, seja por sua consecução formal. Explicam-se um Alencar, um Gonçalves Dias, um Castro Alves. Explica-se um Euclides. E explica-se até um Guimarães Rosa. É que suas épocas históricas os previam. E até os exigiam. Não é o caso de Machado de Assis, a quem, se não podemos explicar, pois esta seria uma tarefa do espírito, podemos pelo menos compreender graças à alma que trazemos conosco. Não é que Machado tenha vindo do nada. Sempre se vem de alguma coisa. Mas ele é oriundo de estratos sociais muito humildes e cujas condições não lhe permitiriam o desenvolvimento daquilo que entendemos como formação literária ou intelectual. Sabemos hoje, entretanto, que ele não teve uma infância miserável. Longe disso, foi criado e recebeu as primeiras letras numa chácara de pessoas abastadas que dele cuidaram, senão com carinho, ao menos com terna humanidade. Mas, ainda assim, essa infância é pobre e obscura, ou seja, a de um filho de agregados que jamais poderiam um dia enviar a Coimbra, destino de tantos de nossos grandes escritores. O milagre de Machado de Assis é ele mesmo, sua fulgurante intuição, o esforço pessoal que empreendeu como autodidata, a desmesurada e pertinaz ambição que trazia dentro de si. E o gênio da língua, que nasceu com ele.

Romancista, contista, cronista, poeta, crítico literário e teatral, dramaturgo e tradutor, Machado foi um polígrafo numa época em que muito poucos podiam dar-se a esse luxo. Não foi, como julgam muitos, um “dom Casmurro”, arredio e enclausurado. Embora tímido por natureza, pagou lá o seu tributo à mundanidade e à existência gregária. Fez incontáveis e duradouros amigos, namorou atrizes e cantoras de ópera. E, enquanto lhe permitiu a saúde, que foi sempre muito frágil, cumpriu o itinerário de um homem do mundo ou, mais do que isso, de um homem do seu tempo, atento aos acontecimentos históricos e político-sociais da época, alguns dos quais decisivos para a formação da nacionalidade, como a Abolição, a Guerra de Canudos, a queda da Monarquia e o advento da República, que povoam suas crônicas e seus últimos romances, que já pertencem a um período histórico em que o nosso país deixara para trás as tradições imperiais e mergulhara em sua turbulenta infância republicana, essa fase de transição tão bem retratada pelo romancista de *Esau e Jacó*.

Mas ao longo desses últimos vinte anos de sua vida havia a doença, que se acentuava, as reminiscências da infância obscura e difícil, o casamento sem filhos, ainda que consabidamente venturoso, a luta sem tréguas pela ascensão social. E nele havia também, como decorrência de tudo isso e de algo mais em sua alma que jamais decifraremos, o pessimismo quase niilista que lhe vem do *Eclesiastes* e de Schopenhauer, a interminável viagem em torno de si mesmo, em companhia de Sterne, Xavier de Maistre e Almeida Garrett, o vertiginoso mergulho nos estratos abissais da alma humana e aquele vaivém de um espírito sempre à beira da dúvida e da insatisfação, que lhe caracteriza a sensualidade das ideias. E aqui é preciso que se entenda, como o fez Augusto Meyer, que o “Bruxo” do Cosme Velho, apesar de seu triunfo literário e social, foi antes de tudo um cético comparável àquele *dostoievskiano*: “homem subterrâneo” em quem o mal “começa com a consciência aguda, pois o excesso de lucidez mata as ilusões indispensáveis à subsistência da vida, que só pode desenvolver-se num clima de inconsciência, a inconsciência da ação”. E tudo, rigorosamente tudo, em Machado de Assis obedece sempre às leis da introversão, como se vê em seus contos e romances, onde o drama da “consciência doentia” não se resume apenas no absurdo vital da introversão, e sim no fato de que essa mesma introversão principia com o amor da consciência por si própria, com a obsessão da análise pela própria análise.

Se afloro aqui essa questão, que me parece fundamental para que se compreenda não apenas o escritor, mas também o homem reticente e reservado que ele foi, é porque desejo tornar ainda mais clara, nesta cerimônia que lhe recorda os 170 anos de nascimento, o seu decisivo papel na criação e na consolidação desta Academia. O curioso é que, como sublinha o Acadêmico Alberto Venancio Filho, em primoroso e pormenorizado estudo sobre o período de onze anos em que Machado de Assis presidiu esta Casa, o grande escritor, quando se cogitou de sua criação, não se revelou muito entusiasmado com a ideia, como se pode ler numa página de 1894, em que duvida da viabilidade de uma Academia Brasileira. Tal pensamento, aliás, está expresso na crônica em que discorre sobre o termo “engrossador”, neologismo de cunho popular então recente proposto por Castro Lopes. Diz lá Machado de Assis: “Mas fosse quem fosse o inventor do vocábulo, certo é que este, apesar de anônimo e popular, ou por isso mesmo,

espalhou-se e prosperou. Não admirará que fique na língua e, se houver, aí por 1950, uma Academia Brasileira, pode bem ser que venha a incluí-lo no seu dicionário.”

Espírito profético em muitos de seus textos, Machado de Assis equivocou-se aqui duplamente: a Academia acabou sendo criada 3 anos depois daquela crônica e o tal dicionário da Casa jamais se publicou. O fato é que, quando a mobilização dos intelectuais, tendo à frente Lúcio de Mendonça, tornou-se mais intensa e a viabilidade de criação da Academia converteu-se em algo tangível e mesmo iminente, o autor de *Dom Casmurro* começou a mudar de ideia. A partir de 1895, ano em que José Veríssimo consegue reestruturar, em sua 3.^a fase de publicação, a prestigiosa *Revista Brasileira*, os intelectuais interessados na criação de uma Academia de Letras passam a reunir-se assiduamente em sua redação, à Rua Nova do Ouvidor, n.º 31, e entre eles se contavam Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Inglês de Sousa, o Visconde de Taunay, Sílvio Romero, João Ribeiro, Oliveira Lima, Graça Aranha e o próprio José Veríssimo. Assim como Lúcio foi chamado o “pai da Academia”, a *Revista Brasileira* passou à condição de “mãe” da nova instituição. E foi nessa mesma redação, às 3 horas da tarde do dia 15 de dezembro de 1896, na presença de 16 intelectuais, além de 3 outros que se fizeram representar, que se autorizou a criação da Academia e elegeu-se, por aclamação, Machado de Assis presidente da reunião.

Sua eleição como Presidente da Casa, entretanto, somente se daria em 4 de janeiro do ano seguinte, quando se escolheram ainda Joaquim Nabuco como Secretário-Geral e Inglês de Sousa como Tesoureiro. Em outra sessão, indicam-se Silva Ramos como Primeiro-Secretário e Rodrigo Octavio como Segundo-Secretário. Na última sessão preparatória, em 28 de janeiro de 1897, são aclamados como sócios da nova instituição os 30 nomes constantes da lista inicial, aos quais se somaram em seguida outros 10 que iriam perfazer 40. “Nós somos 40, mas não aspiramos a ser os 40”, diria Nabuco em frase que se tornou célebre. E foram esses 40 que participaram da sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, realizada às 8 horas da noite do dia 20 de julho de 1897, numa das salas do Pedagogium, à Rua do Passeio, n.º 82, prédio já demolido que abrigava um centro de aperfeiçoamento de professores dirigidos pelo histo-

riador e sociólogo Manoel Bonfim e que fora cedido à Academia, a pedido de Medeiros e Albuquerque, pelo então diretor da Instrução Pública.

A presidência da nova instituição era o coroamento da trajetória literária de Machado de Assis, e a ela consagrou o escritor seus últimos onze anos de vida, consolidando-a em definitivo graças à sua sabedoria e ao imenso prestígio de que desfrutava junto a todos os homens de letras do país. Machado a presidiu até poucos dias antes de sua morte, ou seja, durante os “tempos heróicos”, quando a Casa não dispunha de recursos nem receita, muito embora não faltassem despesas inadiáveis para a instalação e o expediente. Como conta Alberto Venancio, “o problema da sede estava sempre presente, e a instituição tentava, com o governo, conseguir um lugar próprio”. Em 1898, Machado dizia a Magalhães de Azeredo: “A nossa principal questão é casa”. E teve início então uma longa peregrinação em busca da sede, a começar pelo Pedagogium, onde a Academia se reuniu entre julho e setembro de 1897, sempre em sessões noturnas. A pedido de Machado de Assis, as reuniões voltaram a ser realizadas ao cair da tarde na redação da *Revista Brasileira*, e em seguida numa das salas do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II, onde tiveram lugar apenas quatro sessões, de maio a agosto de 1898.

Definido por Rodrigo Octavio como um “local por demais lúgubre e tumular”, a Biblioteca Fluminense serviu de novo abrigo à Academia, que ali realizou apenas duas sessões. O endereço seguinte foi o escritório de advocacia de Rodrigo Octavio, à Rua da Quitanda, nº 47. E foi nele que a instituição mais vezes se reuniu, tendo lá realizado 21 sessões entre abril de 1901 e maio de 1905. A Academia promoveu ainda algumas solenidades nos salões do Real Gabinete Português de Leitura e no Salão Nobre do Ministério do Interior, na Praça Tiradentes, onde tomou posse o filólogo João Ribeiro, primeiro Acadêmico eleito depois de constituída a Academia.

Pouco antes, entretanto, em carta que escreveu a Joaquim Nabuco com data de 7 de outubro de 1903, Machado de Assis anunciava: “A Academia parece que enfim vai ter casa. Não sei se você se lembra do edifício começado a construir no Largo da Lapa, ao pé do mar e do Passeio.” E logo adiante: “O governo resolveu concluí-lo e meter nele algumas intuições.” Machado estava se referen-

do ao Silogeu Brasileiro, onde hoje funciona o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A designação de “*silogeu*”, palavra grega que significa reunião de homens de letras, foi dada ao prédio por Ramiz Galvão, depois Acadêmico. E ali, afinal, juntamente com outras instituições culturais, a Academia conseguiu obter o seu espaço mais duradouro até 1923, quando se transferiu em definitivo para a sede própria do *Petit Trianon*. Ganhara-se o espaço, mas a Academia não tinha móveis, o que enfim se resolveu graças a uma dotação concedida pelo Ministro José Joaquim Seabra, o que permitiu que ali se realizasse uma primeira sessão em 31 de julho de 1905. Machado já havia comentado: “A nossa pequena capela acadêmica já tem santuário.” Mas lamentava: “Já é alguma coisa, embora fosse melhor um edifício especial e exclusivo.”

Se rememoro aqui um pouco da história dessa penosa e errática peregrinação em busca da sede própria, é para que nos lembremos de como foram difíceis os primeiros anos de nossa instituição e de como Machado de Assis lutou sem tréguas para que ela vingasse. Alguns anos antes, queixara-se o escritor a Valentim Magalhães: “A Academia Brasileira de Letras não tem ainda casa própria, vive de empréstimo, onde quer que alguém por amor ou favor consente em abrigá-la durante algumas horas. Que, apesar disso, a Academia teime em viver é sinal de que traz alguma coisa em si.” E assim, aos trancos e tropeços, mergulhada na mais absoluta escassez de recursos, reunindo-se apenas esporadicamente graças à obstinação de alguns poucos acadêmicos, sobretudo a de seu Presidente, a instituição foi teimando em sobreviver. E aqui estamos reunidos nesta tarde para atestar que a teimosia deu certo.

De julho de 1897 a agosto de 1908, Machado de Assis presidiu todas as 44 sessões realizadas pela Casa, com exceção de duas: uma, cuja presidência coube a Joaquim Nabuco, em 28 de setembro de 1897; e outra, que foi presidida por Medeiros e Albuquerque, em 6 de junho de 1908, quando o escritor já estava doente. É curioso que as atas dessas sessões não registrem um único pronunciamento seu como presidente, concluindo-se daí que ele se limitava discretamente a presidir as sessões, ainda que não se eximisse de manifestar certas discordâncias. Na oportuna observação de Josué Montello, quando “na presidência da Academia, Machado de Assis encontrou a solução ideal de sua vocação política. Realizou-se politicamente, sem se afastar da obra literária, e o

fez com tato inexcelsível, sabendo que se deve compor a vida ponto por ponto”. Não fosse seu prestígio de escritor, sua diuturna dedicação à Casa e sua desassombrada obstinação, a Academia Brasileira de Letras não teria sobrevivido. Presidiu sua última sessão em 1.º de agosto de 1908, dois meses antes de morrer, na presença de apenas seis acadêmicos. Nesse mesmo dia, ao comentar uma proposta de Joaquim Nabuco relativa à entrada de José Carlos Rodrigues na Academia, respondeu-lhe laconicamente: “Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu?” Deu-a, na verdade, a Laffayette Rodrigues Pereira, que o defendera em 1897 dos furiosos ataques de Sílvio Romero.

“Machado vive!”, este foi o título dado pelo Presidente Cícero Sandroni à megaexposição que aqui se realizou, em 2008, para assinalar o transcurso do centenário de morte de Machado de Assis. E ele vive outra vez nesta tarde, quando reabrimos nossa Academia agora restaurada ao público que desde sempre nos prestigiou. Vive não apenas na memória de cada um de nós, mas em cada friso ou mínimo detalhe arquitetônico deste *Petit Trianon* que ele não viu. Vive porque foi o mais imortal dentre nós quer por seu legado literário, quer pelo tenaz empenho com que lutou para que tivéssemos afinal uma casa, a sua Casa, cujo inquilino mais antigo, e talvez eterno, é aquela “glória que fica, eleva, honra e consola”.

PRÊMIO JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

*Discurso do Sr. José Pastore**

Cumprimentos à mesa, ao Autor e ao público.

Meu contato mais profundo com José Olympio veio por meio de Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Sergio Buarque de Holanda, Lourival Gomes Machado e Fernando Henrique Cardoso. Foram meus primeiros professores de sociologia e de ciência política. Faziam parte das leituras obrigatórias, Gilberto Freyre, Antonio Cândido, Oliveira Vianna, Euclides da Cunha e o próprio Sergio, nas Raízes do Brasil.

Quem estava no pé das capas desses livros? Livraria José Olympio Editora. Convivi anos a fio com todos eles mesmo porque, tornando-me professor de sociologia, passei a indicá-los para meus alunos.

Antes disso, porém, por recomendação de meu pai, que foi professor de português, frequentei assiduamente as páginas de Machado de Assis, José Lins do Rego, Graciliano, Guimarães Rosa, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, e o mais lido de todos, Humberto de Campos – para citar alguns apenas.

Quem estava no pé das capas? José Olympio.

Mais tarde aprendi a saborear as ideias de Josué Montelo, Ariano, Clarice, Drumond, Vinicius e Lygia Fagundes Telles, tão querida nesta Casa, e com quem tenho o prazer de conviver na Academia Paulista de Letras.

* Proferido na sessão do dia 25 de junho de 2009.

Quem estava no pé das capas? José Olympio.

Enfim, qualquer brasileiro, que tenha entrado numa livraria, viu, em abundância, e em todas as áreas do saber, as produções de José Olympio - um dos homens que mais ajudaram a construir, preservar e consolidar a cultura no Brasil.

Por isso, fiquei feliz ao ser convidado pela família de José Ermírio de Moraes para aqui testemunhar a justa homenagem que é prestada a José Mario Pereira. Lembrei-me de bons tempos de minha vida.

Se José Olympio foi o civilizador do Brasil, José Mario é o apóstolo da gratidão, ao reunir numa preciosa obra de arte, as várias formas de agradecimento que todos os brasileiros desejariam enviar ao Olimpo de José Olympio.

José Olympio: o Editor e sua Casa é um monumento de pesquisa rigorosa envolto no mais fino trabalho gráfico. José Mario deu ao Brasil um duplo presente: um denso conteúdo e uma superior expressão de beleza.

Trago aqui os mais sinceros cumprimentos da família de José Ermírio de Moraes a José Mario Pereira, registrando que este livro magistral haverá de sinalizar aos futuros candidatos o padrão estabelecido pela Casa de Machado. Nem podia ser diferente. Trago ainda, de maneira muito especial, o caloroso aplauso do Dr. Antônio Ermírio de Moraes, que tem todo o interesse em apoiar projetos que valorizam a cultura e a educação no Brasil. Ele sente não poder estar nesta cerimônia, mas envia um grande abraço a todos os integrantes da Academia Brasileira de Letras, cumprimentando-os por tão judiciosa escolha.

Muito obrigado.

UM PRÊMIO, UM LIVRO, UM AUTOR-EDITOR

*Discurso do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

UM PRÊMIO

O sempre lembrado empresário e senador pernambucano José Ermírio de Moraes – que, numa enquete promovida pela revista *IstoÉ*, situou-se entre os três mais votados como o “brasileiro do século” na categoria “empreendedor” – honra atualmente, com seu nome, um diploma e um prêmio. O diploma, aprovado pelo Senado Federal em julho de 2008, é reservado a personalidade de destaque no setor industrial. O prêmio, atribuído por esta Academia desde 1995, elege obra que represente “efetiva contribuição à cultura brasileira”.

Em 2009, a Comissão, presidida pelo Acadêmico Eduardo Portella, com relatoria do Acadêmico Domício Proença Filho, e integrada pelos Acadêmicos Hélio Jaguaribe, João de Scantimburgo e Tarcísio Padilha, indicou para premiação, com inteira justiça, *José Olympio: O editor e sua Casa*, de José Mário Pereira, numa publicação da Sextante Artes. Tal indicação foi acatada por unanimidade em reunião plenária da ABL.

Desde 1995, importantes títulos das artes e do pensamento brasileiros foram contemplados; o primeiro deles, *A lanterna na popa*, da autoria do futuro Acadêmico Roberto Campos, foi publicado exatamente pela *Topbooks*, de José Mário Pereira, o vencedor de hoje.

* Proferido na sessão do dia 25 de junho de 2009.

Coincidentemente, três outros ganhadores do Prêmio José Ermírio de Moraes também integram o catálogo dessa editora: Evaldo Cabral de Melo, Wilson Martins e Bruno Tolentino. Autores como Décio de Almeida Prado, o futuro Acadêmico Cícero Sandroni e Laura Sandroni, Goffredo Telles Junior, Luiz Felipe de Alencastro, Manif Zacarias, Antônio Bulhões, José Nêumanne Pinto e Maria Lucia Pallares-Burke constituem um referencial, ao longo do tempo, do nível de excelência dos livros premiados.

UM LIVRO

A primorosa edição de *José Olympio: O editor e sua Casa* é o resultado de seis anos de amorosa dedicação – diria quase obsessão – de José Mário Pereira, no sentido de perpetuar a memória de um dos mais importantes editores-livreiros do país. Saudado no lançamento por entusiásticas resenhas de críticos como Felipe Fortuna e Wilson Martins, além de haver merecido artigos elogiosos dos Acadêmicos Ivan Junqueira e Marcos Vilaça, o livro, mais do que simplesmente traçar um perfil de José Olympio, examina sua editora como pólo de convergência da intelectualidade brasileira num percurso de quase meio século, a partir de 1931 até o ano de 1975, deixando como legado um total de quase 4 mil publicações, das quais 1743 de autores brasileiros.

Escreve Ivan Junqueira que, se José Olympio foi o inventor da profissão de editor, José Mário é, desde já, o reinventor de José Olympio. Salienta Marcos Vilaça que na obra se encontra a política, a história literária, a indústria editorial, a evolução gráfica e a memória fotográfica do Brasil. Felipe Fortuna destaca o papel da Casa na consolidação de nosso modernismo. Wilson Martins enfatiza a “magistral pesquisa de José Mário Pereira, ele próprio editor da mesma família espiritual [de José Olympio]”.

Não me aterei à superlativa dimensão do editor porque provavelmente o autor premiado o fará em seu discurso. No livro em si, constatamos que nada do processo editorial escapou da argúcia investigativa de José Mário, desde, é claro, a seleção de autores, nacionais e estrangeiros, até a arte da capa e das ilustrações, registrando-se ainda questões como técnicas de exposição e de vendas de livros,

contratos, noites de autógrafo, tiragens comerciais e tiragens especiais, relações editor/ editados expressas em cartas e dedicatórias. Documentos, até então inéditos, desvendam os meandros do poder político e literário, com toda a carga de ambiguidade que essas duas artes – a política e a literatura – comportam e às vezes reciprocamente cultivam. É de se destacar, também, a parte final do volume, que enfeixa uma série de depoimentos e artigos nunca antes reunidos em livro, compondo um retrato multifacetado do editor, elaborado por mais de trinta textos de escritores que com ele privaram. Registremos ainda a inteligente e funcional divisão do volume em capítulos que abrigam os grandes segmentos de publicação da Casa, tais como a literatura moderna no Brasil, a literatura estrangeira, a série dos *Documentos Brasileiros*, o ensaio literário, o memorialismo, as grandes coleções e a literatura infantil e juvenil. Copiosa iconografia ilustra todos os capítulos, repletos de verbetes que funcionam como uma espécie de enciclopédia informal da cultura brasileira, uma vez que as legendas que acompanham cada reprodução de capa – e são centenas – correspondem, a rigor, a miniensaios críticos e certos sobre as obras e os autores em questão.

Sob qualquer ângulo que se examine o livro – seja sob o aspecto gráfico, conceitual, ou informativo – a conclusão é que se trata de obra de referência, que eleva a novo patamar o nível das publicações acerca da edição do livro em nosso país.

UM AUTOR-EDITOR

Em José Mário Pereira convivem o leitor, o autor e o editor.

"O leitor" obsessivo, de uma sede de saber inesgotável, dono de vasta e multiforme cultura, em domínios que vão do enxadrismo às mais complexas formulações filosóficas, abarcando ainda a literatura brasileira e universal de hoje e do passado, a história, a religião, a política, a antropologia, a sociologia, a música, as artes plásticas.

"O autor" que não transforma sua grande erudição em obstáculo intransponível ao leitor; ao contrário, produz textos fluentes e de clara argumentação, embasados na melhor e mais atualizada bibliografia, o que ocasiona constantes

rombos no orçamento doméstico, suportados com estoicismo por Christine Ajuz, a esposa com quem há 25 anos José Mário troca afetos e ideias. Escreveu dezenas de artigos publicados na imprensa, e mais de 500 textos disseminados em prefácios e orelhas nas Casas onde atuou – a Nova Fronteira, a Imago, a própria *Topbooks*.

"O editor" a serviço da cultura, e que desde os primórdios da Topbooks, em 1990, investe em gêneros pouco rentáveis, como a poesia e o ensaísmo, brindando-nos com a produção de Franklin de Oliveira, Otto Maria Carpeaux, José Paulo Paes, Adriano Espínola, Per Johns, Luiz Costa Lima, Felipe Fortuna, Alexei Bueno, Élvia Bezerra, Marcus Accioly, Mary Del Priore e Maria José de Queiroz, entre outros. O editor que devolveu às estantes do país a obra de Manuel Bomfim e títulos há muito esgotados de Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Oliveira Lima e Gilberto Freyre; que nos enriqueceu com a *Areopagítica*, de John Milton, os *Panfletos satíricos*, de Swift, a *Lírica*, de Dante, a *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso. Para compor seu elenco de tradutores, dirigiu-se a nomes do porte de Marco Lucchesi, Pedro Lyra, Jorge Wanderley, Ivo Barroso e Leonardo Fróes. Entre seus mais de 300 títulos publicados, constam várias obras premiadas por esta Academia, em diversos gêneros. Para não tornar fastidiosa a enumeração, citarei apenas a recente atribuição do Prêmio de Ensaio a *Machado, Rosa & Cia*, de José Maurício Gomes de Almeida. José Mário é um estrategista: num ousado investimento, logrou transformar em *best-seller* o memorialismo de Roberto Campos, com mais de cem mil exemplares vendidos. Não se incomoda, todavia, em fornecer livros para a lista dos menos vendidos, desde que tal lista seja integrada por obras de mérito literário ou relevância cultural.

É sempre tentador estabelecer aproximações entre biógrafo e biografado, no caso entre José e José. As semelhanças são por demais ostensivas. Se eu me referisse a um importante editor nascido no século XX fora do Rio de Janeiro, mas aqui radicado desde jovem, inimigo do sectarismo ideológico, e que publicou dezenas de Acadêmicos, de qual deles estaria falando? De ambos, que até no nome se irmanam: um é José Pereira, Mário; o outro igualmente é José Pereira, Olympio.

Nomes afins, idêntica vocação. Apesar das diferenças, os dois são tão próximos que, ao ler as palavras com as quais José Mário caracterizou a missão de José Olympio – empreender uma ação civilizatória por meio de uma editora construída “com engenho, suor e intuição ímpar” –, de pronto percebemos que essas palavras, do mesmo modo, também definiriam o trabalho de José Mário: engenho, suor e intuição ímpar. A conjugação dos três fatores o levou a consolidar sua própria editora. Agora, na condição de autor, ele nos brinda com uma grande homenagem, na figura-símbolo de José Olympio, a todos os protagonistas da fascinante aventura do livro no Brasil.

Parabéns, leitor, autor e editor José Mário Pereira.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

*Discurso do Sr. José Mário Pereira**

Sr. Presidente da Academia Brasileira de Letras, Cícero Sandroni;

Sr. Secretário-Geral, Ivan Junqueira;

Sr. José Pastore, representante da família do senador José Ermírio de Moraes e do grupo Votorantim;

Senhores Acadêmicos.

Senhoras e senhores.

Aqui estou para agradecer à Academia Brasileira de Letras e à Votorantim o prêmio que decidiram, generosamente, conceder a um pequeno editor pelo gesto de resgatar um pouco da admirável história de um grande editor. Sou especialmente grato aos integrantes da comissão julgadora pela indicação ao Prêmio Senador José Ermírio de Moraes do livro que escrevi sobre José Olympio e sua editora. Agradeço também aos acadêmicos que, por unanimidade, validaram o parecer da ilustre comissão.

Receber da Academia este prêmio me comove, entre outras razões, pelo fato de ter sido esta a Casa onde fiz os primeiros amigos no Rio de Janeiro, no já

* Proferido por ocasião do recebimento do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2009, em sessão do dia 25 de junho de 2009.

distante novembro de 1974. Atrevo-me a dizer que a minha pesquisa sobre José Olympio começou aqui quando, aos 16 anos, pelas mãos de Aurélio Buarque de Holanda, tive acesso à rica biblioteca desta instituição, cujo diretor na época, Barbosa Lima Sobrinho, ao perceber o quanto eu gostava de ler, fez um gesto pelo qual serei sempre grato: assinou documento me autorizando a pegar emprestado tudo que desejasse daquelas estantes a que só os acadêmicos tinham livre acesso.

Quero agora recordar Aurélio Buarque de Holanda, não o dicionarista, mas o homem afetuoso e bom. Uma semana depois de chegar de férias à cidade, com o pouco dinheiro que trazia, comprei na Feira do Livro do Largo do Machado um exemplar do *Dicionário Aurélio*, que acabara de ser publicado, e rumei para esta Casa de cultura, na intenção de me entrevistar com ele. Abordei-o na entrada do *Petit Trianon*, em busca apenas de uma conversa e de um autógrafa, pois em breve teria de voltar para o Ceará, e mestre Aurélio se mostrou afável e acolhedor.

A certa altura, me convidou para conhecer a biblioteca, e então subimos ao segundo andar deste prédio, onde ele não só me mostrou o grande salão, e alguns livros de nossa literatura que considerava essenciais à formação de um estudante, mas também me apresentou às pessoas que ali trabalhavam. Talvez para atenuar o impacto provocado pela exuberância da biblioteca – que viria a ser para mim fonte de pesquisa inestimável, um dos esteios da minha vida de editor – convidou-me para o chá, e naquela mesma tarde fiz camaradagem com Hermes Lima, um dos espíritos mais nobres que já passaram por esta Casa.

Minha primeira amizade intelectual no Rio de Janeiro foi, portanto, o Dr. Aurélio, como sempre o chamei. Pouco tempo depois, ele me convidou a conhecer o escritório onde continuava, com sua equipe, a aperfeiçoar o *Dicionário*, um apartamento no térreo do edifício de nº 68 na Praia de Botafogo, que passei a frequentar quase diariamente durante três semanas, ao fim das quais deveria retornar ao Ceará. Próximo à data da partida, fui me despedir; deu-me alguns livros e lamentou que eu estivesse voltando, pois havia pensado em me convidar para trabalhar com ele. Pedi-lhe algumas horas para poder falar com meus pais, que autorizaram minha permanência no Rio, onde passei a morar com uma tia.

No escritório eu entrava às 8 da manhã e saía ao meio-dia, trabalhando como datilógrafo, revisor e *office-boy*. Grande parte dos livros do Dr. Aurélio estava naquele apartamento, e quando, algum tempo depois, ele me deu a chave, comecei a passar ali o meu tempo livre. Saído de Quixadá, onde já tinha lido quase todos os títulos disponíveis na pequena biblioteca local, vi-me de uma hora para outra com acesso às bibliotecas da ABL e do Dr. Aurélio – o qual era, além de tudo, excelente professor. Imaginem o alubrimento que isso representou para o adolescente recém-chegado do interior do Ceará...

O Dr. Aurélio era homem sem vaidades, a ponto de uma vez, diante de pergunta minha sobre literatura estrangeira, surpreender-me com o comentário, seguido de um pedido: “Sou homem de cultura limitada, e você é muito perguntador; então vai me fazer um favor. Uma das pessoas com quem mais aprendi dará conferência hoje, na Aliança Francesa de Botafogo. Não posso comparecer, e gostaria que se apresentasse a ele como amigo meu. Você vai gostar muito de conhecer o Paulo Rónai”. Aceitei de imediato a missão, e à noite, bem antes da hora, me coloquei à porta da Aliança Francesa, na Rua Muniz Barreto. Fiquei atento até identificar o conferencista que chegava em companhia da filha mais nova, a flautista Laura.

“Dr. Paulo Rónai, estou aqui a pedido do Dr. Aurélio, que não pôde vir mas lhe enviou um abraço”, disse. Ele me olhou curioso, perguntou o meu nome, e então me abraçou e foi me levando para o local onde falaria sobre tradução. A partir daquele dia, passei a frequentar também o apartamento da Rua Décio Villares, no Bairro Peixoto, e aprendi muito com o Dr. Paulo. Na primeira vez que fui à sua casa, ele me fez uma série de perguntas e me propôs um programa de leitura. Sempre que eu voltava para devolver um livro, era sabatinado e, em seguida, ele me emprestava outro. Foi assim que, em mais ou menos dois anos, fiz um curso intensivo de literatura universal que muito me ajudou a editar, mais tarde, autores como John Milton, Dante Alighieri, Torquato Tasso e Jonathan Swift.

Logo depois me tornei amigo do escritor e memorialista Antonio Carlos Villaça. Dono de prodigiosa memória, que lhe permitia não só analisar obras literárias quanto dissertar sobre a vida pública e privada dos escritores brasilei-

ros de seu tempo, foi ele quem me levou pela primeira vez ao editor José Olympio, em princípios de 1975. Na sede da editora, na Rua Marquês de Olinda, pude conviver com escritores da dimensão de Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Herman Lima, e nem de longe imaginava que um dia seria convocado por meu amigo Marcos Pereira, neto do editor, a escrever um livro sobre José Olympio e a sua Casa. Publicado em junho de 2008 pela Sextante, dos irmãos Marcos e Tomás da Veiga Pereira, o livro, para minha alegria, veio a merecer a honra de ser agraciado com o prêmio que a Academia Brasileira de Letras, por delegação da Votorantim, me entrega hoje, nesta sessão comemorativa dos 170 anos do nascimento de Machado de Assis.



Este importante prêmio leva o nome de um grande brasileiro. Nascido em Nazaré da Mata, sertão de Pernambuco, em 21 de janeiro de 1900, José Ermírio de Moraes, empresário de larga visão, foi um dos precursores no campo da assistência social: já em 1938, introduzia, na Votorantim, o sistema de aquisição da casa própria para os funcionários mediante adiantamentos salariais. Em 1945, deu início às atividades de sua Companhia Brasileira de Alumínio, que passou a produzir essa matéria-prima até então importada. Em 1962, candidatou-se ao Senado, por Pernambuco, na legenda do Partido Trabalhista Nacional em coligação com o PTB, além de financiar a campanha de Miguel Arraes ao governo do Estado. Ambos se elegeram.

Ministro da Agricultura de João Goulart, em maio de 1965 foi eleito presidente do diretório nacional do PTB, onde ficou até outubro daquele ano, quando o Ato Institucional n.º 2 extinguiu os partidos políticos. Com o surgimento do bipartidarismo, filiou-se ao MDB, do qual foi o primeiro Tesoureiro-Geral. Ao morrer, em 9 de agosto de 1973, a Votorantim, fundada em 1918, já era uma das maiores empresas do país, com destacada atuação em vários ramos da indústria, entre eles o da siderurgia, da metalurgia, da produção de cimento, papel e celulose. Sua rica biografia, escrita pelo Acadêmico João de Scantimburgo, saiu em 1975.

Vale lembrar que o idealizador deste prêmio foi seu filho, José Ermírio, imediatamente apoiado pelo irmão Antonio Ermírio – iniciativa louvável, que deveria ser imitada por outros empresários brasileiros. Ao instituir o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, a Votorantim teve por objetivo não só louvar a memória do responsável pela consolidação da empresa como estimular a pesquisa e a produção de textos de relevância cultural sobre temas nacionais.



E chego agora a José Olympio Pereira Filho, sobre quem muito já se escreveu e ainda se escreverá, pois sua ação civilizatória deixou marcas profundas na história cultural do país. Nascido em 1902, na cidade de Batatais, interior de São Paulo, começou a trabalhar aos 15 anos na Casa Garraux, onde aprendeu a conhecer e a amar os livros. Cordial, generoso, grande conversador, J.O., como era chamado, publicou – entre 1931, quando fundou a editora, e 1990, ano de sua morte – 4.850 edições, das quais 1.743 de autores brasileiros.

Em 1934, a Livraria José Olympio Editora se mudou para o Rio de Janeiro, instalando-se na Rua do Ouvidor, 110, endereço que fez história pela qualidade de seus frequentadores e dos eventos que lá se realizaram. A partir daquele momento, J.O. empreendeu uma revolução sem paralelo no nosso mercado editorial. Homem vocacionado para as grandes amizades, editou indistintamente autores novos e consagrados: integralistas como Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale; autoritários como Azevedo Amaral e Francisco Campos; liberais como Afonso Arinos e Wilson Martins; socialistas de feição democrática como Antonio Candido; comunistas como Jorge Amado e Graciliano Ramos.

Foi também pelas mãos de J.O. que Getúlio Vargas lançou 18 volumes de discursos e conferências. Católicos como Alceu Amoroso Lima e intelectuais que perderam a fé como Anísio Teixeira e Álvaro Lins também encontraram na Casa seu porto seguro. O Romance de 30, com José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano e José Américo de Almeida, ganhou repercussão nacio-

nal com o selo da editora, assim como a poesia de Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, João Cabral de Melo Neto, Mauro Motta e Lêdo Ivo. E não há notícia de veto ideológico do editor a nenhum autor, pois o que lhe importava era a excelência literária.

A relação de José Olympio com a Casa de Machado de Assis é singular. Já nos primeiros anos de sua atividade, editou escritores e ensaístas da ABL. Gustavo Barroso com os contos de *A ronda dos séculos* e Humberto de Campos com as crônicas de *Os párias* estrearam em 1933, e o memorialista Rodrigo Octavio e Alfredo Pujol, biógrafo de Machado de Assis, no ano seguinte. Porém, quem mais o ajudou a firmar seu negócio foi Humberto de Campos, o qual, encantado pelo dinamismo do jovem editor, transferiu para a Casa todos os seus livros, que à época desfrutavam da estima dos leitores e vendiam aos milhares.

J.O. acompanhava tudo o que se passava na Academia, de tal modo que muitas candidaturas vitoriosas nasceram no seu gabinete da Praça XV, e mais tarde no de Botafogo. Dos mais de 400 autores nacionais que publicou, 78 pertenceram à ABL. Ainda assim, ele veio pouco ao *Petit Trianon*: em 16 de novembro de 1967, esteve na posse do amigo e editado Guimarães Rosa, e voltou em 6 de junho de 1972, quando o romancista Octávio de Faria assumiu a Cadeira 27; este considerou o fato tão significativo que, já no dia seguinte à festa, enviou-lhe um livro com dedicatória na qual agradecia o gesto.

Geralmente se qualifica José Olympio como o grande editor da literatura brasileira, mas na verdade apostou num amplo leque de assuntos: livros didáticos, jurídicos, religiosos, obras hoje identificadas como de autoajuda, os *best-sellers* da época, enciclopédias, dicionários, livros de culinária – encontra-se de tudo no catálogo da editora. Publicou também o melhor da literatura estrangeira: Dickens, Baudelaire, Renan, Melville, Rousseau, Goethe, Tolstoi, Rilke, Hawthorne, Albert Camus e Saint-Exupéry, além da obra completa, em vários volumes, de Dostoiévski.

No plano nacional, entre centenas de títulos definitivos, a Casa foi responsável por uma das maiores coleções já editadas no Brasil: a “Documentos Brasileiros”, que desde a inauguração em outubro de 1936 – com *Raízes do Brasil*,

de Sergio Buarque de Holanda – chegou a publicar mais de 200 volumes, inicialmente sob a direção de Gilberto Freyre, sucedido por Octavio Tarquínio de Souza e Afonso Arinos de Mello Franco.

J.O. foi um inovador na edição de livros no Brasil, tanto no que se refere à apresentação gráfica quanto pelos procedimentos empresariais adotados, entre eles a ousadia nas técnicas de *marketing*: foi o primeiro a alugar um avião para sobrevoar o Rio com faixa de propaganda de suas edições. Adotou o lema de Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros”, ao qual o ensaísta e Acadêmico Eduardo Portella, que publicou seu primeiro livro na Casa, juntou: “Um país se faz com homens, livros e exemplos. José Olympio é um deles”.

O bom gosto de J.O. ficou patente ao reunir, entre os colaboradores, gente do naipe de Tomás Santa Rosa, Luis Jardim, Poty, Axel de Leskoschek, Marcello Grassmann, Antonio Bandeira, Di Cavalcanti, Oswaldo Goeldi, Candido Portinari, Cícero Dias – enfim, um time dos melhores artistas gráficos da época. Também a prática do adiantamento de direitos autorais carreou simpatia para a Casa que acabava de fundar. Dona Maria Amélia, viúva de Sérgio Buarque de Holanda, conta que o adiantamento pela publicação de *Raízes do Brasil* permitiu ao casal comprar a mobília de seu apartamento na mudança de São Paulo para o Rio.

A impressão que José Olympio deixou em todos que o conheceram foi a de um homem fiel aos amigos, alheio a rancores e vaidades. Sempre que eu saía do elevador no terceiro andar da sede da editora, via-o trabalhando no escritório, cercado de livros. Sua porta se mantinha aberta, e ele ali ficava por horas, silenciosamente envolvido nos afazeres e lembranças, parecendo à vontade no traje cotidiano: camisa branca e gravata preta afrouxada. De fala mansa e riso afetuosos, pesado de corpo, lento nos gestos, deixava transparecer certa melancolia no olhar. Em várias ocasiões, sem que me visse, pude observá-lo a consultar livros na estante e a fazer anotações.

Muito do que José Olympio Pereira Filho foi e fez está nesta obra, onde pretendi traçar um retrato objetivo da variedade e riqueza das publicações da editora, destacando a excelência de seu padrão gráfico. Na construção de *José*

Olympio: o editor e sua Casa – título sugerido por minha mulher, Christine Ajuz, cuja valiosa colaboração agradeço de público –, a cada momento me surpreendia com a qualidade e a abrangência do que ele publicou.

Durante a pesquisa, feita em grande parte no depósito do Grupo Xerox, em Bonsucesso, onde se encontravam os papéis da editora antes que a família de Sérgio Henrique Gregori os fizesse chegar à Fundação Biblioteca Nacional, consultei todos os volumes publicados, além de fotos e documentos raros que registram a impressionante produção da Casa entre as décadas de 30 e 90.

Procurei fornecer ao leitor uma seleta do que se editou ali, seja na literatura nacional, seja na estrangeira, onde sua contribuição também foi notável. Ainda há muito por fazer em relação ao excepcional acervo da José Olympio, que eu espero em breve esteja integralmente à disposição do pesquisador na Biblioteca Nacional. Minha expectativa é que este livro possa servir de estímulo ao surgimento de outros sobre editores como Ênio Silveira, Alfredo Machado e Jorge Zahar.



Recordamos aqui um editor num tempo em que muitos anteviam a extinção do livro. Desde o ano 2000 se vem falando das vantagens da leitura em suporte digital, e há quem chegue a preconizar o desaparecimento do livro no formato atual. Dia a dia surgem novidades tecnológicas direcionadas para a leitura, e a última delas é o *Kindle*. No entanto, embora enciclopédias e obras de referência cada vez mais sejam editadas eletronicamente, tudo indica que o livro impresso sobreviverá, e um dos que acreditam nisso é Umberto Eco. Ele acaba de publicar na Itália *Não espere se livrar dos livros*, onde defende a permanência do papel frente aos suportes digitais. A seu ver, “cabe aos editores grandes responsabilidades nesse processo, a primeira das quais é a busca da qualidade na produção dos livros”.

Aqui neste salão, belamente restaurado para a festa que ora nos reúne, ouvi alguns dos grandes conferencistas da ABL, e dialoguei com muitos acadêmicos que, em diferentes momentos da minha vida, me honraram com sua amizade e

incentivo, entre eles Alceu Amoroso Lima, José Honório Rodrigues, Francisco de Assis Barbosa, Antonio Houaiss, José Guilherme Merquior, Darcy Ribeiro, Roberto Campos e Roberto Marinho, além dos citados anteriormente. Com a memória posta nesses amigos que já se foram, reafirmo minha fidelidade ao mandamento de São Jerônimo: “Que nunca o livro fique longe de tua mão e de teus olhos”.

Em 11 de dezembro de 1987, Ênio Silveira escreveu a José Olympio: “Você, Octalles Marcondes e Monteiro Lobato constituem o sólido tripé sobre o qual se assenta a indústria brasileira do livro. Artífice do mesmo ofício, sei do que falo, e por que falo”. Na mesma carta, o destemido editor afirmava que quem publica livros pode prescindir de estátuas e monumentos, pois a prova de seus méritos permanece nas obras guardadas pelas bibliotecas, séculos afora.

“Se cheguei a ver mais longe, foi montado em ombros de gigantes”: a frase de Isaac Newton se tornou tão famosa que Robert Merton, um dos fundadores da moderna sociologia americana, dedicou um livro a rastrear suas origens. Recordo o dito do gênio inglês não só por entender que Machado de Assis pensava parecido como, também, porque este é um grande exemplo a seguir. Se quem vive no mundo das letras não pode prescindir da obra de Machado, quem é editor só tem a aprender com José Olympio.

Seguindo o sábio conselho de um editado de J.O., Winston Churchill, que recomendava brevidade em discursos comemorativos, finalizo: o livro que escrevi representa, acima de tudo, um gesto de gratidão à acolhida carinhosa que tive na Livraria José Olympio Editora, desde a primeira vez que ali entrei, há 34 anos. Lá ganhei alguns dos primeiros títulos com que viria a formar minha biblioteca, e fiz amigos entre funcionários e editados. Entendo que o honroso prêmio que a Academia Brasileira de Letras, por delegação da Votorantim, ora me entrega é, antes de tudo, uma homenagem, por meu intermédio, ao grande editor José Olympio. Se este volume contribuir, minimamente que seja, para evidenciar a minha admiração por tudo que ele fez em prol da leitura no Brasil, me darei por satisfeito.

Quero ainda destacar meu reconhecimento aos amigos bibliófilos José Min-

dlin e Antonio Carlos Secchin – que acaba de me emocionar com seu discurso tão generoso; aos muitos donos e funcionários de sebos cariocas que me ajudaram a localizar títulos raros; à minha secretária, Mariângela Félix; à excelente equipe responsável pela produção da obra, e aos muitos jornalistas e críticos que escreveram com entusiasmo sobre este *José Olympio: o editor e sua Casa*.

Agradeço, finalmente, a presença dos que aqui vieram brindar à memória do fundador da Academia, Machado de Assis, do senador José Ermírio de Moraes, de José Olympio e de todos os que fizeram a grandeza da editora que ele fundou.

Muito obrigado.

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLIV – N.º 01

Em 15 de janeiro de 2009

SEMINÁRIO SOBRE MACHADO DE ASSIS E GUIMARÃES ROSA EM ROMA – Encontram-se na Itália os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral da Academia, a Acadêmica Ana Maria Machado e os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Moacyr Scliar, que participarão do Seminário “Machado de Assis e João Guimarães Rosa: um século de história”, que terá início no dia 16 do corrente, na Embaixada do Brasil em Roma. A Acadêmica Ana Maria Machado falará sobre “Diálogos Machadianos”, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça discorrerá sobre “Machado de Assis e o cotidiano político”, o Acadêmico Moacyr Scliar abordará o tema “Machado de Assis e a Medicina” e o Acadêmico Ivan Junqueira falará sobre “Machado de Assis e a Arte do Conto”. Haverá debate.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR - Comemorou-se no dia 11 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Nejar, que ocupa a Cadeira 4 do Quadro dos Membros Efetivos.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – A Comissão Julgadora do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes permaneceu a mesma e está assim constituída: Acadêmicos Eduardo Portella, João de Scantimburgo, Tarcísio Padilha, Hélio Jaguaribe e Domício Proença Filho.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO - Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alberto Venancio Filho, que ocupa a Cadeira 25 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Encontra-se em Paris, desde o dia 3 de janeiro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, a fim de ministrar, para pós-graduados, um curso sobre a poesia brasileira na Sorbonne. Estará de volta em 22 de fevereiro.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO - Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que ocupa a Cadeira 34 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Convidado pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, o Acadêmico Ivan Junqueira participará nessa cidade portuguesa, de 11 a 15 de fevereiro próximo, da “X Edição de Correntes d’Escrita”, evento literário que reúne anualmente representantes de Portugal e do mundo ibérico, incluindo também diversos autores da América Hispânica. Na ocasião será anunciado o Prêmio Cassino da Póvoa, no valor de 40 mil euros, a autor que tenha publicado obra literária em Portugal no ano anterior.

ANIVERSÁRIO DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Comemora-se no próximo dia 25 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Domício Proença Filho, que ocupa a Cadeira 28 do Quadro dos Membros Efetivos.

COMISSÕES PERMANENTES – As Comissões de Contas, de Publicação e Lexicografia ficam assim constituídas: Comissão de Contas – Acadêmica Nélida Piñon, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Acadêmico Tarcísio Padilha; Comissão de Publicações – Acadêmicos Antonio Carlos Secchin; José Murilo de Carvalho e José Mindlin; Comissão de Lexicografia – Acadêmicos Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo participará de II a 15 de fevereiro, da “X Edição de Correntes d’Escrita”, que se realizará em Póvoa de Varzim, Portugal.

100 PALAVRAS – Acaba de ser lançado o livro *100 Palavras para Conhecer Melhor o Brasil*, bilíngue (português – japonês), de Edições Consultor. A obra recebeu a colaboração de diversos membros da ABL.

ANO XLIV – N.º 02

Em 29 de janeiro de 2009

COLÓQUIO SOBRE MACHADO DE ASSIS E GUIMARÃES ROSA EM ROMA – Organizado pelo Embaixador do Brasil na Itália, Adhemar Bahadian, e o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, realizou-se em Roma, no dia 16 passado, com grande público e ampla repercussão nos meios universitários e diplomáticos, o Colóquio “Machado de Assis e João Guimarães Rosa: um século de história”. Participaram como palestrantes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral da Academia, a Acadêmica Ana Maria Machado, os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Moacyr Scliar, e os professores Luiz Roncari, da USP, Aniello Angelo Avella, Ettore Finazzi-Agró e Giulia Lanciani, da Universidade de Roma, Vincenzo Arsillo, da Universidade de Veneza, Roberto Mulinacci e Roberto Vecchia, da Universidade de Bolonha, e Julio César Monteiro Martins, da Universidade de Pisa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – A convite do jornal *O Estado de S. Paulo*, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara passou a ter uma coluna aos domingos sobre questões de ortografia portuguesa. O primeiro artigo saiu, com grande destaque, domingo, dia 25 último, e está à disposição dos Acadêmicos.

O *ALIENISTA* – Acaba de ser editado o livro *O Alienista*, de Machado de Assis, com ilustrações originais de Mário Mendonça. A adaptação é do Acadêmico Arnaldo Niskier (Edições Consultor), e será lançada em São Paulo, no SESC, no próximo mês de março.

“X EDIÇÃO DE CORRENTES D’ESCRITA” – Convidados pela Câmara Municipal de Póvoa de Varzim, os Acadêmicos Ivan Junqueira, Lêdo Ivo e Moacyr Scliar participarão nessa cidade portuguesa, de 11 a 15 de fevereiro próximo, da “X Edição de Correntes d’Escrita”, evento literário que reúne anualmente representantes de Portugal e do mundo ibérico, incluindo também diversos autores da América Hispânica. Na ocasião, será anunciado o Prêmio Cassino da Póvoa, no valor de 40 mil euros, a autor que tenha publicado obra literária em Portugal no ano anterior.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar, como convidado especial, fará, no dia 19 de fevereiro, palestra na Universidade de Oxford e no dia 21 e 22 participará em Londres da Feira do Livro.

CONGRESSO SOBRE LUSOFONIA NOS AÇORES – A partir de 25 de março, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara estará participando do “Congresso sobre Lusofonia, nos Açores”.

CARTA AO PRESIDENTE DA ACADEMIA – Em carta dirigida ao Presidente Cícero Sandroni, o Embaixador Adhemar Bahadrian transmitiu o seu agradecimento pela cooperação e engajamento pessoal do Presidente, juntamente com a ABL, na organização e realização do Seminário “Machado de Assis e João Guimarães Rosa: um século de história”, no Centro Cultural Brasil-Itália, da Embaixada do Brasil em Roma. Sugere que, além da instituição de um Prêmio de Tradução, se repita essa iniciativa em torno de outros autores igualmente importantes para o conhecimento mais aprofundado do público italiano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva esteve em Teresina e Amarante, no Piauí, para filmar as seqüências do filme documentário “O Retorno do Filho”, dirigido por Douglas Machado.

ANO XLIV – N.º 03
Em 19 de fevereiro de 2009

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ABL – Terão início no dia 5 de março as atividades da Academia em 2009.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Comemorou-se ontem, dia 18 de fevereiro, o aniversário natalício do Acadêmico Lêdo Ivo, que ocupa a Cadeira 10 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 31 de janeiro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu a conferência “*L’indien dans la littérature brésilienne*”, na *École Doctorale* da Universidade de Paris-III (Sorbonne). No dia 6 de fevereiro, na Universidade de Rennes, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin deu uma conferência intitulada “Memória, identidade, território: um quase-cordel de João Cabral”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET – Transcorre no próximo dia 23 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que ocupa a Cadeira 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vilaça foi recebido em sessão especial na Academia das Ciências de Lisboa, sendo ali saudado pelo Presidente Adriano Moreira, em 22 de janeiro. No Ceará, as Academias Cearense e Fortalezaense de Letras o homenagearam com almoço, a 30 de janeiro, na oportunidade de entrega dos troféus do “Prêmio Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas”, ano 2008, a cinco ganhadores dos 400 que a ele concorreram no Brasil.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – Comemora-se no dia 26 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Cícero Sandroni, que ocupa a Cadeira 6 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Comemora-se no dia 26 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que ocupa a Cadeira 33 do Quadro dos Membros Efetivos.

EUCLIDES DA CUNHA – No próximo dia 15 de abril, no auditório do CIEE São Paulo, um grupo de Acadêmicos realizará um debate sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha. O título será “O engenheiro das palavras”.

ROSALINA COELHO LISBOA – O Embaixador Pio Corrêa ofereceu à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, por intermédio do Acadêmico Arnaldo Niskier, a primeira edição de um dos livros de poemas de Rosalina Coelho Lisboa.

MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE – O Acadêmico Arnaldo Niskier está empenhado na elaboração de um livro sobre a saga das empresas Bloch, onde trabalhou durante 37 anos. O seu depoimento, na forma de ensaio, terá o título *Memórias de um Sobrevivente*.

ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto dará uma entrevista, no dia 21 do corrente, às 14h, no canal II da NET, a respeito das experiências que ele viveu como Adido Cultural do Brasil na Nigéria. Falará no programa Educação em Debate. O programa é de amplitude nacional.

PRÊMIO CASA DAS AMÉRICAS – o Prêmio de Literatura Brasileira da Casa das Américas foi atribuído ao Acadêmico Ledo Ivo por seu livro de poemas *Réquiem*

ANO XLIV – N.º 04

Em 5 de março de 2009

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ABL – Terão início hoje, dia 5 de março, as atividades da Academia em 2009.

PRIMEIRO CICLO DE CONFERÊNCIAS – O Ciclo sobre “A Reforma Ortográfica”, sob a Coordenação do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara terá duas conferências. A primeira, no dia 10 de março, estará a cargo do Acadêmico Domício Proença Filho, que abordará o tema “A história da ortografia e a ABL”, e a última, no dia 17, será proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “O novo Acordo Ortográfico e elaboração do *VOLP*”.

ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto dará uma entrevista no dia 21 do corrente, às 14h, no canal II da NET, sobre as experiências que viveu como Adido Cultural do Brasil na Nigéria. Falará no programa Educação em Debate. O programa é de amplitude nacional.

VISITANTES – Esteve em visita à ABL o Professor Paulo Nathanael Pereira de Souza, presidente do CIEE/Nacional. Foi recepcionado com um almoço, no dia 18 de fevereiro, pelo Presidente Cícero Sandroni, que o saudou pela eleição para a Academia Paulista de Letras.

BANCO CENTRAL – Para falar sobre o Programa de Moedas Comemorativas do Banco Central, estiveram em visita à ABL os Senhores João Sidney de Figueiredo Filho, Chefe do Departamento do Meio Circulante; Luiz Ernani Marques Accioly, Chefe Adjunto; Márcia Barbosa Silveira, Chefe da Divisão de Tecnologia da Moeda; e Fábio Bollmann, Coordenador da Subdivisão de Projetos de Cédulas e Moedas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – Em companhia dos Acadêmicos Ivan Junqueira e Lêdo Ivo, o Acadêmico Moacyr Scliar participou, em Póvoa de Varzim (Portugal), do evento literário “Correntes d’Escritas”, falando sobre sua obra. Na Inglaterra, o Acadêmico deu palestras nas Universidades de Londres e Oxford.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 20 a 22 de março, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em São Paulo participando, na qualidade de Presidente de Honra, do “*X International Symposium of Plastic Surgery*”, quando fará uma conferência sobre “Contorno Corporal: Experiência e Filosofia - Importância Funcional das Abdominoplastias”.

PRÊMIO CASA DAS AMÉRICAS – A Casa das Américas comunicou oficialmente que 272 obras publicadas de ficção e poesia concorreram ao Prêmio Literatura Brasileira, atribuído ao Acadêmico Lêdo Ivo pelo seu livro de poemas *Réquiem*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – O Acadêmico Alfredo Bosi receberá o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no dia 12 de março.

CENTRO CULTURAL MINISTRO MARCOS VILAÇA – Foi inaugurado em Limoeiro, Pernambuco, o Centro Cultural Ministro Marcos Vinícios Vilaça, no histórico prédio da antiga Rádio Difusora, doado aos limoeirenses pelo empresário João Carlos Paes Mendonça.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado estará em São Paulo, no próximo fim de semana, para encontros com os leitores. No sábado, dia 7, terá um encontro com crianças no SESC de Santo André e inaugura, na biblioteca desta instituição, um setor com o seu nome, reunindo seus livros. Domingo, dia 8, como parte das comemorações do Dia Internacional da Mulher, a Livraria Cultura organiza dois debates no Shopping Pompeia, um sobre sua obra infantil e outro sobre seus ensaios e romances.

ANO XLIV – N.º 05

Em 12 de março de 2009

PRIMEIRO CICLO DE CONFERÊNCIAS – O Ciclo sobre “A Reforma Ortográfica”, sob a Coordenação do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, teve início no dia 10 de março com uma conferência sobre “A história da ortografia e a ABL”, que esteve a cargo do Acadêmico Domício Proença Filho, e a última, no dia 17, será proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “O novo Acordo Ortográfico e a elaboração do *VOLP*”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA –

Atendendo às solicitações de universidades, prefeituras e sindicatos de professores, sobre decisões do novo Acordo Ortográfico, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara proferiu palestra na UniLasalle, em 4 do corrente, em Niterói; no dia 6, na Prefeitura de Caçapava; proferirá palestra na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, no próximo dia 13. Abrirá o ano letivo do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro no dia 17, às 10 h, e no dia 21 estará no Sindicato dos Professores de Petrópolis, às 10h. No dia 25 deste mês, viajará aos Açores para representar a Academia Brasileira de Letras no “IV Congresso de Lusofonia” e participará do lançamento do *VOLP* em Lisboa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY—

Comemora-se no próximo dia 14 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que ocupa a Cadeira 3 do Quadro dos Membros Efetivos.

REVISTA BRASILEIRA – A propósito do n.º 57 da *Revista Brasileira*, o jornalista

Cyl Gallindo, do Diário de Pernambuco, escreveu um artigo, elogiando diversos artigos, especialmente o que se refere a Manuel Bandeira – 40 anos depois.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA NA RÚSSIA – O Acadêmico Marcos Vilaça

estará na próxima semana em Moscou, onde proferirá conferências sobre privatização em estabelecimentos governamentais. Em seguida irá a Viena para reuniões na INTOSAI, órgão internacional que reúne cortes de contas de todos os continentes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – O Acadêmico Alfredo Bosi

receberá hoje, dia 12 de março, o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A ABL será representada pela Acadêmica Lygia Fagundes Telles.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS

DE ÁVILA – Comemora-se no dia 17 de março o aniversário natalício do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, que ocupa a Cadeira 15 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado encontra-se hoje, dia 12, e também no dia 13 de março, participando do Seminário Museu Vale, onde faz uma conferência sobre “Criação e Crítica”.

FEMAR – O Acadêmico Arnaldo Niskier realizou conferência, no dia 6, na Fundação de Estudos do Mar, falando sobre “Qualidade do Ensino Superior”.

VISITA DE CLÁUDIA COSTIN – No dia 19 de março, às 15 horas, a Secretária Municipal de Educação do Rio, Dra. Cláudia Costin, estará em visita à ABL. É convidada para o Chá desta tarde.

ANO XLIV – N.º 06

Em 19 de março de 2009

SEGUNDO CICLO DE CONFERÊNCIAS – No segundo Ciclo de Conferências da ABL, serão celebrados os “200 anos do nascimento de Charles Darwin”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, terá início no dia 24 de março com uma conferência de Maria Isabel Landim sobre “200 anos de Charles Darwin – de onde viemos e aonde queremos chegar”; no dia 31 de março, sob o título “Máximas darwinianas: a voga da biologia em um país (definitivamente) miscigenado”, discorrerá Lília Moritz Schwarcz; no dia 7 de abril, a conferência estará a cargo de Nelson Papavero, que abordará o tema “Uma comparação entre as teorias evolutivas de Wallace e Darwin”; finalizando, dia 14 de abril, Heloísa Bertol Domingues falará sobre “A recepção do darwinismo no Brasil”. As conferências serão sempre às terças-feiras, às 17h30.

LANÇAMENTO DO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA – Realiza-se hoje, dia 19, às 17h 30min, no Saguão do Centro Cultural da Academia, o lançamento da 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*.

VISITA DE CLÁUDIA COSTIN – Hoje, 19 de março, às 15 horas, a Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Dra. Cláudia Costin, visita a ABL. É convidada para o Chá desta tarde.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER – No próximo dia 21 de março, a Acadêmica Ana Maria Machado será homenageada na Hebraica do Rio de Janeiro pelo Dia Internacional da Mulher.

PREFEITURA DE MARICÁ PASSA A ADMINISTRAR CASA DE DARCY RIBEIRO – Foi assinado no dia 27 de fevereiro o contrato de comodato da Prefeitura Municipal de Maricá com a Fundação Darcy Ribeiro, que repassa a administração da Casa de Darcy Ribeiro para o município. A residência, que fica na Rua 119, em Cordeirinho, e foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, será transformada no Centro Cultural Casa de Darcy Ribeiro. Essa casa é parte do resgate das ideias do educador Darcy Ribeiro, que, com sua produção nas áreas de Educação e Cultura, deixou marcas profundas no Brasil.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – Comemora-se na próxima segunda-feira, dia 23 de março, o aniversário natalício do Acadêmico Moacyr Scliar, que ocupa a Cadeira 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, a convite do Rotary Clube, proferiu palestra na Associação Comercial do Rio de Janeiro sobre as possíveis consequências, para o Brasil e o mundo, decorrentes da eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Pela terceira vez, o Acadêmico Ivan Junqueira foi convidado para presidir o júri do “Concurso Internacional de Monografias” promovido, desde 2006, pelo Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores. O tema deste terceiro concurso será a obra do romancista alagoano Graciliano Ramos. Ao vencedor caberá a quantia de 20 mil dólares.

INOVAÇÕES – A convite do Iesde, de Curitiba, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou conferência sobre “As inovações da educação média brasileira”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Saiu, em Portugal, pela Editora Quasi, de Vila Nova do Famalicão, a antologia da poesia do Acadêmico Carlos Nejar, intitulada Pequena Enciclopédia da Noite.

ANO XLIV – N.º 07

Em 26 de março de 2009

MESA-REDONDA SOBRE O LIVRO DR. ALCEU: DA ‘PERSONA’ À PESSOA – Realiza-se hoje, dia 26 de março, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda sob a coordenação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, tendo como mediador o Presidente Cícero Sandroni e como palestrantes Alceu Amoroso Lima Filho, Luiz Paulo Horta, Tarcísio Padilha e Zuenir Ventura, sobre o livro Dr. Alceu: da ‘Persona’ à Pessoa, do Acadêmico Candido Mendes, que será lançado a seguir.

SEGUNDO CICLO DE CONFERÊNCIAS – No segundo Ciclo de Conferências da ABL estão sendo celebrados os “200 anos do nascimento de Charles Darwin”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, o ciclo teve início no dia 24 de março com uma conferência de Maria Isabel Landim sobre “Duzentos anos de Charles Darwin – de onde viemos e aonde queremos chegar”; no dia 31 de março, sob o título “Máximas darwinianas: a voga da biologia em um país (definitivamente) miscigenado”, discorrerá Lília Moritz Schwarcz; no dia 7 de abril, a conferência estará a cargo de Nelson Papavero, que abordará o tema “Uma comparação entre as teorias evolutivas de Wallace e Darwin”; finalizando, dia 14 de abril, Heloisa Bertol Domingues falará sobre “A recepção do darwinismo no Brasil”. As conferências realizam-se sempre às terças-feiras, às 17h30min.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Presidente da República concedeu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a Grande Medalha de Ouro do Serviço Público, considerando seus 50 anos de ininterruptos e relevantes trabalhos de servidor do governo brasileiro. A entrega da distinção ocorrerá em abril numa cerimônia no Palácio do Planalto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Dia 30 de março, o Acadêmico Ivo Pitanguy fará, em Brasília, a palestra de lançamento do programa de qualidade de vida no trabalho do Supremo Tribunal Federal, a convite do Presidente do Tribunal, Ministro Gilmar Mendes. Falará sobre: “Imagem corporal e qualidade de vida”.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Encontra-se na Itália, de 22 a 27 de março, cumprindo uma agenda profissional na Feira Internacional do Livro Infantil de Bologna, a Acadêmica Ana Maria Machado.

MARCHA DA VIDA – Para jovens que irão visitar a Polônia e Israel, no projeto “Marcha da Vida”, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou conferência, no Teatro Odeon, no dia 18. O tema foi “A Educação e o Holocausto”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participou, no dia 17 de março, como representante da ABL, da Comissão Julgadora do Prêmio Cultural 2009 da Fundação Conrado Wessel. O prêmio foi concedido ao Acadêmico Ariano Suassuna. No dia 23, participou, a convite da UFF, de mesa-redonda do Projeto UFF – Debate Brasil, ocasião em que discorreu sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa para um auditório de cerca de quatrocentas pessoas. No dia 24, representou a Academia, por solicitação do Presidente Cícero Sandroni, nas celebrações do “Dia Internacional em Memória das Vítimas da Escravidão e do Tráfico Transatlântico de Escravos”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar deu palestra no Sesc-SP sobre processo de criação literária. No dia 14 de março, na Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre, em companhia do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, debateu o tema “Machado e a Melancolia”.

ACADEMIA CAMPISTA – Na sessão comemorativa do seu 70.º aniversário de fundação, a Academia Campista de Letras, presidida por Arlete Parrilha, realizou diversas homenagens, incluindo-se a ABL, que foi representada pelo Acadêmico Arnaldo Niskier

ANO XLIV – N.º 08

Em 2 de abril de 2009

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será na quarta-feira, dia 8 de abril, em virtude dos feriados da Semana Santa.

SEGUNDO CICLO DE CONFERÊNCIAS – No segundo Ciclo de Conferências da ABL estão sendo celebrados os “200 anos do nascimento de Charles Darwin”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, o ciclo teve início no dia 24 de março com uma conferência de Maria Isabel Landim sobre “Duzentos anos de Charles Darwin – de onde viemos e aonde queremos chegar”; no dia 31 de março, sob o título “Máximas darwinianas: a voga da biologia em um país (definitivamente) miscigenado”, discorreu Lilia Moritz Schwarcz; no dia 7 de abril, a conferência estará a cargo de Nelson Papavero, que abordará o tema “Uma comparação entre as teorias evolutivas de Wallace e Darwin”; finalizando, dia 14 de abril, Heloisa Bertol Domingues falará sobre “A recepção do darwinismo no Brasil”. As conferências realizam-se sempre às terças-feiras, às 17h30min.

BIBLIOTECAS – O Acadêmico Arnaldo Niskier fez a abertura do Encontro de Bibliotecas, na Universidade Veiga de Almeida. São 29 instituições unidas por um inteligente compartilhamento, visando ao aumento da eficiência.

PRÊMIO ALMIRANTE ÁLVARO PARA CIÊNCIA E TECNOLOGIA – O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT) escolheu na quarta-feira, dia 25 de março, o historiador José Murilo de Carvalho, que receberá a mais importante honraria em ciência e tecnologia do Brasil, o Prêmio Almirante Álvaro para Ciência e Tecnologia.

UMA UTOPIA? – No conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, o acadêmico Arnaldo Niskier, no dia 31 de março, realizou conferência sobre “Reforma do ensino médio brasileiro: uma utopia?” Houve debate.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A escritora Nélide Piñon seguiu para Madri na qualidade de jurada do Prêmio Internacional Dom Quixote, que no ano passado foi dado ao Presidente Lula e ao escritor Carlos Fuentes em bela cerimônia em Toledo, com as presenças dos reis de Espanha e o Presidente José Zapatero.

LANÇAMENTO DO *VOLP* EM PORTUGAL – Estarão em Lisboa a partir do dia 10 de abril o Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, e os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Evanildo Cavalcante Bechara para o lançamento do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* na Academia das Ciências de Lisboa.

OS SERTÕES – Os Acadêmicos Murilo Melo Filho, Antonio Carlos Secchin e Arnaldo Niskier estarão em São Paulo, no dia 15 de abril, a convite do CIEE, para falar a professores e estagiários sobre “Euclides da Cunha e *Os Sertões*”.

REVISTA BRASILEIRA – Acaba de sair o n.º 58 da *Revista Brasileira*, dirigida pelo Acadêmico João de Scantimburgo. Colaboraram nesse número os Acadêmicos Murilo Melo Filho, Celso Lafer, Moacyr Seliar e Arnaldo Niskier. A revista apresenta um balanço do Ano Literário de 2008 a cargo do escritor André Seffrin.

ACADEMIA PAULISTA – Hoje, dia 2 de abril, em São Paulo, o Prof. Paulo Nathanael será empossado como membro da Academia Paulista de Letras, no Teatro do CIEE, em cerimônia presidida por José Renato Nalini.

ANO XLIV – N.º 09

Em 8 de abril de 2009

SEGUNDO CICLO DE CONFERÊNCIAS – No segundo Ciclo de Conferências da ABL estão sendo celebrados os “200 anos do nascimento de Charles Darwin”.

Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, o ciclo teve início no dia 24 de março com uma conferência de Maria Isabel Landim sobre “200 anos de Charles Darwin – de onde viemos e aonde queremos chegar”; no dia 31 de março, sob o título “Máximas darwinianas: a voga da biologia em um país (definitivamente) miscigenado”, discorreu Lília Moritz Schwarcz; no dia 7 de abril, a conferência esteve a cargo de Nelson Papavero, que abordou o tema “Uma comparação entre as teorias evolutivas de Wallace e Darwin”; finalizando, dia 14 de abril, Heloisa Bertol Domingues falará sobre “A recepção do darwinismo no Brasil”. As conferências realizam-se sempre às terças-feiras, às 17h30.

LANÇAMENTO DO VOLP EM PORTUGAL – Estarão em Lisboa a partir do dia 10 de abril o Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, e os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Evanildo Cavalcante Bechara para o lançamento do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, no dia 14, às 17h, no Salão Nobre da Academia das Ciências de Lisboa.

LANÇAMENTO DE BRASIL, MUNDO E HOMEM NA ATUALIDADE – Realiza-se na quinta-feira, dia 16 de abril, às 17h30min, no Edifício do Centro Cultural do Brasil, o lançamento do livro Brasil, Mundo e Homem na Atualidade, do Acadêmico Hélio Jaguaribe.

OS SERTÕES – Os Acadêmicos Murilo Melo Filho, Antonio Carlos Secchin e Arnaldo Niskier estarão em São Paulo, no dia 15 de abril, a convite do CIEE, para falar a professores e estagiários sobre “Euclides da Cunha e Os Sertões”.

CICLO (EFEMÉRIDES 2009) – No terceiro Ciclo de Conferências da ABL serão celebradas as “Efemérides 2009”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, o ciclo terá início no dia 22 de abril, quarta-feira, com uma conferência do Acadêmico Lêdo Ivo sobre os “150 anos de nascimento de Raimundo Correa”; no dia 28, a conferência estará a cargo do Prof. José Almino de Alencar sobre os “100 anos de nascimento de Américo Jacobina Lacombe”.

PALAVRAS SEM FRONTEIRAS – Realizou-se segunda-feira, dia 6 de abril, no Museu da Língua Portuguesa, a inauguração da exposição “Palavras sem fronteiras - Mídias convergentes”, baseada no livro do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, o Acadêmico Ivan Junqueira fará, no próximo dia 15 de maio, naquela instituição, que comemora este ano o seu centenário de fundação, uma conferência sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, que faleceu no ano passado.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar proferiu ontem, dia 7 de abril, em São José do Rio Preto, SP, conferência no Sesc daquela cidade sobre o processo de criação literária. Encontra-se hoje, dia 8, em Catanduva, SP, onde falará sobre sua obra literária, também no Sesc.

CRIANÇA – No dia 13 de abril, às 14h, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência na EMERJ (Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro). Tema: “O comportamento da criança na família, na escola e na sociedade”.

150.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE AUGUSTO DE LIMA – Comemorou-se no dia 5 de abril os 150 anos do nascimento de Augusto de Lima, segundo ocupante da Cadeira 12 do Quadro de Membros Efetivos.

ANO XLIV – N.º 10

Em 16 de abril de 2009

SESSÃO ANTECIPADA – Em virtude do feriado municipal do dia 23 de abril, a sessão plenária da Academia Brasileira de Letras na próxima semana será na quarta-feira, dia 22, às 16 horas.

FALECE EM PARIS MAURICE DRUON – Faleceu terça-feira, dia 14 do corrente, em Paris, Maurice Druon, que ocupava a Cadeira 16 do Quadro dos Sócios Correspondentes.

LANÇAMENTO DO VOLP EM PORTUGAL – Realizou-se terça-feira, dia 14 do corrente, em Lisboa, no Salão Nobre da Academia das Ciências de Lisboa, às 17h, o lançamento do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Presentes o Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, e os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Evanildo Cavalcante Bechara.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Comemora-se amanhã, dia 17, o aniversário natalício do Acadêmico Tarcísio Padilha que ocupa a Cadeira 2 do Quadro dos Membros Efetivos.

LANÇAMENTO DE BRASIL, MUNDO E HOMEM NA ATUALIDADE – Realiza-se hoje, dia 16 de abril, às 17h30min, no Edifício do Centro Cultural do Brasil, o lançamento do livro Brasil, Mundo e Homem na Atualidade, do Acadêmico Helio Jaguaribe.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – Comemora-se no próximo dia 19 do corrente o aniversário natalício da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que ocupa a Cadeira 16 do Quadro dos Membros Efetivos.

CICLO (EFEMÉRIDES 2009) – No terceiro Ciclo de Conferências da ABL serão celebradas as “Efemérides 2009”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, o ciclo terá início no dia 22 de abril, quarta-feira, com uma conferência do Acadêmico Lêdo Ivo sobre os “150 anos de nascimento de Raimundo Correia”; no dia 28, a conferência estará a cargo do Prof. José Almino de Alencar sobre os “100 anos de nascimento de Américo Jacobina Lacombe”; dia 5 de maio, a conferência será proferida pela Ministra do STF, Ellen Gracie, que falará sobre “150 anos de nascimento de Pedro Lessa”; e no dia 19 de maio o conferencista será o Ministro do STF, Eros Grau, que abordará os “150 anos de nascimento de Clóvis Bevilacqua.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, o Acadêmico Ivan Junqueira fará, no próximo dia 15 de maio, naquela instituição, que comemora

este ano o seu centenário de fundação, uma conferência sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, que faleceu no ano passado.

O ACADÊMICO LÊDO IVO NA ESPANHA – Será lançada na Feira do Livro de Madri, na próxima segunda quinzena de maio, uma ampla antologia poética bilingue do Acadêmico Lêdo Ivo, intitulada *La Aldea de Sal*. As versões para o espanhol são dos poetas Juan Carlos Mestre e Guadalupe Grande, e a publicação de Calambur Editorial. *La Aldea de Sal* é a segunda antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo publicada na Espanha, seguindo-se a *La Moneda Perdida*, pela editora Olifante.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon segue para os USA hoje, dia 16, onde fará palestras e participará de mesas redondas na Brown University, em Providence, na companhia de Carlos Fuentes e Tomás Eloy Martínez. No dia 26 de abril, seguirá para Santo Domingo, na República Dominicana, para participar da Feira do Livro, quando fará duas palestras.

VOZES DA EDUCAÇÃO – No dia 30, às 18h, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará, no Edifício do Centro Cultural do Brasil, o livro *Vozes da Educação*. (Editora Europa)

ANO XLIV – N.º II

Em 22 de abril de 2009

CICLO (EFEMÉRIDES 2009) – No terceiro Ciclo de Conferências da ABL serão celebradas as “Efemérides 2009”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, o ciclo tem início, hoje, dia 22 de abril, quarta-feira, com uma conferência do Acadêmico Lêdo Ivo sobre os “150 anos de nascimento de Raimundo Correia”; no dia 28, a conferência estará a cargo do Prof. José Almino de Alencar sobre os “100 anos de nascimento de Américo Jacobina Lacombe”; dia 5 de maio, a conferência será proferida pela Ministra do STF, Ellen Gracie, que falará sobre “150 anos de nascimento de Pedro Lessa”; e no dia 19 de maio o conferencista será o Ministro do STF, Eros Grau, que abordará os “150 anos de nascimento de Clóvis Bevilacqua”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – Comemora-se amanhã, dia 23, o aniversário natalício do Acadêmico Helio Jaguaribe, que ocupa a Cadeira II do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, o Acadêmico Ivan Junqueira fará, no próximo dia 15 de maio, naquela instituição, que comemora este ano o seu centenário de fundação, uma conferência sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, que faleceu no ano passado.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY – Comemora-se no próximo dia 24 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico José Sarney, que ocupa a Cadeira 38 do Quadro dos Membros Efetivos.

O ACADÊMICO LÊDO IVO NA ESPANHA – Será lançada na Feira do Livro de Madri, na segunda quinzena de maio, uma ampla antologia poética bilíngue do Acadêmico Lêdo Ivo, intitulada *La Aldea de Sal*. As versões para o espanhol são dos poetas Juan Carlos Mestre e Guadalupe Grande, e a publicação de Calambur Editorial. *La Aldea de Sal* é a segunda antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo publicada na Espanha, seguindo-se a *La Moneda Perdida*, pela editora Olifante.

VOZES DA EDUCAÇÃO – No dia 30, às 18h, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará, no Edifício do Centro Cultural do Brasil, o livro *Vozes da Educação*. (Editora Europa)

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon seguiu, no dia 16 para os Estados Unidos, onde fez palestras e participou de mesas-redondas na Brown University, em Providence, na companhia de Carlos Fuentes e Tomás Eloy Martínez. No dia 26 de abril irá a Santo Domingo, na República Dominicana, para participar da Feira do Livro, quando fará duas palestras.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar estará na Bahia no próximo dia 26 de abril, ocasião em que proferirá palestra sobre “Euclides e Darwin”, na Bienal do Livro de Salvador.

CIDADANIA – No dia 5 de maio, no Jockey Club, o jornal *Folha Dirigida* entregará a dirigentes e instituições o Prêmio Cidadania 2009. Entre os agraciados, o Acadêmico Arnaldo Niskier receberá a homenagem em nome do CIEE/RJ.

170.º ANIVERSÁRIO DE NASCIMENTO DE TAVARES BASTOS – A 20 de abril de 1839 nascia em Alagoas, Tavares Bastos, patrono da Cadeira 35 do Quadro dos Membros Efetivos

ANO XLIV – N.º 12

Em 30 de abril de 2009

CICLO “EFEMÉRIDES 2009” – No terceiro Ciclo de Conferências da ABL estão sendo celebradas as “Efemérides 2009”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, o ciclo teve início dia 22 de abril, com uma conferência do Acadêmico Lêdo Ivo sobre os “150 anos de nascimento de Raimundo Correia”; no dia 28, a conferência esteve a cargo do Prof. José Almino de Alencar sobre os “100 anos de nascimento de Américo Jacobina Lacombe”; dia 5 de maio, a conferência será proferida pela Ministra do STF, Ellen Gracie, que falará sobre “150 anos de nascimento de Pedro Lessa”; e no dia 19 de maio o conferencista será o Ministro do STF, Eros Grau, que abordará os “150 anos de nascimento de Clóvis Beviláqua”.

LANÇAMENTO DO PROJETO “RIO, UMA CIDADE DE LEITORES” – O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, presidiu a mesa do lançamento do projeto “Rio, uma cidade de leitores”, que contou com a presença das Secretárias Municipais de Cultura e Educação, Senhoras Jandira Feghali e Cláudia Costin, no dia 28, às 10 horas, no Teatro R. Magalhães Júnior. Este projeto compreende uma série de ações com o objetivo de estimular e popularizar o hábito da leitura prazerosa entre professores e alunos das escolas municipais, além das comunidades do entorno das unidades escolares.

LANÇAMENTO DO NOVO LIVRO DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA
– Terá lugar no próximo dia 5 de maio, terça-feira, às 18h30, no 1.º andar do

Centro Cultural do Brasil, o lançamento do mais recente volume de ensaios do Acadêmico Ivan Junqueira, *Cinzas do Espólio*, publicado pela Record.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Comemora-se hoje, dia 30, o aniversário natalício do Acadêmico Arnaldo Niskier, que ocupa a Cadeira 18 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin dará a aula inaugural do ano letivo de 2009 do Instituto de Letras da UERJ, no dia 6 de maio. A aula intitula-se “Encontros com a poesia”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Comemora-se no próximo domingo, dia 3 de maio, o aniversário natalício da Acadêmica Nélida Piñon, que ocupa a Cadeira 30 do Quadro dos Membros Efetivos.

VOZES DA EDUCAÇÃO – Hoje, dia 30, às 18h, o Acadêmico Arnaldo Niskier lança, no Edifício do Centro Cultural do Brasil, o livro *Vozes da Educação* (Editora Europa).

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – No dia 1.º de maio, a Acadêmica Nélida Piñon profere palestra sob o título “A arte de contar histórias”, na 2.ª Bienal do Livro de Goiás, no Teatro Rio Vermelho.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Realizou-se ontem, dia 29 de abril, às 13h30, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, a gravação do depoimento da Acadêmica Ana Maria Machado.

CONVITE – A Senhora Michèle Corrêa da Costa convida os Senhores Acadêmicos para a inauguração do módulo da exposição baseada na obra *Palavras sem Fronteiras*, do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, em homenagem ao ano da França no Brasil, no dia 6 de maio, no Museu da Língua Portuguesa, Estação da Luz – São Paulo.

CIDADANIA – No dia 5 de maio, no Jockey Club, o jornal *Folha Dirigida* entregará a dirigentes e instituições o Prêmio Cidadania 2009. Entre os agraciados, o Acadêmico Arnaldo Niskier receberá a homenagem em nome do CIEE/RJ.

ANO XLIV – N.º 13

Em 07 de maio de 2009

CICLO “EFEMÉRIDES 2009” – No terceiro Ciclo de Conferências da ABL estão sendo celebradas as “Efemérides 2009”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, o ciclo teve início dia 22 de abril, com uma conferência do Acadêmico Lêdo Ivo sobre os “150 anos de nascimento de Raimundo Correia”; no dia 28, a conferência esteve a cargo do Prof. José Almino de Alencar sobre os “100 anos de nascimento de Américo Jacobina Lacombe”; dia 5 de maio, a conferência foi proferida pela Ministra do STF, Ellen Gracie, que falou sobre “150 anos de nascimento de Pedro Lessa”; e no dia 19 de maio o conferencista será o Ministro do STF, Eros Grau, que abordará os “150 anos de nascimento de Clóvis Beviláqua”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – Comemora-se no dia 9 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Sábato Magaldi, que ocupa a Cadeira 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Celebra-se no próximo domingo, dia 10 de maio, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Olinto, que ocupa a Cadeira 8 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva pronunciou, no dia 26 de abril, em Porto Alegre, a conferência introdutória, sob o título “Como escrever uma história da África”, no simpósio internacional “Centro, Periferia e Pesquisa Histórica”, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TRÊS RIOS – O Acadêmico Arnaldo Niskier esteve na cidade fluminense de Três Rios, no dia 5, para inaugurar a nova sede do CIEE/RJ. O endereço é Rua Barão de Entre Rios, 343 – Centro. Esta cidade é a 10.^a do Estado em matéria de qualidade de vida.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Comemora-se no próximo dia 12 o aniversário natalício do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que ocupa a Cadeira 9 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 5 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy deu palestra sobre “Imagem Corporal e Felicidade” a convite do Núcleo de Convivências - Organização não Governamental, no Centro de Convenções do Barra Shopping. No dia 14 de maio, como parte das Comemorações do Ano França/Brasil, as Academias de Medicina do Brasil e da França farão uma reunião conjunta na sede da Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o Acadêmico Ivo Pitanguy falará sobre “*Les Corps et les Temps*”.

SABEDORIA JUDAICA – Acaba de ser lançado em São Paulo, pela Editora Sêfer, o livro Sabedoria Judaica de A a Z, do Acadêmico Arnaldo Niskier. O prefácio é do Acadêmico Moacyr Scliar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, o Acadêmico Ivan Junqueira fará, no próximo dia 15 de maio, naquela instituição, que comemora este ano o seu centenário de fundação, uma conferência sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, que faleceu no ano passado.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – No dia 5 de maio, a Acadêmica Nélida Piñon participou, em Curitiba, de debate no Paiol Literário, com mediação do escritor e jornalista José Castello.

ANO XLIV – N.º 14

Em 14 de maio de 2009

CICLO “EFEMÉRIDES 2009” – No terceiro Ciclo de Conferências da ABL estão sendo celebradas as “Efemérides 2009”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, o ciclo teve início dia 22 de abril, com uma conferência do Acadêmico Lêdo Ivo sobre os

“150 anos de nascimento de Raimundo Correia”; no dia 28, a conferência esteve a cargo do Prof. José Almino de Alencar sobre os “100 anos de nascimento de Américo Jacobina Lacombe”; dia 5 de maio, a conferência foi proferida pela Ministra do STF, Ellen Gracie, que falou sobre “150 anos de nascimento de Pedro Lessa”; e no dia 19 de maio o conferencista será o Ministro do STF, Eros Grau, que abordará os “150 anos de nascimento de Clóvis Beviláqua”.

VISITA DO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA – A Academia Brasileira de Letras recebe hoje, às 15h, a visita do Dr. José Carlos Gentili, Presidente da Academia de Letras de Brasília, que fará uma comunicação sobre o Congresso da Língua Portuguesa naquela cidade, reunindo oito países lusófonos, no período de 19 a 21 de novembro, e a comemoração do 50.º aniversário da fundação de Brasília.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Hoje, dia 14 de maio, como parte das comemorações do Ano França/Brasil, as Academias de Medicina do Brasil e da França farão uma reunião conjunta na sede da Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o Acadêmico Ivo Pitanguy falará sobre “*Les Corps et les Temps*”.

VISITA DO MINISTRO DA CULTURA À ABL – O Ministro Juca Ferreira visitou a Academia Brasileira de Letras no dia 12, terça-feira passada, às 10h30min.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do presidente da Academia Mineira de Letras, Acadêmico Murilo Badaró, o Acadêmico Ivan Junqueira fará, amanhã, dia 15 de maio, naquela instituição, que comemora este ano o seu centenário de fundação, uma conferência sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, que faleceu no ano passado.

SÃO FIDÉLIS – Uma comitiva da Academia de Letras de São Fidélis visitará hoje a Academia Brasileira de Letras. A coordenação é da professora Fátima Panisset.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho coordenou o “II Seminário Internacional do Pronex

Dimensões da Cidadania no Século XIX”, realizado entre os dias 6 e 8 de maio no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, tendo feito a conferência de encerramento sobre o tema “Quem pode, quem não pode e quem não quer: o voto no Brasil entre 1881 e 1930”.

60. ANIVERSÁRIO DO “CORREIO DAS ARTES” – O Suplemento Literário “Correio das Artes”, dirigido pelo jornalista Nelson Coelho e publicado pelo jornal A União, da Paraíba, está comemorando nesta semana o seu 60.º aniversário de fundação e recebendo muitas homenagens de jornalistas e intelectuais do Nordeste.

VIAGEM A NOVA YORK – No período de 16 a 31 de maio, o Acadêmico Arnaldo Niskier estará em Nova York. Participará da cerimônia de entrega do título de “Homem do Ano” ao presidente da Petrobras, Dr. José Sérgio Gabrielli.

“O ENGENHEIRO DAS PALAVRAS” – No dia 13 de agosto, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará no ciclo da ABL sobre Euclides da Cunha. Título da Palestra: “O Engenheiro das Palavras”.

ANO XLIV – N.º 15

Em 21 de maio de 2009

MESA-REDONDA – 10 ANOS SEM DIAS GOMES – Com a participação do Acadêmico Sábato Magaldi e dos Srs. José Dias e Sérgio Fonta, realiza-se hoje, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “10 anos sem Dias Gomes”.

HOMENAGEM A CARMEN MIRANDA – Realiza-se no dia 26 de maio, terça-feira, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni, uma homenagem a Carmen Miranda. O conferencista será José Antonio Nonato de Barros que falará sobre “O repertório brasileiro de Carmen Miranda: um patrimônio da nossa cultura”.

ENCONTRO COM A AUTORA – Na quinta-feira, dia 28, realiza-se às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, um encontro com a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Haverá debates. Os mediadores serão a Acadêmica Ana Maria Machado e o Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni, Presidente da ABL, foi agraciado com o título de Sócio Benemérito do Real Gabinete Português de Leitura pela sua excelente contribuição na aproximação dos dois países e no esforço para a implantação no Brasil da Reforma Ortográfica aprovada por Portugal e Brasil.

LIVROS DE ARTE – O Tribunal de Contas da União recebeu do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e família valiosa e numerosa coleção de centenas de livros de arte. Com este acervo se instala uma biblioteca especializada no Espaço Cultural daquela Corte, que tem o nome de Marcantonio, saudoso galerista, filho do casal Vilaça.

CICLO POESIA E RELIGIÃO – O quarto Ciclo de Conferências da ABL abordará o tema “Poesia e Religião”, sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O ciclo terá início dia 2 de junho, com uma conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre “Jorge de Lima: a clausura do divino”; no dia 9, a conferência estará a cargo do Prof. Marco Lucchesi sobre “Dante Alighieri”; dia 16 de junho, a conferência será proferida pelo Prof. Leonardo Fróes, que falará sobre “John Milton”; no dia 23 de junho, o conferencista será o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorrerá sobre “Francisco de Assis”; e no dia 30 de junho, a conferência estará a cargo do Sr. Izacyl Guimarães Ferreira, que abordará o tema “Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – A Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio de seu Instituto de Letras, realizou ontem, dia 20, às 17 horas, uma sessão em homenagem pela passagem dos oitenta anos do Acadêmico Evanildo Bechara, homenagem que deveria ter sido realizada no ano passado, mas a Universidade estava em greve.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO PAULO COELHO – O Acadêmico Paulo Coelho anunciou terça-feira, dia 19, em Cannes, que o filme “A bruxa experimental” terá sua estreia durante o Festival Internacional de Cinema de Roma, em outubro. O longa foi feito com vídeos dos leitores sobre o seu livro as *Bruxas de Portobello*.

40.º ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DO ACADÊMICO ABGAR RENAULT – Há quarenta anos, no dia 22 de maio, o Acadêmico Abgar Renault foi eleito para a Cadeira 12 do Quadro dos Membros Efetivos.

120.º ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DE FRANCISCO OTAVIANO – A 28 de maio de 1889 falecia no Rio de Janeiro Francisco Otaviano, patrono da Cadeira 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLIV – N.º 16

Em 28 de maio de 2009

ENCONTRO COM A AUTORA – Realiza-se hoje, dia 28, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, um encontro com a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Haverá debates. Serão mediadores os Acadêmicos Ana Maria Machado e Alberto da Costa e Silva.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Presidente da República, acolhendo a proposta do Conselho da Ordem do Mérito Naval, admitiu o Acadêmico Cícero Sandroni no grau de Oficial do Quadro Suplementar da mesma Ordem. A imposição da condecoração ocorrerá no próximo dia 10 de junho, durante a cerimônia comemorativa do Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo, data magna da Marinha.

CICLO POESIA E RELIGIÃO – O quarto Ciclo de Conferências da ABL abordará o tema “Poesia e Religião”, sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O ciclo terá início dia 2 de junho, com uma conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre “Jorge de Lima: a clausura do divino”; no dia 9, a conferência estará a cargo do Prof. Marco

Lucchesi sobre “Dante Alighieri”; dia 16 de junho, a conferência será proferida pelo Prof. Leonardo Fróes, que falará sobre “John Milton”; no dia 23 de junho, o conferencista será o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorrerá sobre “Francisco de Assis”; e no dia 30 de junho, a conferência estará a cargo do Sr. Izacyl Guimarães Ferreira, que abordará o tema “Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz”.

ANIVERSÁRIO DO ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA—

Comemora-se no dia 3 de junho próximo o aniversário natalício do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que ocupa a Cadeira 35 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA —

Realizou-se ontem, em Brasília, a solenidade de entrega da Grande Medalha de Ouro do Serviço Público ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, considerando seus cinquenta anos de ininterruptos e relevantes trabalhos prestados ao governo brasileiro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY —

No dia 2 de junho, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro outorgará ao Acadêmico Ivo Pitanguy o título de Cidadão Honorário do Rio de Janeiro, em homenagem ao Dia Mundial do Meio Ambiente. Iniciativa da Vereadora Aspásia Camargo. Do dia 3 ao dia 6 de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy participará da Jornada Paulista de Cirurgia Plástica. Na ocasião, falará sobre “Das dificuldades do aprender às alegrias do ensinar”, e também será homenageado pela regional de São Paulo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, da qual é o Patrono.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA —

O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara proferiu, ontem, palestra na ABI sobre o Acordo Ortográfico em sua parte técnica, para dar à plateia as razões do texto do Acordo, seus momentos de ambiguidade e as soluções propostas pelas comissões de Lexicologia e Lexicografia da ABL na implantação das bases oficiais.

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL DE 2009 —

Ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi concedida a Medalha do Mérito Cultural – 2009 pelo “Festival

Literário Internacional de Pernambuco”. O ato de solene entrega será em setembro próximo.

LANÇAMENTO – Realiza-se na terça-feira próxima, dia 2 de junho, às 18h30min, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o lançamento do livro *Dicionário de Citações da Ficção de Carlos Nejar*, introdução e seleção de Paulo Roberto do Carmo.

ANO XLIV – N.º 17

Em 04 de junho de 2009

SESSÃO ANTECIPADA – Realiza-se na quarta-feira, dia 10 de junho, a sessão plenária da Academia Brasileira de Letras, em virtude do feriado de *Corpus Christi*.

ELEIÇÃO PARA A CADEIRA I DO QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES – Realiza-se na sessão de hoje a eleição para o preenchimento da Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes, na vaga de Antônio Alçada Batista.

CICLO POESIA E RELIGIÃO – O quarto Ciclo de Conferências da ABL aborda o tema “Poesia e Religião”, sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O ciclo teve início dia 2 de junho, com uma conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre “Jorge de Lima: a clausura do divino”; no dia 9, a conferência estará a cargo do Prof. Marco Lucchesi sobre “Dante Alighieri”; dia 16 de junho, a conferência será proferida pelo Prof. Leonardo Fróes, que falará sobre “John Milton”; no dia 23 de junho, o conferencista será o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorrerá sobre “Francisco de Assis”; e no dia 30 de junho a conferência estará a cargo do Sr. Izacyl Guimarães Ferreira, que abordará o tema “Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Do dia 3 ao dia 6 de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy participa da “Jornada Paulista de Cirurgia Plástica”. Na ocasião fala sobre “As dificuldades do aprender às alegrias do ensinar”, e também está sendo homenageado pela regional de São Paulo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, da qual é o Patrono.

MEDALHA DO MÉRICO CULTURAL DE 2009 – Ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi concedida a “Medalha do Mérito Cultural – 2009” pelo Festival Literário Internacional de Pernambuco. O ato solene de entrega dessa láurea será em setembro próximo.

PRESIDENTE DA ABL RECEBEU A MEDALHA DA INCONFIDÊNCIA – O Presidente Cícero Sandroni recebeu a Medalha da Inconfidência, conferida pelo Governador Aécio Neves, que o saudou e referiu-se à Academia Brasileira de Letras como a mais importante instituição cultural do Brasil. O ato realizou-se terça-feira, dia 2 de junho, em Belo Horizonte, no Salão Nobre do Palácio da Liberdade, com a presença do Presidente da Academia Mineira de Letras, Senador Murilo Badaró, de políticos, acadêmicos e personalidades representativas da sociedade mineira.

PRÊMIO PORTUGAL TELECOM – Em votação nacional, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi eleito para integrar o Júri do Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara participou, no dia 3 de junho, na Universidade Federal Fluminense, de uma mesa-redonda sobre novo Acordo Ortográfico para os alunos do Instituto de Letras da referida Universidade. No dia 18 de junho, estará na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, para proferir conferência sobre o mesmo assunto.

TRANSPEDAGOGIA – De volta dos Estados Unidos, o Acadêmico Arnaldo Niskier iniciou um estudo sobre Transpedagogia, com elementos colhidos no Setor de Educação do Museu de Arte Moderna (MOMA), que ele visitou demoradamente.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Presidente da República acolheu proposta do Conselho da Ordem do Mérito Naval, que resolveu admitir o Acadêmico Cícero Sandroni no grau de Oficial do Quadro Suplementar da mesma Ordem. A entrega ocorrerá no próximo dia 10, durante a cerimônia comemorativa do Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – A Universidade Federal Fluminense resolveu conceder o título de Doutor Honoris Causa em História ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A cerimônia está marcada para o dia 26 de agosto.

ANO XLIV – N.º 18

Em 10 de junho de 2009

CICLO POESIA E RELIGIÃO – O quarto Ciclo de Conferências da ABL aborda o tema “Poesia e Religião”, sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O ciclo teve início dia 2 de junho, com uma conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre “Jorge de Lima: a clausura do divino”; no dia 9, a conferência esteve a cargo do Prof. Marco Lucchesi sobre “Dante Alighieri”; dia 16 de junho, a conferência será proferida pelo Prof. Leonardo Frões, que falará sobre “John Milton”; no dia 23 de junho, o conferencista será o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorrerá sobre “Francisco de Assis”; e no dia 30 de junho a conferência estará a cargo do Sr. Izacyl Guimarães Ferreira, que abordará o tema “Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Comemora-se hoje, dia 10 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que ocupa a Cadeira 19 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – No dia 6 de junho, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça recebeu o “Grande Colar Ministro Sebastião Fagundes”, outorgado pela Associação dos Tribunais de Contas do Brasil. A honraria foi-lhe concedida por decisão unânime dos membros daquela instituição.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar proferiu no dia 2 de junho palestra no ciclo “Paiol Literário”, realizado em Curitiba sob a coordenação do jornalista Rogério Pereira e do crítico José Castello. Participou também, no dia 3 do corrente, no Rio de Janeiro, da Oficina Literária sobre Crônica, na Estação das Letras, coordenada por Suzana Vargas.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Comemora-se dia 16 de junho, próxima terça-feira, o aniversário natalício do Acadêmico Ariano Suassuna, que ocupa a Cadeira 32 do Quadro dos Membros Efetivos.

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL DE 2009 – Ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi concedida a “Medalha do Mérito Cultural – 2009” pelo Festival Literário Internacional de Pernambuco. O ato solene de entrega dessa láurea será em setembro próximo.

NOTÍCIAS DA ACADEMICA NÉLIDA PIÑON – Amanhã, dia 11 de junho, a Acadêmica Nélide Piñon será homenageada pela Universidade de Salamanca com um Seminário sobre sua obra, com a participação de vários especialistas. Será também jurada dos Prêmios Don Quixote de la Mancha, cujos vencedores foram conhecidos no dia 8 de junho, em Toledo. Estes prêmios, que no ano passado foram dados ao Presidente Lula e ao escritor mexicano Carlos Fuentes, são outorgados pela presidência de Castilla-La Mancha, Fundação Santillana e Real Academia Española.

LEITURA DE POEMAS – Realizou-se nos dias 8, 9 e 10 de junho, às 12h30min, a leitura de poemas de Manuel Bandeira, por Camila Amado e Walmor Chagas. A escolha dos poemas lidos foi baseada na antologia crítica *Testamento de Pasárgada*, do Acadêmico Ivan Junqueira.

COLÓQUIO TRADIÇÃO ORAL E LITERATURA BRASILEIRA – Participam deste colóquio sobre literatura indígena os Acadêmicos Cícero Sandroni, Alberto da Costa e Silva e Moacyr Scliar, além do Prof. Daniel Munduruku.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Amanhã, dia 11 de junho, às 8h, o Acadêmico Carlos Nejar proferirá conferência sobre Euclides da Cunha no Congresso que se realiza em Teresina, Piauí, em homenagem ao autor de *Os Sertões*.

PEREGRINO JR. – A pedido do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, o Acadêmico Arnaldo Niskier está elaborando um texto biográfico sobre o seu antecessor na Cadeira 18, que foi o Acadêmico Peregrino Júnior. Conterá dados inéditos relativos à sua vida.

ANO XLIV – N.º 19

Em 18 de junho de 2009

CICLO POESIA E RELIGIÃO – O quarto Ciclo de Conferências da ABL aborda o tema “Poesia e Religião”, sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O ciclo teve início dia 2 de junho, com uma conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre “Jorge de Lima: a clausura do divino”; no dia 9, a conferência esteve a cargo do Prof. Marco Lucchesi sobre “Dante Alighieri”; dia 16 de junho, a conferência foi proferida pelo Prof. Leonardo Fróes, que falou sobre “John Milton”; no dia 23 de junho, o conferencista será o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorrerá sobre “Francisco de Assis”; e no dia 30 de junho, a conferência estará a cargo do Sr. Izacyl Guimarães Ferreira, que abordará o tema “Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz”.

ANTOLOGIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO NA ESPANHA – Uma nova antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo acaba de ser publicada na Espanha. Intitula-se *La Aldea de Sal*. O lançamento ocorreu na Feira do Livro de Madri, na segunda quinzena de maio último. Publicada pela Editora Calambur, foi organizada e traduzida pelos poetas Guadalupe Grande e Juan Carlos Mestre. O volume, de 200 páginas, apresenta o trajeto poético do acadêmico Lêdo Ivo desde *As Imaginações*, de sua estréia em 1944, até *Réquiem*, de 2008.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – A conferência de encerramento do “Colóquio Centenário de Euclides da Cunha”, no Pen Clube, ontem, dia 17, foi proferida pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, que discorreu sobre “Euclides da Cunha, jornalista”. No próximo dia 22, o Presidente da ABL estará em Ribeirão Preto para o encerramento da IX Feira do Livro daquela cidade e, nessa ocasião, falará sobre Euclides da Cunha, no Simpósio que celebra o centenário do grande escritor.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar falou hoje, dia 18, na Federação do Comércio de São Paulo sobre Literatura e Medicina.

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL DE 2009 – Ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi concedida a “Medalha do Mérito Cultural – 2009” pelo Festival Literário Internacional de Pernambuco. O ato solene de entrega dessa láurea será em setembro próximo.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participou, no último dia 12, do Salão do Livro do Piauí, ocasião em que fez conferência sobre a Academia Brasileira de Letras e os acordos ortográficos. Entregou também à Cia. das Letras o posfácio da nova edição do ABC de Castro Alves, de Jorge Amado. Representou a Academia Brasileira de Letras em reunião com o comando do Corpo de Fuzileiros Navais vinculada ao Concurso Rachel de Queiroz, organizado por aquela instituição com apoio da ABL.

ENSINO MÉDIO – A Confederação Nacional do Comércio criou um Grupo de Trabalho para estudar os rumos do ensino médio brasileiro. A coordenação será exercida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Durante o Salão do Livro Infantil da FNLIJ, foi realizada no dia 13, sábado, no Centro Cultural Ação da Cidadania, uma sessão de autógrafos para lançamento dos novos títulos da Acadêmica Ana Maria Machado para as crianças. E o dia 16 foi todo consagrado a um seminário em homenagem aos seus 40 anos de carreira, juntamente com Ruth Rocha e Ziraldo.

ESPAÇO ANTONIO CALLADO – O Prefeito de Niterói, Jorge Roberto Silveira, prestigiou na noite do dia 10 de junho a inauguração do Centro Cultural Abrigo de Bondes – Espaço Antonio Callado, idealizado pela Prefeitura de Niterói.

ANO XLIV – N.º 20

Em 25 de junho de 2009

SESSÃO COMEMORATIVA DOS 170 ANOS DO NASCIMENTO DE MACHADO DE ASSIS – Realiza-se hoje, dia 25 de junho, às 17h, a sessão solene

comemorativa dos 170 anos do nascimento de Machado de Assis, quando falará o Acadêmico Ivan Junqueira.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – Em sessão solene, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, será entregue hoje o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor José Mario Pereira pelo livro *José Olympio: o Editor e sua Casa*. A saudação ao premiado será feita pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Representa a Votorantim o Acadêmico José Pastore, da Academia Paulista de Letras.

CICLO POESIA E RELIGIÃO – O quarto Ciclo de Conferências da ABL aborda o tema “Poesia e Religião”, sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O ciclo teve início no dia 2 de junho, com uma conferência do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre “Jorge de Lima: a clausura do divino”; no dia 9, a conferência esteve a cargo do Prof. Marco Lucchesi sobre “Dante Alighieri”; dia 16 de junho, a conferência foi proferida pelo Prof. Leonardo Fróes, que falou sobre “John Milton”; no dia 23 de junho, o conferencista foi o Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorreu sobre “Francisco de Assis”; e no dia 30 de junho, a conferência estará a cargo do Sr. Izacyl Guimarães Ferreira, que abordará o tema “Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – Comemora-se no próximo dia 30 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que ocupa a Cadeira 26 do Quadro dos Membros Efetivos.

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL DE 2009 – Ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi concedida a Medalha do Mérito Cultural – 2009 pelo “Festival Literário Internacional de Pernambuco”. O ato solene de entrega dessa láurea será em setembro próximo.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – A Presidente da Associação dos Docentes da UFRJ convidou o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho para a cerimônia que se realiza hoje, dia 25, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais em homenagem aos que foram cassados no regime militar.

CICLO “A FRANÇA NO BRASIL” – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, terá início no dia 7 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o quinto Ciclo de Conferências da Academia, que versa sobre “A França no Brasil”. A primeira conferência será ministrada pelo escritor Silviano Santiago sobre “A importância da literatura e da língua francesas no Brasil”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 14 de julho estará a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “O pensamento político, filosófico e estético francês na cultura brasileira”; dia 21 de julho, a conferência será proferida por Manuel Correa do Lago, que falará sobre “Música francesa: estilo que marcou o Brasil”; no dia 28 de julho, a conferencista será Mary Del Priore, que discorrerá sobre “Cafés, livrarias e cocotes-modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros.”; e no dia 4 de agosto a conferência estará a cargo do Acadêmico Sábato Magaldi, que abordará o tema “A presença do teatro francês na sociedade brasileira”.